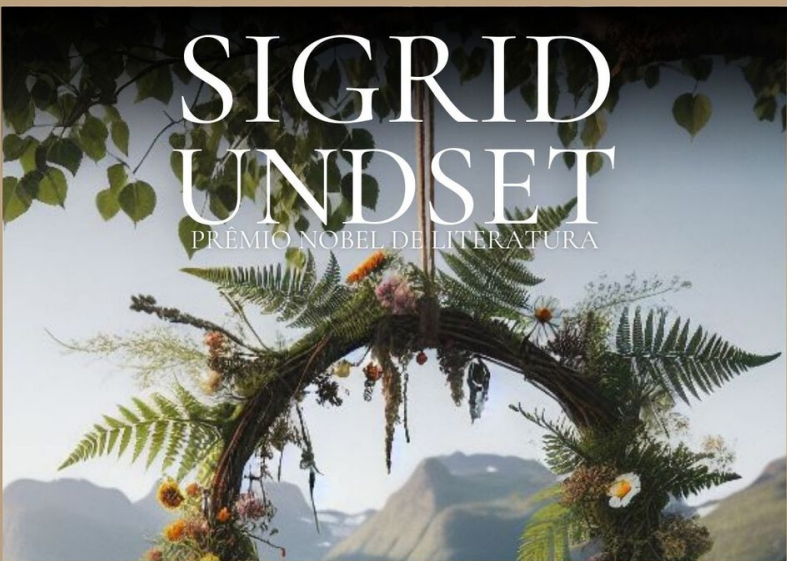


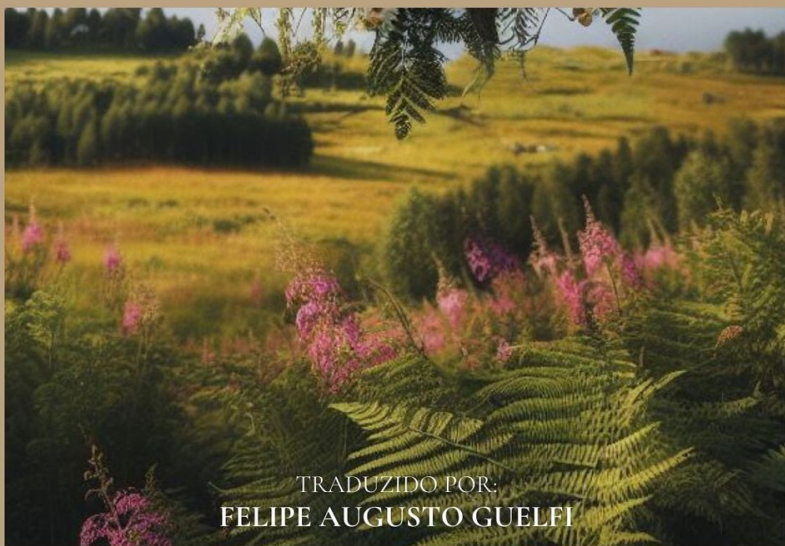


SIGRID UNDSET

PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA

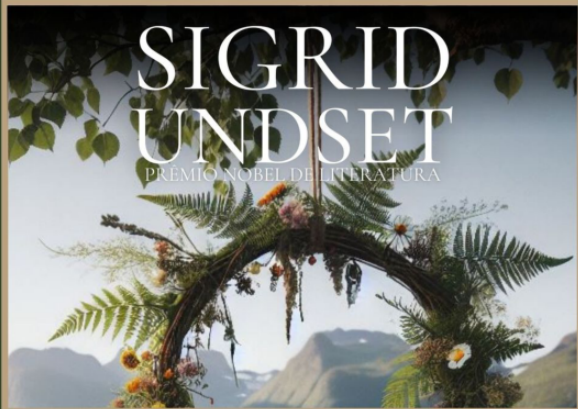
KRISTIN LAVRANSDATTER

VOLUME I: A GUIRLANDA



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

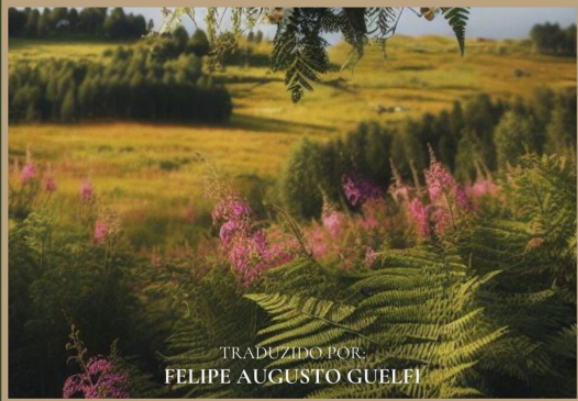


SIGRID
UNDSET

PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA

KRISTIN
LAVRANSDATTER

VOLUME I: A GUIRLANDA



TRADUZIDO POR:
FELIPE AUGUSTO GUELF

Table of contents

1. [VOLUME I: A GUIRLANDA](#)
2. [CAPÍTULO 1](#)
3. [CAPÍTULO 2](#)
4. [CAPÍTULO 3](#)
5. [CAPÍTULO 4](#)
6. [CAPÍTULO 5](#)
7. [CAPÍTULO 6](#)
8. [CAPÍTULO 7](#)
9. [CAPÍTULO 1](#)
10. [CAPÍTULO 2](#)
11. [CAPÍTULO 3](#)
12. [CAPÍTULO 4](#)
13. [CAPÍTULO 5](#)
14. [CAPÍTULO 6](#)
15. [CAPÍTULO 7](#)
16. [CAPÍTULO 8](#)
17. [CAPÍTULO 1](#)
18. [CAPÍTULO 2](#)
19. [CAPÍTULO 3](#)
20. [CAPÍTULO 4](#)
21. [CAPÍTULO 5](#)
22. [CAPÍTULO 6](#)
23. [CAPÍTULO 7](#)
24. [CAPÍTULO 8](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Beginning](#)

KRISTIN LAVRANDSDATTER

VOLUME I: A GUIRLANDA

Sigrid Undset

TRADUZIDO POR: Felipe Augusto Guelfi FICHA CATALOGRÁFICA

Sigrid Undset

Kristin Lavransdatter - Vol. 1 - Kransen / Sigrid Undset. Tradução de Felipe Augusto Guelfi. — 1.^a Edição. — Londrina-PR: Atilio Editora, 2024.

514 páginas

ISBN: 978-65-00-96418-9

1. Romance ficcional. 2. Literatura norueguesa.
3. Literatura europeia. I. Kristin Lavransdatter Vol. 1 - Kransen. II. Kristin Lavransdatter - Vol. 1 - A Guirlanda.

CDU: 82-3

Kristin Lavransdatter - Vol. 1 - A Guirlanda Tamanho: 147 mm x 210 mm

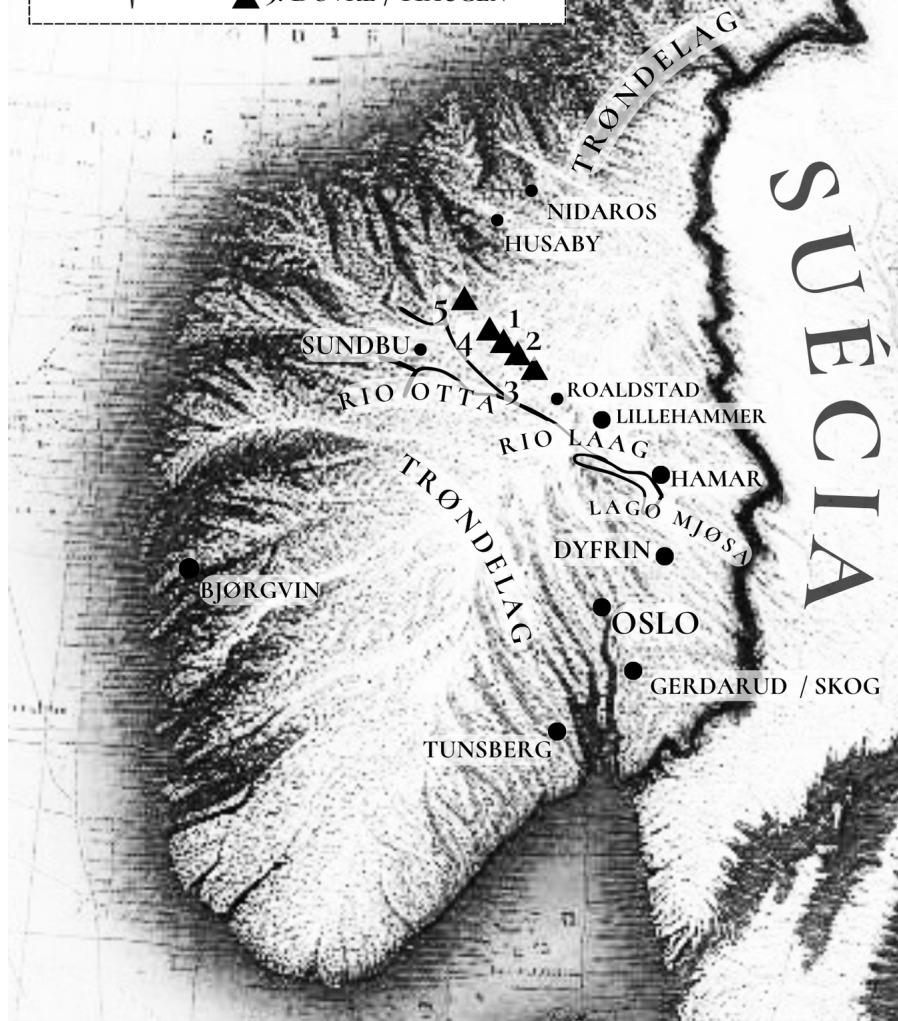
Papel: Avena Off-White (creme) 80g/m² (PB) Laminação: Fosco

Orelha: Sim

A NORUEGA DE KRISTIN



- ▲ 1. SIL / JØRUNDGAARD
- ▲ 2. FORMO
- ▲ 3. OTTA / LOPTSGAARD
- ▲ 4. LAUGARBRU
- ▲ 5. DOVRE / HAUGEN



Sigrid Undset na *História da Literatura Ocidental*, por Otto Maria Carpeaux:

“Não é uma escritora neobarroca; antes é neogótica. A Noruega não tem passado barroco; nesse país, luterano há quatro séculos, o catolicismo, ao qual Sigrid Undset se converteu em 1920, refere-se a santo Olavo. A escritora é medievalista, no sentido da exatidão arqueológica e no sentido dos critérios morais. A reconstituição da

época, na trilogia de romances *Kirstin Lavransdatter*, o século XVI, é completa e perfeita. Não falta nada. E assim como nas esculturas das catedrais góticas aparecem ao lado dos santos os demônios, assim está no romance de Undset o pecado presente como elemento natural da vida, embora tratado com profunda seriedade moral. A arte da escritora já foi definida, com felicidade, como “realismo cristão”. Para impressão de um panorama extremamente fiel da época contribuiu o estilo coloquial, aprendido nos romances da vida contemporânea, algo strindbergianos, que Sigrid Undset escreveu antes da sua conversão.”

NOTA DO TRADUTOR

Estimados leitores,

É com grande alegria e orgulho que trago para o público brasileiro a primeira tradução da obra-prima de Sigrid Undset, *Kristin Lavransdatter*.

Ao trabalhar nesta magnífica saga, tive o privilégio de mergulhar nas profundezas da alma humana e nos ricos detalhes da vida medieval nórdica.

Para preservar a autenticidade e a riqueza da narrativa original, optei por manter elementos do idioma norueguês, como o uso do caractere “ø” — utilizado para representar o som de uma vogal anterior semifechada arredondada. Este som é semelhante à pronúncia da letra “e” na palavra “bird” do idioma inglês. Como leitor que sou, acredito que preservar esses recursos acrescenta um toque especial à atmosfera da história. Além disso, mantive termos originais, como “Fru”, para manter a integridade cultural e linguística da obra. Neste exemplo temos um pronome de tratamento utilizado no idioma norueguês para se referir a uma mulher casada ou a uma senhora respeitável. Na tradução para o português, pode ser equivalente a “senhora”, “dona”, “madame”, etc., dependendo do contexto e do nível de formalidade. O uso de “Fru” em *Kristin Lavransdatter* é uma maneira de refletir a linguagem e os costumes da época medieval norueguesa retratada na história. Essa expressão adiciona uma camada de autenticidade e transporta os leitores para a atmosfera e cultura do período em que a narrativa se passa.

Ao utilizar os travessões (—) como forma de pontuação, que o caro leitor observará ser constante, busquei manter a fidelidade ao estilo e à voz autêntica da autora. A escrita de Undset é caracterizada por um uso distinto desses sinais, que contribuem para a cadência e o ritmo de

suas frases, e isso foi uma preocupação constante durante o processo de tradução. Espero que os leitores apreciem.

Sei que o ofício da tradução literária deve ser discreto, não causar alarde. Então tive o cuidado de inserir notas de rodapé quando julguei necessário para esclarecer termos, costumes ou contextos específicos da época e local em que se passa a história. Acredito que essas notas possam ser úteis para aqueles que não estão familiarizados com a Noruega medieval dos séculos XIV-XVI. Meu objetivo foi garantir que a tradução fosse acessível e compreensível para um público mais amplo, sem comprometer a integridade e autenticidade do texto original.

O processo de tradução foi uma verdadeira jornada... Espero que esta versão em português possa proporcionar momentos de reflexão e encantamento, assim como a obra original tem feito ao longo dos anos.

Agradeço a confiança da editora e de todos os envolvidos neste projeto.

Que *Kristin Lavransdatter*, em seu primeiro volume, possa alcançar e tocar muitas almas, tal como tem feito desde sua primeira publicação. Boa leitura!

Atenciosamente,
Felipe Augusto Guelfi.

KRISTIN LAVRANSDATTER VOLUME I: A GUIRLANDA

por
SIGRID UNDSET

PARTE 1: JØRUNDGAARD

CAPÍTULO 1

QUANDO AS TERRAS E BENS de Ivar Gjesling, o mais jovem, de Sundbu, foram divididos após sua morte em 1306, suas terras em Sil de Gudbrandsdal passaram para sua filha Ragnfrid e seu marido Lavrans Björgulfsön. Até então, eles haviam vivido na propriedade de

Lavrans em Skog, perto de Oslo; mas agora se mudaram para Jørundgaard no topo das terras abertas de Sil.

Lavrans fazia parte da linhagem conhecida neste país como os Lagmandssons. Tinham vindo da Suécia com aquele Laurentius, Lagmand do Leste de Gotland, que levou a irmã de Belbo Jarl, a Senhora Bengta, do convento de Vreta, e a levou para a Noruega. Sir Laurentius morava na Corte do Rei Haakon, o Velho, e conquistou grande favor com o Rei, que lhe deu a propriedade de Skog. Mas, após estar no país por cerca de oito anos, ele morreu em sua cama, e sua viúva, que pertencia ao parentesco dos Folkunga, e tinha o nome de uma filha de Rei entre os noruegueses, voltou para casa e fez as pazes com seus parentes. Mais tarde, ela fez um casamento rico em outra terra. Ela e Sir Laurentius não tiveram filhos, então a herança de Skog passou para o irmão de Laurentius, Ketil. Ele era avô paterno de Lavrans Björgulfsön.

Lavrans se casou muito jovem; ele tinha três anos a menos que sua esposa, e tinha apenas vinte e oito anos quando chegou a Sil. Na juventude, ele esteve na guarda do Rei e teve uma boa educação; mas depois de seu casamento, ele levou uma vida tranquila em sua propriedade, pois Ragnfrid era alguém estranha e melancólica, e parecia não se sentir à vontade entre as pessoas do sul. Depois de ter a infelicidade de perder três filhos pequenos, um após o outro, no berço, ela se tornou ainda mais reservada em relação às pessoas. Assim, em parte, foi para aproximar sua esposa de seus parentes e antigos conhecidos que Lavrans se mudou para Gudbrandsdalen. Quando chegaram lá, trouxeram consigo o único filho que restava, uma pequena menina chamada Kristin.

Quando se estabeleceram em Jørundgaard, viveram a maior parte do tempo de forma bastante tranquila, mantendo-se muito reservados; parecia que Ragnfrid não se importava muito com seus parentes, pois os via não mais frequentemente do que o costume exigia. Isso se deve em parte ao fato de que Lavrans e Ragnfrid eram pessoas mais do que comumente piedosas e tementes a Deus, assíduas na frequência à igreja e sempre satisfeitas em dar abrigo aos servos de Deus, aos mensageiros enviados em missões da Igreja, ou aos peregrinos em seu caminho pelo vale em direção a Nidaros; e demonstrando o maior respeito ao seu pároco, que também era seu vizinho mais próximo, morando em Romundgaard. Outras pessoas no vale tendiam a pensar que a Igreja já lhes custava o suficiente em dízimos e em bens e dinheiro; e que não havia necessidade de jejuar e rezar tão intensamente, ou de trazer padres e monges para dentro de suas casas, a menos que fosse realmente necessário.

De outra forma, as pessoas de Jørundgaard eram muito respeitadas e bem-queridas; principalmente Lavrans, pois era conhecido como um homem forte e corajoso, amante da paz, tranquilo e íntegro, simples em sua vida, mas cortês e adequado em suas maneiras, um agricultor raramente bom e um caçador poderoso — caçava lobos, ursos e todas as espécies de bestas prejudiciais com grande afinco. Em poucos anos, havia adquirido muitas terras; mas era um senhorio bom e prestativo para seus inquilinos.

As pessoas viam tão pouco de Ragnfrid que logo deixaram de falar muito sobre ela. Nos primeiros tempos, depois que ela voltou para o vale, muitas pessoas se perguntavam, pois se lembravam dela como ela era em sua casa em Sundbu na juventude. Bonita ela nunca fora, mas parecia gentil e feliz; agora ela havia declinado tanto que se poderia bem acreditar que tinha dez anos a mais que o marido, e não apenas três. A maioria das pessoas achava que ela sofria a perda de seus filhos mais do que era razoável, pois, exceto por isso, estava melhor em todos os aspectos do que a maioria das esposas — vivia em grande fartura e em alta estima, e as coisas estavam bem entre ela e seu marido, tanto quanto as pessoas podiam ver; Lavrans não procurava outras mulheres, aconselhava-se com ela em todos os assuntos e, sóbrio ou embriagado, nunca lhe dirigia uma palavra dura. Além disso, ela não era tão velha que não pudesse ainda ter muitos filhos, se fosse da vontade de Deus.

Foi um pouco difícil conseguir jovens para trabalhar em Jørundgaard, já que a senhora estava assim tão melancólica e todos os jejuns eram rigorosamente observados. Do contrário, era uma boa casa para servir; palavras duras e punições eram pouco utilizadas; tanto Lavrans quanto Ragnfrid lideravam em todo o trabalho. O senhor, de fato, tinha seu próprio jeito de se alegrar, e se juntava a uma dança ou liderava o canto quando os jovens realizavam seus jogos na igreja nas noites de vigília. Mas ainda eram principalmente pessoas mais velhas que vinham e trabalhavam em Jørundgaard; gostavam muito do lugar e ficavam lá por muito tempo.

Quando a criança Kristin tinha sete anos, aconteceu uma vez que ela conseguiu permissão para ir com seu pai até a *seter*¹ nas montanhas.

Era uma bela manhã, um pouco avançada no verão. Kristin estava no quarto do sótão, onde estavam dormindo agora que o verão tinha chegado; ela viu o sol brilhando lá fora e ouviu seu pai e os homens falando no pátio abaixo — e ela estava tão alegre que não conseguia ficar parada enquanto sua mãe a vestia, mas pulava e saltava enquanto cada peça de roupa era colocada nela. Ela nunca tinha

estado nas montanhas antes; apenas atravessava a passagem até Vaage, quando era levada para visitar parentes de sua mãe em Sundbu, e às vezes ia até os bosques próximos à propriedade com sua mãe e os criados, quando saíam para colher frutas silvestres para Ragnfrid misturar com a *ale*², ou para fazer uma pasta azeda de *cranberries* e *cowberries* que ela comia no pão durante a Quaresma em vez de manteiga.

¹ O termo "seter", em norueguês, se refere a uma cabana ou chalé utilizado tradicionalmente na Noruega. Essas cabanas eram usadas principalmente por pastores para abrigar-se temporariamente enquanto cuidavam do gado nas áreas montanhosas durante a estação mais quente. As *saeters* eram geralmente localizadas em regiões mais remotas e montanhosas, onde o pasto era abundante durante o verão. (N.T.)

A mãe torceu os longos cabelos loiros de Kristin e os prendeu em seu antigo gorro azul, então beijou sua filha na bochecha, e Kristin pulou e desceu correndo até seu pai. Lavrans já estava montado; ele a ergueu e a sentou atrás dele em sua capa, que havia dobrado e colocado sobre a cernelha do cavalo para ser usada como assento. Kristin teve que se sentar lá de pernas abertas e segurar o cinto de seu pai. Eles disseram “Adeus” para Ragnfrid; mas ela desceu correndo da varanda com o

² Ale, no contexto da obra, não é um “tipo” de cerveja, tal como se conhece atualmente. À época, era uma bebida única, não uma categoria. Ales são fermentadas com leveduras ale, que são leveduras de fermentação alta. Isso significa que elas fermentam a bebida a temperaturas mais elevadas, geralmente entre 15°C e 24°C. Costumam ter sabores frutados, picantes e muitas vezes apresentam uma variedade de aromas complexos. (N.T.)

capuz de Kristin — ela entregou a Lavrans e pediu a ele para cuidar bem da criança.

O sol brilhava, mas tinha chovido muito durante a noite, de modo que por toda parte os riachos desciam correndo e cantando pelas encostas relvadas, e guirlandas de neblina se agarravam e flutuavam sob os lados das montanhas. Mas sobre a crista da colina, nuvens brancas de tempo bom estavam se formando no ar azul, e Lavrans e seus homens diziam entre si que o dia prometia ser quente. Lavrans estava acompanhado de quatro homens, e todos estavam bem armados; pois nessa época havia muitos tipos de pessoas estrangeiras escondidas entre as montanhas — embora um grupo forte como esse, indo apenas um curto caminho, não fosse provável que visse ou ouvisse algo sobre tais pessoas. Kristin gostava de todos os homens; três deles eram mais velhos, mas o quarto, Arne Gyrdsen, de Finsbrekken, era um rapaz meio crescido e ele era o melhor amigo de Kristin; ele cavalgava logo atrás de Lavrans e dela, pois era ele que iria contar a ela tudo o que vissem em seu caminho.

Eles passaram entre as casas de Romundgaard e trocaram saudações

com o padre Eirik. Ele estava parado do lado de fora, discutindo com sua filha — ela cuidava da casa para ele — sobre um tecido recém-tingido que ela havia pendurado e esquecido no dia anterior; agora estava completamente estragado com a chuva da noite.

No morro atrás da reitoria estava a igreja; não era grande, mas bonita e agradável, bem conservada e recentemente alcatroada. Perto da cruz do lado de fora do portão do cemitério, Lavrans e seus homens tiraram os chapéus e baixaram a cabeça; então o pai se virou na sela, e ele e Kristin acenaram para Ragnfrid, que podiam ver lá embaixo, em casa, parada na grama perto das casas; ela acenou de volta com seu lenço de linho.

Aqui, no campo da igreja e no cemitério, Kristin estava acostumada a vir brincar quase todos os dias, mas hoje, quando estava partindo para ir tão longe, a vista que ela conhecia tão bem — sua casa e toda a paróquia ao redor — parecia nova e estranha para a criança. Os agrupamentos de casas em Jørundgaard pareciam, por assim dizer, menores e mais acinzentados, lá embaixo na planície, pátio e curral. O rio serpenteava brilhando em seu caminho, o vale se estendia longe com vastos prados verdes e pântanos em seu fundo, e fazendas com campos aráveis e pastos se estendiam pelos flancos da colina sob as paredes cinzentas e íngremes da montanha.

Bem abaixo, onde as montanhas se encontravam e fechavam o vale, Kristin sabia que ficava Loptsgaard. Lá viviam Sigurd e Jon, dois velhos de barbas brancas; eles sempre gostavam de brincar e se divertir com ela quando iam a Jørundgaard. Ela gostava de Jon, pois ele esculpia os animais mais bonitos em madeira para ela, e uma vez ele lhe dera um anel de ouro; não, na última vez em que veio a eles, na Pentecostes³, trouxera-lhe um cavaleiro tão bem esculpido e tão bem colorido que Kristin achou que nunca havia recebido um presente tão bonito. Ela precisava levar o cavaleiro para a cama com ela todas as noites; mas quando acordava de manhã, ele sempre estava de pé no degrau em frente à cama onde ela estava com seu pai e mãe. Seu pai dizia que o cavaleiro pulava na primeira cantada do galo; mas Kristin sabia muito bem que, depois que ela adormecia, sua mãe o levava embora, pois ouvia ela dizer que ele era tão duro, e machucava tanto se ficasse embaixo deles durante a noite. — Kristin tinha medo de Sigurd de Loptsgaard, e não gostava que ele a colocasse em seu colo; pois costumava dizer que, quando ela crescesse, pretendia dormir em seus braços. Ele tinha sobrevivido a duas esposas, e ele mesmo dizia que tinha certeza de sobreviver à terceira; e então Kristin poderia ser a quarta. Mas quando ela começou a chorar com isso, Lavrans riu e disse que não tinha medo de que Morgit desse o último suspiro tão

rapidamente; mas se o pior acontecesse e Sigurd viesse cortejá-la, que Kristin não tivesse medo — ele teria um "não" como resposta.

A uma distância de um tiro de arco ao norte da igreja, havia à beira da estrada um grande bloco de pedra, e ao redor dele um denso bosque de bétulas e álamos. Aqui, as crianças costumavam brincar de igreja, e Tomas, o filho mais novo da filha do padre Eirik, se colocava no lugar de seu avô e celebrava missa, aspergia água benta e até batizava, quando havia água da chuva nos buracos da rocha. Mas uma vez, no outono anterior, esse jogo havia terminado de forma bastante triste para eles. Primeiro, Tomas havia casado Kristin e Arne — Arne não era tão velho, mas ia brincar com as crianças quando via uma chance. Então, Arne pegou um porquinho que passava por ali, e o levaram para a igreja para ser batizado. Tomas o ungiu com lama, mergulhou-o em uma poça d'água e, imitando seu avô, celebrou a missa em latim e repreendeu-os pela pequenez de suas ofertas — e com isso as crianças riram, pois ouviram seus mais velhos falarem da ganância excessiva de dinheiro de Eirik. Mas quanto mais riam, piores coisas Tomas inventava: em seguida, ele disse que esse porquinho havia sido gerado na Quaresma, e eles deveriam pagar uma penalidade por seu pecado ao padre e à igreja. Os rapazes maiores gargalharam com isso; mas Kristin estava tão envergonhada que quase estava chorando, enquanto ficava ali com o porquinho nos braços. E bem no meio disso, quem deve passar por ali senão o próprio Eirik voltando de uma visita a um doente. Quando ele entendeu o que os jovens estavam fazendo, saltou do cavalo e entregou os objetos sagrados a Bentein, seu neto mais velho, que estava com ele, tão subitamente que Bentein quase deixou cair a pomba de prata com o corpo de Deus nela no lado da colina, enquanto o padre se lançava entre as crianças, castigando todos os que conseguia alcançar. Kristin deixou escapar o porquinho, que saiu correndo gritando pela estrada com a roupa de batismo arrastando atrás de si, enquanto os cavalos de Eirik empinavam e se assustavam; o padre a empurrou também, de modo que ela caiu, e ele bateu nela com o pé com tanta força que ela sentiu a dor no quadril por muitos dias depois. Lavrans pensou, quando ouviu falar disso, que Eirik havia sido muito duro com Kristin, visto que ela era apenas uma criança pequena. Ele disse quealaria com o padre sobre isso, mas Ragnfrid pediu a ele para não o fazer, pois a criança havia recebido apenas o que merecia por participar de um jogo tão blasfemo. Assim, Lavrans não disse mais nada sobre o assunto; mas deu a Arne a pior surra que o garoto já havia levado.

³ Pentecostes é uma festa religiosa que ocorre 50 dias após o Domingo de Páscoa, celebrando a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos e outros seguidores de Jesus Cristo. (N.T.)

Então, agora, enquanto passavam pela pedra, Arne puxou a manga de Kristin. Ele não ousou dizer nada com medo de Lavrans, mas fez uma careta, depois sorriu e bateu nas costas. Mas Kristin baixou a cabeça envergonhada.

O caminho deles os levou para dentro de uma floresta densa. Cavalgaram sob a Colina Martelo; o vale ficou estreito e escuro aqui, e o rugido do rio soava mais alto e mais áspero — quando tiveram uma visão do Laagen⁴, corria verde-claro e branco de espuma entre paredes de pedra. As montanhas de cada lado do vale eram negras de floresta; estava escuro e estreito e feio no desfiladeiro, e ventos frios sopravam. Atravessaram o riacho Rostaa pela ponte de troncos, e logo puderam ver a ponte sobre o grande rio mais adiante no vale. Um pouco abaixo da ponte havia um poço onde vivia um *kelpy*⁵. Arne começou a contar a Kristin sobre isso, mas Lavrans disse severamente ao menino para ficar calado na floresta sobre tais coisas. E quando chegaram à ponte, ele saltou do cavalo e o levou pela rédea, enquanto segurava a criança pela cintura com o outro braço.

Do outro lado do rio havia um trilho íngreme subindo pelo flanco da montanha, então os homens desceram de seus cavalos e seguiram a pé; mas o pai levantou Kristin para a frente na sela, para que ela pudesse segurar no arção; e a deixou cavalgar Guldsvainen sozinha.

⁴ Na Noruega, "Laagen" é uma forma comum de se referir ao rio Glomma, que é o rio mais longo do país. Ele percorre uma parte significativa do sul da Noruega e tem uma grande importância histórica e cultural na região. (N.T.)

⁵ "Kelpy" é um termo associado principalmente à mitologia escocesa e ao folclore das Ilhas Britânicas. Refere-se a uma criatura mítica que, segundo as lendas, habita corpos d'água, como lagos, rios e pântanos. O kelpy é frequentemente descrito como um cavalo de aparência impressionante que é capaz de assumir formas humanas para atrair pessoas para a água. Essa criatura é muitas vezes vista como uma figura assustadora, associada com afogamentos e outros perigos aquáticos. (N.T.)

Agora, picos de pedra cinza e domos azuis salpicados de neve se erguiam acima das cristas das montanhas à medida que subiam mais alto; e agora Kristin via através das árvores vislumbres da paróquia ao norte do desfiladeiro, e Arne apontava e contava os nomes das fazendas que podiam distinguir lá embaixo.

Bem no alto da encosta da montanha chegaram a um pequeno terreno. Eles pararam junto à cerca de estacas; Lavrans gritou, e sua voz ecoou repetidamente pelas montanhas ao redor. Dois homens vieram correndo, entre os pequenos pedaços cultivados. Ambos eram filhos da casa; eram bons na queima de alcatrão e Lavrans estava pensando em contratá-los para queimar um pouco de alcatrão para ele. Sua mãe veio atrás deles com uma grande tigela de leite fresco; pois o dia já

estava quente, como os homens haviam previsto.

— Eu vi que você tinha sua filha com você — disse ela quando os cumprimentou —, e pensei que eu precisava vê-la. Mas você deve tirar o capuz de sua cabeça; dizem que ela tem cabelos tão bonitos.

Lavrans fez como a mulher pediu, e os cabelos de Kristin caíram sobre seus ombros e desceram até a sela. Eram espessos e amarelos como trigo maduro. A mulher, Isrid, pegou um pouco deles em sua mão e disse:

— Ah, agora vejo que a fama dessa sua pequena não era de modo algum exagerada... ela é como um lírio-rosa e parece ser filha de um homem nobre. Também tem olhos doces... puxou a você e não aos Gjeslings. Que Deus lhe dê alegria com ela, Lavrans Björgulfsön! E você está montando em Guldveinen, tão elegante e reto como um cortesão — disse ela, rindo, enquanto segurava a tigela para Kristin beber.

A criança ficou vermelha de prazer, pois sabia muito bem que seu pai era considerado o homem mais bonito por ali; ele parecia um cavaleiro, parado ali entre seus homens, embora sua roupa fosse muito no estilo camponês, como ele usava em casa para o uso diário. Ele vestia um casaco de *vadmal*⁶ tingido de verde, um pouco largo e curto, aberto na garganta, de modo que a camisa aparecia por baixo. Além disso, sua meia-calça e sapatos eram de couro não tingido, e na cabeça ele usava um chapéu de lã de abas largas no estilo antigo. Quanto a ornamentos, ele tinha apenas uma fivela de prata lisa em seu cinto, e um pequeno broche de prata em sua bandoleira de camisa; mas alguns elos de uma corrente de pescoço de ouro apareciam contra seu pescoço. Lavrans sempre usava essa corrente, e nela pendia uma cruz de ouro incrustada com grandes cristais de rocha; ela era feita para abrir, e dentro havia fragmentos do cabelo e do sudário da santa Senhora Elin de Skovde, pois os Lagmandssons contavam sua descendência de uma das filhas abençoadas dessa senhora. Mas quando Lavrans estava na floresta ou fora em seu trabalho, ele costumava colocar a cruz junto ao seu peito nu, para que não a perdesse.

⁶ "Vadmal" é um termo que se refere a um tipo de tecido tradicional, especialmente associado às culturas escandinavas. É feito através do processo de feltagem da lã. Esse tecido é conhecido por sua durabilidade e resistência. (N.T.)

No entanto, mesmo vestido de forma simples e caseira, ele parecia mais nobre do que muitos cavaleiros da casa do Rei em seus trajes de festa mais finos. Era de estatura robusta, alto, de ombros largos e

cintura fina; sua cabeça era pequena e ficava bem em seu pescoço, e ele tinha feições bonitas, um pouco alongadas — bochechas de plenitude adequada, queixo justamente arredondado e boca bem formada. Sua pele era clara e seu rosto tinha um frescor saudável, ele tinha olhos cinzentos e cabelos lisos de um amarelo sedoso espesso.

Ele ficou ali e conversou com Isrid sobre seus assuntos; e perguntou também sobre Tordis, uma parente de Isrid que estava cuidando da *saeter* de Jørundgaard neste verão. Tordis acabara de ter um filho; Isrid estava apenas esperando a oportunidade de uma escolta segura pela floresta antes de levar o menino para ser batizado. Lavrans disse que era melhor ela ir com eles até a *saeter*; ele estava voltando na próxima noite, e seria mais seguro e melhor para ela ter muitos homens para acompanhá-la, com a criança pagã.

Isrid agradeceu:

— Para dizer a verdade, era exatamente isso que eu estava esperando. Nós sabemos bem, nós pobres que vivemos nas terras altas aqui, que você sempre nos fará um favor se puder, quando vier até aqui. — Ela correu até a cabana para buscar um pacote e um manto.

De fato, Lavrans gostava muito de visitar essas pessoas simples que viviam em clareiras e arrendamentos nas bordas da paróquia; entre eles, ele sempre estava alegre e contente. Conversava com eles sobre os modos dos animais da floresta e das renas dos ermos altos; e sobre todas as coisas sinistras que se moviam em tais lugares. E ficava ao lado deles e os ajudava com palavras e ações; cuidava de seu gado doente; os auxiliava em suas idas ao ferreiro ou ao carpinteiro; e às vezes até colocava a mão na massa e empregava toda sua grande força no trabalho, quando as piores pedras ou raízes precisavam ser removidas da terra. Por isso, essas pessoas sempre ficavam felizes em cumprimentar Lavrans Björgulfsön e Guldveinen, o grande garanhão vermelho que ele montava. Era um animal imponente, com a pele brilhante, crina e cauda brancas e olhos claros — forte e fogoso, de modo que sua fama se espalhou por toda a região; mas com seu mestre ele era dócil como um cordeiro, e Lavrans costumava dizer que o cavalo lhe era querido como um irmão mais novo.

Lavrans tinha como primeiro dever cuidar do fogo sinalizador em Heimhaugen. Pois nos tempos difíceis e tumultuados, há mais de cem anos, os fazendeiros dos vales construíram sinais de fumaça aqui e ali, lá nas colinas acima deles, assim como faróis nos ancoradouros ao longo da costa. Mas esses sinais de fumaça nas terras altas não estavam sob a guarda dos recrutamentos do Rei, mas eram cuidados pelas guildas dos fazendeiros, e os irmãos da guilda se revezavam em seu cuidado.

Quando chegaram à primeira *saeter*, Lavrans soltou todos, exceto o

cavalo de carga, para pastar ali; e agora eles tomaram um caminho íngreme para cima. Logo as árvores se tornaram escassas e esparsas. Grandes abetos ficavam mortos e brancos como ossos nos terrenos pantanosos — e agora Kristin viu picos de pedra cinzenta erguendo-se até o céu em todas as direções. Subiram longos trechos entre pedras soltas, e às vezes os riachos corriam no caminho, fazendo com que seu pai a carregasse. O vento soprava forte e fresco aqui em cima, e o chão estava coberto de bagas entre a urze, mas Lavrans disse que não podiam parar agora para colhê-las. Arne pulava ora na frente, ora atrás, colhendo frutas para ela, e contando a ela de quem eram as saeters que viam abaixo deles na floresta — pois havia floresta por toda parte em Hovringsvangen naqueles dias.

E agora estavam perto do topo redondo e nu mais alto e viram a grande pilha de madeira contra o céu, com a casa de vigia sob a proteção de uma rocha.

À medida que subiam pelo monte, o vento soprou contra eles e bateu em suas roupas — para Kristin, parecia como se algo vivo que morava ali em cima os encontrasse e os cumprimentasse. Soprava com rajadas ao redor dela e de Arne enquanto avançavam sobre os musgos, até que se sentaram bem na ponta de uma saliência, e Kristin olhava com grandes olhos — nunca antes ela havia imaginado que o mundo era tão grande e amplo.

Cordilheiras cobertas de floresta se estendiam abaixo deles em todos os lados; o vale era apenas uma fenda entre as colossais montanhas, e os desfiladeiros laterais, ainda menores, eram muitos. Havia muitos assim, mas havia pouco vale e muito montanha. Ao redor, picos cinzentos, flamejando com líquens dourados, se erguiam sobre o mar de floresta, e ao longe, à beira do céu, estavam cristas azuis, piscando aqui e ali com neve, e derretendo, diante de seus olhos, nas nuvens azuis-acinzentadas e branco-puras do verão. Mas na direção nordeste, mais próxima — logo além das florestas da *saeter* — ficava um aglomerado de imponentes domos cor de ardósia com estrias de neve recém-caída em suas encostas. Kristin deduziu que eram os Montes do Javali dos quais havia ouvido falar, pois não se pareciam com nada além de um bando de javalis pesados avançando para o interior que acabavam de virar as costas para a paróquia. No entanto, Arne lhe disse que era uma jornada de meio-dia para chegar até lá.

Kristin sempre pensara que, se pudesse apenas chegar ao topo das colinas da casa, olharia para baixo sobre outra paróquia semelhante à sua, com fazendas cultivadas e habitações, e agora era uma grande maravilha para ela ver quão distante estava entre os lugares onde as pessoas moravam. Ela via os pequenos pontos amarelos e verdes lá embaixo, no fundo do vale, e as pequenas clareiras com seus pontos cinzentos de casas entre as florestas das colinas; ela começou a contar,

mas quando havia chegado a três dúzias de vezes três, ela não conseguia mais manter a contagem. No entanto, os lugares de habitação humana eram como nada naquele deserto.

Ela sabia que nos bosques selvagens lobos e ursos dominavam, e que sob cada pedra habitavam trolls, duendes e elfos, e ela estava com medo, pois ninguém conhecia o número deles, mas devia haver muitas vezes mais deles do que de homens e mulheres cristãos. Então ela chamou alto por seu pai, mas ele não pôde ouvir, por causa do vento — ele e seus homens estavam ocupados rolando pedras pesadas até o topo da montanha nua para empilhar ao redor das vigas do sinalizador.

Mas Isrid foi até as crianças e mostrou a Kristin onde ficava a montanha a oeste de Vaage. E Arne apontou o Grayfell, onde as pessoas da paróquia capturavam renas no outono, e onde os falcoeiros do Rei ficavam em cabanas de pedra. Essa era uma profissão que Arne pensava em seguir um dia — mas se o fizesse, aprenderia também a treinar os pássaros para a caça — e ele levantou os braços como se estivesse soltando um falcão.

Isrid balançou a cabeça.

— É uma vida difícil e ruim, essa, Arne Gyrdson... seria uma grande tristeza para sua mãe, meu rapaz, se você um dia se tornasse um falcoeiro. Ninguém pode ganhar o pão naquelas colinas selvagens, exceto caso se una em comunhão com os piores dos homens... sim, e com aqueles que são ainda piores.

Lavrans havia se aproximado deles e ouvira essa última palavra:

— Sim — diz ele —, há mais de um pedaço de terra ali que não paga nem impostos, nem díizimos...

— Sim, muita coisa você deve ter visto — disse Isrid coaxialmente —, você que vai tão longe campo afora...

— Sim, sim — disse Lavrans lentamente. — Talvez... mas me parece melhor não falar muito sobre essas coisas. Não se deve, eu digo, invejar as pessoas que perderam sua paz na paróquia, qualquer que seja a paz que possam encontrar entre as colinas. No entanto, eu vi campos amarelos e prados bravios onde poucos sabem que tais coisas existem, e rebanhos de gado e pequeno gado, mas destes eu não sei se pertenciam à humanidade ou a outros seres...

— Oh! Sim — diz Isrid. — Ursos e lobos levam a culpa pelos animais que desaparecem das *saeters* aqui, mas há ladrões piores entre as colinas do que eles.

— Você os chama de piores? — perguntou Lavrans pensativamente, acariciando o capuz de sua filha. — Nas colinas ao sul, sob as Montanhas dos Javalis, eu vi uma vez três garotinhos, e o mais velho era igualzinho à Kristin aqui... tinham cabelos amarelos e casacos de pele. Rangiam os dentes para mim como filhotes de lobo antes de

fugirem para se esconder. Não seria de admirar se o pobre homem que os possuísse estivesse ansioso para roubar uma vaca ou duas...

— Oh! Tantos lobos quanto ursos têm filhotes — diz Isrid com irritação. — E você não os poupa, Lavrans, nem a eles, nem aos seus filhotes. No entanto, eles não têm conhecimento da lei nem do Cristianismo, como têm esses malfeitores a quem você deseja tanto...

— Acha que eu desejo a eles o bem, porque desejo a eles um pouco mais do que o pior? — disse Lavrans, sorrindo um pouco. — Mas agora venha, vejamos que comida Ragnfrid nos enviou hoje. Ele pegou Kristin pela mão e a levou consigo. Enquanto caminhavam, ele se inclinou e disse suavemente: — Pensei nos seus três irmãozinhos, pequena Kristin.

Eles espiaram a guarita, mas ela estava fechada e cheirava a mofo. Kristin deu uma olhada ao redor, mas havia apenas alguns bancos de barro perto das paredes, uma lareira de pedra no meio do chão e alguns barris de alcatrão e feixes de raízes de pinheiro e casca de bétula. Lavrans pensou que seria melhor comerem ao ar livre, e um pouco mais abaixo, entre as bétulas, encontraram um belo pedaço de relva verde.

O cavalo de carga foi descarregado, e eles se esticaram sobre a grama. Nas mochilas que Ragnfrid lhes havia dado, havia comida de primeira qualidade — pão macio e bolos, manteiga e queijo, carne de porco e carne de rena seca ao vento, banha, peito de boi cozido, dois barris de *ale* alemã e um pequeno jarro de hidromel. O corte da carne e a distribuição foram feitos rapidamente, enquanto Halvdan, o mais velho dos homens, fazia uma fogueira — era mais seguro ter um bom fogo aqui na floresta.

Isrid e Arne juntaram urze e bétula-anã e lançaram-na na fogueira. Ela crepitava enquanto o fogo arrancava o verde fresco dos galhos, e pequenas flocos brancos voavam alto sobre os fios de chama vermelha; a fumaça rodopiava espessa e preta em direção ao céu limpo. Kristin sentou-se e observou; parecia-lhe que o fogo estava contente por estar lá fora, livre, e podia brincar e pular. Era diferente do que quando, em casa, ele ficava na lareira e tinha que cozinhar comida e dar luz às pessoas na sala. Ela se aconchegou ao lado do pai com um braço apoiado no joelho dele; ele lhe dava tudo o que ela queria do melhor, e a mandava beber à vontade da *ale* e provar do hidromel.

— Vai ficar tão bêbada que nunca mais vai conseguir descer até a pastagem de pé — disse Halvdan, rindo, mas Lavrans acariciou suas bochechas redondas:

— Então, aqui estão pessoas suficientes que podem carregá-la... isso fará bem a ela... beba também, Arne... os presentes de Deus fazem o bem, não o mal, a vocês que ainda estão crescendo... produzem

sangue doce e vermelho, dão sono profundo, e não provocam loucura e tolice...

Os homens também beberam frequentemente e em grande quantidade; Isrid não ficou para trás. E logo suas vozes e o rugido e estalo do fogo eram apenas um burburinho distante nos ouvidos de Kristin, e ela começou a ficar com a cabeça pesada. Ela ainda percebia como eles questionavam Lavrans e queriam que ele contasse das coisas estranhas que tinha encontrado durante as caçadas. Mas ele não queria dizer muito; e isso lhe parecia tão bom e tão seguro... e então ela havia comido tão bem.

Seu pai tinha um pedaço de pão de cevada macio nas mãos; ele beliscava pequenos pedaços dele entre os dedos em forma de cavalos, e cortando tiras de carne, ele as colocava sobre os corcéis e os fazia cavalgar sobre a coxa e dentro da boca de Kristin. Mas logo ela estava tão cansada que não conseguia nem abrir a boca, nem mastigar — e assim ela se deitou de volta no chão e adormeceu.

Quando ela voltou a si, estava deitada em uma escuridão quente dentro do braço do pai — ele tinha enrolado a capa em volta deles dois. Kristin se sentou, enxugou o suor do rosto e desfez o capuz para que o ar pudesse secar seus fios úmidos.

O dia estava claramente avançado, pois a luz do sol era dourada, e as sombras haviam alongado e caído em direção ao sudeste. Não havia sopro de vento, e mosquitos e moscas zumbiam e se aglomeravam em torno do grupo de homens adormecidos. Kristin permaneceu imóvel, coçou as mãos picadas por mosquitos e observou ao seu redor — o topo da montanha acima deles brilhava de branco com musgo e dourado com líquens sob o sol, e o monte de madeira envelhecida se erguia contra o céu como o esqueleto de alguma criatura maravilhosa.

Ela começou a se sentir inquieta — era tão estranho vê-los todos dormindo ali à luz do dia. Em casa, se por acaso ela acordava à noite, estava aconchegada na escuridão com a mãe de um lado e a tapeçaria estendida na parede do outro. E então ela sabia que o quarto com sua saída de fumaça estava fechado e trancado contra a noite e o tempo lá fora, e os sons do sono vinham das pessoas que estavam deitadas confortáveis e seguras nos travesseiros entre as peles. Mas todos esses corpos, deitados torcidos e dobrados no lado da montanha, ao redor do pequeno monte de cinzas pretas e brancas, bem poderiam estar mortos — alguns deitados de bruços, outros deitados de costas com os joelhos flexionados, e os ruídos que vinham deles a assustavam. Seu pai roncava profundamente, mas quando Halvdan respirava, assobiava e sibilava em seu nariz. E Arne estava deitado de lado, com o rosto escondido no braço, e seu cabelo marrom-claro e brilhante se

espalhava entre a urze; ele estava tão imóvel que Kristin ficou com medo de que ele estivesse morto. Ela teve que se inclinar para a frente e tocá-lo — e com isso ele se virou um pouco em seu sono.

Kristin de repente lembrou, talvez eles tivessem dormido a noite toda e este fosse o próximo dia — e isso a assustou tanto que ela sacudiu o pai; mas ele apenas grunhiu e continuou dormindo. Kristin ainda estava sonolenta, mas não ousou deitar-se para dormir novamente. Então ela se aproximou do fogo e mexeu nele com um pedaço de pau — ainda havia brasas acesas embaixo. Ela lançou urze e pequenos galhos, que quebrou ao redor dela — ela não ousou ultrapassar o círculo dos adormecidos para encontrar galhos maiores.

Houve um estrondo e um barulho nas proximidades da floresta, e o coração de Kristin afundou e ela ficou com frio de medo. Mas então ela avistou uma forma vermelha entre as árvores, e Guldsvainen emergiu da moita. Ele ficou lá parado e olhou para ela com seus olhos claros e brilhantes. Ela ficou tão feliz em vê-lo que pulou de pé e correu até o garanhão. E lá também estava o cavalo marrom que Arne havia montado, e o cavalo de carga também. Agora ela se sentiu segura e feliz novamente; ela foi acariciar os três nas laterais, mas Guldsvainen abaixou a cabeça para que ela pudesse alcançar para acariciar suas bochechas e puxar sua franja amarela-branca, enquanto ele cheirava as mãos dela com seu focinho macio.

Os cavalos vagueavam, pastando, pela encosta coberta de bétulas, e Kristin foi com eles — ela sentia que não havia nada a temer enquanto ficasse perto de Guldsvainen — ela já o tinha visto afastar um urso antes. E os mirtilos cresciam tão densamente aqui, e a criança estava com sede agora, com um gosto ruim na boca; a *ale* já não a agradava, mas as bagas doces e suculentas eram boas como vinho. Lá, em uma encosta, ela viu framboesas crescendo também — então ela agarrou Guldsvainen pela crina, e docemente o convidou a ir até lá com ela, e o garanhão seguiu alegremente com a pequena donzela. Assim, enquanto ela descia cada vez mais pela encosta, ele a seguia quando ela chamava, e os outros dois cavalos seguiam Guldsvainen.

Em algum lugar bem perto, ela ouviu o murmúrio e o gotejamento de um riacho; ela seguiu o som até encontrá-lo, e então se deitou em uma grande laje e lavou seu rosto e mãos quentes e picados por mosquitos. Abaixo da laje, a água estava parada, um poço negro e tranquilo, pois em frente a ele havia uma parede de rocha atrás de algumas pequenas bétulas e salgueiros — formava o mais fino dos espelhos, e Kristin se inclinou para olhar para si mesma na água, pois queria ver se era verdade, como Isrid dizia, que ela se parecia com o pai.

Ela sorriu, acenou com a cabeça e se inclinou para a frente até que seu cabelo encontrou o cabelo brilhante ao redor do rosto redondo e grande de criança que ela viu no riacho.

Ao redor crescia uma grande quantidade daquelas alegres e rosadas agrupações de flores que chamam de valeriana — muito mais vermelhas e mais finas aqui junto ao riacho da montanha do que em casa junto ao rio. Delas, Kristin colheu e as amarrou com grama, até que tivesse tecido para si a mais bela e espessa guirlanda⁷ de rosa-rosa. A criança a pressionou sobre a cabeça e correu até o poço para ver como ficava agora que estava enfeitada como uma donzela crescida que vai dançar.

Ela se curvou sobre a água e viu sua própria imagem escura surgir do fundo e se tornar mais clara conforme se aproximava dela — e então no espelho do poço ela viu outra figura de pé entre as bétulas opostas e se inclinando em sua direção. Às pressas, ela se ajoelhou e olhou para o outro lado. No começo, ela pensou que era apenas a rocha e os arbustos se agarrando ao redor do pé dela. Mas de repente ela percebeu um rosto entre as folhas — lá estava uma dama, pálida, com cabelos loiros e ondulados — os olhos grandes e cinza-claros e as narinas largas e rosadas eram como os de Guldveinen. Ela estava vestida com algo leve, verde como folhas, e galhos e galhos a escondiam até os seios largos, que estavam cobertos de broches e correntes cintilantes.

⁷ Uma "guirlanda" é um ornamento decorativo que geralmente é feito de flores, folhas, ramos ou outros materiais naturais entrelaçados ou dispostos em um formato circular ou oval. (N.T.)

A menina olhou para a figura; e enquanto olhava, a dama levantou uma mão e mostrou-lhe uma coroa de flores douradas; — ela acenou com ela.

Atrás dela, Kristin ouviu Guldveinen relinchar alto de medo — ela virou a cabeça — o garanhão empinou, gritando até os ecos ecoarem, depois girou e fugiu morro acima com um trovejar de cascos. Os outros cavalos seguiram — diretamente pela encosta, enquanto pedras rolavam e galhos e raízes se quebravam e chacoalhavam.

Então Kristin gritou alto. "Pai!" ela gritou, "pai!" Ela se levantou, correu atrás dos cavalos e não ousou olhar para trás. Ela subiu pela encosta, pisou na barra do vestido e escorregou de volta para baixo; subiu novamente, agarrando-se às pedras com as mãos ensanguentadas, rastejando de joelhos doloridos, e chamando ora por Guldveinen, ora pelo pai — o suor brotava de todos os poros do seu corpo e corria como água para os olhos, e o coração batia como se

fosse explodir contra as costelas; enquanto soluções de terror sufocavam sua garganta:

— Oh pai, oh pai!

Então a voz dele soou em algum lugar acima: ela o viu vindo com grandes saltos pela encosta — a encosta brilhante e iluminada pelo sol; bétulas e álamos estavam ao longo dela e brilhavam com suas pequenas folhas prateadas — o lado da montanha estava tão tranquilo, tão brilhante, enquanto o pai vinha saltando, chamando-a pelo nome; e Kristin desabou e soube que agora estava salva.

— Santa Maria! — Lavrans ajoelhou-se e abraçou sua filha... ele estava pálido e com uma expressão estranha ao redor da boca, de modo que Kristin ficou ainda mais assustada; parecia como se apenas agora em seu rosto ela lesse o quão grande havia sido seu perigo.

— Filha, filha... — ele levantou suas mãos sangrando, olhou para elas, viu a coroa em sua cabeça, e a tocou. — O que aconteceu... como você veio até aqui, minha pequena Kristin... ?

— Fui com Guldsveinen, soluçou ela em seu peito. — Fiquei com tanto medo de ver todos vocês dormindo, mas então Guldsveinen veio... e então tinha alguém perto do riacho lá embaixo que me chamou com um aceno...

— Quem acenou... era um homem?

— Não, era uma dama... ela acenou com uma coroa de ouro... acho que era a Donzela-elfa, pai...

— Jesus Cristo, disse Lavrans suavemente, e fez o sinal da cruz sobre ele e a criança.

Ele a ajudou a subir pela encosta até chegarem a uma ladeira gramada; então ele a levantou e a carregou. Ela se agarrou ao redor do pescoço dele e soluçou — não conseguia parar, apesar de toda a consolação dele.

Logo encontraram os homens e Isrid. A mulher bateu as mãos juntas quando ouviu o que tinha acontecido:

— Sim, era a Elf-maiden, com certeza... ela teria atraído a bela criança para a montanha, acredite em mim.

— Fique quieta — ordenou Lavrans com severidade. — Nunca deveríamos ter falado dessas coisas aqui na floresta como fizemos... não se sabe o que pode estar sob as pedras ou ouvindo cada palavra. Ele tirou o colar de ouro de sua camisa e o pendurou, com a cruz que continha relíquias, no pescoço de Kristin e as enfiou em seu corpo nu.

— Mas cuidem todos vocês — ele disse —, para que vigiem bem suas palavras, para que Ragnfrid nunca saiba que a criança esteve em tal perigo.

Em seguida, pegaram os três cavalos, que tinham fugido para a floresta, e desceram rapidamente para o pasto onde os outros cavalos estavam pastando. Lá todos montaram e foram para a *saeter* de Jørundgaard; não era muito longe.

O sol estava perto de se pôr quando chegaram lá; o gado estava nos currais, e Tordis e os pastores estavam ocupados com a ordenha. Dentro da cabana, a mingau estava cozida os aguardando, pois os moradores da *sseter*⁸os haviam avistado pelo farol mais cedo no dia, e estavam à espera deles.

Finalmente, as lágrimas de Kristin foram acalmadas. Ela sentou no colo do pai e comeu mingau com creme na mesma colher que ele. No dia seguinte, Lavrans partiria para um lago mais adiante nas montanhas, onde estavam alguns dos seus vaqueiros com os touros. Kristin deveria ter ido com ele, mas agora ele disse que ela deveria ficar na cabana enquanto ele estivesse fora... "e vocês devem tomar cuidado, tanto Tordis quanto Isrid, para manter a porta trancada e o buraco da fumaça fechado até voltarmos, tanto por Kristin quanto pelo pobre bebê ainda não batizado aqui no berço."

Tordis estava tão assustada agora que não ousava ficar mais tempo com o pequeno aqui em cima, pois ainda não tinha sido purificada desde o seu parto — ela preferia descer imediatamente e esperar na paróquia. Lavrans disse que isso lhe pareceu sensato; ela poderia descer com eles na noite seguinte; ele pensava que poderia trazer uma mulher mais velha, viúva e servindo em Jørundgaard, para substituí-la.

Tordis espalhou capim de montanha fresco e doce sob as peles nos bancos; o cheiro era tão forte e bom, e Kristin estava quase dormindo enquanto o pai rezava o Pai-Nosso e a Ave Maria sobre ela.

— Sim, será um longo tempo antes de eu levá-la comigo novamente para os campos — disse Lavrans, acariciando sua bochecha.

Kristin acordou assustada:

— Pai... não posso ir com o senhor quando for para o sul na colheita, como o senhor prometeu...

— Vamos ver sobre isso — disse Lavrans, e imediatamente Kristin adormeceu entre as peles de carneiro.

⁸ O termo "sseter" é uma variação da palavra norueguesa "seter". Refere-se a uma cabana ou chalé rústico que era tradicionalmente usado na Noruega durante os meses de verão.

CAPÍTULO 2

EM CADA VERÃO, era costume de Lavrans Björgulfsön cavalgar para o sul e cuidar de sua propriedade em Folio. Essas jornadas de seu pai eram marcos de cada ano na vida de Kristin — as longas semanas em que ele estava ausente, e a alegria de seu retorno com belos presentes: tecidos finos e exóticos para seu enxoval, figos, uvas-passas e pão de mel de Oslo... e muitas coisas estranhas para contar a ela.

Mas este ano Kristin percebeu que havia algo mais do que o comum em relação à partida de seu pai. A viagem foi adiada repetidamente; os velhos de Loptsgaard vinham em tempos estranhos e se sentavam à mesa com seu pai e mãe; falavam de herança, propriedade livre e direitos de resgate, e das dificuldades em trabalhar a propriedade de tão longe, além do assento do bispo e do palácio do rei em Oslo, que demandavam tanto trabalho das fazendas ao redor da cidade. Quase nunca tinham tempo para brincar com ela, e ela era enviada para a casa da cozinha com as criadas. O tio de sua mãe, Trond Ivarson de Sundbu, ia visitá-los com mais frequência do que era comum — mas ele nunca tinha o costume de brincar ou mimar Kristin.

Pouco a pouco, ela começou a ter uma ideia do que tudo aquilo se tratava. Desde que chegara a Sil, Lavrans buscava adquirir terras na paróquia, e agora Sir Andres Gudmundson lhe oferecia Formo em Sil, que era herança de sua mãe, em troca de Skog, que ficava mais apropriada para ele, já que estava com a guarda real do rei e raramente vinha para o Vale. Lavrans relutava em abrir mão de Skog, que era sua herança de propriedade livre, e que chegara a seus antepassados como um presente real; no entanto, o acordo seria benéfico de muitas maneiras. Mas o irmão de Lavrans, Aasmund Björgulfsön, também teria prazer em ficar com Skog — ele agora morava em Hadeland, onde havia se casado com uma propriedade — e não estava certo de que Aasmund renunciaria ao direito que a parentela lhe conferia.

Mas um dia, Lavrans disse a Ragnfrid que este ano levaria Kristin consigo para Skog — ela deveria conhecer a propriedade onde nasceu e que foi o lar de seus antepassados, agora prestes a se perder de suas mãos. Ragnfrid considerou isso justo, embora temesse um pouco em enviar uma criança tão jovem em uma jornada tão longa, onde ela mesma não poderia estar presente.

Por um tempo após Kristin ter visto a Elf-maiden, ela estava tão assustada que ficou muito tempo dentro de casa com a mãe — ela tinha medo até mesmo quando via as pessoas que estiveram com eles nas montanhas e sabiam o que lhe acontecera, e ficou contente por seu pai ter proibido qualquer menção àquela visão dela.

Mas depois de algum tempo, ela começou a pensar que gostaria de falar sobre isso. Em seus pensamentos, ela contou a história para alguém — ela não sabia para quem — e, foi estranho, quanto mais o tempo passava, melhor parecia que ela se lembrava, e mais nítida e clara se tornava a lembrança da bela dama.

Mas, o mais estranho de tudo, cada vez que ela pensava na Elf-maiden, uma saudade tão forte da viagem para Skog a invadia, e um medo cada vez maior de que seu pai não a levasse consigo.

Finalmente, ela acordou uma manhã no quarto do sótão e viu sua mãe e a velha Gunhild sentadas no limiar olhando para um monte de peles de esquilo de Lavrans. Gunhild era uma viúva que percorria as fazendas e costurava forros de peles em mantos e coisas do tipo. E Kristin deduziu pela conversa delas que agora era ela quem teria um novo manto, forrado com pele de esquilo e com acabamento de marta. E então ela soube que iria com seu pai, e pulou da cama gritando de alegria.

Sua mãe foi até ela e acariciou sua bochecha: — Você está tão feliz então, minha filha, por ir tão longe de mim?

Ragnfrid disse a mesma coisa na manhã em que partiram. Estavam de pé ao cantar do galo; lá fora estava escuro, com uma espessa névoa entre as casas, enquanto Kristin espiava pela porta para verificar o tempo. A névoa se ondulava como fumaça cinza ao redor das lanternas e pelas portas abertas das casas. As pessoas corriam entre estábulos e galpões, e as mulheres vinham da cozinha com panelas de mingau fumegante e travessas de carne e toucinho — eles teriam uma boa quantidade de comida forte e saudável antes de saírem para o frio da manhã.

Dentro de casa, alforjes eram fechados e abertos, e coisas esquecidas eram empacotadas dentro deles. Ragnfrid lembrou ao marido de todas as tarefas que ele deveria fazer para ela, e falou sobre parentes e amigos no caminho — ele devia cumprimentar esse e não esquecer de perguntar por aquele.

Kristin corria para fora e para dentro; ela se despediu muitas vezes de todos na casa e não conseguia ficar quieta por um momento em nenhum lugar.

— Você está tão feliz assim, Kristin, por estar indo tão longe e por tanto tempo? — perguntou sua mãe. Kristin ficou envergonhada e inquieta, e desejou que sua mãe não tivesse dito isso. Mas ela

respondeu da melhor forma que pôde:

— Não, querida mãe, mas estou feliz por poder ir com o pai.

— Sim, de fato, você está — disse Ragnfrid, suspirando. Então ela beijou a criança e deu os últimos retoques em seu vestido.

Finalmente, estavam a cavalo, toda a comitiva. Kristin montava Morvin, que já tinha sido o cavalo de sela de seu pai — ele era velho, sábio e tranquilo. Ragnfrid ergueu a taça de prata com a bebida para o estribo e pôs a mão no joelho da filha, pedindo para que ela lembrasse de tudo o que sua mãe tinha ensinado.

E assim partiram do pátio na luz cinzenta. A névoa pairava branca como leite sobre a paróquia. Mas depois de um tempo, começou a se tornar mais fina e a luz do sol se filtrou. E brilhando com orvalho, apareceram através da bruma branca as encostas das colinas, verdes com a pastagem tardia, e campos de restolho pálido, e árvores amareladas, e sorveiras brilhantes com bagas vermelhas. Vislumbres de encostas azuis pareciam surgir através da névoa vaporosa — então a névoa se rompeu e se dispersou em redemoinhos pelos declives, e eles cavalgaram pelo Vale sob o sol mais glorioso, Kristin na frente do grupo ao lado de seu pai.

Chegaram a Hamar numa noite escura e chuvosa, com Kristin sentada à frente no arção da sela de seu pai, pois estava tão cansada que tudo parecia girar diante de seus olhos — o lago que brilhava fracamente à direita, as árvores sombrias que pingavam água sobre eles enquanto passavam, e os aglomerados escuros e plúmbeos de casas nos campos desbotados e encharcados à beira da estrada.

Kristin estava cansada de contar os dias — parecia que ela estava em uma jornada interminável. Tinham visitado parentes e amigos ao longo do vale; ela tinha feito amizade com crianças em grandes mansões e brincado em casas, celeiros e pátios estranhos, e tinha usado muitas vezes seu vestido vermelho com mangas de seda. Tinham descansado à beira da estrada durante o dia quando o tempo estava bom; Arne tinha colhido nozes para ela e ela tinha dormido depois das refeições sobre as bolsas onde estavam suas roupas. Em uma grande casa, tinham travesseiros cobertos de seda em suas camas, mas uma noite eles ficaram em uma estalagem, e em uma das outras camas estava uma mulher que chorava baixa e amargamente toda vez que Kristin acordava. Mas todas as noites ela tinha adormecido segura atrás do largo e quente dorso de seu pai.

Kristin acordou assustada — ela não sabia onde estava, mas o maravilhoso som de sinos e trovões que ela tinha ouvido em seu sonho continuava. Ela estava deitada sozinha em uma cama, e na lareira do quarto um fogo ardia.

Ela chamou por seu pai, e ele se levantou da lareira onde estava sentado, e veio até ela acompanhado de uma mulher robusta.

— Onde estamos? — ela perguntou, e Lavrans riu e disse:

— Estamos em Hamar agora, e aqui está Margret, a esposa do sapateiro Fartein — você deve cumprimentá-la bem, pois você estava dormindo quando chegamos aqui. Mas agora Margret vai te ajudar com suas roupas.

— Já é de manhã então? — disse Kristin. — Eu pensei que você estivesse vindo para a cama agora... Oh! você pode me ajudar — ela pediu; mas Lavrans disse, um pouco severamente, que ela deveria agradecer à bondosa Margret por ajudá-la.

— E veja o que ela tem para você como presente! Eram um par de sapatos vermelhos com alças de seda. A mulher sorriu para o rosto alegre de Kristin, e ajudou a vestir sua camisa e meias na cama, para que ela não precisasse pisar descalça no chão de barro.

— O que está fazendo tanto barulho? — perguntou Kristin — como um sino de igreja, mas muitos sinos?

— Ai, esses são os nossos sinos — riu Margret. — Você não ouviu falar da grande catedral aqui na cidade... é lá que você está indo agora. Lá vai o grande sino! E agora está tocando no claustro e na Igreja da Santa Cruz também.

Margret espalhou a manteiga grossa no pão de Kristin e lhe deu mel no leite, para que a comida que ela tomasse fosse mais sustentadora — ela tinha pouco tempo para comer.

Do lado de fora ainda estava escuro e o tempo tinha ficado frio. A névoa estava mordendo de tão gelada. As pegadas das pessoas, do gado e dos cavalos estavam duras como se fossem de ferro, então Kristin machucou os pés nos sapatos finos e novos, e uma vez ela pisou no gelo da sarjeta no meio da rua e suas pernas ficaram molhadas e frias. Então, Lavrans a colocou nas costas e a carregou.

Ela forçou os olhos na penumbra, mas havia pouco que ela podia ver da cidade — ela vislumbrou beirais de casas pretas e árvores através

do ar cinzento. Então saíram em um pequeno campo que brilhava com geada, e do outro lado do campo ela viu vagamente um edifício cinza-pálido, tão grande quanto um monte. Grandes casas de pedra ficavam ao redor, e em alguns pontos luzes cintilavam de buracos de janelas nas paredes. Os sinos, que tinham ficado em silêncio por um tempo, voltaram a tocar, e agora era com um som tão forte que um arrepio de frio percorreu as costas dela.

Era como entrar no interior da montanha, pensou Kristin, quando entraram no saguão da igreja; estava gélido e escuro lá dentro. Passaram por uma porta, e foram recebidos pelo cheiro velho e frio de incenso e velas. Agora Kristin estava em um lugar escuro e imensamente alto. Ela não conseguia ver onde terminava, nem acima, nem aos lados, mas luzes queimavam sobre um altar muito à frente. Havia um padre lá, e os ecos de sua voz pairavam estranhamente pelo grande espaço, como sussurros e murmúrios. Seu pai fez o sinal da cruz com água benta nele e na criança, e assim seguiram em frente; embora ele andasse com cautela, seus esporões ecoaram alto no chão de pedra. Passaram por pilares gigantes, e entre os pilares era como olhar para buracos negros como carvão.

Avançando, próximo ao altar, o pai dobrou o joelho, e Kristin ajoelhou ao lado dele. Ela começou a distinguir as coisas na penumbra — ouro e prata cintilavam sobre altares entre os pilares, mas sobre o altar à frente deles, cintilavam velas que estavam acesas em candelabros dourados, enquanto a luz se refletia nos vasos sagrados e na grande e bela imagem atrás. Kristin foi levada a pensar na sala dos montanheses — ela sonhara que devia ser assim, esplêndida como essa, mas talvez com ainda mais luzes. E o rosto da Donzela-elfa surgiu diante dela — mas então ela ergueu os olhos e avistou na parede acima do altar, o próprio Cristo, grande e severo, elevado alto na cruz. O medo a envolveu — ele não parecia suave e triste como em sua própria igreja, aconchegante e de madeira escura, onde pendia pesadamente, com os pés e mãos perfurados, e inclinava a cabeça salpicada de sangue sob a coroa de espinhos.

Aqui, ele estava sobre uma plataforma com os braços esticados e a cabeça erguida; seu cabelo dourado brilhava; ele estava coroado com uma coroa de ouro, e seu rosto estava voltado para cima e severo.

Então ela tentou acompanhar as palavras do padre enquanto ele lia e cantava, mas seu discurso estava muito apressado e indistinto. Em casa, ela costumava entender cada palavra, pois Sira Eirik tinha a fala mais clara, e a havia ensinado o significado das palavras sagradas em norueguês, para que ela pudesse manter seus pensamentos com Deus

enquanto estava na igreja.

Mas ela não conseguia fazer isso aqui, pois a cada momento percebia algo novo na escuridão. Havia janelas lá em cima nas paredes, e estas começaram a brilhar com a luz do dia. E bem perto de onde estavam ajoelhados, havia uma construção maravilhosa de madeira, mas além disso havia blocos de pedra de cores claras; e lá estavam cochos de argamassa e ferramentas — e ela ouviu pessoas andando de maneira sorrateira lá dentro. Mas então, novamente, seus olhos se fixaram no severo Senhor Cristo na parede, e ela tentou manter seus pensamentos na cerimônia. O frio glacial do chão de pedra enrijeceu suas pernas até as coxas, e seus joelhos começaram a doer. Por fim, tudo começou a girar ao redor dela, tão cansada estava.

Então seu pai se levantou; a missa havia terminado. O padre se aproximou e cumprimentou seu pai. Enquanto conversavam, Kristin sentou-se em um degrau, pois viu que o coroinha havia feito o mesmo. Ele bocejou — e assim ela também começou a bocejar. Quando ele percebeu que ela o observava, ele colocou a língua na bochecha e torceu os olhos para ela. Em seguida, ele tirou uma bolsa de debaixo de suas roupas e despejou sobre o chão tudo o que havia nela — anzóis, pedaços de chumbo, cordões de couro e um par de dados, e o tempo todo ele fazia gestos para ela. Kristin ficou muito intrigada.

Mas agora o padre e seu pai olharam para as crianças. O padre riu e mandou o menino voltar para a escola, mas Lavrans franzia a testa e pegou a mão de Kristin.

A igreja começou a ficar mais clara agora. Kristin se agarrou sonolenta à mão de Lavrans, enquanto ele e o padre caminhavam sob a pilha de madeira e falavam sobre o trabalho de construção do Bispo Ingjaid.

Eles perambularam pela igreja toda, e no final saíram para a ante-sala. De lá, uma escada de pedra levava à torre ocidental. Kristin subiu os degraus cansada. O padre abriu uma porta para uma bela capela, e seu pai disse que Kristin deveria esperar do lado de fora nos degraus enquanto ele ia se confessar; e depois ela poderia entrar e beijar o relicário de São Tomás.

Nisso, um velho monge em uma batina marrom saiu da capela. Ele parou por um momento, sorriu para a criança e tirou alguns sacos e panos de lã que estavam enfiados em um buraco na parede. Ele os espalhou no patamar:

— Sentem-se aqui, e não sentirão tanto frio —, disse ele, e desceu os

degraus descalço.

Kristin estava dormindo quando o Cônego Martein, como o padre era chamado, saiu e a acordou com um toque. Da igreja vinha o mais doce dos cânticos, e na capela velas queimavam sobre o altar. O padre fez um sinal para que ela se ajoelhasse ao lado de seu pai, e então ele pegou um pequeno relicário dourado que ficava acima da mesa da comunhão. Ele sussurrou para ela que dentro havia um pedaço das vestes ensanguentadas de São Tomás de Cantuária, e apontou para a figura do santo no relicário para que Kristin pudesse pressionar seus lábios aos pés dele.

As belas notas continuavam a soar da igreja enquanto desciam os degraus; Cônego Martein disse que era o organista praticando sua arte e os alunos da escola cantando; mas não tinham tempo para ficar e ouvir, pois o pai dela estava com fome — ele tinha vindo em jejum para se confessar — e agora estavam a caminho da sala de jantar no pátio dos cônegos para tomar sua refeição.

O sol da manhã lá fora estava dourando as íngremes margens do outro lado do grande lago, e todos os bosques de árvores de folhas amarelas brilhavam como poeira de ouro entre os pinheiros azul-escuros. O lago corria em ondas com pequenas espumas dançantes de brancura até suas margens. O vento soprava frio e fresco, e as folhas de muitas cores caíam nas encostas cobertas de geada.

Um grupo de cavaleiros saiu de entre o palácio do bispo e a casa dos Irmãos da Santa Cruz. Lavrans se afastou e se curvou com uma mão sobre o peito, quase varrendo o gramado com o chapéu, de modo que Kristin pôde supor que o nobre envolto em pele deveria ser o próprio bispo, e ela fez uma reverência até o chão.

O bispo freou seu cavalo e retribuiu a saudação; ele fez um sinal para Lavrans se aproximar e conversou com ele por um tempo. Em breve, Lavrans voltou ao padre e à criança e disse:

— Agora fui convidado para comer no palácio do bispo... você acha, Cônego Martein, que um dos criados da canoaria poderia ir com minha pequena até a casa de Fartein, o sapateiro, e dizer aos meus homens para enviarem Halvdan para me encontrar aqui com Guldsvainen na hora da nona⁹.

O padre respondeu que, sem dúvida, o que ele pediu poderia ser feito. Mas então, o monge descalço que havia falado com Kristin na escada da torre veio à frente e os saudou:

9 O termo "hora da nona" refere-se a uma das horas canônicas do dia na tradição da Liturgia das Horas na Igreja Católica. As horas canônicas são períodos específicos do dia designados para oração e louvor, dividindo o dia em segmentos regulares. "Nona" refere-se à nona hora do dia, que ocorre aproximadamente às 15h. É tradicionalmente um momento de oração e reflexão, marcando a nona hora desde o nascer do sol. Essa prática tem raízes antigas na tradição monástica e clerical da Igreja Católica, onde monges e clérigos se reuniam para orar em diferentes momentos ao longo do dia. (N.T.)

— Há um homem aqui em nossa hospedaria que tem um recado próprio para o sapateiro; ele pode levar sua mensagem até lá, Lavrans Björgulfsön, e sua filha pode ir com ele ou ficar no claustro comigo até que você mesmo esteja pronto para ir para casa. Vou me certificar de que ela tenha sua refeição aqui.

Lavrans agradeceu, mas disse:

— Seria uma vergonha incomodá-lo com a criança, irmão Edwin...

— Irmão Edwin atraindo para si todas as crianças que pode colocar as mãos — disse o Cônego Martein e riu. — É assim que ele arranja alguém para pregar...

— Sim, antes de vocês, nobres senhores aprendidos aqui em Hamar, eu não ousaria oferecer meus humildes discursos — disse o monge sem raiva, e sorrindo. — Tudo o que sou capaz é de falar com crianças e camponeses, mas mesmo assim, como sabemos, não é bom amordaçar o boi que pisa o grão.

Kristin olhou para o pai suplicante; ela pensou que não havia nada que ela preferiria mais do que ir com o irmão Edwin. Então, Lavrans agradeceu novamente, e enquanto seu pai e o padre se juntavam ao séquito do bispo, Kristin colocou sua mão na do monge, e eles desceram em direção ao claustro, um conjunto de casas de madeira e uma igreja de pedra clara perto do lago.

Irmão Edwin apertou um pouco a mão dela, e enquanto se olhavam, ambos tiveram que rir. O monge era magro e alto, mas muito encurvado; a criança o achava parecido com uma velha garça na cabeça, pois era pequeno, com uma pequena cabeça brilhante e calva acima de uma borda de cabelos brancos e espessos, sobre um longo, fino e enrugado pescoço. Seu nariz também era grande e pontiagudo como um bico. Mas havia algo que a deixava leve de coração e feliz, só de olhar para o rosto longo, estreito e profundamente marcado. Os olhos azuis do mar eram vermelhos na borda e as pálpebras castanhas e finas como flocos. Mil rugas se espalhavam deles; as bochechas enrugadas com a rede vermelha de veias eram sulcadas por sulcos que corriam em direção à boca de lábios finos, mas era como se Irmão Edwin tivesse enrugado apenas sorrindo para a humanidade. Kristin pensou que nunca tinha visto alguém tão alegre e gentil; parecia que ele carregava alguma alegria brilhante e secreta dentro de si, que ela

começaria a conhecer quando ele começasse a falar.

Eles seguiram a cerca de um pomar de maçã onde ainda pendiam nas árvores algumas frutas vermelhas e douradas. Dois Irmãos Pregadores em túnicas pretas e brancas estavam juntando vagens de feijão murchas no jardim.

O claustro não era muito diferente de qualquer outra fazenda, e a hospedaria para onde o monge levou Kristin era muito parecida com a casa de um camponês pobre, embora houvesse muitas camas nela. Em uma das camas estava um homem velho, e junto à lareira estava uma mulher enrolando um bebê; dois filhos maiores, um menino e uma menina, estavam ao lado dela.

Ambos o homem e a mulher murmuraram que ainda não tinham tomado o café da manhã:

— Ninguém se dará ao trabalho de nos trazer comida duas vezes ao dia, então teremos que nos contentar em passar fome enquanto você corre pela cidade, Irmão Edwin!

— Não fiquem aborrecidos, Steinulv — disse o monge. — Venham aqui e cumprimentem Kristin. Vejam esta linda e doce menina que vai ficar e comer conosco hoje.

Ele explicou como Steinulv tinha adoecido a caminho de casa de uma feira e tinha conseguido permissão para ficar na hospedaria do claustro, pois ele tinha uma parente morando no hospício e ela era tão desagradável que ele não suportava estar lá com ela.

— Mas vejo claramente que logo vão se cansar de ter-me aqui — disse o camponês. — Quando partir de novo, Irmão Edwin, ninguém terá tempo para cuidar de mim, e eles certamente me mandarão de volta para o hospício.

— Oh, você estará bem e forte muito antes de eu terminar meu trabalho na igreja — disse Irmão Edwin. — Então seu filho virá buscá-lo. — Ele pegou um caldeirão de água quente da lareira e deixou Kristin segurá-lo enquanto cuidava de Steinulv. Depois disso, o velho homem se sentiu um pouco melhor e logo chegou um monge com comida e bebida para eles.

Irmão Edwin disse uma prece sobre a comida e se sentou na beira da cama ao lado de Steinulv para ajudá-lo a comer. Kristin foi até a mulher e deu de comer ao menino, pois ele era tão pequeno que não conseguia alcançar o prato de mingau e derramava em si mesmo quando tentava mergulhar na tigela de *ale*. A mulher era de Hadeland e tinha vindo aqui com o marido e os filhos para visitar o irmão dela, que era um monge no claustro. Mas ele estava viajando entre as paróquias do interior, e ela reclamava muito que tinham que ficar ali desperdiçando o tempo.

Irmão Edwin falou gentilmente com a mulher, dizendo que ela não deveria dizer que estava desperdiçando o tempo quando estava em

Hamar dos Bispos. Ali estavam todas as belas igrejas, e os monges e cônegos celebravam missas e cantavam o dia inteiro e a noite toda, e a cidade era bonita, mais bonita do que Oslo, embora fosse um pouco menor. Havia jardins em quase todas as casas.

— Você deveria ter visto quando cheguei aqui na primavera, estava branca de flores por toda a cidade. E depois, quando as roseiras bravas floresceram...

— Sim, e isso me serve de muita coisa agora — disse a mulher amargamente. — E aqui há mais lugares sagrados do que santidade, eu penso...

O monge riu um pouco e balançou a cabeça. Em seguida, ele remexeu na palha de sua cama e trouxe um punhado de maçãs e peras, que ele compartilhou entre as crianças. Kristin nunca tinha provado frutas tão boas. O suco escorria pelos cantos da boca a cada mordida que ela dava.

Mas agora Irmão Edwin precisava ir para a igreja, ele disse, e Kristin deveria ir com ele. O caminho deles cruzou o pátio em diagonal e, por uma pequena porta lateral, entraram no coro.

Ainda estavam construindo nessa igreja também, então aqui também havia um grande andaime no cruzamento entre a nave e os transeptos. O Bispo Ingjald estava melhorando e adornando o coro, disse Irmão Edwin — o bispo tinha grande riqueza, e todas as suas riquezas ele usava para a ornamentação das igrejas aqui na cidade; ele era um bispo nobre e um bom homem. Os Frades Pregadores no claustro de Olavo também eram bons homens, virtuosos, eruditos e humildes; era um claustro pobre, mas eles o haviam recebido muito bem — Irmão Edwin tinha seu lar no claustro dos Franciscanos em Oslo, mas tinha permissão para passar um tempo aqui na diocese de Hamar.

— Mas agora venha cá — disse ele, e levou Kristin até o pé do andaime. Primeiro ele subiu uma escada e colocou algumas tábuas lá em cima, e depois desceu novamente e ajudou a criança a subir com ele.

Na parede de pedra cinza acima dela, Kristin viu manchas de luz maravilhosamente cintilantes; vermelhas como sangue e amarelas como *ale*, azuis e marrons e verdes. Ela teria virado para olhar para trás, mas o monge sussurrou "Não se vire". Mas quando estavam juntos no alto da plataforma, ele a virou suavemente, e Kristin viu uma visão tão bela que quase perdeu o fôlego.

Bem em frente a ela, na parede sul da nave, havia uma imagem que brilhava como se fosse feita apenas de pedras preciosas brilhantes. As manchas de luz multicoloridas na parede vinham dos raios que se destacavam dessa imagem; eles mesmos e o monge estavam no meio da glória; suas mãos estavam vermelhas como se estivessem mergulhadas em vinho; o rosto do monge parecia todo dourado, e sua

túnica devolvia suavemente as cores da imagem. Ela olhou para cima para ele com uma expressão de questionamento, mas ele apenas assentiu e sorriu.

Era como estar longe e olhar para o reino celestial. Atrás de uma rede de riscas pretas, ela conseguia discernir aos poucos o próprio Senhor Cristo vestido na mais preciosa das túnicas vermelhas, a Virgem Maria em um vestido azul como o céu, santos e santas em roupas brilhantes de amarelo, verde e violeta. Eles estavam posicionados sob arcos e colunas de casas cintilantes, envoltos em ramos e folhagens brilhantes e estranhas.

O monge a levou um pouco mais para a frente na plataforma e sussurrou:

— Fique aqui e a luz brilhará diretamente em você a partir da própria túnica de Cristo.

Da igreja abaixo, chegou até eles um fraco odor de incenso e o cheiro de pedra fria. Estava escuro lá embaixo, mas os raios do sol entravam através de uma fileira de janelas na parede sul da nave. Kristin começou a entender que a imagem celestial devia ser uma espécie de vitral, pois preenchia exatamente uma dessas aberturas. As outras estavam vazias ou continham vidros com molduras de madeira. Um pássaro pousou em um parapeito da janela, piou um pouco e voou embora, e do lado de fora da parede do coro eles ouviram o som metálico batendo na pedra. Tudo mais estava silencioso; apenas o vento vinha em pequenas rajadas, suspirava suavemente em torno das paredes da igreja e depois se dissipava.

— Sim, sim — disse Irmão Edwin suspirando. — Ninguém aqui na terra consegue fazer algo assim. Eles pintam em vidro, é verdade, em Nidaros, mas não como isso. Mas lá nas terras do sul, Kristin, nas grandes catedrais, eles têm vitrais desse tipo, tão grandes quanto as portas da igreja aqui.

Kristin pensou nas imagens na igreja de sua cidade natal.

Havia o altar de Santo Olavo e o altar de São Tomás de Cantuária com imagens em seus painéis frontais e nos tabernáculos atrás — mas essas imagens lhes pareciam opacas e sem brilho agora que ela as recordava.

Desceram a escada e entraram no coro. Lá estava a mesa do altar, nua e despojada, e sobre a laje de pedra havia muitas caixas pequenas e cálices de metal, madeira e cerâmica; estranhos pequenos utensílios, facas e ferros, penas e pincéis estavam espalhados. Irmão Edwin disse que essas eram suas ferramentas; ele exercia as artes de pintar quadros e esculpir tabernáculos de altar, e os belos painéis que estavam ali perto dos bancos do coro eram obra dele. Eram para os retábulos aqui na igreja dos Frades Pregadores.

Kristin observou como ele misturava pós coloridos e os colocava em

pequenas xícaras de cerâmica, e ele a deixou ajudá-lo a levar as coisas até um banco junto à parede. Enquanto o monge ia de um painel para outro e pintava finas linhas vermelhas nos brilhantes cabelos dos santos, Kristin o seguiu de perto e observou, fazendo perguntas, e ele explicou o que estava pintando.

Em um dos painéis, Cristo estava sentado em uma cadeira de ouro, e São Nicolau e São Clemente estavam sob um teto a seu lado. E nos lados estava pintada a vida e as obras de São Nicolau. Em um lugar, ele estava deitado como um bebê no colo de sua mãe; ele se afastava do seio que ela lhe oferecia, pois era tão santo que desde o berço não queria mamar mais do que uma vez às sextas-feiras. Ao lado disso, havia uma imagem dele colocando bolsas de dinheiro na porta da casa onde moravam as três moças que eram tão pobres que não conseguiam encontrar maridos. Ela viu como ele curou a criança do cavaleiro romano e viu o cavaleiro navegando em um barco com o cálice falso em suas mãos. Ele havia prometido ao santo bispo um cálice de ouro que estava em sua casa há mil anos, como pagamento por trazer seu filho de volta à saúde. Mas ele estava determinado a enganar São Nicolau e dar a ele um cálice falso em vez disso; portanto, o menino caiu no mar com o verdadeiro cálice em suas mãos. Mas São Nicolau levou a criança ileso debaixo d'água e a colocou na praia, exatamente quando seu pai estava na igreja de São Nicolau oferecendo o vaso falso. Tudo estava pintado nos painéis em ouro e nas cores mais belas.

Em outro painel estava a Virgem Maria com o Menino Jesus em seu colo; ele apertava o queixo da mãe com uma mão e segurava uma maçã na outra. Ao lado deles estavam Santa Sunniva¹⁰ e Santa Cristina. Elas se curvavam graciosamente da cintura, seus rostos eram os mais belos de vermelho e branco, e tinham cabelos e coroas douradas.

¹⁰ Santa Sunniva é a santa padroeira da Igreja Norueguesa Diocese de Bjørgvin, bem como de toda a Noruega Ocidental. Sunniva era venerada ao lado de seu irmão Alban, que na tradição norueguesa era identificado com Saint Alban, o santo britânico da era romana. (N.T.)

Irmão Edwin se apoiou com a mão esquerda no pulso direito e pintou folhas e rosas nas coroas.

— O dragão me parece pequeno demais — disse Kristin, olhando para a imagem de sua santa homônima. — Não parece que poderia engolir a donzela.

— E de fato não poderia — disse Irmão Edwin. — Ele não era maior. Dragões e todas essas criaturas que servem ao diabo, parecem grandes apenas enquanto o medo está em nós. Mas se um homem buscar a Deus fervorosamente e com toda a sua alma, de modo que seu desejo alcance sua força, então o poder do diabo sofre imediatamente uma

grande queda, e seus instrumentos se tornam pequenos e impotentes... dragões e espíritos malignos minguem e se tornam não maiores do que duendes e gatos e corvos. Você vê que a montanha toda onde Santa Sunniva estava não é maior do que o suficiente para ser envolta na dobra de sua saia.

— Mas elas não estavam nas cavernas então — perguntou Kristin —, Santa Sunniva e os homens de Selje? Isso não é verdade?

O monge piscou para ela e sorriu novamente:

— mais fortes que o mundo, porque não o amavam. Mas se eles tivessem sabido, poderiam ter pegado todas as colinas e as arremessado ao mar como se fossem seixos. Ninguém, nem nada, pode nos prejudicar, criança, exceto aquilo que tememos ou amamos.

— Mas e se alguém não teme nem ama a Deus? — perguntou Kristin, apavorada.

O monge pegou o cabelo amarelo dela em sua mão, inclinou gentilmente a cabeça de Kristin para trás e olhou para o rosto dela; seus olhos estavam bem abertos e azuis.

— Não há homem nem mulher, Kristin, que não ame e tema a Deus, mas é porque nossos corações estão divididos entre o amor por Deus, o medo do diabo e a afeição pelo mundo e pela carne, que somos infelizes na vida e na morte. Pois se um homem não tivesse nenhum anseio por Deus e o ser de Deus, ele prosperaria no inferno, e seríamos apenas nós que não entenderíamos que lá ele havia obtido o que seu coração desejava. Pois ali o fogo não o queimaria se ele não andasse pelo frescor, nem sentiria o tormento da picada das serpentes se não conhecesse o anseio pela paz.

Kristin olhou para o rosto dele; ela não entendia nada disso. Irmão Edwin continuou:

— Foi a bondade amorosa de Deus para conosco que, vindo como nossos corações estão sendo arrancados, Ele desceu e habitou entre nós, para provar na carne as iscas do diabo quando ele nos atrai com poder e esplendor, bem como a ameaça do mundo quando nos oferece golpes e escárnio e pregos afiados nas mãos e pés. Desta forma, Ele nos mostrou o caminho e manifestou o Seu amor...

Ele olhou para o rosto sério da criança e, em seguida, riu um pouco e disse com uma voz completamente diferente:

— Sabe quem soube primeiro que nosso Senhor havia se feito nascer? Foi o galo; ele viu a estrela e então disse “todos os animais falavam latim naqueles dias; ele gritou: ‘*Christus natus est!*’”

Ele cacarejou essas últimas palavras tão parecido com um galo que Kristin caiu na gargalhada. E foi bom para ela rir, porque todas as coisas estranhas que Irmão Edwin acabara de dizer haviam colocado um fardo de reverência em seu coração.

O monge riu também:

— Sim, e quando o boi ouviu isso, ele começou a mugir: “*Ubi, ubi, ubi.*”

— Mas o bode baleou e disse: “*Betlem, Betlem, Betlem!*”

— E a ovelha ansiava tanto por ver Nossa Senhora e seu Filho que baliu imediatamente: “*Eamus, eamus!*”

— E o bezerro recém-nascido que estava deitado na palha se levantou e ficou de pé. “*Volo, volo, volo!*” — disse.

— Você nunca ouviu isso antes? Não, posso acreditar; eu sei que ele é um digno sacerdote, esse Sira Eirik que você tem por perto, e é culto; mas ele não sabe disso, eu garanto; pois um homem não aprende isso a menos que viaje para Paris...

— Você já esteve em Paris então? — perguntou a criança.

— Deus o abençoe, pequena Kristin, estive em Paris e viajei por outras partes do mundo também; e você não deve acreditar em nada além de que tenho medo do diabo, e amo e desejo como qualquer outro tolo. Mas eu me agarro à Cruz com toda a minha força... é preciso se agarrar a ela como um gatinho se agarra a uma viga quando cai no mar...

— E você, Kristin... como você gostaria de oferecer esse belo cabelo e servir Nossa Senhora como essas noivas que eu representei aqui?

— Em casa, não temos outra criança além de mim — respondeu Kristin. — Então, é provável que eu deva me casar. E imagino que minha mãe já tem baús e cofres com meu enxoval prontos desde já.

— Sim, sim — disse Irmão Edwin e acariciou a testa dela. — É assim que as pessoas tratam seus filhos agora. Para Deus, eles dão as filhas que são coxas, míopes, feias ou defeituosas, ou permitem que Ele tenha de volta as crianças quando acham que Ele lhes deu mais do que precisam. E depois eles se perguntam por que todos que vivem nos claustros não são homens e mulheres santos...

Irmão Edwin a levou até a sacristia e mostrou os livros do claustro que estavam lá em uma estante; havia as imagens mais belas neles. Mas quando um dos monges entrou, Irmão Edwin agiu como se estivesse apenas procurando uma cabeça de burro para copiar. Depois ele sacudiu a cabeça para si mesmo:

— Sim, aqui você vê o que o medo faz, Kristin... mas eles têm tanto medo de seus livros aqui na casa. Se eu tivesse a verdadeira fé e amor, não estaria aqui como estou, mentindo para Irmão Aasulv. Mas então eu poderia pegar estas antigas luvas de pele aqui e pendurá-las naquela viga de sol ali...

Ela almoçou com o monge na casa de hóspedes, mas pelo resto do dia ficou na igreja, observando seu trabalho e conversando com ele. E somente quando Lavrans veio buscá-la, ela e o monge lembraram da

mensagem que deveria ter sido enviada ao sapateiro.

Após essa experiência em Hamar, Kristin lembrava-se desses dias melhor do que de qualquer outra coisa que lhe acontecera na longa jornada. Oslo, de fato, era uma cidade maior do que Hamar, mas agora que ela tinha visto uma cidade de mercado, não lhe parecia tão notável. E ela não achava Skog tão bela quanto Jørundgaard, embora as casas fossem mais grandiosas — mas ela estava feliz por não ter que morar lá. A mansão ficava numa encosta; abaixo estava o Botnfjord, cinza e triste com a floresta escura, e na margem oposta e atrás das casas, a floresta erguia-se com o céu bem acima das copas das árvores. Não havia montanhas altas e íngremes como em casa, para elevar os céus acima e manter a visão protegida e limitada, para que o mundo não parecesse nem muito grande, nem muito pequeno.

A viagem de volta foi fria; já era quase o Advento; mas, quando chegaram um pouco mais acima do Vale, a neve estava lá, e assim eles pegaram trenós emprestados e seguiram a maior parte do caminho dessa forma.

Quanto aos negócios das propriedades, aconteceu que Lavrans passou Skog para seu irmão Aasmund, mantendo o direito de resgate para si e seus herdeiros.

CAPÍTULO 3

NA PRIMAVERA após a longa jornada de Kristin, Ragnfrid deu à luz outro filho para seu marido. Ambos o pai e a mãe tinham desejado que fosse um filho, mas logo se consolaram e foram preenchidos com o mais terno amor pela pequena Ulvhild. Ela era uma criança muito bela, saudável, boa, feliz e quieta. Ragnfrid estava tão encantada com a nova bebê que continuou amamentando-a durante o segundo ano de sua vida; por isso, seguindo o conselho de Sira Eirik, ela relaxou um pouco seus jejuns rigorosos e exercícios religiosos enquanto amamentava a criança. Por causa disso e por sua alegria em Ulvhild, sua vitalidade voltou, e Lavrans pensou que nunca havia visto sua esposa tão feliz, tão bela e gentil em todos os anos de casamento.

Kristin também sentiu que uma grande felicidade tinha vindo com essa delicada irmãzinha. Que o humor pesado de sua mãe criava um silêncio ao seu redor, nunca passou por seus pensamentos; ela achava que era como deveria ser, sua mãe a corrigindo e repreendendo, enquanto seu pai brincava e fazia gracejos com ela. Mas Ragnfrid estava muito mais gentil com ela agora e lhe dava mais liberdade; a

acariciava mais também; e assim, Kristin pouco se importava que sua mãe tivesse menos tempo para cuidar dela. Ela amava Ulvhild tanto quanto os outros e ficava feliz quando a deixavam carregar ou balançar a irmãzinha, e com o tempo havia ainda mais diversão com a pequena quando ela começou a engatinhar, andar e falar, e Kristin podia brincar com ela.

Assim se passaram três bons anos para os habitantes de Jørundgaard. A sorte estava do lado deles de muitas maneiras, e Lavrans construiu e melhorou ao redor do solar, pois os prédios e estábulos eram velhos e pequenos quando ele chegou ali — os Gjeslings tinham arrendado o lugar por mais de uma vida.

Aconteceu na Pentecostes do terceiro ano que Trond Ivarsön de Sundbu, com sua esposa Gudrid e seus três filhos pequenos, vieram visitá-los em Jørundgaard. Certa manhã, os mais velhos estavam sentados conversando na sacada do quarto do sótão enquanto as crianças brincavam no pátio abaixo. No pátio, Lavrans havia começado a construir uma nova casa, e as crianças estavam escalando e se movendo pela madeira reunida para a construção. Um dos meninos Gjesling tinha atacado Ulvhild e a fez chorar; e foi então que Trond desceu e deu um tapa em seu filho, e pegou Ulvhild em seus braços. Ela era a criança mais bela e doce que os olhos de um homem poderiam ver, e seu tio tinha muito amor por ela, embora não se importasse muito com crianças.

Nesse momento, veio um homem através do pátio vindo do curral, puxando um grande touro negro; mas o touro estava furioso e incontrollável e se soltou do homem. Trond pulou em cima do monte de madeira, fazendo com que as crianças maiores subissem à sua frente, mas ele tinha Ulvhild em seus braços e o filho mais novo pela mão. Então uma viga virou debaixo de seus pés e Ulvhild escapou de sua mão e caiu no chão. A viga escorregou atrás dela, rolou sobre a criança e ficou sobre suas costas.

Lavrans desceu da sacada no mesmo instante; ele correu para cima e estava prestes a levantar a viga quando o touro correu em sua direção. Ele tentou agarrá-lo pelos chifres, mas foi jogado no chão e chifrado. Mas depois de conseguir agarrar suas narinas, ele meio que se levantou do chão e conseguiu segurar o animal até que Trond recuperasse os sentidos de seu atordoamento e os servos da fazenda, correndo das casas, lançassem cordas ao redor do animal e o segurassem.

Ragnfrid estava de joelhos tentando levantar a viga; e agora Lavrans

conseguiu aliviá-la o suficiente para que ela pudesse tirar a criança de baixo e colocá-la em seu colo. A pequena chorava pungentemente quando a tocavam, mas sua mãe soluçava em voz alta:

— Ela está viva, graças a Deus, ela está viva!

Foi um grande milagre que a criança não tivesse sido completamente esmagada; mas a tora tinha caído de maneira que repousava com uma das pontas sobre uma pedra na grama. Quando Lavrans se levantou novamente, sangue escorria dos cantos de sua boca, e suas roupas estavam todas rasgadas no peito pelos chifres do touro.

Tordis veio correndo com um cobertor de pele; cautelosamente ela e Ragnfrid moveram a criança para cima dele, mas parecia que ela sofria uma dor insuportável ao menor toque. Sua mãe e Tordis a levaram para o quarto de inverno.

Kristin ficou de pé sobre a pilha de madeira, branca e imóvel, enquanto os meninos pequenos se agarravam a ela chorando. Todos os habitantes da casa e da fazenda estavam agora aglomerados no pátio, as mulheres chorando e lamentando. Lavrans os mandou selar Guldveinen e outro cavalo também; mas quando Arne chegou com os cavalos, Lavrans caiu no chão quando tentou subir no selim. Então ele mandou Arne ir buscar o padre, enquanto Halvdan foi para o sul em busca de uma parteira que morava perto da confluência dos rios.

Kristin viu que seu pai estava branco como giz, e que havia sangrado até que suas roupas azul-claro estavam cobertas de manchas marrons-avermelhadas. De repente, ele ficou de pé, arrancou um machado de um dos homens e avançou onde alguns dos empregados da fazenda seguravam o touro. Ele golpeou o animal entre os chifres com o lado de trás do machado — ele caiu de joelhos; mas Lavrans não parou de golpear até que seu sangue e cérebro estivessem espalhados por todo lado. Então um acesso de tosse o pegou e ele caiu para trás no chão. Trond e outro homem foram até ele e o levaram para dentro da casa.

Com isso, Kristin pensou que seu pai estava certamente morto; ela gritou alto e correu atrás, chamando por ele como se seu coração estivesse se partindo.

Na sala de inverno, Ulvhild havia sido colocada na grande cama — todos os travesseiros foram jogados no chão, para que a criança deitasse plana. Era como se ela já estivesse estendida sobre a palha morta. Mas ela chorava alto e sem parar, e sua mãe estava inclinada sobre ela, acalmando e acariciando a criança, desesperada de tristeza

por não poder fazer nada para ajudá-la.

Lavrans estava deitado na outra cama: ele se levantou e cambaleou pelo chão para confortar sua esposa. Com isso, ela se levantou de um salto e gritou:

— Não me toque, não me toque! Jesus, Jesus... seria mais provável que você me atingisse até a morte... nunca vai acabar, a desgraça que trago sobre você...

— Você? Querida esposa, não é você quem trouxe isso para nós — disse Lavrans, e pôs a mão em seu ombro. Ela estremeceu com isso, e seus olhos cinza-claros brilharam em seu rosto magro e amarelado.

— Sem dúvida ela quer dizer que foi minha culpa — disse Trond Ivarsön rudemente.

Sua irmã olhou para ele com ódio nos olhos, e respondeu:

— Trond sabe o que eu quero dizer.

Kristin correu na direção de seus pais, mas ambos a empurraram para longe deles, e Tordis, entrando com um balde de água quente, a pegou suavemente pelo ombro e disse, "Vá... vá para nossa casa, Kristin; você está atrapalhando aqui."

Tordis estava para cuidar do ferimento de Lavrans — ele se sentou no degrau antes da cama — mas ele disse que não havia muito com o que se preocupar:

— Mas não há nada que você possa fazer para aliviar um pouco a dor de Ulvhild? Meu Deus, o choro dela moveria até as pedras do lado da montanha!

— Não; não ousamos tocá-la antes que o padre ou Ingegjerd, a parteira, chegue — disse Tordis.

Arne chegou naquele momento com a notícia de que Sira Eirik não estava em casa. Ragnfrid ficou por um tempo torcendo as mãos. Então ela disse:

— Mande chamar a Fru¹¹ Aashild de Haugen! Nada mais importa agora, desde que Ulvhild possa ser salva...

Ninguém prestou atenção em Kristin. Ela se encolheu no banco atrás da cabeceira da cama, agachou-se e apoiou a cabeça nos joelhos.

¹¹ A palavra "Fru" é um termo norueguês que é uma forma de tratamento respeitosa usada antes do nome de uma mulher casada ou uma senhora mais velha. Em contextos formais, é semelhante a usar "Senhora" ou "Dona" em português antes do nome da pessoa para indicar respeito e formalidade. (N.T.)

Agora parecia a ela como se mãos de pedra estivessem pressionando seu coração. Iriam buscar a Fru Aashild! Sua mãe nunca teria mandado chamar a Fru Aashild, mesmo quando ela mesma estava à

beira da morte no nascimento de Ulvhild, nem mesmo quando Kristin estava tão doente de febre. Diziam que ela era uma bruxa, o povo falava — o bispo de Oslo e o capelão tinham a julgado; e ela teria sido condenada à morte ou mesmo queimada, se não fosse por ser de tão alta linhagem e ter sido como uma irmã para a Rainha Ingebjörg — mas o povo dizia que ela havia envenenado o primeiro marido, e a ele, Sir Bjørn, o havia atraído por feitiçaria; ele era jovem o suficiente para ser seu filho. Ela também tinha filhos, mas eles nunca vinham visitar a mãe, e esses dois nobres, Bjørn e Aashild, viviam em uma fazendinha em Dovre, e haviam perdido toda a sua riqueza. Nenhum dos grandes do Vale queria ter algo a ver com eles, mas, secretamente, o povo buscava seu conselho — não, os pobres iam abertamente a ela com seus problemas e feridas; diziam que ela era bondosa, mas também a temiam.

Kristin achava que sua mãe, que sempre rezava tanto, deveria antes chamar por Deus e pela Virgem agora. Ela tentou rezar por si mesma — principalmente para Santo Olavo, pois sabia que ele era tão bom e ajudava tantos que sofriam de doenças e ferimentos ou ossos quebrados. Mas não conseguia manter seus pensamentos juntos.

Seu pai e sua mãe estavam sozinhos no quarto agora. Lavrans tinha se deitado novamente em sua cama, e Ragnfrid estava sentada dobrada sobre a criança doente, passando, de vez em quando, um pano úmido sobre sua testa e mãos, e molhando seus lábios com vinho.

Muito tempo passou. Tordis olhava de tempos em tempos, e gostaria de ter ajudado, mas Ragnfrid mandava sair todas as vezes. Kristin chorava silenciosamente e rezava para si mesma, mas o tempo todo pensava na bruxa e esperava ansiosamente vê-la entrar.

De repente, Ragnfrid perguntou no silêncio: — Está dormindo, Lavrans?

— Não — respondeu o marido. — Estou ouvindo

Ulvhild. Deus certamente ajudará Sua inocente cordeirinha, esposa... não ousamos duvidar disso. Mas é cansativo ficar aqui esperando...

— Deus — disse Ragnfrid, desesperada —, me odeia por meus pecados. Está bem com meus filhos, onde quer que estejam, não duvido disso, e agora parece que a hora de Ulvhild também chegou... mas Ele me rejeitou, pois meu coração é um ninho de víboras, cheio de pecado e tristeza...

Então alguém levantou a tranca — Sira Eirik entrou, endireitou seu

enorme corpo onde estava e disse com sua voz clara e profunda:

— Deus ajude a todos nesta casa!

O padre colocou a caixa com seus medicamentos no degrau diante da cama e foi até a lareira aberta e derramou água quente sobre as mãos. Então ele pegou uma cruz de seu peito, a estendeu para os quatro cantos do quarto e murmurou algo em latim. Em seguida, abriu a chaminé para que a luz pudesse entrar no quarto, e foi olhar para Ulvhild.

Kristin ficou com medo de que ele a encontrasse e a mandasse embora — não era comum que os olhos de Sira Eirik deixassem muito escapar. Mas o padre não se virou. Pegou uma garrafa na caixa, despejou um pouco em uma almofada de lã finamente cardada e a colocou sobre a boca e o nariz de Ulvhild.

— Agora ela logo sofrerá menos — disse o padre. Ele foi até Lavrans e cuidou de seus ferimentos, enquanto contavam como o acidente havia acontecido. Lavrans tinha duas costelas quebradas e um ferimento nos pulmões; mas o padre achava que para ele não havia grande temor.

— E Ulvhild? — perguntou o pai temerosamente. — Vou lhe dizer quando a tiver examinado mais de perto — respondeu o padre —; mas você deve ficar no sótão, para que haja mais tranquilidade e espaço aqui para aqueles que devem cuidar dela. — Ele colocou o braço de Lavrans em volta de seu próprio ombro, segurou firmemente por baixo do homem e o levou para fora. Kristin teria gostado de ir com seu pai agora, mas não ousou se mostrar.

Quando Sira Eirik voltou, ele não falou com Ragnfrid, mas primeiro cortou as roupas de Ulvhild, que agora gemia menos e parecia meio adormecida. Então, com cuidado, ele sentiu com as mãos o corpo e os membros da criança.

— Está tão mal com minha filha, Eirik, que você não sabe como salvá-la, já que não diz nada — murmurou Ragnfrid em voz baixa.

O padre respondeu baixo:

— Parece que as costas dela estão gravemente feridas, Ragnfrid; não vejo outro jeito senão deixar tudo nas mãos de Deus e de Santo Olavo... não há muito que eu possa fazer.

— Então devemos rezar — chorou a mãe apaixonadamente —: Você sabe bem que Lavrans e eu lhe daremos tudo o que pedir, e não pouparemos nada se suas orações puderem convencer Deus a conceder que Ulvhild viva.

— Pareceria a mim um milagre — disse o padre —, se ela viver e recuperar sua saúde.

— E não é de milagres que você prega de manhã à noite? Não acredita que um milagre possa acontecer com minha filha — ela disse, tão descontrolada quanto antes.

— É verdade — respondeu o padre —, que milagres acontecem; mas Deus não atende as orações de todos... não conhecemos o Seu conselho secreto. E você não pensa, seria pior ainda se esta bela menininha crescesse deformada ou aleijada?

Ragnfrid balançou a cabeça. Ela chorou baixinho:

— Perdi tantos, padre: não posso perdê-la também!

— Fique com Deus, Ragnfrid Ivarsdatter — disse Sira Eirik, e balançou a cabeça. — Em todas as suas orações e jejuns, você só pensou em impor sua vontade a Deus. Pode se perguntar por que isso ajudou tão pouco?

Ragnfrid olhou desafiadoramente para o padre, e disse:

— Eu mandei chamar a Fru Aashild agora mesmo.

— Sim, você a conhece; eu não a conheço — respondeu o padre.

— Não posso viver sem Ulvhild — disse Ragnfrid como antes. — Se Deus não quiser ajudá-la, buscarei conselho da Fru Aashild, ou até mesmo me darei ao diabo se ele ajudar!

O padre parecia que responderia asperamente, mas se conteve novamente. Ele se inclinou e sentiu os membros da pequena doente mais uma vez:

— As mãos e os pés dela estão frios — disse ele. — Devemos colocar frascos de água quente ao redor dela... e então você não deve tocá-la mais até que a Fru Aashild chegue.

Kristin se deixou afundar silenciosamente no banco e ficou como se estivesse dormindo. Seu coração batia forte de medo — ela havia entendido pouco da conversa entre Sira Eirik e sua mãe, mas aquilo a havia assustado terrivelmente, e a criança sabia bem que não era para seus ouvidos.

Sua mãe se levantou para buscar os frascos de água quente; e de repente ela começou a soluçar:

— Mas ainda assim ore por nós, Sira Eirik.

Logo depois ela voltou com Tordis. Então o padre e as mulheres ocuparam-se de Ulvhild, e em breve Kristin foi encontrada e mandada embora.

A luz a ofuscou quando ela ficou do lado de fora no pátio. Ela pensava que a maior parte do dia já deveria ter passado enquanto estava sentada na sala escura de inverno, e no entanto as casas estavam lá, cinza-claras, e a grama brilhava como seda sob o sol branco do meio-dia. O rio brilhava por trás da treliça dourada e marrom dos arbustos de amieiros — ele enchia o ar com o som alegre de seu murmúrio,

pois aqui, perto de Jørundgaard, corria rapidamente sobre um leito plano coberto de pedras. As paredes da montanha se erguiam na fina bruma azul, e os riachos desciam por seus lados através das neves derretidas. A doce e vigorosa primavera do lado de fora a fez chorar, de tristeza pela impotência que sentia ao seu redor.

Não havia ninguém no pátio, mas ela ouviu vozes na casa dos servos. Terra fresca havia sido espalhada sobre o local onde seu pai havia matado o touro. Ela não sabia o que fazer consigo mesma — então se escondeu atrás da parede da nova casa — já haviam sido colocados dois cursos de toras. Dentro estavam os brinquedos de Ulvhild e os seus; ela os juntou todos e os colocou em um buraco entre a tora mais baixa e o alicerce. Ultimamente Ulvhild queria todos os seus brinquedos; isso às vezes a chateava. Agora ela pensou, se sua irmã ficasse bem, daria a ela tudo o que tinha. E esse pensamento a consolou um pouco.

Ela pensou no monge em Hamar — ele tinha certeza de que milagres poderiam acontecer para todos. Mas Sira Eirik não estava tão certo disso, nem seus pais, e ela estava acostumada a pensar como eles. Um peso pesado caiu sobre ela quando lhe ocorreu pela primeira vez que as pessoas podiam pensar tão diferente sobre tantas coisas — não apenas homens maus e ímpios e homens bons, mas homens como o Irmão Edwin e Sira Eirik — mesmo sua mãe e seu pai: ela sentiu de repente que eles também não pensavam da mesma forma sobre muitas coisas...

Tordis a encontrou lá no canto, adormecida, tarde da noite, e a levou para sua própria casa; a criança não havia comido nada desde a manhã. Tordis vigiou com Ragnfrid ao lado de Ulvhild durante a noite, e Kristin dormiu na cama de Tordis com Jon, o marido de Tordis, e Eivind e Orm, seus filhos pequenos. O cheiro de seus corpos, o ronco do homem e a respiração regular das crianças fizeram Kristin chorar silenciosamente. Não fazia muito tempo desde ontem à noite que ela havia deitado, como todas as noites de sua vida antes, ao lado de seu próprio pai e mãe e da pequena Ulvhild — era como se um ninho tivesse sido desfeito e espalhado e ela mesma estivesse jogada para fora do abrigo das asas que sempre a mantinham aquecida. Por fim, chorou até adormecer, sozinha e infeliz entre essas pessoas estranhas.

Na manhã seguinte, assim que se levantou, ouviu dizer que o tio de sua mãe e todo o seu grupo haviam deixado o lugar — em raiva; Trond havia chamado sua irmã de tola, uma mulher louca, e seu cunhado de um simplório que nunca soubera como governar sua esposa. Kristin ficou quente de raiva, mas também se envergonhou — ela compreendeu muito bem que uma coisa muito imprópria havia

acontecido, já que sua mãe havia expulsado seus parentes mais próximos de casa. E pela primeira vez ela sentiu vagamente que havia algo sobre sua mãe que não estava como deveria ser — que ela não era igual às outras mulheres.

Enquanto ela ficava pensando nisso, uma criada veio e disse que ela deveria subir para o quarto no sótão para ver o pai.

Mas quando ela entrou no quarto, Kristin esqueceu de olhar para ele, pois bem em frente à porta aberta, com a luz batendo diretamente em seu rosto, estava sentada uma mulherzinha que ela imaginou ser a bruxa. E no entanto, Kristin nunca imaginou que ela se pareceria assim.

Ela parecia pequena como uma criança e de constituição delicada, sentada na grande poltrona com encosto alto que havia sido trazida até ali. Uma mesa havia sido posta diante dela, coberta com o mais fino e franjado pano de mesa de linho de Ragnfrid. Bacon e aves estavam dispostos em um prato de prata; havia vinho em uma tigela de madeira e ela tinha o próprio cálice de prata de Lavrans para beber. Ela tinha acabado de comer e estava ocupada secando suas mãos pequenas e delicadas em uma das melhores toalhas de mão de Ragnfrid. Ragnfrid mesma estava em pé na frente dela, segurando para ela uma bacia de latão com água.

A Fru Aashild deixou a toalha de mão afundar no colo; ela sorriu para a criança e disse com uma voz clara e adorável:

— Venha até mim, criança! — Depois, para a mãe —: São crianças lindas que você tem, Ragnfrid.

O rosto dela estava muito enrugado, mas tão claro branco e rosado como o de uma criança, e parecia que sua pele devia ser tão macia e fina ao toque. Sua boca estava tão vermelha e fresca quanto a de uma jovem, e seus grandes olhos cor de avelã brilhavam intensamente. Um belo lenço de linho branco ficava próximo ao seu rosto e estava preso sob o queixo com um broche dourado; sobre ele, ela tinha um véu de lã macia, azul-escuro; caía sobre seus ombros e muito abaixo de seu vestido escuro e bem ajustado. Ela estava reta como uma vara, e Kristin sentiu mais do que pensou que nunca havia visto uma mulher tão bela e tão educada como esta velha bruxa, com quem os grandes da região não queriam nada.

A Fru Aashild segurou a mão de Kristin na dela, e falou com ela com brincadeiras gentis; mas Kristin não conseguiu dizer uma palavra.

Então a Fru Aashild disse com uma pequena risada:

— Ela tem medo de mim, você acha?

— Não, não — Kristin quase gritou. E então a Fru Aashild riu ainda mais, e disse para a mãe:

— Ela tem olhos sábios, esta sua filha, e boas mãos fortes, e não está acostumada a ficar parada, posso ver. Você vai precisar de alguém mais tarde para ajudar a cuidar de Ulvhild, quando eu não estiver mais aqui. Seria bom, portanto, que você deixasse Kristin ficar comigo e ajudar enquanto estou aqui... ela já tem idade suficiente para isso; onze anos, não é?

Depois disso, a Fru Aashild saiu, e Kristin teria seguido atrás dela, mas Lavrans a chamou de sua cama. Ele estava deitado de costas com os travesseiros enfiados sob os joelhos; a Fru Aashild havia ordenado que ele deitasse assim, para que o ferimento em seu peito pudesse cicatrizar mais rápido.

— Agora com certeza você logo estará bem, senhor pai, não é mesmo? — perguntou Kristin.

Lavrans a olhou — a criança nunca o chamara de "senhor" antes. Então ele disse gravemente:

— Para mim não há nada a temer; é pior com sua irmã.

— Sim — disse Kristin, e suspirou.

Ela ficou ainda um pouco de pé ao lado de sua cama. Seu pai não disse mais nada, e Kristin não encontrou nada para dizer. E quando Lavrans depois de um tempo disse que ela deveria descer para sua mãe e Fru Aashild, Kristin saiu apressada e correu pelo pátio até chegar à sala de inverno.

CAPÍTULO 4

FRU AASHILD PERMANECEU em Jørundgaard durante a maior parte do verão. Assim aconteceu que as pessoas vinham até ela buscando seu conselho. Kristin ouviu Sira Eirik mencionar isso de vez em quando, e lhe ocorreu que seus pais também não estavam satisfeitos. No entanto, ela afastou todos os pensamentos sobre tais coisas, nem ponderou sobre o que pensava da Senhora Aashild, mas esteve sempre com ela, sem se cansar de ouvir a dama e observá-la.

Ulvhild ainda jazia deitada de costas na grande cama. Seu rostinho estava pálido até os lábios, e anéis escuros haviam surgido ao redor de seus olhos. Seus cabelos loiros e adoráveis tinham um cheiro desagradável, pois estavam sem lavar por tanto tempo, e tinham escurecido e perdido todo o brilho e cachos, parecendo feno velho queimado. Ela parecia cansada, sofredora e paciente, mas sorria fracamente para a irmã quando Kristin se sentava à beira da cama e tagarelava, mostrando à criança todos os belos presentes que havia para ela do pai, da mãe e de amigos e parentes de longe. Havia

bonecas, pássaros e animais de madeira, um pequeno tabuleiro de xadrez, bugigangas, gorros de veludo e fitas coloridas; Kristin os guardava todos juntos em uma caixa para ela — e Ulvhild olhava para todos com seus olhos sérios e, suspirando, deixava as preciosidades caírem de suas mãos cansadas.

Mas quando a Senhora Aashild se aproximava, o rosto de Ulvhild se iluminava de alegria. Ela bebia ansiosamente as bebidas refrescantes e sonolentas que Fru Aashild preparava para ela; quando Fru Aashild cuidava de seus fermentos, ela não reclamava, e ficava feliz ouvindo quando a dama tocava a harpa de Lavrans e cantava — ela tinha muitas baladas estranhas para os habitantes do vale.

Muitas vezes ela cantava para Kristin quando Ulvhild estava dormindo. E então, às vezes, contava sobre sua juventude, quando morava no Sul, nas cortes do Rei Magnus e do Rei Eirik e de suas rainhas.

Uma vez, enquanto estavam assim e a Senhora Aashild contava essas coisas, escapou dos lábios de Kristin um pensamento que ela frequentemente tivera em mente:

— Acho estranho que você possa estar tão feliz o tempo todo, você que estava acostumada a... — ela parou e ficou vermelha.

A Senhora Aashild olhou para a criança com um sorriso:

— Você quer dizer porque estou separada de tudo isso agora? — Ela riu baixinho e disse: — Eu tive meu tempo feliz, Kristin, e não sou tão tola a ponto de murchar, se agora, depois de ter bebido meu vinho e *ale*, tenho que me contentar com leite coalhado e azedo. Os dias bons podem durar muito se alguém viver sabiamente e lidar cautelosamente com o que tem; todos os sábios sabem disso, e é por isso, eu acredito, que as pessoas sábias devem se contentar com os dias bons... pois os melhores dias de todos custam muito caro. Neste mundo, chamam de tolo aquele que desperdiça sua herança para se divertir nos dias de sua juventude. Sobre isso, cada um pode pensar como quiser. Mas só chamo de tolo e um verdadeiro tolo quem lamenta sua escolha depois de feita; e duas vezes um simplório e um tolo de tolos é aquele que pensa ver mais de seus companheiros de farra depois que sua herança se foi... Há algo errado com Ulvhild? — ela falou gentilmente para Ragnfrid, que fez um movimento brusco onde estava sentada ao lado da cama da criança.

— Não, ela está dormindo bem — disse a mãe da criança e foi até Fru Aashild e Kristin na lareira. Com as mãos no poste da chaminé, ela ficou olhando para o rosto de Fru Aashild.

— Kristin não entende essas coisas — ela disse.

— Não — respondeu a Senhora. — Mas ela aprendeu suas orações também, não duvido, antes de entendê-las. Nos momentos em que precisamos de orações ou conselhos, dificilmente estamos dispostos a aprender, nem mesmo a entender.

Ragnfrid franziu as sobrancelhas escuras pensativamente. Nessas horas, seus olhos brilhantes e profundos pareciam celeiros abaixo de uma encosta arborizada escura, como Kristin costumava pensar quando era pequena — ou como ela ouvira dizer aos outros. A Senhora Aashild olhou para Ragnfrid com seu meio sorriso, e a mãe se sentou na beira da lareira, pegando um graveto e o enfiando nas brasas.

— Mas quem desperdiçou sua herança com as mercadorias mais desgraçadas... e depois vê um tesouro que daria sua vida para possuir... você não acha que ele deve lamentar amargamente sua própria tolice?

— Nada se faz sem algum arrependimento, Ragnfrid — disse a Senhora Aashild. — E quem está disposto a dar sua vida, deve arriscar e ver o que pode ganhar...

Ragnfrid arrancou o graveto ardente do fogo, apagou a chama e dobrou a mão em torno da ponta incandescente, de modo que brilhava vermelho sangue entre seus dedos.

— Oh! Estas são palavras, palavras e apenas palavras, Fru Aashild.

— Bem — disse a outra —, verdadeiramente, Ragnfrid, não há muito que valha a pena comprar tão caro como com a própria vida.

— Não, mas há — disse Ragnfrid apaixonadamente, e sussurrou de modo que mal podia ser ouvida: — Meu marido.

— Ragnfrid — disse a Senhora Aashild em voz baixa: — Muitas donzelas pensaram assim quando tentaram amarrar um homem a elas e deram sua virgindade para fazê-lo. Mas você não leu sobre homens e mulheres que deram a Deus tudo o que possuíam, entraram num claustro ou nus nas selvas, e se arrependeram depois. Sim, eles são chamados de tolos nos livros piedosos. E seria pecaminoso pensar que Deus os enganou sobre sua escolha.

Ragnfrid ficou quieta por um tempo. Então, a Senhora Aashild disse:

— Agora você deve vir, Kristin; está na hora de irmos colher o orvalho para a lavagem matinal de Ulvhild.

Fora do pátio, tudo estava preto e branco à luz da lua. Ragnfrid foi com elas, através do quintal, até o portão do jardim de repolhos. Kristin viu a figura magra e escura de sua mãe apoiada ali, enquanto ela sacudia o orvalho das grandes folhas de repolho geladas e as pregas dos mantos da dama, para o cálice de prata de seu pai.

Fru Aashild caminhava silenciosamente ao lado de Kristin. Ela estava

lá apenas para vigiá-la, pois não era bom deixar uma criança sair sozinha em uma noite como aquela. Mas o orvalho tinha mais virtude se colhido por uma donzela inocente.

Quando voltaram para o portão, Ragnfrid tinha desaparecido. Kristin tremia de frio enquanto entregava o cálice de prata gelado nas mãos da Fru Aashild. Ela correu com os sapatos molhados em direção ao quarto do sótão, onde dormia agora com seu pai. Ela tinha o pé no primeiro degrau quando Ragnfrid saiu da sombra da varanda. Em suas mãos, ela carregava uma tigela fumegante.

— Aqui, eu esquentei um pouco de *ale* para você, filha — disse a mãe. Kristin agradeceu à mãe alegremente e levou a tigela aos lábios. Então Ragnfrid perguntou:

— Kristin... as orações e todas as outras coisas que Fru Aashild ensina a você... você tem certeza de que não há nada pecaminoso ou ímpio nelas?

— Isso eu nunca poderia acreditar — respondeu a criança. — Tem o nome de Jesus e da Virgem Maria, e os nomes dos Santos em todas elas.

— O que ela ensina a você — perguntou novamente sua mãe.

— Oh!... sobre ervas... e encantamentos para parar sangramentos e curar verrugas e olhos doloridos... e traças em roupas e ratos na despensa. E que ervas se deve colher ao sol e quais têm virtude na chuva... Mas as orações não devo contar a ninguém, senão perdem seu poder — disse ela rapidamente.

Sua mãe pegou a tigela vazia e a colocou no degrau. Então, de repente, ela jogou os braços em volta da filha, apertou-a fortemente e a beijou. Kristin sentiu que as bochechas de sua mãe estavam molhadas e quentes:

— Que Deus e Nossa Senhora te guardem e protejam de todo mal... não temos mais nada além de você, seu pai e eu, que não foi tocado pela nossa má sorte. Querida, querida... nunca se esqueça de que você é a alegria mais querida de seu pai...

Ragnfrid voltou para o quarto de inverno, se despiu e se deitou ao lado de Ulvhild. Ela colocou um braço ao redor da criança e encostou a bochecha perto do corpo pequeno, para que sentisse o calor do corpo de Ulvhild e o cheiro agudo de seu cabelo molhado. Ulvhild dormia pesada e profundamente, como sempre fazia após o elixir da noite da Fru Aashild. Havia um aroma reconfortante da grama de Nossa Senhora espalhado sob o lençol. No entanto, Ragnfrid deitou-se lá por um longo tempo, incapaz de dormir, e ficou olhando para o pequeno raio de luz no teto onde a lua brilhava no vidro de chifre da saída de fumaça.

No outro leito, estava Fru Aashild, mas Ragnfrid nunca soube se ela

dormia ou estava acordada. A dama nunca falava sobre o fato de terem se conhecido em dias anteriores — isso assustava Ragnfrid. E parecia para ela que nunca tinha conhecido uma tristeza tão amarga e um medo tão persistente como agora — mesmo sabendo que Lavrans recuperaria sua plena saúde — e que Ulvhild viveria.

Parecia que Fru Aashild se alegrava em conversar com Kristin, e a cada dia que passava, a criada se tornava uma melhor amiga dela. Um dia, quando foram colher ervas, sentaram-se juntas no alto da encosta, em um pequeno espaço verde, perto da árvore. Podiam olhar para baixo no pátio da fazenda em Formo e ver o gibão vermelho de Arne Gyrðson: ele tinha descido o vale com elas e ficaria de olho nos cavalos enquanto estavam na encosta procurando ervas.

Enquanto estavam sentadas, Kristin contou a Fru Aashild sobre seu encontro com a donzela anã. Ela não tinha pensado nisso por muitos anos, mas agora surgiu diante dela. E enquanto falava, veio-lhe estranhamente o pensamento de que havia alguma semelhança entre Fru Aashild e a Donzela-elfa — embora ela soubesse o tempo todo que elas não eram realmente parecidas. Mas quando ela contou tudo, Fru Aashild ficou quieta por um tempo e olhou para o vale; por fim, ela disse:

— Foi sábia em fugir, já que era apenas uma criança na época. Mas você nunca ouviu falar de pessoas que aceitaram o ouro que os anões ofereciam e, depois, prenderam o troll em pedra?

— Já ouvi contos assim — disse Kristin —, mas eu nunca teria coragem de fazer isso. E acho que não é uma ação justa.

— É bom quando não se tem coragem de fazer o que não se acha justo — disse Fru Aashild, rindo um pouco. — Mas não é tão bom quando se pensa que algo não é justo porque não se tem coragem de fazê-lo. Você cresceu muito neste verão — disse a Fru de repente. — Você se reconhece, eu me pergunto, que está prestes a se tornar bela?

— Sim — disse Kristin. — Dizem que sou parecida com meu pai. Fru Aashild riu silenciosamente.

— Sim, seria melhor para você se assemelhasse a Lavrans tanto na mente quanto no corpo. No entanto, seria uma pena se a casassem aqui no vale. A simplicidade e os modos do campo não devem ser desprezados, mas esses grandes nobres daqui pensam, eles mesmos, que são tão finos que seu igual não se encontra em toda a Noruega. Eles devem se surpreender muito, talvez, de eu poder viver e prosperar mesmo que fechem suas portas para mim. Mas são

preguiçosos e orgulhosos e não querem aprender novos modos... e colocam a culpa na antiga disputa com o Rei nos dias de Sverre. São todas mentiras; o antepassado de sua mãe fez as pazes com o Rei Sverre e recebeu presentes dele; mas se o irmão de sua mãe se tornasse um dos homens do nosso Rei e esperasse em sua corte, ele teria que se arrumar por fora e por dentro, e Trond não se daria ao trabalho de fazer isso. Mas você, Kristin, deveria se casar com um homem criado em modos cavaleiros e cortesia...

Kristin ficou olhando para baixo, para o pátio de Formo, para as costas vermelhas de Arne. Ela mal percebeu, mas quando Fru Aashild falava do mundo em que ela já tinha vivido, Kristin sempre pensava nos cavaleiros e condes com a semelhança de Arne. Antes, quando era pequena, ela sempre os via na forma de seu pai.

— Meu sobrinho, Erlend Nikulaussøn de Husaby, ele teria sido um noivo adequado para você. Ele cresceu tão bonito, esse rapaz. Minha irmã Magnhild veio me visitar no ano passado, quando passava pelo vale, e trouxe o filho dela junto. Bem, é claro que você não poderia se casar com ele, mas eu teria prazer em preparar a cama para os dois na noite de núpcias. O cabelo dele é tão escuro quanto o seu é claro, e ele tem olhos bonitos. Mas se eu conheço meu cunhado, ele já pensou em uma partida melhor para Erlend do que você seria.

— Isso significa que eu não sou uma boa opção, então? — perguntou Kristin, surpresa. Ela nunca se sentia ofendida pelo que Fru Aashild dizia, mas se sentia constrangida e desapontada por achar que Fru Aashild poderia ser de alguma forma superior à sua própria família.

— Sim, claro que você é uma boa opção — disse Fru Aashild. — E ainda assim você não poderia esperar se tornar parte da minha linhagem. Seu antepassado aqui na Noruega era um fora da lei e um estrangeiro, e os Gjeslings têm ficado apodrecendo em suas propriedades há tanto tempo que quase ninguém se lembra deles fora deste vale. Mas minha irmã e eu nos casamos com os sobrinhos da Rainha Margret Skulesdatter.

Kristin nem pensou em objetar que não era seu antepassado, mas sim o irmão dele que havia vindo para a Noruega como um fora da lei. Ela ficou sentada, olhando para as encostas escuras das montanhas do outro lado do vale, e lembrou-se daquele dia, muitos anos atrás, quando subiu até a crista e viu quantas montanhas havia entre sua própria vila e o resto do mundo. Então, Fru Aashild disse que era hora de voltar para casa, e pediu a Kristin que chamasse Arne. Kristin colocou as mãos na boca, gritou e depois acenou com seu lenço até ver o ponto vermelho lá embaixo no pátio se virar e acenar de volta.

Em algum tempo, Fru Aashild voltou para casa, mas durante o outono e o início do inverno, ela frequentemente vinha a Jørundgaard para

passar alguns dias com Ulvhild. A criança agora era retirada da cama durante o dia, e tentavam fazê-la ficar em pé por conta própria, mas suas pernas cediam sempre que ela tentava. Ela estava irritada, pálida e cansada, e a peça de vestuário atada que Fru Aashild havia feito para ela com couro de cavalo e finas varas de salgueiro a incomodava terrivelmente; tudo o que ela queria era deitar no colo de sua mãe. Ragnfrid estava constantemente segurando sua filha ferida, então Tordis agora estava encarregada de toda a administração da casa. A pedido de sua mãe, Kristin acompanhava Tordis, para ajudar e aprender.

Kristin às vezes ansiava por Fru Aashild, que ocasionalmente falava muito com ela, mas em outras ocasiões, Kristin esperava em vão por uma palavra além da saudação casual quando Fru Aashild chegava e saía.

Em vez disso, Fru Aashild sentava-se com os adultos e conversava. Isso sempre acontecia quando ela trazia seu marido consigo, pois agora Bjørn Gunnarsøn também vinha para Jørundgaard. Um dia no outono, Lavrans havia ido até Haugen para entregar o pagamento a Fru Aashild por seus serviços médicos: o melhor jarro de prata e a bandeja combinando que possuíam. Ele havia passado a noite e depois elogiou muito a fazenda deles. Disse que era bonita e bem cuidada, e não tão pequena quanto as pessoas afirmavam. Dentro dos edifícios, tudo parecia próspero, e os costumes da casa eram tão cortesões quanto os da nobreza no sul do país. O que Lavrans pensava de Bjørn ele não disse, mas sempre recebia o homem cortesmente quando Bjørn acompanhava sua esposa até Jørundgaard. Por outro lado, Lavrans tinha um carinho imenso por Fru Aashild, e acreditava que a maioria do que as pessoas diziam sobre ela era mentira. Ele também afirmava que vinte anos antes ela dificilmente precisaria de bruxaria para atrair um homem — ela tinha sessenta anos agora, mas ainda parecia jovem, e tinha uma maneira muito atraente e encantadora.

Kristin percebia que sua mãe não estava feliz com tudo isso. É verdade que Ragnfrid nunca dizia muito sobre Fru Aashild, mas uma vez comparou Bjørn à grama amarela achatada que se encontra sob grandes pedras, e Kristin achou uma descrição adequada. Bjørn tinha uma aparência estranhamente desbotada — ele era bastante gordo, pálido e apático, e ligeiramente calvo — mesmo que não fosse muito mais velho que Lavrans. E ainda assim era evidente que ele já fora um homem extremamente bonito. Kristin nunca trocou uma única palavra com ele. Ele falava pouco, preferindo ficar em um lugar, onde quer que estivesse sentado, desde o momento em que entrava pela porta até a hora de dormir. Bebia uma quantidade enorme, mas parecia ter

pouco efeito sobre ele. Comia quase nada, e de vez em quando fitava alguém na sala, com rosto de pedra e pensativo, com seus estranhos olhos pálidos.

Eles não tinham visto seus parentes de Sundbu desde que o acidente ocorreu, mas Lavrans tinha ido a Vaage várias vezes. Sira Eirik, por outro lado, vinha a Jørundgaard tão frequentemente quanto antes, e lá ele se encontrava frequentemente com Fru Aashild. Eles se tornaram bons amigos. As pessoas consideravam essa atitude generosa por parte do padre, uma vez que ele mesmo era um médico muito capaz. Isso também era provavelmente uma das razões pelas quais as pessoas nas grandes propriedades não buscavam o conselho de Fru Aashild, pelo menos não abertamente, porque consideravam o padre competente o suficiente. Não era fácil para eles saber como agir em relação a duas pessoas que, de certa forma, haviam sido excluídas de seus próprios círculos. Sira Eirik mesmo afirmava que eles não causavam mal a ninguém, e quanto à bruxaria de Fru Aashild, ele não era o pároco dela. Poderia ser que a mulher soubesse mais do que era bom para a saúde de sua alma — e ainda assim não se deve esquecer que as pessoas ignorantes frequentemente falavam de bruxaria assim que uma mulher mostrava ser mais sábia que os conselheiros. Por sua parte, Fru Aashild falava muito bem do padre e ia diligentemente à igreja se estivesse em Jørundgaard em um dia santo.

O Natal foi um momento triste naquele ano. Ulvhild ainda não conseguia ficar de pé sozinha. E eles nem viram, nem ouviram falar de seus parentes em Sundbu. Kristin percebeu que as pessoas na vila estavam falando sobre a ruptura e que seu pai estava preocupado com isso. Mas sua mãe não se importava, e Kristin achava isso insensível.

Uma noite, perto do final das férias, Sira Sigurd, o sacerdote da casa de Trond Gjesling, chegou em uma grande carroça, e sua missão principal era convidá-los todos para visitar Sundbu.

Sira Sigurd não era bem visto nas aldeias vizinhas, pois era ele quem realmente gerenciava as propriedades de Trond para ele, ou pelo menos era ele quem era culpado sempre que Trond agia com severidade ou injustiça, e Trond costumava incomodar seus arrendatários. O padre era extremamente hábil em escrever e calcular; ele conhecia a lei e era um médico habilidoso, embora não tão habilidoso quanto pensava. Mas, pelo seu comportamento, ninguém o consideraria um homem inteligente; ele frequentemente dizia coisas tolas. Ragnfrid e Lavrans nunca gostaram dele, mas o povo de Sundbu, como era razoável, dava grande importância ao seu padre, e tanto eles quanto ele ficaram muito desapontados por não terem sido chamados

para cuidar de Ulvhild.

No dia em que Sira Sigurd chegou a Jørundgaard — infelizmente para ele — Fru Aashild e Herr Bjørn já estavam lá, assim como Sira Eirik, os pais de Arne, Gyrð e Inga de Finsbrekken, o velho Jon de Loptsgaard, e um frade de Hamar, Irmão Aasgaut.

Enquanto Ragnfrid arrumava as mesas novamente com comida para os convidados e Lavrans examinava as caixas de cartas lacradas que o padre trouxera, Sira Sigurd pediu para ver Ulvhild. Ela já estava na cama para a noite e estava dormindo, mas Sira Sigurd a acordou, examinou suas costas e membros, e fez-lhe perguntas — a princípio gentilmente, mas com crescente impaciência à medida que Ulvhild ficava assustada. Sigurd era um homem pequeno, praticamente um anão, mas tinha um rosto grande e vermelho como fogo. Quando ele tentou levá-la para testar suas pernas, Ulvhild começou a gritar. Então Fru Aashild se levantou, foi até a cama e a cobriu com o cobertor, dizendo que a criança estava com sono — ela não teria conseguido ficar de pé mesmo se suas pernas estivessem saudáveis.

O padre começou a protestar veementemente; ele também era considerado um médico competente. Mas Fru Aashild pegou sua mão, o levou até o lugar mais alto na mesa e começou a falar sobre o que ela tinha feito por Ulvhild, pedindo sua opinião sobre tudo. Então ele ficou mais receptivo, e comeu e bebeu da boa comida de Ragnfrid.

Mas quando a *ale* e o vinho começaram a subir à cabeça dele, Sira Sigurd voltou a ficar de mau humor, briguento e mal-humorado. Ele sabia muito bem que ninguém na sala gostava dele. Primeiro ele se voltou para Gyrð, que era o enviado do Bispo de Hamar em Vaage e Sil. Havia muitas disputas entre o bispado e Trond Ivarsøn. Gyrð não disse muito, mas Inga era uma mulher de temperamento quente, e então o Irmão Aasgaut se juntou à discussão.

Ele disse:

— Você não deve esquecer, Sira Sigurd, que nosso digno Pai Ingjald também é seu superior; sabemos tudo sobre você em Hamar. Você se deleita com tudo o que é bom em Sundbu e dá pouca atenção ao fato de que está dedicado a outro trabalho além de agir como olheiro de Trond, ajudando-o em tudo o que é injusto, colocando em risco sua alma e diminuindo o poder da Igreja. Você nunca ouviu falar sobre o que acontece com os padres desobedientes e infiéis que contrariam seus próprios pais e superiores espirituais? Não sabe sobre o tempo em que os anjos conduziram São Tomás de Canterbury até as portas do Inferno e o deixaram espiar lá dentro? Ele ficou muito surpreso por

não ver nenhum daqueles que o haviam enfrentado, assim como você enfrenta seu bispo. Ele estava prestes a louvar a misericórdia de Deus, pois o santo desejava que todos os pecadores fossem salvos, quando o anjo pediu ao Diabo que levantasse a cauda. Com um rugido tremendo e um cheiro horrível de enxofre, saíram todos os padres e homens cultos que haviam traído os interesses da Igreja. E então ele viu para onde todos eles tinham ido.

— Você está mentindo, monge — disse o padre. — Eu também ouvi essa história, mas foram frades, não padres, que foram vomitados pelo traseiro do Diabo como vespas de um ninho de vespas.

O velho Jon riu mais alto que todos os servos e gritou:

— Sem dúvida foram ambos, eu aposto que foram...

— Então o Diabo deve ter um rabo muito largo — disse Bjørn Gunnarsøn.

E Fru Aashild sorriu e disse:

— Sim, vocês não ouviram dizer que tudo o que é ruim tem uma cauda comprida arrastando atrás?

— Cale-se, Fru Aashild — gritou Sira Sigurd. — Você não deveria falar sobre a cauda comprida que as pessoas más arrastam atrás de si. Aqui você está sentada como se fosse a dona da casa em vez de Ragnfrid. Mas é estranho que você não tenha conseguido curar a criança dela... você não tem mais daquela água poderosa que costumava usar? A água que podia fazer um carneiro desmembrado inteiro novamente na panela de sopa e transformar uma mulher em donzela na cama nupcial? Eu sei tudo sobre aquele casamento aqui na vila quando você preparou o banho para a noiva desonrada...

Sira Eirik pulou, agarrou o outro padre pelo ombro e flanco e o atirou direto através da mesa para que jarras e xícaras tombassem e comida e bebida se derramassem sobre as toalhas e o chão. Sira Sigurd pousou de costas, com suas roupas rasgadas.

Eirik pulou sobre a mesa e estava prestes a golpeá-lo novamente, berrando sobre o barulho:

— Cale essa boca suja, maldito padre!

Lavrans tentou separá-los, mas Ragnfrid ficou de pé na mesa, tão branca quanto um cadáver, torcendo as mãos. Então Fru Aashild correu até lá e ajudou Sira Sigurd a se levantar e limpou o sangue de seu rosto.

Ela lhe entregou um cálice de hidromel enquanto dizia:

— Você não deveria ser tão severo, Sira Eirik, que não possa ouvir uma piada no final da noite depois de tantas bebidas. Agora sente-se, e eu vou contar sobre aquele casamento. Não foi aqui no vale de jeito nenhum, e é minha desgraça que eu não fui quem sabia sobre aquela água. Se eu tivesse sido capaz de prepará-la, não estaríamos sentados lá naquele pequeno celeiro. Então eu seria uma mulher rica com

propriedades em alguma grande vila... perto da cidade, mosteiros e bispos e cônegos — ela disse, sorrindo para os três clérigos.

— Mas alguém deve ter conhecido a arte nos velhos tempos, porque isso foi na época do Rei Inge, até onde sei, e o noivo era Peter Lodinsøn de Bratteland. Mas não direi qual das suas três esposas era a noiva, pois existem descendentes vivos de todas as três. Bem, esta noiva provavelmente tinha uma boa razão para desejar aquela água, e ela conseguiu obtê-la também. Ela preparou um banho para si mesma no celeiro, mas antes de conseguir tomar banho, entrou a mulher que seria sua sogra. Ela estava suja e imunda da viagem para a mansão do casamento, então tirou suas roupas e entrou na banheira. Ela era uma mulher idosa e tinha tido nove filhos com Lodin. Mas naquela noite, tanto Lodin quanto Peter tiveram um tipo diferente de prazer do que esperavam.

Todos na sala riram alegremente, e tanto Gyrð quanto Jon clamaram para Fru Aashild contar mais histórias picantes.

Mas ela se recusou.

— Aqui estão dois padres e Irmão Aasgaut e rapazes jovens e empregadas domésticas. Devemos parar agora antes que a conversa fique indecente e vulgar; lembrem-se de que estes são os dias santos. Os homens protestaram, mas as mulheres concordaram com Fru Aashild. Ninguém percebeu que Ragnfrid havia saído da sala. Pouco depois, Kristin, que estava sentada no final do banco das mulheres entre as empregadas, levantou-se para ir para a cama. Ela estava dormindo na casa de Tordis porque havia muitos convidados na fazenda.

Estava um frio cortante, e as luzes do norte estavam flamejando e tremulando acima das montanhas em forma de domo ao norte. A neve rangia sob os pés de Kristin enquanto ela corria pelo pátio, tremendo, com os braços cruzados sobre o peito.

Então ela percebeu que nas sombras sob o antigo celeiro alguém estava caminhando vigorosamente para frente e para trás na neve, estendendo os braços, torcendo as mãos e gemendo alto. Kristin reconheceu sua mãe. Assustada, correu até ela e perguntou se estava doente.

— Não, não — disse Ragnfrid ferozmente. — Eu só precisava sair. Vá para a cama agora, criança.

Kristin se virou quando sua mãe a chamou suavemente.

— Vá para dentro e deite-se na cama com seu pai e Ulvhild... segure-a em seus braços para que ele não a esmague por engano. Ele dorme tão pesadamente quando está bêbado. Eu vou subir e dormir aqui no antigo celeiro esta noite.

— Jesus, mãe — disse Kristin. — Você vai congelar até a morte se dormir lá... e sozinha. O que o pai vai dizer se você não vier para a

cama hoje à noite?

— Ele não vai perceber — respondeu sua mãe. — Ele estava quase dormindo quando eu saí, e amanhã ele vai acordar tarde. Vá e faça o que eu disse.

— Você vai passar muito frio — choramingou Kristin, mas sua mãe a afastou, de maneira um pouco mais gentil, e então se trancou dentro do sótão.

Estava tão frio lá dentro quanto fora, e completamente escuro.

Ragnfrid tateou o caminho até a cama, arrancou o xale da cabeça, tirou os sapatos e se enfiou sob as peles. Elas a gelaram até os ossos; era como afundar em uma pilha de neve. Ela puxou as cobertas sobre a cabeça, encolheu as pernas e colocou as mãos no decote de suas roupas. E assim ela ficou, chorando — ora chorando suavemente, com lágrimas escorrendo, ora gritando e rangendo os dentes entre os soluços. Finalmente, ela aqueceu a cama o suficiente para começar a sentir sono, e então chorou até adormecer.

CAPÍTULO 5

NA PRIMAVERA do décimo quinto ano de Kristin, Lavrans Björgulfsön e Sir Andres Gudmundsön de Dyfrin concordaram em se encontrar no *ting*¹² de Holledis. Lá, decidiram que o segundo filho de Andres, Simon, deveria ser prometido a Kristin Lavransdatter e que ele receberia Formo, a propriedade que Andres havia herdado de sua mãe. Os homens selaram o acordo com um aperto de mão, mas nenhum documento foi elaborado sobre isso porque Andres primeiro precisava organizar a herança de seus outros filhos. E nenhuma *ale* de noivado foi bebida, mas Sir Andres e Simon acompanharam Lavrans de volta a Jørundgaard para ver a noiva, e Lavrans ofereceu um grande banquete.

Lavrans havia terminado de construir a nova casa — com dois andares, lareiras de tijolos na sala principal e no sótão. Estava ricamente decorada com entalhes em madeira e móveis finos. Ele também reformou o sótão antigo e ampliou os outros edifícios, para que agora pudesse viver de maneira condizente com um fidalgo. Nessa época, ele possuía grande riqueza, pois tinha tido sorte em seus empreendimentos e era um mestre sábio e ponderado. Era especialmente conhecido por criar os

¹² A palavra "ting" tem raízes na antiga prática nórdica de realizar assembleias para resolver questões legais, políticas e sociais. Nessas assembleias, as decisões eram tomadas, disputas eram resolvidas e acordos eram feitos. (N.T.)

melhores cavalos e o melhor gado de todos os tipos. E agora que ele havia arranjado as coisas para que sua filha adquirisse Formo através do casamento com um homem da linhagem de Dyfrin, as pessoas diziam que ele havia alcançado com sucesso seu objetivo de se tornar o principal proprietário de terras na vila. Lavrans e Ragnfrid também estavam muito satisfeitos, assim como Sir Andres e Simon.

Kristin ficou um pouco desapontada quando viu Simon Andressön pela primeira vez, pois ouvira tantos elogios à sua aparência elegante e maneira nobre que suas expectativas não tinham limites para o que esperava de seu noivo.

Simon era realmente bonito, mas era um pouco pesado para um homem de apenas vinte anos; ele tinha um pescoço curto, e seu rosto era redondo e brilhante como a lua. Seu cabelo era bastante bonito, marrom e cacheado, e seus olhos eram cinza e claros, mas pareciam ligeiramente apertados porque suas pálpebras estavam inchadas. Seu

nariz era pequeno demais, e sua boca também era pequena e um pouco birrenta, mas não feia. E apesar de sua robustez, ele era leve e ágil em todos os seus movimentos, e era um esportista habilidoso. Ele era um pouco impulsivo e imprudente em seu discurso, mas Lavrans sentia que ele mostrava bom senso e sabedoria quando falava com homens mais velhos.

Ragnfrid logo passou a gostar dele, e Ulvhild desenvolveu imediatamente o maior afeto por ele; ele também era especialmente gentil e amoroso com a pequena donzela doente. E depois que Kristin se acostumou com o rosto redondo dele e sua maneira de falar, ela ficou completamente satisfeita com seu noivo e feliz por seu pai ter arranjado o casamento para ela.

Fru Aashild foi convidada para o banquete. Desde que as pessoas de Jørundgaard se aproximaram dela, a nobreza das aldeias mais próximas começou a se lembrar novamente de sua alta linhagem, e prestaram menos atenção à sua estranha reputação; então agora Fru Aashild estava frequentemente na companhia de outros.

Depois de ver Simon, ela disse:

— Ele é uma boa escolha, Kristin. Este Simon vai se dar bem no mundo... você será poupada de muitos tipos de tristezas, e ele será um homem gentil para se viver. Mas ele me parece um pouco gordo e alegre demais. Se as coisas fossem as mesmas na Noruega hoje como eram no passado e como são em outros países, onde as pessoas não são mais severas com os pecadores do que Deus é, então eu sugeriria que você encontrasse um amigo magro e melancólico... alguém com quem você pudesse sentar e conversar. Então eu diria que você não poderia se sair melhor do que com Simon.

Kristin corou mesmo que não entendesse completamente o que Fru Aashild queria dizer. Mas com o tempo, à medida que seus baús de dote eram preenchidos e ela ouvia constantemente falar de seu casamento e do que levaria para sua nova casa, ela começou a desejar que o assunto fosse formalmente selado com um noivado e que Simon viesse para o norte. Depois de um tempo, ela começou a pensar nele com frequência e esperava revê-lo em breve.

Kristin agora era uma mulher adulta e extremamente bela. Ela se assemelhava muito ao pai. Alta e de cintura fina, com membros esguios e elegantes, mas também cheia de curvas e bem proporcionada. Seu rosto era um pouco curto e redondo; a testa baixa e larga, branca como leite; os olhos grandes, cinzentos e gentis sob sobrancelhas finamente desenhadas. A boca um pouco grande, mas seus lábios cheios eram de um vermelho fresco, e o queixo redondo

como uma maçã, bem formado. Seus cabelos eram lindos, longos e espessos, mas agora mais escuros, mais para o marrom do que dourado, e completamente lisos. Lavrans gostava de ouvir Sira Eirik elogiar Kristin. O padre a viu crescer, a ensinou a ler e escrever, e gostava muito dela. Mas Lavrans não ficava particularmente satisfeito em ouvir o padre ocasionalmente comparar sua filha a uma égua jovem impecável e brilhante.

Todos diziam que se o acidente não tivesse acontecido com Ulvhild, ela teria sido muito mais bonita do que a irmã. Tinha o rosto mais bonito e doce, branco e rosa como rosas e lírios, com cabelos sedosos branco-dourados que fluíam e enrolavam em torno de seu pescoço esguio e ombros finos. Seus olhos se assemelhavam aos da família Gjesling: profundos sob sobrancelhas pretas retas, claros como água e azul-acinzentados, mas seu olhar era gentil, não afiado. A voz da criança era tão clara e adorável que era um prazer ouvi-la, seja falando ou cantando. Ela tinha um talento ágil para o aprendizado e para tocar todos os tipos de instrumentos de cordas e jogos de tabuleiro, mas pouco se interessava por trabalhos manuais porque sua coluna se cansava rapidamente.

Era improvável que essa criança bonita recuperasse completamente a saúde do corpo, embora tenha melhorado um pouco depois que seus pais a levaram a Nidaros, ao santuário de Santo Olavo. Lavrans e Ragnfrid foram a pé, sem nenhum criado ou criada os acompanhando, e carregaram a criança em uma liteira entre eles durante toda a jornada. Depois disso, Ulvhild melhorou bastante e conseguia andar com uma muleta. Mas era pouco provável que ela ficasse bem o suficiente para se casar, e assim, quando chegasse a hora, provavelmente seria enviada a um convento com todas as posses que herdaria.

Eles nunca falaram sobre isso, e Ulvhild não sabia que era diferente das outras crianças. Ela gostava muito de roupas bonitas e finas, e seus pais não tinham coragem de recusar nada a ela; Ragnfrid costurava e adornava como uma criança real. Certa vez, alguns vendedores ambulantes passaram pela vila e pernотaram em Laugarbru, onde Ulvhild foi autorizada a examinar suas mercadorias. Eles tinham seda amarelo-âmbar, e ela estava determinada a ter uma camisa feita disso. Lavrans normalmente não negociava com o tipo de pessoas que viajavam pelas vilas, vendendo ilegalmente mercadorias da cidade, mas desta vez comprou o rolo inteiro de uma vez. Ele também deu a Kristin tecido para sua camisa de noiva, que ela trabalhou durante o verão. Antes disso, ela nunca havia possuído camisas feitas de nada além de lã, exceto por uma camisa de linho para seu vestido mais fino.

Mas Ulvhild ganhou uma camisa de seda para usar em banquetes e uma camisa de domingo de linho com um corpete de seda.

Lavrans Björgulfsön agora também era dono de Laugarbru, que era cuidado por Tordis e Jon. A filha mais nova de Lavrans e Ragnfrid, Ramborg, morava com eles lá; Tordis havia sido sua ama-de-leite. Ragnfrid mal olhava para a criança nos primeiros dias após o nascimento, porque dizia que trazia má sorte às crianças. E mesmo assim, ela amava muito a pequena e enviava constantemente presentes para ela e para Tordis. Mais tarde, Ragnfrid ia com frequência a Laugarbru para visitar Ramborg, mas preferia chegar depois que a criança estava dormindo, e então ela ficava com ela. Lavrans e as duas filhas mais velhas iam frequentemente a Laugarbru para brincar com a pequena; ela era uma criança forte e saudável, embora não fosse tão bonita quanto suas irmãs.

Naquele verão, Arne Gyrdsøn passou seus últimos dias em Jørundgaard. O bispo havia prometido ajudar Gyrd a se estabelecer no mundo, e no outono, Arne partiria para Hamar.

Kristin certamente percebera que Arne gostava dela, mas seus sentimentos eram bastante infantis em muitos aspectos, então ela não deu muita atenção a isso e se comportou com ele como sempre fizera, desde a infância. Procurava a companhia dele sempre que podia e sempre pegava em sua mão quando dançavam em casa ou no monte da igreja. O fato de sua mãe não aprovar isso ela achava bastante engraçado. Mas nunca falou com Arne sobre Simon ou sobre seu noivado, pois percebia que ele ficava desanimado sempre que o assunto era mencionado.

Arne era habilidoso com as mãos e queria fazer um baú de costura para Kristin se lembrar dele. Ele esculpira uma caixa e uma estrutura elegantes e bonitas, e agora estava trabalhando na forja para fazer bandas de ferro e uma fechadura para ela. Em uma bela noite de clima agradável no final do verão, Kristin foi falar com ele. Levou uma das camisas de seu pai para consertar, sentou-se no degrau de pedra e começou a costurar enquanto conversava com o jovem dentro da forja. Ulvhild estava com ela, pulando com sua muleta e comendo framboesas que cresciam entre as pedras empilhadas no chão.

Depois de um tempo, Arne veio até a porta da forja para se refrescar. Ele queria se sentar ao lado de Kristin, mas ela se afastou um pouco e pediu a ele para tomar cuidado para não sujar a costura que estava segurando no colo.

— Então é assim que as coisas ficaram entre nós? — disse Arne. — Você não ousa deixar eu me sentar com você porque tem medo de que o rapaz da fazenda vá sujar você?

Kristin o olhou surpresa e depois disse: — Você sabe muito bem o que eu quis dizer. Mas tire seu avental, lave as mãos de carvão e sente-se aqui comigo para descansar um pouco. — E ela fez espaço para ele. Mas Arne se deitou na grama na frente dela.

Então Kristin continuou:

— Agora, não fique zangado, querido Arne. Você acha que eu seria tão ingrata pelo lindo presente que você está fazendo para mim, ou que eu esqueceria que você sempre foi meu melhor amigo aqui em casa?

— Eu fui? — ele perguntou.

— Você sabe que sim — disse Kristin. — E nunca vou esquecer você.

Mas você, que está prestes a sair para o mundo, talvez adquira riqueza e honra antes que perceba. Provavelmente, vai me esquecer muito antes que eu me esqueça de você.

— Você nunca vai me esquecer — disse Arne sorrindo. — Mas eu vou esquecer você antes que você se esqueça de mim... você é tão criança, Kristin.

— Você não é tão velho assim — ela respondeu.

— Tenho a mesma idade que Simon Darre — ele disse. — E podemos suportar capacetes e escudos tão bem quanto as pessoas de Dyfrin, mas meus pais não tiveram a sorte ao lado deles.

Ele havia limpado as mãos em alguns tufo de grama. Agora, ele pegou o tornozelo de Kristin e encostou a bochecha em seu pé, que estava saindo da bainha do vestido. Ela tentou puxar o pé, mas Arne disse:

— Sua mãe está em Laugarbru, e Lavrans saiu da fazenda... e dos edifícios ninguém pode nos ver sentados aqui. Apenas desta vez você deve me deixar falar sobre o que está em minha mente.

Kristin respondeu:

— Sempre soubemos, tanto você quanto eu, que seria inútil nos apaixonarmos um pelo outro.

— Posso colocar minha cabeça no seu colo? perguntou Arne, e quando ela não respondeu, ele fez isso mesmo, enrolando o braço em torno de sua cintura. Com a outra mão, puxou suas tranças.

— Como você vai gostar — ele perguntou depois de um momento —, quando Simon deitar em seu colo assim e brincar com seu cabelo?

Kristin não respondeu. Sentiu como se um peso caísse sobre ela — as palavras de Arne e a cabeça de Arne em seus joelhos — parecia que uma porta se abria para uma sala com muitos corredores escuros levando a mais escuridão. Infeliz e angustiada, hesitou, recusando-se a olhar para dentro.

— Pessoas casadas não fazem coisas assim — disse abrupta e rapidamente, como se aliviada. Tentou imaginar o rosto redondo e gordinho de Simon olhando para ela com o mesmo olhar nos olhos que Arne tinha agora; ouviu sua voz... e não pôde deixar de rir.

— Acho que Simon nunca deitaria no chão para brincar com meus sapatos!

— Não, porque ele pode brincar com você em sua própria cama — disse Arne. Sua voz fez Kristin se sentir subitamente doente e impotente.

Ela tentou empurrar a cabeça dele para fora de seu colo, mas ele a pressionou mais forte contra seus joelhos e disse suavemente:

— Mas eu brincaria com seus sapatos, seu cabelo e seus dedos, e seguiria você para dentro e para fora o dia todo, Kristin, se você fosse minha esposa e dormisse em meus braços todas as noites.

Ele se ergueu até a metade, pôs as mãos nos ombros dela e olhou nos olhos dela.

— Não é adequado você falar assim comigo — disse Kristin quieta e timidamente.

— Não, não é — disse Arne. Ele se levantou e ficou na frente dela. — Mas me diga uma coisa... você não preferiria que fosse eu?

— Oh, eu preferiria... — Ela ficou em silêncio por um momento. — Eu preferiria não ter nenhum homem, nem mesmo...

Arne não se moveu. Ele disse:

— Você preferiria entrar em um convento, então, como planejaram para Ulvhild, e ser uma donzela todos os seus dias?

Kristin torceu as mãos no colo. Sentiu um estranho e doce tremor dentro dela — e com um estremecimento repentino percebeu como era triste para sua irmãzinha. E seus olhos se encheram de lágrimas de tristeza pelo bem de Ulvhild.

— Kristin — disse Arne gentilmente.

Naquele momento, Ulvhild gritou bem alto. Sua muleta havia ficado presa entre algumas pedras, e ela havia caído. Arne e Kristin correram até ela, e Arne a levantou nos braços da irmã. Ela tinha cortado a boca e estava sangrando muito.

Kristin sentou-se com ela na entrada da forja, e Arne trouxe água em uma tigela de madeira. Juntos, começaram a lavar o rosto de Ulvhild. Ela também tinha arranhado a pele nos joelhos. Kristin se inclinou ternamente sobre as pernas pequenas e magras.

O choro de Ulvhild logo parou, e ela gemeu baixinho, como as crianças que estão acostumadas a suportar a dor. Kristin pressionou a cabeça de Ulvhild contra seu peito e a balançou suavemente.

Então, o sino lá na igreja de Olav começou a tocar para as vésperas.

Arne falou com Kristin, mas ela ficou lá como se não ouvisse nem percebesse o que ele dizia enquanto se inclinava sobre a irmã. Então,

ele ficou assustado e perguntou se ela achava que os ferimentos eram graves. Kristin balançou a cabeça, mas se recusou a olhar para ele. Pouco depois, ela se levantou e começou a andar em direção à fazenda, carregando Ulvhild nos braços. Arne seguiu, calado e confuso. Kristin parecia tão preocupada que seu rosto estava completamente rígido. Enquanto caminhava, o sino continuou a tocar pelos campos e vales; ainda tocava quando ela entrou na casa. Ela colocou Ulvhild na cama que as irmãs compartilhavam desde que Kristin cresceu demais para dormir com seus pais. Então, ela tirou os próprios sapatos e deitou ao lado da pequena. Ficou lá e ouviu o sino muito tempo depois de ter parado de tocar e a criança ter adormecido. Ocorrera a ela, enquanto o sino começava a soar, enquanto ela estava sentada com o rosto ensanguentado de Ulvhild em suas mãos, que talvez isso fosse um presságio para ela. Se ela assumisse o lugar de sua irmã — se se comprometesse com o serviço de Deus e da Virgem Maria — talvez Deus concedesse à criança vigor renovado e boa saúde.

Kristin se lembrou do Irmão Edvin dizendo que nos dias de hoje os pais ofereciam a Deus apenas as crianças aleijadas ou coxas, ou aquelas para as quais não podiam arranjar bons casamentos. Ela sabia que seus pais eram pessoas piedosas, e, no entanto, nunca os ouvira dizer nada além de que ela se casaria. Mas, quando perceberam que Ulvhild ficaria doente todos os seus dias, propuseram imediatamente que ela entrasse para um convento.

Mas Kristin não queria fazer isso; resistia à ideia de que Deus faria um milagre por Ulvhild se ela se tornasse freira. Ela se agarrou às palavras de Sira Eirik de que tão poucos milagres ocorriam hoje em dia. E ainda assim ela tinha a sensação, nesta noite, de que era como o Irmão Edvin havia dito — que se alguém tivesse fé suficiente, então poderia de fato realizar milagres. Mas ela não queria esse tipo de fé; ela não amava a Deus e Sua Mãe e os santos dessa maneira. Ela nunca os amaria assim. Ela amava o mundo e ansiava pelo mundo.

Kristin pressionou os lábios no cabelo macio e sedoso de Ulvhild. A criança dormia profundamente, mas a irmã mais velha ficou sentada, inquieta, e depois deitou-se novamente. Seu coração sangrava de tristeza e vergonha, mas ela sabia que não podia acreditar em milagres porque não estava disposta a abrir mão de sua herança de saúde, beleza e amor.

Então, ela tentou se consolar com o pensamento de que seus pais nunca lhe dariam permissão para fazer tal coisa. Nem acreditariam que isso adiantaria alguma coisa. Afinal, ela já estava prometida, e sem dúvida teriam relutância em perder Simon, a quem gostavam tanto. Ela se sentia traída porque pareciam achar esse genro tão esplêndido. Ela pensou subitamente com desagrado no rosto redondo

e vermelho de Simon e nos olhos pequenos e risonhos dele, em seu andar saltitante — ocorreu-lhe de repente que ele saltitava como uma bola — e em sua maneira de falar provocadora, que a fazia se sentir desajeitada e estúpida. E também não era tão esplêndido assim ser dada a ele e depois se mudar apenas até Formo. E ainda assim ela o preferiria a ser enviada para um convento. Mas e o mundo além das montanhas? O castelo do rei, e os condes e os cavaleiros de quem Fru Aashild havia falado, um homem bonito com olhos melancólicos que a seguiria para dentro e para fora e nunca se cansaria... Ela se lembrou de Arne naquele dia de verão, há muito tempo, quando ele deitou de lado e dormiu com seu cabelo marrom brilhante espalhado no charneco — ela o amara como se fosse seu próprio irmão naquela época. Não era apropriado para ele falar com ela da maneira que tinha hoje, quando sabia que nunca poderiam ter um ao outro.

A palavra veio de Laugarbru de que sua mãe ficaria lá durante a noite. Kristin levantou-se para se despir e se preparar para dormir. Ela começou a desamarrar o vestido, mas então calçou os sapatos novamente, envolveu sua capa ao redor dela e saiu.

O céu noturno, brilhante e verde, estendia-se acima das cristas das montanhas. Estava quase na hora da lua nascer, e no local onde ela aguardava abaixo da crista, pequenas nuvens passavam, reluzindo como prata por baixo; o céu ficava mais claro e mais claro, como metal recolhendo orvalho.

Kristin correu entre as cercas, pela estrada, e subiu a colina em direção à igreja. Ela estava adormecida, escura e trancada, mas ela foi até a cruz que ficava nas proximidades — um memorial da época em que Santo Olavo repousou ali enquanto fugia de seus inimigos.

Kristin ajoelhou-se na pedra e colocou as mãos dobradas na base. — Santa Cruz, a mais forte dos mastros, a mais bela das árvores, a ponte para aqueles que estão doentes até as margens justas da saúde... Enquanto pronunciava as palavras da oração, sentiu seu anseio se espalhar gradualmente como anéis na água. Os vários pensamentos que a perturbavam foram suavizados, sua mente ficou mais calma, mais terna, e uma tristeza suave, vazia de todo pensamento, substituiu suas preocupações.

Ela ficou ali de joelhos, ciente de todos os sons da noite. O vento suspirava de maneira estranha, o rio rugia além dos bosques do outro

lado da igreja, e o riacho fluía nas proximidades, bem em frente à estrada — e por toda parte, tanto perto quanto longe na escuridão, seus olhos e ouvidos captavam indícios de pequenos riachos de água corrente e pingando. O rio brilhava branco lá embaixo na vila. A lua deslizava para cima sobre uma pequena lacuna nas montanhas; pedras e folhas molhadas de orvalho brilhavam fracamente, e as vigas recém-enceradas do campanário perto do portão do cemitério brilhavam fosco e escuro. Então a lua desapareceu novamente onde a crista da montanha se erguia mais alta. Muitas nuvens brancas brilhantes apareceram no céu.

Ela ouviu um cavalo se aproximando devagar mais acima na estrada, e o som de vozes masculinas, falando de maneira uniforme e suave. Kristin não tinha medo das pessoas tão perto de casa, onde conhecia todos; ela se sentia bastante segura.

Os cachorros de seu pai correram em sua direção, deram meia-volta e voltaram para o bosque, depois deram meia-volta novamente e correram de volta para ela; então seu pai cumprimentou chamando enquanto emergia entre as bétulas. Ele estava conduzindo Guldsvain pela brida; um grupo de pássaros balançava na frente da sela, e Lavrans carregava um falcão com capuz em sua mão esquerda. Ele estava na companhia de um homem alto, corcunda, vestido com roupas de monge, e antes mesmo de Kristin ver seu rosto, ela soube que era irmão Edvin. Ela foi cumprimentá-los, e ela não poderia ter ficado mais surpresa se tivesse sonhado com isso. Ela apenas sorriu quando Lavrans perguntou se ela reconhecia o hóspede deles.

Lavrans encontrara o monge perto da Ponte de Rost. Então, ele o persuadira a vir para casa com ele e passar a noite na fazenda. Mas irmão Edvin insistiu em ser autorizado a dormir no celeiro:

— Pois peguei tantos piolhos que você não pode me deixar deitado em suas boas camas.

E por mais que Lavrans implorasse e suplicasse, o monge era inflexível; inicialmente, ele até queria que trouxessem sua comida para o pátio. Mas, finalmente, eles o persuadiram a entrar na casa, e Kristin colocou lenha na lareira no canto e colocou velas na mesa, enquanto uma criada trouxe comida e bebida.

O monge sentou-se no banco do mendigo perto da porta, mas ele só aceitaria mingau frio e água para sua refeição da noite. E ele recusou a oferta de Lavrans de preparar um banho para ele e de lavar suas roupas.

Irmão Edvin coçava e esfregava-se, e seu rosto magro e enrugado brilhava de alegria.

— Não, não — ele disse. — Os piolhos mordem melhor na minha pele orgulhosa do que quaisquer flagelos ou palavras do guardião. Passei este verão sob uma saliência lá na montanha. Deram-me permissão

para ir ao deserto para jejuar e rezar, e lá eu estava, pensando que era tão puro quanto um eremita sagrado, e as pessoas pobres do vale de Setna traziam comida para mim e pensavam que viam um monge piedoso, vivendo uma vida pura. “Irmão Edvin”, eles diziam, “se houvesse mais monges como você, logo endireitaríamos nossos caminhos, mas quando vemos padres, bispos e monges empurrando e brigando como leitões na coxilha...” Bem, eu lhes disse que não era uma maneira cristã de falar... mas gostei de ouvir mesmo assim, e cantei e orei para que minha voz ressoasse nas montanhas. Agora será para meu benefício sentir como os piolhos estão mordendo e lutando em minha pele e ouvir as boas donas de casa, que querem manter suas casas limpas e arrumadas, gritando que a pele imunda do monge pode muito bem dormir no celeiro durante o verão. Estou indo para o norte para Nidaros agora, para celebrar o Dia de Santo Olavo, e será bom para mim ver que as pessoas não estão tão ansiosas para se aproximar de mim.

Ulvhild acordou. Então Lavrans foi até ela e a levantou em sua capa. — Aqui está a criança sobre a qual lhe falei, querido Padre. Coloque suas mãos sobre ela e ore a Deus por ela, da mesma forma que você orou pelo menino lá no norte, em Meldal... ouvimos dizer que ele recuperou a saúde.

O monge colocou gentilmente a mão sob o queixo de Ulvhild e olhou nos olhos dela. Então ele levantou uma das mãos dela e a beijou.

— Você deveria orar, em vez de mim, você e sua esposa, Lavrans Björgulfsön, para que não sejam tentados a torcer a vontade de Deus com esta criança. Nosso Senhor Jesus mesmo colocou esses pequenos pés em um caminho para que ela possa andar com segurança em direção à casa da paz... eu posso ver em seus olhos, abençoada Ulvhild, que você tem seus intercessores naquela outra casa.

— Ouvi dizer que o menino em Meldal ficou bom — disse Lavrans quietamente.

— Ele era o único filho de uma pobre viúva, e não havia ninguém para alimentá-lo ou vesti-lo quando a mãe faleceu, exceto a vila. E ainda assim a mulher só pediu a Deus um coração destemido para que pudesse ter fé de que Ele faria acontecer o que fosse melhor para o menino. Eu nada mais fiz do que orar ao lado dela.

— Não é fácil para Ragnfrid e para mim ficarmos satisfeitos com isso — disse Lavrans sombriamente. — Especialmente porque ela é tão bonita e tão boa.

— Você viu a criança que têm em Lidstad, no sul do vale? — perguntou o monge. — Você preferiria que sua filha fosse assim? Lavrans estremeceu e apertou a criança junto a si.

— Você não acha — continuou irmão Edvin —, que aos olhos de Deus somos todos como crianças pelas quais Ele tem motivo para

entristecer, aleijados que somos pelo pecado? E ainda assim não pensamos que as coisas são as piores do mundo para nós. Ele foi até a pintura da Virgem Maria na parede, e todos se ajoelharam enquanto ele dizia a oração da noite. Sentiram que irmão Edvin lhes oferecera grande conforto. Mas depois que ele deixou a casa para encontrar seu lugar de dormir, Astrid, que estava encarregada de todas as criadas, varreu vigorosamente o chão por onde o monge tinha ficado e jogou rapidamente as varreduras no fogo.

Na manhã seguinte, Kristin levantou-se cedo, colocou mingau de leite e bolos de trigo em uma adorável tigela salpicada de vermelho feita de raízes de bétula — pois ela sabia que o monge nunca tocava em carne — e levou a comida para ele. Ninguém mais na casa ainda estava acordado.

Irmão Edvin estava de pé na rampa do celeiro, pronto para partir, com seu bordão e bolsa na mão. Com um sorriso, ele agradeceu a Kristin por seu trabalho e sentou-se na grama para comer, enquanto Kristin sentava-se a seus pés.

Seu pequeno cachorro branco correu até eles, fazendo tocar os sininhos em seu colar. Kristin puxou o cachorro para o colo, e irmão Edvin estalou os dedos, jogando pequenos pedaços de bolo de trigo na boca do cachorro, enquanto elogiava o animal.

— É da mesma raça que a Rainha Eufemia trouxe para a Noruega — ele disse. — Tudo está tão esplêndido aqui em Jørundgaard agora.

Kristin corou de prazer. Ela sabia que o cachorro era especialmente fino, e estava orgulhosa de ser sua dona. Ninguém mais na vila tinha um cachorro de estimação. Mas ela não sabia que ele era do mesmo tipo que os cachorros de estimação da rainha.

— Simon Andressøn o enviou para mim — ela disse, abraçando o cachorro enquanto ele lambia seu rosto. — O nome dele é Kortelin.

Ela tinha planejado falar com o monge sobre sua inquietação e pedir conselhos. Mas agora ela não tinha mais vontade de gastar mais tempo em seus pensamentos da noite anterior. Irmão Edvin acreditava que Deus faria o que fosse melhor para Ulvhild. E foi generoso da parte de Simon enviar-lhe tal presente mesmo antes de seu noivado ser formalmente reconhecido. Ela se recusava a pensar em Arne — ele tinha se comportado mal com ela, ela pensou.

Irmão Edvin pegou seu bordão e bolsa e pediu a Kristin que enviasse

suas saudações aos outros; ele não esperaria que todos acordassem, mas partiria enquanto o dia ainda estava fresco. Ela caminhou com ele até a igreja e um pouco dentro do bosque.

Quando se separaram, ele lhe desejou a paz de Deus e a abençoou. — Me dê algumas palavras, como você fez por Ulvhild, querido Pai — implorou Kristin enquanto ficava com a mão na dele.

O monge cutucou seu pé descalço, nodoso de reumatismo, na grama molhada.

— Então eu faço uma impressão em seu coração, minha filha, que você deveria prestar muita atenção à maneira como Deus cuida do bem-estar das pessoas aqui no vale. Pouca chuva cai, mas Ele lhe deu água das montanhas, e o orvalho refresca os prados e campos toda noite. Agradeça a Deus pelos bons presentes que Ele lhe deu e não reclame se achar que está faltando algo mais que você pensa que seria benéfico. Você tem cabelos dourados e lindos, então não se preocupe porque não são cacheados. Não ouviu falar da mulher que sentou e chorou porque tinha apenas um pequeno pedaço de carne de porco para dar a seus sete filhos famintos no jantar de Natal? Santo Olavo passou cavalgando naquele exato momento. Então ele estendeu a mão sobre a carne e rezou a Deus para alimentar os pobres garotos. Mas quando a mulher viu que um porco abatido estava na mesa, ela começou a chorar porque não tinha potes e panelas suficientes. Kristin correu de volta para casa, e Kortelin dançava ao redor de seus pés enquanto mordiscava suas roupas e latia, fazendo todos os seus pequenos sinos de prata tocarem.

CAPÍTULO 6

ARNE ESTAVA EM CASA em Finsbrekken pela última vez antes de partir para Hamar. Sua mãe e irmãs estavam providenciando suas roupas.

No dia anterior ao previsto para sua viagem ao sul, ele foi a Jørundgaard para se despedir. Lá, ele perguntou a Kristin em um sussurro se ela o encontraria na estrada ao sul de Laugarbru na noite seguinte.

— Gostaria que estivéssemos sozinhos, apenas nós dois, na última vez que nos encontramos — ele disse. — Você acha que é pedir demais? Nós que crescemos juntos como irmão e irmã? — ele acrescentou quando Kristin hesitou antes de responder.

Então ela prometeu ir se conseguisse escapar de casa.

Na manhã seguinte, nevou, mas mais tarde começou a chover e logo as estradas e campos eram nada além de lama cinzenta. Fiapos de neblina pairavam e flutuavam ao longo das cristas das montanhas, ocasionalmente descendo e se entrelaçando em névoa branca aos pés das montanhas, mas logo o tempo fechou novamente.

Sira Eirik foi ajudar Lavrans a montar várias caixas de cartas. Eles entraram na casa da lareira porque era mais confortável lá nesse tipo de clima do que na casa maior, onde a lareira enchia o ambiente de fumaça. Ragnfrid estava em Laugarbru, onde Ramborg se recuperava de uma doença e febre que havia sofrido no outono anterior.

Então não foi difícil para Kristin escapar da fazenda despercebida; ela não ousava pegar um cavalo, então foi a pé. A estrada era um pântano de neve derretida e folhas murchas; o ar cheirava melancolicamente cru e morto e mofado, e de vez em quando uma rajada de vento soprava a chuva diretamente em seu rosto. Kristin puxou o capuz sobre a cabeça e segurou o manto fechado com as duas mãos enquanto caminhava rapidamente. Ela estava um pouco apreensiva — o clamor do rio soava tão abafado no ar opressivo, e as nuvens estavam negras e esfarrapadas, à deriva acima das cristas das montanhas. Às vezes, ela parava e escutava atrás dela, pensando que poderia ouvir Arne.

Depois de um tempo, ela percebeu o som dos cascos de um cavalo na estrada encharcada, e então ela parou, pois havia chegado a um lugar um tanto desolado e pensou que seria um local adequado para se despedirem sem serem perturbados. Um momento depois, ela viu o cavaleiro aparecer atrás dela, e Arne desmontou do cavalo, levando-o à frente enquanto caminhava em sua direção.

— Foi bom você ter vindo — ele disse —, nessa terrível tempestade.

— É pior para você, que terá que cavalgar por tanto tempo. Mas por que você está saindo tão tarde à noite?

— Jon me convidou para passar a noite em Loptsgaard — disse Arne.

— E pensei que seria mais fácil para você vir aqui nesse horário.

Ficaram em silêncio por um momento. Kristin pensou que nunca antes havia percebido o quão bonito Arne era. Ele usava um capacete de aço brilhante e, por baixo, um capuz de lã marrom que enquadrava seu rosto e se espalhava sobre seus ombros; por baixo, seu rosto fino parecia tão brilhante e justo. Sua couraça de couro era antiga, salpicada de ferrugem e arranhada da cota de malha que ele usava sobre ela — o pai de Arne havia dado a ele —, mas se ajustava bem em seu corpo esbelto, ágil e forte. Ele usava uma espada ao lado e carregava uma lança na mão; suas outras armas pendiam da sela. Ele era um homem adulto e parecia imponente.

Kristin colocou a mão em seu ombro e disse:

— Você se lembra, Arne, que você uma vez me perguntou se eu achava que você era tão esplêndido quanto Simon Andressøn? Quero

lhe dizer algo agora, antes de nos separarmos. Você me parece tão superior a ele em aparência e postura quanto ele é considerado acima de você em nascimento e riqueza por pessoas que valorizam mais essas coisas.

— Por que você está me dizendo isso? — perguntou Arne ofegante.

— Porque o Irmão Edvin imprimiu em meu coração que devemos agradecer a Deus por Seus bons presentes e não ser como a mulher que chorou porque não tinha tigelas quando Santo Olavo multiplicou a carne para ela. Então você não deve se preocupar pelo fato de Ele não ter lhe dado tanta riqueza quanto deu a você dons físicos...

— Foi isso que você quis dizer? — disse Arne. E quando Kristin não respondeu, ele continuou: — Eu estava pensando se você queria dizer que preferiria ter sido casada comigo do que com aquele outro homem.

— Provavelmente sim — ela disse quietamente. — Pois eu o conheço muito melhor.

Arne a abraçou tão apertado que levantou os pés do chão. Ele beijou seu rosto muitas vezes, mas então a colocou no chão.

— Deus nos ajude, Kristin. Você é tão criança!

Ela ficou ali com a cabeça baixa, mas manteve as mãos em seus ombros. Ele segurou seus pulsos e os manteve firmes.

— Agora vejo que você não percebe, minha doce, como meu coração dói porque vou perder você. Kristin, crescemos juntos como duas maçãs em um galho. Eu a amava antes de perceber que um dia alguém viria e a arrancaria de mim. Tão certo como Deus teve que morrer por todos nós, não sei como posso ser feliz novamente neste mundo depois de hoje.

Kristin chorou amargamente e levantou o rosto para que ele a beijasse.

— Não fale assim, meu Arne — ela implorou, acariciando o braço dele.

— Kristin — disse Arne com voz abafada, a abraçando novamente. — Você não consideraria pedir a seu pai... Lavrans é um homem tão bom, ele nunca a forçaria contra sua vontade. Você não poderia pedir a ele para esperar alguns anos? Ninguém sabe como minha fortuna pode mudar... somos tão jovens.

— Eu preciso fazer o que os de casa querem que eu faça — soluçou ela.

Então as lágrimas também dominaram Arne.

— Você não tem ideia, Kristin, de quanto eu te amo. — Ele escondeu o rosto em seu ombro. — Se soubesse, e se me amasse também, então iria até Lavrans e pediria docemente a ele...

— Eu não posso fazer isso — soluçou a moça. — Não acho que eu possa amar um homem tão profundamente que fosse contra a vontade dos meus pais por causa dele. — Ela deslizou as mãos sob o capuz de

Arne e o pesado capacete de aço para encontrar seu rosto. — Você não deve chorar assim, Arne, meu amigo mais querido.

— Quero que você tenha isso — ele disse depois de um momento, dando-lhe um pequeno broche. — E pense em mim de vez em quando, pois nunca vou esquecer você, nem minha tristeza.

Estava quase completamente escuro quando Kristin e Arne se despediram pela última vez. Ela ficou parada, olhando para ele quando finalmente partiu. Uma luz amarela brilhava através das nuvens, e a luz era refletida em seus passos, onde eles haviam caminhado e ficado na lama da estrada; parecia tão frio e sombrio, ela pensou. Ela tirou o lenço que cobria o corpete e enxugou o rosto marcado de lágrimas; então virou-se e partiu para casa.

Ela estava molhada e com frio, e caminhava rápido. Depois de um tempo, ela ouviu alguém se aproximando na estrada atrás dela. Ela ficou um pouco assustada; era possível que estranhos estivessem viajando nesta estrada principal, mesmo numa noite como esta, e ela tinha um trecho solitário à sua frente. Rochas pretas íngremes se erguiam de um lado, mas do outro havia um precipício, coberto de bosques de pinheiros até o rio pálido e chumbo no fundo do vale. Então ela ficou aliviada quando a pessoa atrás dela chamou seu nome; ela parou e esperou.

A pessoa que se aproximou era um homem alto e magro vestindo uma sobrepeliz escura com mangas de cor mais clara. Quando ele se aproximou, Kristin viu que ele estava vestido como um padre e carregava uma mochila vazia nas costas. Agora ela reconheceu Bentein Prestesøn, como o chamavam — neto de Sira Eirik. Ela notou imediatamente que ele estava bastante bêbado.

— Bem, um parte e o outro chega — ele disse e riu depois de se cumprimentarem. — Encontrei Arne de Brekken agora mesmo... e vejo que você está andando e chorando. Que tal me dar um sorriso porque eu voltei para casa? Os dois também foram amigos desde a infância, não foram?

— É um negócio ruim ter você voltando para o vale em seu lugar — disse Kristin irritada. Ela nunca gostou de Bentein. — Muitas pessoas vão dizer o mesmo, tenho medo. E seu avô estava tão feliz que você estava se saindo tão bem no sul de Oslo.

— Ah, sim — disse Bentein com um risinho e um sorriso zombeteiro. — Então você acha que eu estava me saindo bem, não é? Como um porco em um campo de trigo, foi assim para mim, Kristin... e o

resultado final foi o mesmo. Fui expulso com um grito e uma vara longa. Bem, bem. Ele não tem muita alegria com sua prole, meu avô. Por que você está caminhando tão rápido?

— Estou congelando — disse Kristin bruscamente.

— Não mais do que eu — disse o padre. — A única roupa que tenho para vestir é o que você vê. Tive que vender minha capa por comida e *ale* em Lillehammer. Mas você deve ter calor no corpo ainda por se despedir de Arne. Acho que você deveria me deixar vir sob suas peles com você. — E ele segurou a capa dela, jogou-a sobre os ombros e envolveu seu braço molhado em volta da cintura dela.

Kristin ficou tão surpresa com a audácia dele que levou um momento para recuperar os sentidos — então tentou se soltar, mas ele estava segurando a capa dela e ela estava presa com um prendedor de prata resistente. Bentein colocou os braços ao redor dela novamente e tentou beijá-la, empurrando a boca perto do queixo dela. Ela tentou bater nele, mas ele segurou seus braços.

— Acho que você perdeu a cabeça — ela sibilou enquanto lutava contra ele. — Como ousa me manusear como se eu fosse uma... Você vai se arrepender amargamente disso amanhã, seu miserável.

— Oh, amanhã você não será tão estúpida — disse Bentein. — E se não puder ser escondido, você sempre pode culpar Arne; as pessoas acreditarão mais facilmente nisso...

Ele tinha colocado um dedo em sua boca, então ela o mordeu com toda a sua força, e Bentein gritou e soltou o aperto. Rápida como um raio, Kristin puxou uma mão livre e a empurrou em seu rosto, pressionando o polegar o mais forte que pôde em seu olho. Ele urrou e se levantou de joelhos. Ela se libertou como um gato, empurrou o padre para que ele caísse de costas e depois correu pela estrada enquanto a lama espirrava atrás dela a cada passo.

Ela correu e correu sem olhar para trás. Ela ouviu Bentein se aproximando, e ela corria com o coração batendo na garganta, gemendo suavemente e olhando à frente — ela nunca chegaria a Laugarbru? Finalmente, Kristin chegou à parte da estrada que passava pelos campos. Ela viu prédios agrupados na encosta e de repente percebeu que não ousava ir até sua mãe — não da maneira como estava, coberta de lama e folhas murchas da cabeça aos pés, suas roupas rasgadas.

Ela podia sentir Bentein se aproximando. Ela se inclinou e pegou duas pedras grandes, e quando ele estava perto o suficiente, ela as jogou; uma delas o acertou com tanta força que o derrubou. Então ela começou a correr novamente e não parou até estar na ponte.

Tremendo, ela ficou ali segurando a grade; tudo ficou preto e ela tinha medo de desmaiar — mas então ela pensou em Bentein. E se ele viesse

e a encontrasse assim? Tremendo de vergonha e amargura, ela continuou, mas suas pernas mal podiam sustentá-la, e agora ela sentia como seu rosto ardia pelos arranhões de suas unhas, e ela havia machucado as costas e os braços. Lágrimas vieram, quentes como fogo.

Ela desejou que Bentein estivesse morto pela pedra que ela jogou; desejou ter voltado e o eliminado, que tivesse tirado sua faca, mas ela percebeu que deve tê-la perdido.

Então ela percebeu novamente que não ousava ser vista assim em casa; ocorreu-lhe que poderia ir a Romundgaard. Ela reclamaria com Sira Eirik.

Mas o padre ainda não tinha retornado de Jørundgaard. Na cozinha, ela encontrou Gunhild, a mãe de Bentein. A mulher estava sozinha, e então Kristin contou como seu filho tinha se comportado com ela. Mas ela não mencionou que tinha saído para encontrar Arne. Quando percebeu que Gunhild pensava que ela tinha estado em Laugarbru, ela não a dissuadiu.

Gunhild disse muito pouco, mas chorou muito enquanto lavava as roupas de Kristin e remendava os rasgos mais sérios. E a jovem estava tão angustiada que não percebeu os olhares que Gunhild lançava a ela em segredo.

Quando Kristin estava saindo, Gunhild vestiu seu próprio manto e a seguiu para fora, mas depois se dirigiu ao estábulo. Kristin perguntou para onde ela estava indo.

— Certamente devo ser permitida ir até lá e cuidar do meu filho — disse a mulher —, para ver se você o matou com aquela pedra ou o que aconteceu com ele.

Kristin não tinha nada a dizer em resposta, então simplesmente disse a Gunhild para garantir que Bentein deixasse a vila o mais rápido possível; ela nunca queria pôr os olhos nele novamente. “Ou vou falar disso para Lavrans, e então você pode muito bem imaginar o que acontecerá.”

Bentein partiu mal para o sul mais de uma semana depois; ele levava cartas para o Bispo de Hamar de Sira Eirik, pedindo ao bispo que encontrasse alguma ocupação para Bentein ou lhe desse alguma assistência.

CAPÍTULO 7

UM DIA, durante a temporada de Natal, Simon Andressøn chegou a Jørundgaard a cavalo, de forma bastante inesperada. Ele se desculpou por vir dessa maneira, não convidado e sozinho, sem parentes, mas Sir Andres estava na Suécia a negócios para o rei. Ele próprio estivera em

casa em Dyfrin por algum tempo, mas lá só tinha a companhia de suas irmãs mais novas e sua mãe, que estava doente na cama, e os dias tinham se tornado tão tediosos para ele; de repente, sentiu uma vontade irresistível de ir vê-los.

Ragnfrid e Lavrans agradeceram calorosamente por ele ter feito a longa viagem no auge do inverno. Quanto mais conheciam Simon, mais gostavam dele. Ele estava bem informado sobre tudo o que havia sido acordado entre Andres e Lavrans, e agora foi decidido que o banquete de noivado para o jovem casal seria celebrado antes do início da Quaresma, se Sir Andres voltasse para casa antes disso — caso contrário, na Páscoa.

Kristin ficava quieta e tímida quando estava com seu noivo; ela encontrava pouco para conversar com ele. Uma noite, quando todos estavam sentados bebendo, Simon a convidou para sair com ele para tomar um pouco de ar fresco. Enquanto estavam na galeria na frente do quarto do sótão, ele colocou o braço em volta de sua cintura e a beijou. Depois disso, ele o fez frequentemente sempre que estavam sozinhos. Ela não ficou satisfeita com isso, mas permitiu porque sabia que não havia escapatória do noivado. Agora ela pensava em seu casamento como algo que ela tinha que fazer, mas não algo que esperava com ansiedade. Mesmo assim, ela gostava o suficiente de Simon, especialmente quando ele estava conversando com os outros e não a tocava ou falava com ela.

Ela tinha sido tão infeliz durante todo o outono. Não adiantava dizer a si mesma que Bentein não lhe fizera mal; ela se sentia deflorada da mesma forma.

Nada podia ser como antes, agora que um homem ousara fazer tal coisa com ela. Ela ficava acordada à noite, queimando de vergonha, e não conseguia parar de pensar nisso. Lembrava-se do corpo de Bentein contra o seu quando lutava com ele, e de sua respiração quente de *ale*. Ela era forçada a pensar no que poderia ter acontecido, e era lembrada, com um arrepio percorrendo sua carne, do que ele havia dito: que se não pudesse ser oculto, então Arne seria culpado. Imagens passavam por sua cabeça de tudo o que teria acontecido se ela tivesse caído em tal desgraça e as pessoas soubessem sobre seu encontro com Arne. E se sua mãe e pai tivessem acreditado em tal coisa sobre Arne? E o próprio Arne... Ela o via como ele parecia naquela última noite, e sentia como se estivesse afundando diante dele em vergonha simplesmente porque poderia tê-lo arrastado junto com ela para a tristeza e a desgraça. E seus sonhos eram tão vis. Ela tinha ouvido falar sobre os desejos e tentações da carne na igreja e nas Sagradas

Escrituras, mas isso não significava nada para ela. Agora tinha ficado claro que ela mesma e todos os outros tinham um corpo pecaminoso, carnal, abrangendo a alma, mordendo-a com faixas ásperas.

Então ela imaginava como poderia ter matado Bentein ou cegado ele. Essa era a única consolação que ela conseguia encontrar — entregar-se a sonhos de vingança contra aquela figura escura e repugnante que sempre assombrava seus pensamentos. Mas nunca ajudava por muito tempo; ela se deitava ao lado de Ulvhild à noite e chorava por tudo o que a violência havia lhe causado. Em sua mente, Bentein conseguira violar sua virgindade mesmo assim.

No primeiro dia útil após o período de Natal, todas as mulheres de Jørundgaard estavam ocupadas na cozinha. Ragnfrid e Kristin também passaram a maior parte do dia lá. No final da tarde, enquanto algumas mulheres estavam limpando após o cozimento e outras estavam preparando a refeição da noite, a ordenhadora entrou correndo, gritando enquanto levantava as mãos.

— Jesus, Jesus... alguém já ouviu notícias mais terríveis! Estão trazendo Arne Gyrdsøn para casa numa carroça... Deus ajude Gyrd e Inga em sua miséria.

Entrou um homem que morava em uma casa um pouco mais adiante na estrada, e com ele estava Halvdan. Eles eram quem encontrara o cortejo fúnebre.

As mulheres se aglomeraram ao redor deles. Nos arredores do círculo ficava Kristin, pálida e trêmula. Halvdan, o próprio servo de Lavrans que conhecia Arne desde criança, soluçou alto ao falar.

Foi Bentein Prestesøn quem matou Arne. Na véspera de Ano Novo, os homens do bispo estavam na casa dos homens bebendo, quando Bentein entrou. Ele se tornara escriba para um padre, um cônego de Corpus Christi. A princípio, os homens não queriam deixar Bentein entrar, mas ele lembrou a Arne que eram da mesma vila. Então Arne permitiu que ele se sentasse com ele, e ambos começaram a beber. Mas depois começaram a brigar, e Arne lutou tão ferozmente que Bentein pegou uma faca da mesa e o esfaqueou na garganta e depois várias vezes no peito. Arne morreu quase imediatamente.

O bispo ficou muito abalado com essa desgraça; ele pessoalmente providenciou para que o corpo fosse tratado adequadamente, e seus próprios homens o acompanharam na longa jornada de volta para casa. Ele mandou colocar Bentein em correntes e o excomungou da

Igreja, e se ele ainda não tivesse sido enforcado, logo o seria.

Halvdan teve que contar a história várias vezes à medida que mais pessoas se aglomeravam na sala. Lavrans e Simon também foram até a cozinha quando notaram todo o barulho e comoção no pátio. Lavrans estava muito angustiado; ele ordenou que seu cavalo fosse preparado, pois queria ir para Brekken imediatamente. Ao sair, seus olhos se fixaram no rosto pálido de Kristin.

— Talvez você queira ir comigo? — ele perguntou. Kristin hesitou por um momento, estremeando, mas então assentiu, pois não ousava pronunciar uma palavra.

— Não está muito frio para ela? — disse Ragnfrid. — Amanhã haverá o velório, e aí todos nós iremos.

Lavrans olhou para sua esposa; também lançou um olhar ao rosto de Simon e depois foi até Kristin, colocando o braço em volta de seu ombro.

— Você deve lembrar que ela é irmã adotiva dele — ele disse. — Talvez ela queira ajudar a Inga a cuidar do corpo.

Mesmo que o coração de Kristin estivesse apertado de medo e desespero, ela sentiu uma onda calorosa de gratidão para com seu pai por suas palavras.

Então Ragnfrid queria que eles comessem o mingau da noite antes de saírem, se Kristin fosse junto. Ela também queria enviar presentes para Inga — uma nova folha de linho, velas e pão recém-assado. Ela pediu que dissessem a Inga que ela iria ajudar na preparação para o enterro.

Pouco foi comido, mas muito foi dito na sala enquanto a comida ficava sobre a mesa. Uma pessoa lembrou à outra sobre as provações que Deus havia enviado a Gyrd e Inga. A fazenda deles havia sido destruída por um deslizamento de pedras e inundação, e muitos de seus filhos mais velhos haviam morrido, então todos os irmãos de Arne ainda eram bastante jovens. Mas a sorte estivera com eles por vários anos agora, desde que o bispo nomeara Gyrd de Finsbrekken como seu enviado, e as crianças que haviam sido abençoadas eram bonitas e cheias de promessa. Mas Inga havia amado Arne mais do que todos os outros.

As pessoas também sentiam pena de Sira Eirik. O padre era amado e respeitado, e as pessoas da vila se orgulhavam dele; ele era bem educado e capaz, e em todos os anos com a Igreja, não havia perdido

um único dia santo, missa ou serviço que era obrigado a cumprir. Em sua juventude, ele fora soldado sob o Conde Alv de Tornberg, mas trouxera problemas para si mesmo ao matar um homem de “nascimento excepcionalmente alto”, e assim ele se tornara o Bispo de Oslo. Quando o bispo percebeu quão rápido Eirik era em adquirir conhecimento, aceitou-o no sacerdócio. E se não fosse pelo fato de que ainda tinha inimigos por causa daquele assassinato no passado, Sira Eirik provavelmente nunca teria ficado naquela pequena igreja. É verdade que ele era bastante avarento, tanto para seu próprio propósito quanto para sua igreja. Mas a igreja, afinal, era muito bem mobiliada com utensílios, cortinas e livros, e ele tinha aqueles filhos — mas nunca tivera nada além de problemas e tristezas com sua família. No campo, as pessoas achavam irracional esperar que os padres vivessem como monges, já que tinham que ter mulheres como serviçais em suas fazendas e poderiam precisar de uma mulher para cuidar das coisas para eles quando tivessem que fazer jornadas tão longas e árduas pela paróquia em todo tipo de clima. As pessoas também lembravam que não fazia muito tempo que os padres na Noruega eram homens casados. Então ninguém culpou Sira Eirik por ter três filhos com a governanta que estava com ele quando era jovem. Naquela noite, no entanto, eles disseram que parecia que Deus queria punir Eirik por ter uma amante, já que seus filhos e netos lhe causaram tanta dor. E algumas pessoas diziam que havia boas razões para os padres não terem esposas ou filhos, pois a inimizade e a indignação inevitavelmente surgiriam entre o padre e o povo de Finsbrekken. Até agora, eles tinham sido melhores amigos.

Simon Andressøn estava bem familiarizado com o comportamento de Bentein em Oslo, e ele contou aos outros sobre isso. Bentein se tornara um escriba para o reitor da Igreja de Maria e era considerado um sujeito esperto. E havia muitas mulheres que gostavam bastante dele; ele tinha aqueles olhos e uma língua afiada. Alguns o achavam um homem bonito — principalmente mulheres que sentiam que tinham sido traídas por seus maridos, ou jovens donzelas que gostavam de ter homens agindo com liberdade em relação a elas. Simon ri; eles sabiam o que ele queria dizer, não é mesmo? Bem, Bentein era tão astuto que não se aproximava demais dessas mulheres; com elas, ele trocava apenas palavras, e ganhou a reputação de levar uma vida pura.

Aconteceu que o Rei Haakon, que era ele mesmo um homem piedoso e decente, queria que seus homens mantivessem um comportamento disciplinado e adequado — pelo menos os homens mais jovens. Os outros ele tinha pouco controle. Mas o padre do rei sempre ficava sabendo de quaisquer travessuras que os jovens conseguissem fazer

furtivamente e participar — festas bêbadas, jogos de azar, bebedeiras e coisas do tipo. E então os patifes tinham que confessar e se arrepender, e recebiam punições severas; sim, dois ou três dos garotos mais selvagens até foram enviados para longe. Mas finalmente veio à tona que era aquele raposo, Bentein *secretarius*, que frequentava secretamente todas as tabernas e estabelecimentos ainda piores; ele realmente ouvira as confissões das prostitutas e lhes dera absolvição.

Kristin estava sentada ao lado de sua mãe. Ela tentava comer para que ninguém percebesse como as coisas estavam com ela, mas sua mão tremia tanto que derramava um pouco do mingau a cada colherada, e sua língua parecia tão grossa e seca em sua boca que mal conseguia engolir o pão. Mas quando Simon começou a falar sobre Bentein, ela teve que desistir de qualquer pretensão de comer. Ela segurou a beirada do banco com as mãos; terror e repugnância tomaram conta dela, fazendo-a sentir tontura e náusea. Ele era aquele que tinha tentado... Bentein e Arne, Bentein e Arne... Doente de impaciência, ela esperou os outros terminarem. Ela ansiava ver Arne, o rosto bonito de Arne, ajoelhar-se e lamentar, esquecendo tudo o mais.

Quando Ragnfrid ajudou Kristin a vestir suas roupas externas, ela beijou sua filha na bochecha. Kristin não estava acostumada a receber qualquer tipo de carinho de sua mãe, e isso a fez sentir-se tão bem. Ela apoiou a cabeça no ombro de Ragnfrid por um momento, mas não conseguiu chorar.

Quando ela saiu para o pátio, viu que mais pessoas estavam se juntando a eles — Halvdan, Jon de Laugarbru, e Simon e seu servo. Ela se sentiu injustificadamente angustiada que os dois estranhos estariam indo junto.

Era uma noite fria e cortante; a neve rangia sob os pés, e as estrelas cintilavam, densas como geada, no céu negro. Depois de percorrerem uma curta distância, ouviram uivos e gritos e cascos furiosos ao sul dos prados. Um pouco mais adiante na estrada, o bando inteiro de cavaleiros veio correndo por trás deles e depois disparou à frente. O som de metal tilintante e o vapor dos corpos de cavalos fumegantes e cobertos de geada subiram diante de Lavrans e seu grupo à medida que se afastavam para o lado, para a neve. Halvdan gritou para a multidão selvagem — eram os jovens das fazendas ao sul da aldeia. Eles ainda estavam celebrando o Natal e estavam testando seus cavalos. Aqueles que estavam bêbados demais para perceber correram à frente, trovejando e rugindo enquanto batiam em seus escudos. Mas alguns deles entenderam as notícias que Halvdan gritara para eles; eles se afastaram do grupo, ficaram em silêncio e se juntaram ao

grupo de Lavrans enquanto sussurravam para os homens no final da procissão.

Eles continuaram até que pudessem ver Finsbrekken na encosta ao lado do Rio Sil. Havia uma luz entre os edifícios; no meio do pátio, os criados haviam colocado tochas de pinho em um monte de neve, e a luz do fogo brilhava vermelha sobre a colina branca, mas as casas escuras pareciam estar manchadas de sangue coagulado. Uma das irmãs pequenas de Arne estava do lado de fora, batendo os pés, com os braços cruzados sob a capa. Kristin beijou o rosto encharcado de lágrimas da criança congelante. Seu coração estava tão pesado quanto uma pedra, e ela se sentia como se houvesse chumbo em seus membros enquanto subia as escadas para o sótão onde o tinham colocado.

O som dos hinos e o brilho de muitas velas acesas preenchiam a entrada. No centro do sótão estava o caixão em que Arne tinha sido trazido para casa, coberto por um lençol. Tábuas foram colocadas sobre cavaletes e o caixão foi levantado. À sua cabeceira estava um jovem padre com um livro nas mãos, cantando. Ao seu redor, as pessoas estavam ajoelhadas com os rostos escondidos em suas capas espessas.

Lavrans acendeu sua vela a partir de uma das velas na sala, colocou-a firmemente na tábua do esquite e ajoelhou-se. Kristin estava prestes a fazer o mesmo, mas não conseguia fazer sua vela ficar de pé; então Simon se aproximou para ajudá-la. Enquanto o padre rezava, todos permaneceram de joelhos, repetindo suas palavras em um sussurro, de modo que o vapor pairava ao redor de suas bocas. Estava gelado no sótão.

Quando o padre fechou seu livro, as pessoas se levantaram; muitas já haviam se reunido na câmara do velório. Lavrans foi até Inga. Ela estava encarando Kristin e parecia não ouvir as palavras de Lavrans; ela ficou ali com os presentes que ele havia dado a ela, segurando-os como se não percebesse que tinha algo nas mãos.

— Então você também veio, Kristin — ela disse com um tom de voz estranho e tenso. — Talvez você queira ver meu filho, do jeito que ele voltou para mim?

Ela afastou algumas velas, agarrou o braço de Kristin com uma mão trêmula e, com a outra, arrancou o pano do rosto do morto.

Estava esverdeado-amarelado como lama, e seus lábios tinham a cor

de chumbo; estavam ligeiramente separados, de modo que os dentes brancos e estreitos pareciam oferecer um sorriso zombeteiro. Sob os longos cílios, podia-se ver um vislumbre de seus olhos vidrados, e havia várias manchas azul-escuras em suas bochechas, que eram ou contusões da briga, ou marcas de um cadáver.

— Talvez você queira beijá-lo? — perguntou Inga no mesmo tom de voz, e Kristin obedientemente se inclinou para frente e pressionou os lábios na bochecha do morto. Estava úmido, como se fosse orvalho, e ela achou que conseguia sentir vagamente o cheiro da carniça; ele sem dúvida começara a descongelar no calor de todas as velas.

Kristin permaneceu inclinada ali, com as mãos no esquite, pois não tinha forças para ficar de pé. Inga afastou mais o sudário para que o corte da facada em seu osso da clavícula ficasse visível.

Então ela se virou para as pessoas e disse com uma voz trêmula:

— Vejo que é mentira o que dizem, que as feridas de um morto sangrarão se forem tocadas por quem causou sua morte. Ele está mais frio agora, meu filho, e não tão bonito como quando você o viu pela última vez na estrada. Você não se importa de beijá-lo agora, vejo, mas ouvi dizer que você não recusou os lábios dele naquela época.

— Inga — disse Lavrans, dando um passo à frente —, você perdeu o juízo? O que está dizendo?

— Ah, vocês todos são tão grandiosos lá em Jørundgaard. Você era um homem riquíssimo, Lavrans Bjørgulfsøn, para o meu filho ousar cortejar sua filha com honra. E sem dúvida Kristin achou que era boa demais para ele também. Mas ela não era boa demais para correr atrás dele na estrada à noite e brincar com ele nos matagais na noite em que ele partiu. Pergunte a ela mesma e veremos se ela ousa negar, enquanto Arne jaz morto aqui, ela que trouxe isso sobre nós com seus modos soltos...

Lavrans não fez a pergunta; em vez disso, virou-se para Gyrð.

— Você precisa conter sua esposa... ela perdeu o juízo.

Mas Kristin levantou seu rosto pálido e olhou ao redor em desespero.

— Eu saí para encontrar Arne naquela última noite, porque ele me pediu para fazer isso. Mas nada aconteceu entre nós que não fosse apropriado. — E enquanto parecia se recompor e perceber completamente o que estava sendo insinuado, ela gritou alto: — Não sei o que você quer dizer, Inga. Você está difamando Arne enquanto ele jaz aqui? Nunca ele tentou me atrair ou seduzir.

Mas Inga riu alto.

— Arne? Não, não Arne. Mas Bentein não a deixou brincar com ele desse jeito. Pergunte a Gunhild, Lavrans, quem lavou a sujeira das costas de sua filha, e pergunte a qualquer homem que estava na casa

dos homens na cidadela do bispo na véspera de Ano Novo, quando Bentein ridicularizou Arne por tê-la deixado ir embora e depois foi feito de tolo por ela. Ela deixou Bentein se enroscar em seus pelos enquanto voltava para casa, e ela tentou brincar do mesmo jeito com ele...

Lavrans agarrou Inga pelo ombro e pressionou a mão contra a boca dela.

— Tire-a daqui, Gyrd. É vergonhoso que você fale assim diante do corpo desse bom rapaz. Mas mesmo que todos os seus filhos estejam mortos aqui, eu não ficaria parado ouvindo suas mentiras sobre os meus. E você, Gyrd, terá que responder pelo que essa mulher demente está dizendo.

Gyrd segurou sua esposa para levá-la embora, mas disse a Lavrans:

— É verdade que Arne e Bentein estavam falando sobre Kristin quando meu filho perdeu a vida. É compreensível que você talvez não tenha ouvido, mas tem se falado aqui no vilarejo neste outono...

Simon bateu sua espada na arca de roupas mais próxima.

— Não, boas pessoas, agora vocês terão que encontrar algo além da minha noiva para falar nesta câmara de morte. Padre, você não pode controlar essas pessoas para que tudo aconteça de acordo com o costume?

O padre — Kristin agora viu que ele era o filho mais jovem de Ulvsvold que tinha voltado para o Natal — abriu seu livro e assumiu sua posição ao lado da mesa de defuntos. Mas Lavrans gritou que aqueles que haviam falado de sua filha, quem quer que fossem, teriam que engolir suas palavras.

E então Inga gritou:

— Vá em frente e tire minha vida, Lavrans, assim como ela tirou toda a minha consolação e alegria... e celebre o casamento dela com esse filho de um cavaleiro, e mesmo assim todos saberão que ela se casou com Bentein na estrada. Aqui... — E ela jogou o lençol que Lavrans havia lhe dado sobre a mesa para Kristin. — Não preciso do linho de Ragnfrid para envolver Arne para o enterro. Faça dele um lenço para você, ou guarde-o para enrolar seu bastardo à beira do caminho... e vá ajudar Gunhild a lamentar o homem enforcado.

Lavrans, Gyrd e o padre agarraram Inga. Simon tentou levantar Kristin, que estava deitada sobre a mesa. Mas ela sacudiu veementemente a mão dele e, então, ainda de joelhos, ela se endireitou e gritou:

— Que Deus, meu Salvador, me ajude, isso é uma mentira!

Ela estendeu a mão e a segurou sobre a vela mais próxima na mesa. Parecia que a chama vacilava e se afastava. Kristin sentiu os olhares de todos sobre ela — por um tempo muito longo, parecia. Então, de repente, ela notou uma dor lancinante na palma da mão e, com um

grito agudo, desabou no chão.

Ela pensou que havia desmaiado, mas podia sentir Simon e o padre a levantando. Inga gritou alguma coisa. Ela viu o rosto horrorizado de seu pai e ouviu o padre gritar que ninguém deveria considerar aquilo um verdadeiro julgamento — esse não era o modo de pedir a Deus que testemunhasse. E então Simon carregou Kristin para fora do sótão e desceu as escadas. O criado de Simon correu para o estábulo e, um momento depois, Kristin, ainda meio inconsciente, estava sentada na frente da sela de Simon, envolta em sua capa, enquanto ele cavalgava em direção ao vilarejo o mais rápido que seu cavalo podia levá-los. Eles estavam quase chegando a Jørundgaard quando Lavrans os alcançou. O restante do séquito deles vinha tropeçando pela estrada muito atrás.

— Não diga nada para sua mãe — disse Simon ao colocar Kristin ao lado da porta. — Ouvimos conversas sem sentido demais esta noite; não é de admirar que você tenha desmaiado no final.

Ragnfrid estava acordada quando eles entraram, e ela perguntou como tinha sido a vigília. Simon falou por todos. Sim, havia muitas velas e muitas pessoas. Sim, um padre estava lá — Tormod de Ulvsvold. Sobre Sira Eirik, ele ouviu dizer que ele tinha cavalgado para o sul até Hamar naquela mesma noite, então eles evitariam qualquer dificuldade no enterro.

— Devemos mandar rezar uma missa pelo rapaz — disse Ragnfrid. — Que Deus dê força a Inga. Ela foi duramente testada, essa boa mulher. Lavrans seguiu o tom que Simon havia estabelecido, e em pouco tempo Simon disse que agora todos deveriam ir para a cama... “Pois Kristin está tão cansada quanto triste.”

Em certo momento, quando Ragnfrid já havia adormecido, Lavrans vestiu-se rapidamente e foi até a beira da cama onde suas filhas estavam dormindo. Na escuridão, ele encontrou a mão de Kristin e disse suavemente:

— Agora você deve me contar, criança, o que é verdade e o que é mentira em toda essa conversa que Inga está espalhando.

Soluçando, Kristin contou a ele tudo o que aconteceu na noite em que Arne partiu para Hamar. Lavrans disse pouco. Então, Kristin avançou na cama e jogou os braços ao redor de seu pescoço, soluçando baixinho.

— Eu sou culpada pela morte de Arne... é verdade o que Inga disse...

— Arne pediu a você para ir encontrá-lo — disse Lavrans, puxando as cobertas ao redor dos ombros nus de sua filha. — Foi imprudente da minha parte permitir que vocês dois passassem tanto tempo juntos,

mas pensei que o rapaz tivesse mais juízo. Não vou culpá-los; consigo ver que essas coisas são pesadas para você carregar. E ainda assim, nunca imaginei que alguma de minhas filhas cairia em má reputação aqui em nossa vila. Será doloroso para sua mãe quando ouvir essa notícia. Mas você foi para Gunhild em vez de vir a mim... isso foi tão imprudente que não consigo entender como você pôde agir de forma tão tola.

— Eu não quero ficar mais aqui na vila — chorou Kristin. — Não me atrevo a olhar nos olhos de ninguém. E toda a tristeza que causei às pessoas em Romundgaard e em Finsbrekken...

— Sim — disse Lavrans —, eles terão que garantir, tanto Gyrd quanto Sira Eirik, que essas mentiras sobre você sejam enterradas com Arne. Caso contrário, será Simon Andressøn quem poderá melhor defendê-la nessa questão. — E ele a acariciou na escuridão. — Você não acha que ele lidou bem e com bom senso?

— Pai — suplicou Kristin, temerosa e fervorosa, enquanto se agarrava a ele —, me mande para o convento, pai. Sim, ouça-me... pensei nisso por muito tempo. Talvez Ulvhild melhore se eu for em seu lugar. Você se lembra dos sapatos que costurei para ela neste outono, aqueles com pérolas? Eu me espetei tanto nos dedos, que sangrei pelo fio dourado afiado. Sentei e costurei esses sapatos porque achei errado não amar minha irmã o suficiente para me tornar uma freira e ajudá-la. Arne me perguntou sobre isso uma vez. Se eu tivesse dito sim naquela época, nada disso teria acontecido.

Lavrans balançou a cabeça.

— Deite-se agora — ele disse a ela. — Você não sabe o que está dizendo, minha pobre criança. Agora você precisa tentar dormir.

Mas Kristin permaneceu deitada lá, sentindo a dor em sua mão queimada; amargura e desespero por seu destino rugiam em seu coração. As coisas não poderiam ter corrido pior para ela se ela fosse a mulher mais pecadora; todos acreditariam... Não, ela não podia, ela não podia suportar ficar aqui na vila. Horror após horror aparecia diante dela. Quando sua mãe descobrisse sobre isso... E agora havia sangue entre eles e seu pároco, hostilidade entre todos ao seu redor que haviam sido amigos por toda a vida. Mas os medos mais extremos e opressivos a dominavam sempre que pensava em Simon — da maneira como ele a pegara e a carregara e falara por ela em casa e agira como se ela já pertencesse mais a ele do que a eles.

Então, ela se lembrou do rosto de Arne, frio e horrendo. Lembrou-se de ter visto uma sepultura aberta esperando por um corpo da última vez que saiu da igreja. Os pedaços picados de terra estavam na neve, duros e frios e cinza como ferro — foi lá que ela trouxe Arne.

De repente, ela pensou em uma noite de verão muitos anos antes. Ela estava de pé na galeria do sótão em Finsbrekken, o mesmo sótão onde fora derrubada esta noite. Arne estava jogando bola com alguns meninos no pátio, e a bola subiu até ela na galeria. Ela a segurou atrás das costas e se recusou a entregá-la quando Arne veio buscá-la. Então ele tentou pegá-la à força, e eles brigaram por ela na galeria, depois dentro do sótão entre os baús. Os sacos de couro cheios de roupas que estavam pendurados ali os atingiram na cabeça quando correram durante a perseguição. Eles tinham brigado e rolado sobre aquela bola.

E agora ela finalmente parecia perceber que ele estava morto e se foi, e que nunca veria seu rosto corajoso e bonito ou sentiria suas mãos quentes novamente. Ela tinha sido tão infantil e sem coração que nunca ocorreu a ela como ele se sentiria ao perdê-la. Ela chorou em desespero e pensou que merecia sua própria infelicidade. Mas então ela começou a pensar novamente em tudo o que ainda a aguardava, e chorou porque achava que o castigo que viria até ela era muito severo.

Simon foi quem contou a Ragnfrid sobre o que aconteceu na vigília em Brekken na noite anterior. Ele fez pouco caso do assunto, apenas o necessário. Mas Kristin estava tão atordoada de pesar e uma noite sem dormir que sentiu uma amargura puramente irracional em relação a ele, porque ele podia falar como se não fosse tão terrível afinal. Ela também sentiu um grande desagrado pela maneira como seus pais deixavam Simon agir como se fosse o dono da casa.

— Então você não pensa nada disso, Simon? — perguntou Ragnfrid ansiosamente.

— Não — respondeu Simon. — E eu não acho que mais ninguém pense; eles conhecem você e ela, e conhecem esse Bentein. Mas não há muito o que falar nessa vila remota; é perfeitamente razoável para as pessoas se deliciarem com essa novidade suculenta. Agora teremos que ensiná-los que a reputação de Kristin é um prato muito rico para os camponeses daqui. Mas é uma pena que ela tenha ficado tão assustada com a grosseria dele que não veio até você imediatamente, ou foi até Sira Eirik. Acho que esse padre da estalagem teria prazer em testemunhar que não quis dizer mais do que alguma brincadeira inocente se você tivesse falado com ele, Lavrans.

Ambos os pais concordaram que Simon estava certo. Mas Kristin deu um grito e bateu o pé.

— Mas ele me derrubou no chão. Eu mal sei o que ele fez comigo. Eu estava fora de mim; eu não me lembro de nada. Pelo que eu sei, pode ser como Inga diz. Eu não tenho estado bem ou feliz por um único dia desde então...

Ragnfrid deu um grito e juntou as mãos; Lavrans se levantou. Até mesmo o rosto de Simon mudou de expressão; ele deu a Kristin um olhar afiado, foi até ela e colocou a mão sob seu queixo. Então ele riu. — Deus a abençoe, Kristin. Você teria se lembrado se ele tivesse lhe feito algum mal. Não é de admirar que ela tenha se sentido melancólica e indisposta desde aquela noite infeliz em que levou um susto... ela que nunca encontrou nada além de bondade e boa vontade antes — ele disse aos outros. — Qualquer um pode ver pelos seus olhos, que não carregam más intenções e preferem acreditar no bem do que no mal, que ela é uma donzela e não uma mulher. Kristin olhou para os pequenos e firmes olhos de seu noivo. Ela ergueu os braços até a metade; queria colocá-los ao redor do pescoço dele. Então Simon continuou.

— Você não deve pensar, Kristin, que vai esquecer tudo isso. Não pretendo que nos estabeleçamos em Formo imediatamente e nunca permitir que você saia deste vale. “Ninguém tem a mesma cor de cabelo ou temperamento na chuva como no sol”, disse o velho Rei Sverre quando acusaram seus seguidores do “Birch-Leg”¹³ de ficarem arrogantes com o sucesso.

Lavrans e Ragnfrid sorriram. Achou graça ouvir o jovem falar como se fosse um sábio bispo.

Simon continuou.

— Não seria apropriado para mim te admoestar, o homem que será meu sogro, mas talvez eu possa dizer isso: fomos tratados com mais rigor, meus irmãos e eu. Não nos era permitido nos movermos tão livremente entre os servos como vejo que é o costume de Kristin. Minha mãe costumava dizer que se brincarmos com os filhos dos caseiros, acabaremos com piolhos no cabelo; e há alguma verdade nisso.

Lavrans e Ragnfrid não disseram nada a isso. Mas Kristin virou-se, e o desejo que ela havia sentido por um momento de colocar os braços ao redor do pescoço de Simon Darre havia desaparecido completamente.

Por volta do meio-dia, Lavrans e Simon colocaram seus esquis e foram cuidar de várias armadilhas no alto da colina. Ao ar livre, agora o tempo estava lindo, ensolarado e não tão amargo quanto o frio intenso. Ambos os homens ficaram aliviados por escapar de toda a tristeza e lágrimas em casa, então esquiaram por uma longa distância, até a rocha nua.

¹³ Seguidores “Birch-Leg”: Um grupo político formado em

1174 no sudeste da Noruega durante o conflito sobre o sucessor legítimo ao trono. Os Birch-Legs apoiaram Sverre em sua tentativa bem-sucedida de se tornar rei em 1177, e muitos deles foram mais tarde recompensados com a permissão de se casar em famílias distintas e ingressar nos círculos mais elevados da sociedade. (N.T.)

Eles se deitaram ao sol sob um penhasco íngreme, beberam e comeram. Então Lavrans falou um pouco sobre Arne; ele tinha um carinho especial pelo rapaz. Simon se juntou, elogiando o falecido, e disse que não achava estranho que Kristin estivesse de luto por seu irmão adotivo. Então Lavrans mencionou que talvez não deveriam pressioná-la tanto, mas dar a ela um pouco mais de tempo para recuperar o equilíbrio antes de celebrarem o brinde do noivado. Ela tinha dito que gostaria de ir a um convento por um tempo.

Simon se levantou de repente e deu um longo assobio.

— Você não gosta da ideia? — perguntou Lavrans.

— Oh, sim, sim — respondeu o outro homem apressadamente. — Esse parece ser o melhor conselho, caro futuro sogro. Envie-a para as irmãs em Oslo por um ano; então ela aprenderá como as pessoas falam umas das outras no mundo. Eu tendo a saber um pouco sobre várias das donzelas que estão lá — ele disse e riu. — Elas não se deitariam e morreriam de tristeza por dois rapazes loucos se destruindo por causa delas. Não que eu queira uma donzela assim para minha esposa, mas não acho que faria mal para Kristin conhecer algumas pessoas novas. Lavrans colocou o restante da comida na mochila e disse, sem olhar para o jovem:

— Você tem afeição por Kristin, eu acho.

Simon riu um pouco, mas não olhou para Lavrans.

— Você deve saber que tenho grande afeição por ela... e por você também — disse Simon bruscamente, e então ele se levantou e colocou seus esquís. — Nunca conheci nenhuma donzela com quem eu preferiria casar.

Pouco antes da Páscoa, enquanto ainda era possível dirigir uma carroça pelo vale e através do Lago Mjøsa, Kristin fez sua segunda jornada para o sul. Simon veio para acompanhá-la até o convento. Desta vez, ela viajou com seu pai e seu noivo, sentada na carroça, envolta em peles. Eles foram acompanhados por serviçais e carroças cheias de seus baús de roupas e presentes de comida e peles para a abadessa e as irmãs de Nonneseter.

PARTE 2: A GUIRLANDA

CAPÍTULO 1

NUM DOMINGO DE MANHÃ no final de abril, o barco da igreja de Aasmund Bjørgulfsson deslizou além do ponto na ilha de Hovedø enquanto os sinos tocavam na igreja do convento, e os sinos da cidade ecoavam em resposta pela baía, soando mais alto, depois mais fracos, enquanto o vento carregava as notas.

O céu estava limpo e azul pálido, com nuvens leves e onduladas fluando, e o sol reluzia inquieto sobre a água ondulante. Parecia bastante primaveril ao longo da costa; os campos estavam quase despidos de neve, e havia sombras azuladas e um brilho amarelado nos matagais folhosos. Mas a neve era visível na floresta de abetos no topo das colinas que cercavam os assentamentos de Aker, e a oeste, nas distantes montanhas azuis além do fiorde, muitas faixas de branco ainda brilhavam.

Kristin estava de pé na proa do barco com seu pai e Gyrid, a esposa de Aasmund. Ela virou o olhar para a cidade, com todas as suas igrejas claras e edifícios de pedra se elevando acima das multidões de casas de madeira acinzentada e das copas nuas das árvores. O vento agitava as bordas de sua capa e bagunçava seu cabelo sob o capuz.

No dia anterior, eles haviam soltado o gado para pastar em Skog, e Kristin sentiu de repente uma saudade tão forte de Jørundgaard. Seria muito tempo antes de poderem soltar o gado de volta para casa. Ela sentiu uma saudade terna e compassiva pelas vacas magras de inverno nos estábulos escuros; elas teriam que esperar e suportar por muitos dias ainda. Ela sentia falta de todos — sua mãe, Ulvhild, que havia dormido em seus braços todas as noites por todos esses anos, a pequena Ramborg. Ela ansiava por todas as pessoas em casa e pelos cavalos e cachorros; por Kortelin, a quem Ulvhild cuidaria enquanto ela estivesse fora; e pelos falcões do seu pai, sentados em seus poleiros com capuzes sobre as cabeças. Ao lado deles, pendiam as luvas feitas de pele de cavalo, que precisavam ser usadas ao manejá-los, e os paus de marfim usados para coçá-los.

Todos os terríveis eventos do inverno agora pareciam tão distantes, e ela só lembrava de sua casa como era antes. Também lhe disseram que ninguém na aldeia pensava mal dela. Nem mesmo Sira Eirik; ele estava irritado e magoado com o que Bentein havia feito. Bentein havia escapado de Hamar, e diziam que ele havia fugido para a Suécia. Portanto, as coisas não tinham sido tão desagradáveis entre sua família e as pessoas da fazenda vizinha como Kristin temia.

No caminho para o sul, eles haviam ficado na casa de Simon, e ela conheceu sua mãe e irmãos; Sir Andres ainda estava na Suécia. Ela

não se sentiu à vontade lá, e sua antipatia pela família em Dyfrin era ainda maior porque ela não conhecia uma explicação razoável para isso. Durante toda a viagem, ela dizia a si mesma que não tinham motivo para serem arrogantes ou se considerarem melhores que seus ancestrais — ninguém jamais ouvira falar de Reidar Darre, o Perna de Bétula, até o Rei Sverre encontrar a viúva do barão em Dyfrin para que ele se casasse.

Mas eles não se mostraram arrogantes, e Simon até falou de seu ancestral em uma noite.

— Agora descobri com certeza que ele era suposto ser um fabricante de pentes... então você realmente estará se unindo a uma linhagem real, Kristin — ele disse.

— Guarde sua língua, meu rapaz — disse sua mãe, mas todos riram. Kristin se sentiu estranhamente incomodada quando pensou em seu pai. Ele ria muito sempre que Simon lhe dava o menor motivo para isso. O pensamento lhe ocorreu de que talvez seu pai gostaria de ter rido mais frequentemente em sua vida. Mas ela não gostava que ele fosse tão amigo de Simon.

Durante a Páscoa, todos estavam em Skog. Kristin percebeu que seu tio Aasmund era um senhor severo para seus arrendatários e criados. Ela encontrou algumas pessoas que perguntaram por sua mãe e falaram afetuosamente de Lavrans; eles tinham desfrutado de dias melhores quando ele morava lá. A mãe de Aasmund, que era madrastra de Lavrans, morava na fazenda em sua própria casa. Ela não era particularmente velha, mas estava doente e frágil. Lavrans raramente falava dela em casa. Uma vez, quando Kristin perguntou ao pai se ele tinha uma madrastra briguenta, ele respondeu:

— Ela nunca fez muito por mim, nem bem, nem mal.

Kristin estendeu a mão para o pai, e ele apertou a dela em resposta.

— Eu sei que você será feliz com as dignas irmãs, minha filha. Lá você terá outras coisas para pensar além da saudade de nós de volta para casa.

Navegaram tão perto da cidade que o cheiro de alcatrão e peixe salgado chegava até eles dos cais. Gyrid apontava para as igrejas, fazendas e estradas que se estendiam para cima a partir da beira d'água. Kristin não reconhecia nada desde a última vez que estivera lá, exceto pelas torres imponentes da Catedral de Halvard. Navegaram para o oeste, contornaram toda a cidade e depois atracaram no cais das freiras.

Kristin caminhou entre seu pai e seu tio passando por um conjunto de armazéns e alcançou a estrada, que subia pastando pelos campos. Gyrid os seguiu, escoltada por Simon. Os servos ficaram para trás para

ajudar alguns homens do convento a carregar os baús em um carrinho.

O convento Nonneseter e toda Leiran ficavam dentro dos limites da cidade, mas havia apenas algumas casas espalhadas ao longo da estrada. As cotovias cantavam acima no céu azul pálido, e pequenas margaridas amarelas de Michaelmas fervilhavam nos morros de terra pálida, mas ao longo das cercas as raízes da grama estavam verdes.

Ao passarem pelo portão e entrarem na colunata, todas as freiras caminharam na direção deles em uma procissão da igreja, com música e canto fluindo atrás delas pela porta aberta.

Kristin fitou inquieta as muitas mulheres vestidas de preto com véus brancos emoldurando seus rostos. Ela fez uma reverência, e os homens se curvaram com os chapéus pressionados contra o peito. Após as freiras, veio um grupo de donzelas jovens — algumas eram crianças — usando vestidos de linho não tingido, com cintos pretos e brancos feitos de cordão torcido em torno de suas cinturas. Seus cabelos estavam puxados para trás e trançados apertadamente com o mesmo tipo de cordão preto e branco. Kristin inconscientemente assumiu uma expressão altiva para as donzelas jovens porque se sentia tímida, e tinha medo de que pensassem que ela parecia rude e tola.

O convento era tão magnífico que ela ficou completamente impressionada. Todos os edifícios ao redor do pátio interno eram feitos de pedra cinza. No lado norte, o longo muro da igreja se destacava acima dos outros edifícios; tinha um telhado de dois níveis e uma torre na extremidade oeste. A superfície do pátio era pavimentada com lajes, e toda a área era cercada por uma arcada coberta apoiada por colunas imponentes. No centro da praça, havia uma estátua de pedra de *Mater Misericordiae*, estendendo seu manto sobre um grupo de pessoas ajoelhadas.

Uma irmã leiga se aproximou e pediu que os seguissem até o parlatório, a sala de recepção da abadessa. A abadessa Groa Guttormsdatter era uma mulher alta e corpulenta. Ela teria sido bonita se não tivesse tantos pelos ásperos ao redor da boca. Sua voz era profunda e a fazia soar como um homem. Mas ela tinha um jeito agradável e lembrou a Lavrans que conheceu seus pais e então perguntou por sua esposa e outros filhos. Finalmente, voltou-se gentilmente para Kristin.

— Ouvi coisas boas sobre você, e você parece ser inteligente e bem-educada, então não acredito que nos dará motivo para desgosto. Ouvi dizer que você está prometida a esse homem nobre e bom, Simon

Andressøn, que vejo diante de mim. Achamos sábio de seu pai e de seu noivo enviá-la aqui para a casa da Virgem Maria por um tempo, para que você aprenda a obedecer e a servir antes de ser encarregada de dar ordens e comandos. Quero lhe impressionar agora que você deve aprender a encontrar alegria na oração e nos serviços divinos, para que em todas as suas ações você tenha o hábito de lembrar de seu Criador, da Mãe gentil do Senhor e de todos os santos que nos deram os melhores exemplos de força, retidão, fidelidade e todas as virtudes que você deve demonstrar se quiser administrar propriedades e servos e criar filhos. Você também aprenderá nesta casa que é preciso prestar muita atenção ao tempo, porque aqui cada hora tem um propósito e uma tarefa específicos. Muitas donzelas jovens e esposas gostam demais de ficar na cama até tarde pela manhã e de ficar à mesa à noite, mantendo conversas inúteis. Mas você não parece ser desse tipo. No entanto, você pode aprender muito com este ano que a beneficiará tanto aqui quanto naquela outra casa.

Kristin fez uma reverência e beijou sua mão. Então, Fru Groa disse a Kristin para seguir uma freira excepcionalmente gorda, a quem chamou de Irmã Potentia, até a sala de refeições das freiras. Ela convidou os homens e Fru Gyrid para jantar com ela em outra sala.

A sala de refeições era uma bela sala. Tinha um piso de pedra e janelas em arco com vidraças. Uma porta levava para outra sala, e Kristin pôde ver que esta sala também devia ter vidraças, porque o sol estava brilhando lá dentro.

As irmãs já haviam se sentado e estavam esperando pela comida. As freiras mais velhas estavam sentadas em um banco de pedra coberto com almofadas ao longo da parede sob as janelas. As irmãs mais jovens e as donzelas sem véu vestindo vestidos leves de linho estavam sentadas em um banco de madeira na frente da mesa. Mesas também haviam sido postas na sala adjacente, destinada aos corrodianos¹⁴ mais distintos e aos servos leigos; havia vários homens idosos entre eles. Essas pessoas não usavam trajes de claustro, mas sim roupas escuras e dignas.

Irmã Potentia conduziu Kristin a um lugar no banco externo enquanto ela mesma ia para um assento próximo ao lugar de honra da abadessa na cabeceira da mesa, que permaneceria vazio hoje.

Todos se levantaram, tanto na sala principal quanto na sala adjacente, enquanto as irmãs faziam a benção. Então, uma jovem e bonita freira avançou e subiu a um púlpito que havia sido colocado na entrada entre as salas. Enquanto duas irmãs leigas¹⁵ na sala principal e duas

das mais jovens freiras na outra sala traziam a comida e a bebida, a freira lia em voz alta e encantadora — sem pausas ou hesitações em uma única palavra — a história de Santa Teodora e São Dídimo.

¹⁴ Corrodianos são pessoas que doaram terrenos ou propriedades a um claustro em troca de uma pensão, ou subsídio (chamado corrodio), que permitia ao titular retirar-se para o claustro como pensionista. Alguns corrodianos faziam as refeições no claustro, mas viviam fora, a menos que estivessem doentes. Muitas vezes também eram vestidos pelo claustro. (N.T.)

¹⁵ “Irmãs leigas” se refere a um grupo de pessoas em uma comunidade religiosa que são responsáveis por realizar atividades cotidianas, como cuidar da limpeza, cozinhar, cuidar dos jardins e outras tarefas práticas que são necessárias para o funcionamento da comunidade. As irmãs leigas não são membros ordenados do clero, mas sim leigos que desempenham um papel importante no suporte prático à vida comunitária. (N.T.)

Desde o primeiro momento, Kristin pensou principalmente em mostrar boas maneiras à mesa, pois percebeu que todas as irmãs e donzelas jovens tinham uma elegância tão refinada e comiam tão corretamente, como se estivessem no mais magnífico banquete. Havia uma abundância de comida e bebida de alta qualidade, mas todos pegavam porções modestas, usando apenas as pontas dos dedos para se servirem dos pratos. Ninguém derramava sopa na toalha de mesa ou nas roupas, e todos cortavam a carne em pedaços tão pequenos que mal sujavam os lábios; comiam tão cuidadosamente que não se ouvia nenhum som.

Kristin estava suando de medo de não conseguir agir tão refinadamente quanto as outras. Ela também se sentia desconfortável em sua roupa colorida entre todas as mulheres vestidas de preto e branco. Imaginava que todas a estavam encarando. Então, quando estava prestes a comer um pedaço de peito de carneiro gordo e o segurava com dois dedos pressionados contra o osso, enquanto na mão direita segurava a faca, tentando cortar de maneira fácil e arrumada, tudo escapou de suas mãos. O pão e a carne saltaram para a toalha de mesa enquanto a faca caía com um estrondo no chão.

O som foi ensurdecedor naquela sala silenciosa. Kristin corou vermelha como sangue e estava prestes a se inclinar para pegar a faca, mas uma irmã leiga usando sandálias veio, silenciosamente, e recolheu as coisas. Mas Kristin não conseguiu comer mais nada. Também percebeu que havia cortado o dedo e tinha medo de sangrar na toalha de mesa, então ficou sentada com a mão envolta em uma dobra de seu vestido, pensando que agora estava manchando o lindo vestido azul-claro que havia ganhado para a jornada a Oslo. E não ousava erguer os olhos do colo.

Depois de um tempo, ela começou a ouvir mais atentamente o que a freira estava lendo. Quando o chefe não conseguiu persuadir a virgem

Teodora a mudar sua vontade firme — ela não faria sacrifícios aos falsos deuses nem se deixaria casar — ordenou que ela fosse levada a um bordel. Além disso, exortou-a pelo caminho a pensar em seus ancestrais de nascimento livre e seus pais honrados, sobre os quais agora recairia uma vergonha eterna, e prometeu que ela seria permitida viver em paz e permanecer virgem se concordasse em servir uma deusa pagã, a quem chamavam de Diana.

Theodora respondeu, destemida:

— A castidade é como uma lâmpada, mas o amor por Deus é a chama. Se eu servisse a mulher-demônio que você chama de Diana, minha castidade não valeria mais do que uma lâmpada enferrujada sem fogo ou óleo. Você me chama de nascida livre, mas todos nós nascemos servos, já que nossos primeiros pais nos venderam ao Diabo. Cristo me redimiu, e sou obrigada a servi-Lo, então não posso me casar com Seus inimigos. Ele protegerá Sua pomba, mas se Ele permitir que você quebre meu corpo, que é o templo do Seu Espírito Santo, isso não será considerado vergonha para mim, desde que eu não consinta em trair Sua propriedade nas mãos do inimigo.

O coração de Kristin começou a bater forte, pois isso a lembrou de certa forma de seu encontro com Bentein. Ela sentiu que talvez esse fosse seu pecado, não ter pensado em Deus nem orado por Sua ajuda por um momento. Então, Irmã Cecília leu sobre São Dídimo. Ele era um cavaleiro cristão, mas havia mantido seu cristianismo em segredo, revelando-o apenas a alguns amigos. Ele foi à casa onde a donzela estava confinada. Deu dinheiro à mulher que possuía a casa e, em seguida, foi autorizado a ir até Teodora. Ela fugiu para um canto como um coelho assustado, mas Dídimo a cumprimentou como uma irmã e a noiva de seu Senhor, dizendo que havia vindo para salvá-la. Então ele conversou com ela por um tempo, dizendo:

— Não deveria um irmão arriscar sua própria vida pela honra de sua irmã?

E, finalmente, ela fez o que ele pediu; trocou de roupa com ele e permitiu que fosse amarrada em sua cota de malha. Ele baixou o capacete sobre seus olhos e fechou a capa sob seu queixo, e então disse a ela para sair com o rosto escondido, como um jovem envergonhado de estar em tal lugar.

Kristin pensou em Arne e teve a maior dificuldade em conter soluços. Ela olhou diretamente para frente, com os olhos cheios de lágrimas, enquanto a freira lia o final da história — como Dídimo foi levado para a forca e Teodora desceu das montanhas, se jogou aos pés do carrasco e implorou para ser autorizada a morrer em seu lugar. Então, essas duas pessoas piedosas discutiram sobre quem seria a primeira a ganhar a coroa, e ambos foram decapitados no mesmo dia. Foi no

vigésimo oitavo dia de abril do ano 304 d.C., em Antioquia, como São Ambrósio escreveu.

Quando se levantaram da mesa, Irmã Potentia se aproximou e afagou carinhosamente a bochecha de Kristin.

— Sim, consigo imaginar que você está com saudades de sua mãe. —

Então, as lágrimas de Kristin começaram a cair. Mas a freira fingiu não notar e conduziu Kristin até o dormitório onde ela ia morar.

Era em um dos edifícios de pedra ao longo da colunata, um quarto bonito com vidraças e uma lareira enorme no fundo. Ao longo de uma parede estavam seis camas e ao longo da outra estavam todos os baús das donzelas.

Kristin desejava poder dormir com uma das meninas pequenas, mas Irmã Potentia chamou uma donzela rechonchuda e loira.

— Esta é Ingebjørg Filippusdatter, que será sua companheira de cama. As duas devem se conhecer. — E então ela saiu.

Ingebjørg pegou imediatamente na mão de Kristin e começou a falar.

Ela não era muito alta e era bastante gorda, especialmente no rosto; seus olhos eram pequenos por causa das bochechas gordas. Mas sua tez era pura, rosa e branca, e seu cabelo era amarelo como ouro e tão encaracolado que suas tranças grossas torciam e viravam como cordas, e pequenas mechas estavam constantemente escapando sob sua faixa. Ela imediatamente começou a perguntar a Kristin sobre todo tipo de coisa, mas nunca esperava por uma resposta. Em vez disso, falava sobre si mesma e listava todos os seus antepassados em todos os ramos; eram pessoas grandiosas e enormemente ricas. Ingebjørg também estava prometida, a um homem rico e poderoso, Einar Einarsson de Aganæs — mas ele era muito velho e já havia ficado viúvo duas vezes. Era a maior tristeza dela, ela disse. Mas Kristin não conseguia ver que ela estivesse levando isso particularmente a sério. Então Ingebjørg falou um pouco sobre Simon Darre — era estranho como ela o havia estudado cuidadosamente durante aquele breve momento em que passaram um pelo outro na colunata. Depois, Ingebjørg queria olhar no baú de Kristin, mas primeiro abriu o próprio e mostrou todas as suas vestes para Kristin. Enquanto reviravam os baús, Irmã Cecília entrou. Ela as repreendeu e disse que aquilo não era uma atividade apropriada em um domingo. E então Kristin se sentiu desanimada novamente. Nunca tinha sido repreendida por ninguém além de sua própria mãe, e era estranho ser repreendida por estranhos.

Ingebjørg estava completamente imperturbável.

Naquela noite, depois que foram para a cama, Ingebjørg ficou lá falando, até Kristin adormecer. Duas idosas irmãs leigas dormiam em um canto do quarto. Elas deveriam se certificar de que as donzelas não tirassem suas camisas à noite — pois era contra as regras as meninas

se despirem completamente — e de que se levantassem a tempo para as manhãs na igreja. Mas, fora isso, elas não se preocupavam em manter a ordem no dormitório, e fingiam não notar quando as donzelas ficavam na cama conversando ou comendo guloseimas que haviam escondido em seus baús.

Quando Kristin acordou na manhã seguinte, Ingebjørg já estava no meio de uma longa história, e Kristin se perguntou se ela tinha estado falando a noite toda.

CAPÍTULO 2

OS COMERCIANTES ESTRANGEIROS que passavam o verão negociando em Oslo chegavam à cidade na primavera, por volta do Dia da Santa Cruz, que era dez dias antes da Vigília de São Halvard. Para essa celebração, pessoas vinham em multidões de todas as aldeias, desde o Lago Mjøsa até a fronteira sueca, então a cidade estava fervilhando de pessoas nas primeiras semanas de maio. Era melhor comprar mercadorias dos estrangeiros durante esse período, antes que tivessem vendido muitos de seus produtos.

Irmã Potentia estava encarregada das compras em Nonneseter, e no dia anterior à Vigília de São Halvard, ela tinha prometido a Ingebjørg e Kristin que elas poderiam acompanhá-la até a cidade. Mas por volta do meio-dia, alguns parentes de Irmã Potentia foram visitá-la no convento; ela não conseguiria sair naquele dia. Então Ingebjørg conseguiu permissão para que elas fossem sozinhas, embora isso fosse contra as regras. Como acompanhante, um velho fazendeiro que recebia um sustento do claustro foi enviado com elas. Seu nome era Haakon.

Neste momento, Kristin estava em Nonneseter há três semanas e, durante todo esse tempo, não tinha colocado os pés fora dos pátios e jardins do convento. Ela ficou surpresa ao ver como estava primaveril lá fora. Os pequenos bosques, de árvores frondosas nos campos, estavam brilhantemente verdes, e os musgos cresciam como um tapete sob os troncos lustrosos das árvores. Nuvens claras de tempo bom navegavam acima das ilhas no fiorde, e a água parecia fresca e azul, agitada por pequenas rajadas de vento primaveril.

Ingebjørg pulava, arrancando cachos de folhas das árvores e cheirando-as, virando-se para encarar as pessoas que passavam, mas Haakon a repreendia. Era essa a maneira adequada para uma nobre donzela agir, e uma que vestia trajes de convento, ainda por cima? As donzelas tinham que se dar as mãos e andar atrás dele, silenciosa e

decorosamente; mas Ingebjørg deixava seus olhos vagarem e sua boca tagarelar mesmo assim, já que Haakon era um pouco surdo. Kristin agora vestia o traje de uma jovem irmã: um vestido de linho não tingido, cinza-pálido, um cinto e uma faixa para a cabeça de lã, e uma simples capa azul-escura com o capuz puxado para frente, escondendo completamente seus cabelos trançados. Haakon marchava à frente delas com uma grande bengala de maçaneta de latão na mão. Estava vestido com um longo casaco preto, com um Cordeiro de Deus feito de chumbo pendurado no peito e uma imagem de São Cristóvão em seu chapéu. Seus cabelos e barba brancos estavam tão bem escovados que reluziam como prata ao sol.

A parte superior da cidade, desde o riacho das freiras até a cidadela do bispo, era um bairro tranquilo. Não havia barracas de mercado ou estalagens, apenas fazendas pertencentes principalmente à nobreza das aldeias vizinhas. Os edifícios voltavam-se para a rua com fachadas escuras e sem janelas. Mas, neste dia, a rua já estava lotada lá em cima, e servos se debruçavam sobre as cercas das fazendas, conversando com as pessoas que passavam.

Ao saírem perto da cidadela do bispo, juntaram-se a uma grande multidão no mercado em frente à Catedral de Halvard e ao claustro de Olav. Barracas foram montadas na encosta gramada e havia artistas ambulantes fazendo cachorros treinados pular por aros de barril. Mas Haakon não deixou que as donzelas parassem para assistir, nem permitiu que Kristin entrasse na igreja; ele disse que seria mais divertido para ela ver no próprio dia da grande festa.

Na rua em frente à Igreja de Clement, Haakon pegou ambas pelas mãos, pois aqui a multidão era ainda maior, com pessoas vindo dos cais ou das ruelas entre os pátios da cidade. As garotas estavam indo para Miklegaard, onde os sapateiros trabalhavam. Ingebjørg achou os vestidos que Kristin trouxera de casa bonitos e agradáveis, mas disse que o calçado que Kristin trouxera da aldeia não poderia ser usado em ocasiões especiais. E quando Kristin viu os sapatos feitos no estrangeiro, dos quais Ingebjørg tinha muitos pares, ela achou que não descansaria até comprar alguns para si mesma.

Miklegaard era um dos maiores pátios da cidade de Oslo. Estendia-se desde os cais até a Rua dos Sapateiros, com mais de quarenta edifícios cercando dois grandes pátios. Agora, barracas com toldos de lã também haviam sido montadas nos pátios, e acima das tendas erguia-se uma estátua de São Crispim. Havia uma grande aglomeração de pessoas fazendo compras. Mulheres corriam de lá para cá com panelas e baldes para as cozinhas, crianças se enroscavam nos pés das pessoas,

cavalos eram conduzidos para dentro e para fora dos estábulos, e criados carregavam carga para dentro e para fora dos armazéns. Nas galerias dos sótãos, onde as mercadorias mais finas eram vendidas, os sapateiros e vendedores nas barracas chamavam as donzelas abaixo, balançando em direção a elas pequenos sapatos coloridos, bordados a ouro.

Então Ingebjørg se dirigiu ao salão onde o Sapateiro Didrek tinha sua oficina; ele era alemão, mas tinha uma esposa norueguesa e era dono de um prédio em Miklegaard.

O velho estava negociando com um cavalheiro usando uma capa de viagem e uma espada na cintura, mas Ingebjørg deu um passo à frente, fez uma reverência e disse:

— Bom senhor, você nos permitiria falar primeiro com Didrek? Devemos estar de volta ao nosso convento antes das vésperas, e você talvez tenha mais tempo?

O cavalheiro a cumprimentou e se afastou. Didrek cutucou Ingebjørg com o cotovelo e perguntou, rindo, se elas estavam dançando tanto no claustro que ela já havia desgastado todos os sapatos que havia comprado no ano anterior. Ingebjørg cutucou-o de volta e disse que mal os usava, meu Deus, mas aqui estava outra donzela — e ela puxou Kristin para perto dele. Então Didrek e seu aprendiz trouxeram um baú para a galeria, e ele começou a tirar os sapatos, cada par mais bonito que o anterior. Kristin sentou-se em uma caixa, e ele experimentou os sapatos nos pés dela. Havia sapatos brancos, e marrons, e vermelhos, e verdes, e azuis; sapatos com saltos pintados de madeira, e sapatos sem saltos; sapatos com fivelas, sapatos com laços de seda, e sapatos feitos de dois ou três couros coloridos diferentes. Kristin quase pensou que gostava de todos eles. Mas eram tão caros que ela ficou chocada — nenhum par custava menos que uma vaca de volta para casa. Seu pai lhe dera uma bolsa com uma marca de prata em moedas quando partiu; este seria seu dinheiro para gastar, e Kristin achou que era uma grande quantia. Mas ela podia ver que Ingebjørg não achava que poderia comprar muita coisa com isso. Ingebjørg também teve que experimentar sapatos, apenas por diversão. Não custava nada, disse Didrek com uma risada. Ela comprou um par de sapatos verde-folha com saltos vermelhos, mas teve que levá-los a crédito; afinal, Didrek a conhecia, assim como conhecia sua família. Mas Kristin podia ver que Didrek não gostava muito disso, e ele também ficou consternado porque o cavalheiro alto da capa de viagem tinha deixado o sótão; elas tinham passado muito tempo experimentando sapatos. Então Kristin escolheu um par de

sapatos sem saltos feitos de couro fino azul-violeta; eram costurados com prata e pedras cor-de-rosa. Mas ela não gostou das tiras de seda verde. Então Didrek disse que poderia trocá-las, e levou-as para uma sala nos fundos do sótão. Lá ele tinha caixas de fitas de seda e pequenas fivelas de prata — coisas que os sapateiros não eram permitidos vender, e muitas das fitas eram muito largas e as fivelas muito grandes para sapatos de qualquer maneira.

Kristin e Ingebjørg tiveram que comprar algumas dessas miudezas, e quando beberam um pouco de vinho doce com Didrek e ele embrulhou suas compras em um pano de lã, já estava bem tarde, e a bolsa de Kristin ficou muito mais leve.

Quando saíram novamente para a Rua Leste, o sol estava dourado, e a poeira de todo o tráfego na cidade pairava como uma leve névoa sobre a rua. Estava tão quente e adorável, e as pessoas estavam chegando de Eikaberg com grandes feixes de folhagens novas para decorar suas casas para o feriado. Então Ingebjørg decidiu que deveriam caminhar em direção à Ponte Gjeita. Nos dias de feira, sempre havia muita diversão nos campos ao longo do rio, com malabaristas e violinistas. Ingebjørg até ouvira dizer que um navio inteiro cheio de animais estrangeiros havia chegado, e eles estavam sendo exibidos em gaiolas na costa.

Haakon havia tomado um pouco de *ale* alemã em Miklegaard e agora estava bastante acessível e de bom humor, então quando as donzelas o pegaram pelo braço e imploraram tão educadamente, ele cedeu, e os três caminharam em direção a Eikaberg.

Do outro lado do rio, havia apenas algumas pequenas fazendas espalhadas pelas encostas verdes entre o rio e a inclinação íngreme. Eles passaram pelo claustro dos Frades Menores, e o coração de Kristin encolheu de vergonha, pois ela de repente se lembrou de que queria oferecer a maior parte de sua prata pela alma de Arne. Mas ela não queria falar sobre isso com o padre em Nonneseter; ela tinha medo de ser questionada. Ela pensou que talvez pudesse visitar os frades descalços nos pastos para ver se o Irmão Edvin havia retornado — ela gostaria muito de encontrá-lo. Mas ela não sabia como abordar corretamente um dos monges ou tocar no assunto. E agora ela tinha tão pouco dinheiro que não sabia se poderia pagar por uma missa; talvez ela tivesse que se contentar em oferecer uma vela grossa de cera.

De repente, ouviram um rugido terrível de inúmeras vozes no campo à beira-mar — era como se uma tempestade estivesse passando sobre a

multidão reunida lá embaixo. E então toda a multidão veio correndo em sua direção, gritando e berrando. Todos estavam correndo em terror descontrolado, e várias pessoas gritaram para Haakon e as donzelas que os leopardos estavam soltos.

Eles correram de volta em direção à ponte, e ouviram pessoas gritando umas para as outras que uma gaiola havia tombado e dois leopardos tinham escapado; alguém também mencionou uma cobra. Quanto mais se aproximavam da ponte, maior era a multidão. Um bebê caiu dos braços de uma mulher bem na frente deles, e Haakon ficou sobre o pequeno para protegê-lo. Um momento depois, Kristin e Ingebjørg avistaram o velho de longe, segurando a criança nos braços, e então o perderam de vista.

Na estreita ponte, a multidão avançou com tanta fúria que as donzelas foram forçadas a sair para um campo. Viram pessoas correndo ao longo da margem do rio; jovens pulavam na água e começavam a nadar, mas os mais velhos saltavam nos barcos ancorados, que ficavam imediatamente sobrecarregados.

Kristin tentou fazer Ingebjørg ouvi-la; gritou que deveriam correr para o claustro dos Menores. Os monges de capuz cinza vieram correndo e tentavam reunir as pessoas aterrorizadas. Kristin não estava tão assustada quanto sua amiga, e elas não viram nada dos animais selvagens, mas Ingebjørg havia perdido completamente a cabeça. As multidões avançavam novamente e eram repelidas da ponte porque uma grande multidão de homens que tinham ido às fazendas mais próximas para se armar agora estava voltando, alguns a cavalo, outros correndo. Quando Ingebjørg quase foi pisoteada por um cavalo, deu um grito e saiu correndo morro acima em direção à floresta. Kristin nunca imaginara que Ingebjørg pudesse correr tão rápido — ela lembrou-se de um javali caçado — e correu atrás dela para não se separarem.

Elas estavam profundamente dentro da floresta antes que Kristin conseguisse parar Ingebjørg em um pequeno caminho que parecia levar em direção à estrada para Trælaborg. Pararam por um momento para recuperar o fôlego. Ingebjørg estava fungando e chorando, e disse que não ousava voltar sozinha pela cidade e até o convento.

Kristin também não achava uma boa ideia, com tanta confusão nas ruas; ela achava que deveriam encontrar uma casa onde pudessem contratar um rapaz para acompanhá-las para casa. Ingebjørg lembrou-se de um caminho para Trælaborg mais adiante, perto da costa, e ela estava certa de que ao longo do caminho havia várias casas. Então,

seguiram o caminho morro abaixo.

Angustiadas como estavam, parecia que caminhavam por muito tempo antes de finalmente verem uma fazenda no meio de um campo. No pátio, encontraram um grupo de homens sentados à mesa sob algumas cinzas, bebendo. Uma mulher ia e vinha, trazendo jarras para eles. Ela deu uma olhada surpresa e irritada para as duas donzelas vestidas de convento, e nenhum dos homens parecia querer acompanhá-las quando Kristin explicou a necessidade delas. Mas finalmente, dois rapazes se levantaram e disseram que as escoltariam até Nonneseter se Kristin lhes pagasse um ørtug¹⁶.

Ela pôde perceber pelo discurso deles que não eram noruegueses, mas pareciam ser homens decentes. Ela achou a exigência deles vergonhosamente exorbitante, mas Ingebjørg estava apavorada e não achava que deveriam caminhar sozinhas para casa tão tarde no dia, então concordou.

Mal saíram de novo na trilha da floresta, os homens se afastaram e começaram a falar entre si. Kristin ficou chateada com isso, mas não queria mostrar sua apreensão, então falou com eles calma e explicou sobre os leopardos, perguntou de onde eram. Ela também olhou ao redor, fingindo que a qualquer momento esperava encontrar os criados que as estavam escoltando; falou sobre eles como se fossem um grupo grande. Gradualmente, os homens falaram cada vez menos, e ela entendia muito pouco da língua deles de qualquer maneira.

Depois de um tempo, Kristin percebeu que não estavam indo na direção que ela havia vindo com Ingebjørg; o caminho seguia em uma direção diferente, mais para o norte, e ela achou que já haviam ido longe demais. Lá no fundo, o terror estava ardendo, mas ela não ousava deixá-lo escorregar para seus pensamentos.

¹⁶ Ørtug É uma moeda de valor igual a um terço de um øre ou 10 centavos. Um øre era igual a um oitavo de um marco. (N.T.)

Sentiu-se estranhamente fortalecida, tendo Ingebjørg junto; a garota era tão tola que Kristin percebeu que teria que lidar com as coisas para ambas. Debaixo de seu manto, tirou a cruz relicário que seu pai lhe dera, apertou a mão ao redor dela e rezou com todo o coração para que pudessem encontrar alguém em breve, enquanto tentava reunir coragem e fingir que nada estava errado.

Um momento depois, ela viu que o caminho levava até uma estrada, e naquele local havia uma clareira. A baía e a cidade ficavam muito abaixo delas. Os homens as tinham levado para o caminho errado, seja

de forma intencional ou porque não estavam familiarizados com os caminhos. Estavam no alto da encosta e bem ao norte da Ponte Gjeita, que Kristin conseguia ver. A estrada que alcançaram parecia levar nessa direção.

Então ela parou, tirou a bolsa e começou a contar as dez *penninger*¹⁷ em sua mão.

— Agora, bons senhores — disse ela —, não precisamos mais da sua escolta. Conhecemos o caminho daqui. Agradecemos por suas preocupações, e aqui está o pagamento, como combinamos. Deus esteja convosco, bons amigos.

Os homens se olharam por um momento, bastante tolos, a ponto de Kristin quase sorrir. Mas então um deles disse com um sorriso feio que o caminho até a ponte era deserto; não seria aconselhável para elas irem sozinhas.

— Ninguém seria tão malicioso ou tão estúpido a ponto de querer parar duas donzelas, especialmente duas vestidas com trajes de convento — respondeu Kristin. — Preferimos ir sozinhas — e então ela lhes entregou o dinheiro.

O homem segurou o pulso dela, aproximou o rosto do dela e disse algo sobre um “Kuss” e um “Beutel”¹⁸. Kristin entendeu que poderiam ir ilesas se ela lhe desse um beijo e a bolsa.

Ela se lembrou do rosto de Bentein próximo ao dela, exatamente assim, e por um momento o medo a dominou; ela se sentiu nauseada e doente. Mas pressionou os lábios, invocando Deus e a Virgem Maria em seu coração — e naquele momento ouviu cascos no caminho vindo do norte.

Então ela bateu com a bolsa de moedas no rosto do homem para que ele tropeçasse, e o empurrou no peito para que ele caísse do caminho e rolasse pela floresta. O outro alemão a agarrou por trás, arrancou a bolsa de sua mão e puxou a corrente ao redor de seu pescoço, quebrando-a. Ela estava prestes a cair, mas se agarrou ao homem, tentando recuperar sua cruz. Ele tentou se soltar; o ladrão agora também ouvira alguém se aproximando. Ingebjørg gritou alto, e os cavaleiros no caminho vieram correndo o mais rápido que puderam. Eles saíram dos arbustos; eram três deles. Ingebjørg correu na direção deles, gritando, e eles desceram de seus cavalos. Kristin reconheceu o cavaleiro do salão de Didrek; ele puxou sua espada, agarrou o alemão com quem ela estava lutando pela gola, e o golpeou com a lâmina plana. Seus homens correram atrás do outro, o agarraram e o espancaram com toda a força.

Kristin se apoiou na face da rocha. Agora que tudo acabou, ela estava tremendo, mas o que sentia mais era a surpresa de que sua oração fora respondida tão rapidamente. Então ela percebeu Ingebjørg. A garota

havia jogado para trás o capuz, deixando a capa cair frouxamente sobre os ombros, e estava arrumando suas tranças loiras no peito. Kristin começou a rir ao ver aquilo. Ela se abaixou e teve que se apoiar em uma árvore porque não conseguia se sustentar; era como se tivesse água em vez de medula nos ossos, ela se sentia tão fraca. Ela tremia e ria e chorava.

O cavalheiro se aproximou dela e colocou cautelosamente a mão em seu ombro.

— Sem dúvida, você ficou mais assustada do que ousou mostrar — ele disse, e sua voz era agradável e gentil. — Mas agora você precisa se acalmar; você agiu tão corajosamente enquanto o perigo durou.

Kristin só conseguiu assentir. Ele tinha olhos brilhantes e bonitos, um rosto fino e bronzeado, e cabelos pretos como carvão cortados curtos na testa e atrás das orelhas.

Ingebjørg finalmente conseguiu arrumar o cabelo adequadamente; ela se aproximou e agradeceu ao estranho com muitas palavras elegantes. Ele permaneceu ali com a mão no ombro de Kristin enquanto falava com a outra donzela.

— Vamos levar esses pássaros para a cidade para que possam ser jogados na masmorra — disse aos seus homens que estavam segurando os dois alemães, que afirmaram pertencer ao navio de Rostock. — Mas primeiro devemos escoltar as donzelas de volta ao convento. Tenho certeza de que podem encontrar algumas correias para amarrá-los...

— Você quer dizer as donzelas, Erlend? — perguntou um dos homens. Eram jovens, fortes e bem-vestidos, ambos corados após a luta. Seu mestre franzia a testa e estava prestes a dar uma resposta afiada. Mas Kristin pôs a mão na manga dele.

— Deixe-os ir, bom senhor! — Ela estremeceu ligeiramente. — Minha irmã e eu ficaríamos muito relutantes em ter esse assunto comentado. O estranho olhou para baixo para ela, mordeu o lábio e acenou com a cabeça enquanto a observava. Em seguida, deu a cada prisioneiro um golpe na parte de trás do pescoço com a lâmina de sua espada para que caíssem para frente.

— Vão embora — disse, dando-lhes um chute, e eles saíram o mais rápido que puderam. O cavalheiro voltou-se para as donzelas e perguntou se gostariam de cavalgar.

Ingebjørg permitiu ser levantada para a sela de Erlend, mas descobriu que não conseguia ficar nela; ela escorregou para baixo imediatamente. Ele deu a Kristin um olhar questionador, e ela disse a ele que estava acostumada a cavalgar numa sela masculina.

Ele a segurou pelos joelhos e a levantou. Ela sentiu um arrepio percorrer seu corpo, doce e bom, porque ele a segurava longe de si mesmo com tanto cuidado, como se tivesse medo de se aproximar

demais dela. Em casa, nunca prestavam atenção se a pressionavam muito quando a ajudavam a subir no cavalo. Ela se sentiu estranhamente honrada.

O cavaleiro — como Ingebjørg o chamava, embora usasse esporas de prata — ofereceu a outra donzela sua mão, e seus homens saltaram para seus cavalos. Ingebjørg agora queria que eles fossem para o norte, contornando a cidade e ao longo do sopé das colinas Ryen e do afloramento Marte, não pelas ruas. Sua desculpa era que o Sr. Erlend e seus homens estavam totalmente armados, não é mesmo? O cavaleiro respondeu sombriamente que a proibição de portar armas não era tão rigorosamente aplicada para aqueles que estavam viajando, ou para todas as pessoas na cidade que agora estavam caçando bestas selvagens. Kristin percebeu muito bem que Ingebjørg queria pegar o caminho mais longo e menos frequentado para conversar mais com Erlend.

— Esta é a segunda vez que atrasamos você esta noite, senhor — disse Ingebjørg.

Erlend respondeu gravemente:

— Não importa; eu não vou mais longe do que Gerdarud hoje à noite... e fica claro a noite toda.

Kristin ficou tão satisfeita que ele não a provocou nem brincou, mas falou com ela como falaria com uma igual, ou mais que isso. Ela pensou em Simon; ela nunca conheceu nenhum outro jovem da classe cortesã. Mas esse homem provavelmente era um pouco mais velho que Simon.

Desceram para o vale abaixo das colinas Ryen e subiram ao longo do riacho. O caminho era estreito, e os arbustos jovens e folhosos atingiam úmidos e fragrantos ramos em Kristin. Estava um pouco mais escuro lá embaixo, o ar estava frio, e as folhas estavam molhadas de orvalho ao longo do leito do riacho.

Moviam-se lentamente, e os cascos dos cavalos soavam abafados contra o caminho gramado e úmido. Kristin balançava na sela; atrás dela, podia ouvir Ingebjørg falando e a voz escura e calma do estranho. Ele não dizia muito, respondendo como se estivesse distraído — como se estivesse sentindo o mesmo que ela, pensou Kristin. Ela se sentia estranhamente sonolenta, mas segura e satisfeita agora que todos os eventos do dia haviam se dissipado.

Era como acordar quando saíram da floresta, para as encostas abaixo do afloramento Marte. O sol havia se posto e a cidade e a baía estavam abaixo deles em uma luz clara e pálida. As cristas de Aker estavam delineadas com amarelo brilhante sob o céu azul pálido. Os sons carregavam longe na quietude da noite, como se viessem das profundezas do ar fresco. De algum lugar ao longo da estrada vinha o rangido de uma roda de carroça, e os cachorros latiam de fazendas em

lados opostos da cidade. Mas na floresta atrás deles, os pássaros piavam e cantavam alto agora que o sol havia se posto.

A fumaça flutuava pelo ar enquanto a grama e as folhas secas queimavam, e no meio de um campo uma fogueira flamejava vermelha; a grande rosa ardente fazia a clareza da noite parecer fraca. Estavam cavalgando entre as cercas dos campos do convento quando o estranho falou novamente com Ingebjørg. Ele perguntou o que ela achava que seria melhor: ele deveria acompanhá-la até a porta e pedir para falar com Fru Groa, para que pudesse contar a ela como tudo isso aconteceu? Mas Ingebjørg achava que deveriam entrar sorrateiramente pela igreja; então talvez pudessem deslizar para dentro do convento sem serem notadas. Elas haviam demorado demais. Talvez Irmã Potentia as tivesse esquecido por causa da visita de seus parentes.

Não ocorreu a Kristin perguntar por que estava tão silencioso na praça em frente à entrada oeste da igreja. Normalmente, havia grande agitação à noite, já que as pessoas da área vizinha vinham à igreja das freiras. E ao redor estavam as casas onde muitos dos servos leigos e corrodianos moravam. Foi lá que disseram adeus a Erlend. Kristin parou para acariciar o cavalo dele; era preto, com uma cabeça bonita e olhos gentis. Ela achou que se parecia com Morvin, o cavalo que ela montava quando era criança.

— Qual é o nome do seu cavalo, senhor? — ela perguntou enquanto o animal virava a cabeça e fungava no peito do homem.

— Bajard — ele disse, olhando para Kristin sobre o pescoço do cavalo.

— Você pergunta o nome do meu cavalo, mas não o meu?

— Eu realmente gostaria de saber o seu nome, senhor — ela respondeu, com uma pequena reverência.

— Erlend Nikulaussøn é o meu nome — ele disse.

— Então devemos agradecer a você, Erlend Nikulaussøn, por sua boa assistência esta noite — respondeu Kristin, dando-lhe a mão.

De repente, seu rosto ficou vermelho vivo; ela puxou a mão para fora abruptamente.

— Fru Aashild Gautesdatter em Dovre... ela é sua parente? — ela perguntou.

Ela viu com surpresa que ele também ficou vermelho. Ele soltou abruptamente a mão dela e respondeu:

— Ela é irmã da minha mãe. É vero que eu sou Erlend Nikulaussøn de Husaby. — Ele deu a Kristin um olhar tão estranho que ela ficou ainda mais confusa, mas se recompôs.

— Deveria ter agradecido com palavras melhores, Erlend Nikulaussøn, mas não sei o que dizer a você.

Então ele se curvou, e ela pensou que deveria se despedir, embora preferisse conversar mais com ele. Na entrada da igreja, ela se virou, e

quando viu que Erlend ainda estava ao lado de seu cavalo, ela levantou a mão e acenou.

¹⁷ *Penninger* é uma unidade de moeda que era usada em alguns contextos históricos. (N.T.)

¹⁸ Os termos "Kuss" e "Beutel" são palavras em alemão. "Kuss" se traduz para "beijo" e "Beutel" para "bolsa". No contexto, Kristin entende pouco do idioma falado pelos rapazes, captando apenas algumas palavras (N.T.)

Dentro do convento, reinava grande medo e tumulto. Haakon havia enviado um mensageiro para casa a cavalo, enquanto ele próprio caminhava pela cidade em busca das donzelas, e servos foram enviados para ajudá-lo. As freiras ouviram dizer que os animais selvagens supostamente haviam matado e devorado duas crianças na cidade. Isso acabou sendo um boato, e o leopardo — havia apenas um — foi capturado bem antes das vésperas por vários homens do castelo do rei.

Kristin permaneceu com a cabeça baixa e em silêncio enquanto a abadessa e Irmã Potentia despejavam sua raiva sobre as donzelas. Ela parecia estar adormecida por dentro. Ingebjørg chorava e falava em sua defesa: afinal, tinham saído com a permissão de Irmã Potentia, com a escolta adequada, e não eram culpadas pelo que acontecera depois.

No entanto, Fru Groa ordenou que ficassem na igreja até o sino da meia-noite e tentassem voltar seus pensamentos para assuntos espirituais, agradecendo a Deus, que havia salvo suas vidas e honra.

— Deus claramente mostrou a vocês a verdade sobre o mundo — disse ela. — Feras selvagens e servos do Diabo ameaçam Seus filhos a cada passo, e não há salvação a menos que se apeguem a Ele com súplicas e orações.

Ela deu a cada uma delas uma vela acesa e disse para irem com Irmã Cecilia Baardsdatter, que frequentemente ficava sozinha na igreja, rezando até tarde da noite.

Kristin colocou sua vela no altar de São Lourenço e ajoelhou-se no banco de oração. Ela fitava intensamente a chama enquanto rezava o Pai Nosso e a Ave Maria. Gradualmente, o brilho da vela parecia envolvê-la, afastando tudo o mais ao seu redor. Ela sentiu seu coração se abrir, transbordando de gratidão, promessas e amor por Deus e Sua gentil Mãe — ela os sentia tão próximos. Ela sempre soube que Eles a viam, mas naquela noite sentiu que era verdade. Ela viu o mundo como se em uma visão: uma sala escura onde um feixe de luz solar entrava, com partículas de poeira caindo de um lado para o outro, da

escuridão para a luz, e ela sentiu que agora finalmente tinha se movido para o feixe de sol.

Ela pensou que ficaria feliz em permanecer para sempre na silenciosa igreja noturna — com as poucas partículas de luz como estrelas douradas na noite, a doce fragrância de incenso antigo e o cheiro quente de cera queimando. Com ela descansando dentro de sua própria estrela.

Esta sensação de alegria parecia desaparecer quando Irmã Cecilia se aproximou silenciosamente e tocou seu ombro. As três mulheres saíram pela pequena entrada sul para o pátio do convento.

Ingebjørg estava tão sonolenta que se deitou sem falar. Kristin ficou aliviada; ela relutava em ser perturbada agora que estava pensando tão claramente. E ela ficou feliz por terem que manter as camisas de dormir à noite — Ingebjørg suave muito e era gorda.

Kristin ficou acordada por um longo tempo, mas a corrente profunda de doçura que a envolvera enquanto ela estava de joelhos na igreja não voltava. E ainda assim, ela ainda sentia o calor dentro dela; ela agradeceu fervorosamente a Deus, e ela sentiu uma sensação de força em seu espírito enquanto rezava por seus pais, suas irmãs e pela alma de Arne Gyrdsøn.

Pai, pensou ela. Ela sentia uma saudade por ele, por tudo o que tinham tido juntos antes de Simon Darre entrar em suas vidas. Uma nova ternura por Lavrans surgia dentro dela, como se houvesse um pressentimento de amor materno e tristezas maternas em seu amor por seu pai naquela noite. Ela tinha a vaga impressão de que havia muito na vida que ele não tinha recebido. Ela pensou na velha igreja de madeira preta em Gerdarud, onde na Páscoa tinha visto os túmulos de seus três irmãos pequenos e de sua avó — a mãe de seu pai, Kristin Sigurdsdatter — que morrera ao dar à luz a ele.

O que Erlend Nikulaussøn estaria fazendo em Gerdarud? Ela não conseguia entender.

Ela não estava consciente de dar mais pensamentos a ele naquela noite, mas o tempo todo a memória de seu rosto magro e escuro e de sua voz tranquila pairava em algum lugar nas sombras, apenas além do brilho de sua alma.

Quando Kristin acordou na manhã seguinte, o sol estava brilhando no dormitório, e Ingebjørg disse a ela que Fru Groa mesma havia enviado uma mensagem para as irmãs leigas de que não deveriam ser acordadas para as matinas. Elas tinham permissão para ir até a

cozinha agora para tomar alguma comida. Kristin sentiu-se aquecida de alegria pela bondade da abadessa. Parecia que o mundo inteiro tinha sido bom para ela.

CAPÍTULO 3

A GUILDA DOS AGRICULTORES em Aker era dedicada a Santa Margarida, e todo ano iniciava suas reuniões em 20 de julho, que era o Dia de Santa Margarida. Naquele dia, os irmãos e irmãs se reuniam com seus filhos, convidados e servos na Igreja de Aker para assistir à missa no altar de Santa Margarida. Depois, dirigiam-se à sede da guilda, que ficava perto do Hospício¹⁹ de Hofvin; lá, bebiam por cinco dias.

Como tanto a Igreja de Aker quanto o Hospício de Hofvin pertenciam a Nonneseter, e muitos dos camponeses de Aker eram arrendatários do convento, surgiu o costume da abadessa e várias das irmãs mais velhas honrarem a guilda comparecendo às celebrações no primeiro dia. E as donzelas jovens do convento, que estavam lá para serem educadas, mas não pretendiam entrar para a ordem, podiam ir junto e dançar à noite; e para essa celebração, usavam suas roupas normais, não o traje do convento.

Assim, houve grande agitação no dormitório das noviças na noite antes do Dia de Santa Margarida. As donzelas que iriam ao banquete reviravam seus baús e arrumavam suas roupas, enquanto as outras observavam e lamentavam. Algumas das meninas haviam colocado pequenas panelas no fogo, fervendo água para deixar a pele suave e branca. Outras preparavam algo para esfregar nos cabelos; depois, enrolavam mechas de cabelo firmemente ao redor de tiras de couro para terem cachos ondulados.

¹⁹ “Hospício” é uma tradução direta do termo “*Hospice*” que deriva de “hospedagem”, conceito muito utilizado na Europa e América do Norte para designar instituições as quais aplicam os cuidados paliativos, que consistem em aliviar a dor e sofrimento, além de controlar os sintomas em pacientes que estão na fase final da vida. Não confundir com “sanatório” onde são sanadas as enfermidades mentais. (N.T.)

Ingebjørg pegou tudo o que tinha de roupas elegantes, mas não conseguia decidir o que vestir. Certamente não o seu melhor vestido de veludo verde, era muito caro e elegante demais para usar em uma guilda de agricultores. No entanto, uma moça magrinha que não iria junto — chamava-se Helga, e fora entregue ao convento quando criança — puxou Kristin de lado e sussurrou que Ingebjørg, é claro, usaria o vestido verde e sua camisola de seda rosa.

— Você sempre foi gentil comigo, Kristin — disse Helga. — É bastante impróprio eu me envolver nesses assuntos, mas vou te contar mesmo assim. O cavaleiro que te acompanhou para casa naquela noite na primavera... eu vi e ouvi dizer que Ingebjørg tem conversado com ele desde então. Eles se falaram na igreja, e ele a esperou ao longo do caminho cercado quando ela foi visitar Ingunn na casa dos corrodianos. Mas é você que ele procura, e Ingebjørg prometeu levá-la lá com ela. Aposto que você nunca ouviu falar disso antes, não é?

— É verdade. Ingebjørg nunca mencionou isso para mim — disse Kristin. Ela franzia os lábios para que a outra moça não visse o sorriso que ameaçava aparecer. Então é esse o tipo de garota que Ingebjørg é. — Acredito que ela perceba que não sou do tipo que se encontra com homens estranhos atrás de esquinas e cercas — disse com altivez.

— Então eu poderia ter me poupado do trabalho de te contar essa novidade, já que teria sido mais apropriado eu não mencionar — disse Helga, ofendida; e as duas se separaram.

Mas durante toda a noite, Kristin teve que se esforçar para não sorrir sempre que alguém a olhava.

No dia seguinte, Ingebjørg enrolou-se por um longo tempo, vestindo apenas sua camisola. Kristin finalmente percebeu que a outra moça não se vestiria até que ela mesma estivesse pronta.

Kristin não disse uma palavra, mas riu enquanto ia até seu baú e pegava sua camisola de seda amarelo-dourado. Ela nunca a havia usado antes, e ela parecia tão macia e fresca enquanto deslizava sobre seu corpo. Era lindamente decorada com prata, azul e seda marrom no pescoço e na parte do corpete que ficaria visível acima da gola do vestido. Também havia mangas combinando. Ela calçou suas meias de linho e amarrou as fitas dos sapatos azul-violeta delicados, que Haakon felizmente conseguiu trazer para casa naquele dia tumultuado. Ingebjørg olhou para ela.

Então Kristin riu e disse:

— Meu pai sempre me ensinou que não devemos desprezar nossos inferiores, mas você sem dúvida é tão grandiosa que não vai querer se arrumar para camponeses e arrendatários.

Com o rosto vermelho como uma amora, Ingebjørg deixou cair a camisola de lã de seus quadris brancos e vestiu a de seda rosa. Kristin colocou seu melhor vestido de veludo sobre a cabeça; era violeta-azulado, cortado profundamente no corpete, com mangas abertas e punhos que quase arrastavam no chão. Ela amarrou o cinto dourado

em volta da cintura e jogou sua capa de esquilo cinza sobre os ombros. Em seguida, espalhou seu cabelo loiro espesso sobre os ombros e colocou a tiara cravejada de rosas na testa.

Ela percebeu que Helga estava as observando. Então, tirou do baú um grande broche de prata. Era o mesmo que ela havia usado em sua capa na noite em que Bentein a confrontara na estrada, e ela nunca quisera usá-lo desde então. Ela foi até Helga e disse suavemente:

— Percebo que você quis me mostrar gentileza ontem; deve acreditar que eu sei disso. — E entregou o broche para Helga.

Ingebjørg também estava bastante bonita quando terminou de se vestir, usando seu vestido verde com uma capa de seda vermelha sobre os ombros e seus cabelos, cacheados e bonitos, soltos. Elas estavam numa corrida para superar uma à outra, pensou Kristin e riu.

A manhã estava fresca e revigorante, coberta de orvalho, quando a procissão serpenteou de Nonneseter em direção ao oeste, em direção a Frysja. A temporada de colheita estava quase no fim naquela região, mas ao longo das cercas cresciam cachos de campânulas azuis e capim Maria-dourada. A cevada nos campos havia brotado espigas e tremulava em tons prateados pálidos com um brilho de rosa suave. Em muitos lugares onde o caminho era estreito e atravessava os campos, a plantação roçava nos joelhos das pessoas.

Haakon caminhava à frente, carregando o estandarte do convento com a imagem da Virgem Maria em pano de seda azul. Atrás dele, vinham os servos e corredianos, seguidos por Fru Groa e quatro velhas freiras a cavalo, e então as jovens donzelas a pé; suas roupas festivas e coloridas cintilavam e tremulavam ao sol. Algumas mulheres corredianas e alguns homens armados fechavam a procissão.

Cantavam enquanto atravessavam os campos iluminados, e sempre que encontravam outros nas estradas laterais, as pessoas se afastavam e os cumprimentavam respeitosamente. Por todo o campo, pequenos grupos de pessoas caminhavam e cavalgavam em direção à igreja, vindos de todas as casas e fazendas. Em pouco tempo, ouviram atrás deles hinos cantados por vozes graves masculinas, e viram o estandarte do claustro de Hovedø subir sobre uma colina. O pano de seda vermelha brilhava ao sol, oscilando e balançando com os passos do homem que o carregava.

A voz poderosa e sonora dos sinos abafava os relinchos dos cavalos quando subiam a última colina em direção à igreja. Kristin nunca tinha visto tantos cavalos ao mesmo tempo — um mar agitado e inquieto de crinas brilhantes cercava o gramado em frente à entrada da igreja. Pessoas vestidas para a celebração estavam em pé, sentadas

e deitadas na encosta, mas todos se levantaram para saudar quando o estandarte de Maria de Nonneseter foi levado entre eles, e todos se curvaram profundamente para Fru Groa.

Parecia que mais pessoas haviam vindo do que a igreja poderia abrigar, mas um espaço aberto mais próximo ao altar havia sido reservado para as pessoas do convento. Um momento depois, os monges cistercienses de Hovedø entraram e subiram ao coro, e então o canto ressoou por toda a igreja das gargantas dos homens e meninos.

Durante a missa, quando todos se levantaram, Kristin avistou Erlend Nikulaussøn. Ele era alto, e sua cabeça se destacava acima dos outros ao redor dele. Ela viu o rosto dele de lado. Ele tinha uma testa alta e estreita e um nariz grande e reto; ele se projetava como um triângulo de seu rosto e era estranhamente fino, com narinas finas e trêmulas. Havia algo nele que lembrava Kristin de um garanhão arisco e assustado. Ele não era tão bonito quanto ela pensava que se lembrava; as linhas em seu rosto pareciam se estender longa e sombriamente até sua boca pequena e atraente — ah, sim, ele era bonito afinal.

Ele virou a cabeça e a viu. Ela não sabia quanto tempo continuaram a se encarar nos olhos. Então, seu único pensamento era que a missa acabasse; ela esperava expectante para ver o que aconteceria em seguida.

À medida que todos começaram a sair da igreja lotada, houve uma grande aglomeração. Ingebjørg puxou Kristin com ela, para trás na multidão; elas foram facilmente separadas das freiras, que foram as primeiras a sair. As moças estavam entre as últimas a se aproximar do altar com sua oferta e sair da igreja.

Erlend estava do lado de fora, bem ao lado da porta, entre o padre de Gerdarud e um homem gordo e de rosto vermelho vestindo uma magnífica sobrepeliz azul de veludo. Erlend estava vestido de seda, mas em cores escuras — uma longa sobrepeliz marrom e preta e uma capa negra entrelaçada com pequenos falcões amarelos.

Cumprimentaram-se e caminharam pela encosta em direção ao local onde os cavalos dos homens estavam amarrados. Enquanto trocavam palavras sobre o tempo, a bela missa e a grande multidão presente, o cavalheiro gordo e de rosto vermelho — ele usava esporas douradas e seu nome era Sir Munan Baardsøn — ofereceu a mão para Ingebjørg. Parecia achar a donzela extremamente atraente. Erlend e Kristin ficaram para trás; caminharam em silêncio.

Havia uma grande agitação no monte da igreja quando as pessoas começaram a partir a cavalo. Cavalos se empurravam e as pessoas gritavam, algumas irritadas, outras rindo. Muitos cavalgavam em pares — homens com suas esposas atrás deles ou crianças na frente na sela — e meninos saltavam para cavalgar com um amigo. Eles já podiam ver as bandeiras da igreja, as freiras e o padre lá embaixo.

Sir Munan passou cavalgando; Ingebjørg estava sentada na frente dele, em seus braços. Ambos gritaram e acenaram.

Então Erlend disse:

— Meus homens estão aqui comigo. Eles poderiam pegar um dos cavalos, e você poderia ficar com o de Haftor... se preferir?

Kristin corou ao responder:

— Já estamos tão atrás dos outros, e eu não vejo seus homens, então... — Depois ela riu, e Erlend sorriu.

Ele saltou na sela e a ajudou a subir atrás dele. Em casa, Kristin frequentemente se sentava de lado atrás de seu pai depois que cresceu demais para cavalgar na garupa do cavalo. Ainda assim, ela se sentia um pouco tímida e incerta enquanto colocava uma de suas mãos sobre o ombro de Erlend; com a outra mão, apoiava-se nas costas do cavalo. Lentamente, desceram em direção à ponte.

Depois de um tempo, Kristin sentiu que deveria falar, já que ele não o fazia, e disse:

— Foi inesperado, senhor, encontrá-lo aqui hoje.

— Foi inesperado? — perguntou Erlend, virando a cabeça para trás em sua direção. — Ingebjørg Filippusdatter não trouxe saudações minhas para você?

— Não — disse Kristin. — Não ouvi falar de nenhuma saudação. Ela nunca mencionou você desde aquele dia em que veio em nosso auxílio em maio — disse astutamente. Ela queria que a duplicidade de Ingebjørg viesse à tona.

Erlend não virou, mas ela pôde ouvir em sua voz que ele sorria quando falou novamente.

— E a pequena de cabelos pretos, a noviça, não consigo lembrar o nome dela. Até paguei uma taxa de mensageira a ela para entregar minhas saudações a você.

Kristin corou, mas então teve que rir.

— Sim, eu suponho que devo a Helga dizer que ela ganhou o pagamento — disse.

Erlend moveu a cabeça ligeiramente, e seu pescoço ficou perto da mão de Kristin. Ela moveu a mão imediatamente para um lugar mais afastado em seu ombro. Um tanto desconfortável, ela pensou que talvez tivesse mostrado uma ousadia maior do que era apropriado, já que ela tinha vindo a esta festa depois que um homem, de certa forma,

marcou um encontro com ela.

Após um momento, Erlend perguntou:

— Você dançará comigo esta noite, Kristin?

— Não sei, senhor — respondeu a donzela.

— Talvez ache que não seria apropriado? — ele perguntou. Quando ela não respondeu, ele continuou. — Pode ser que não seja. Mas pensei que talvez não achasse que faria mal se pegasse minha mão esta noite. E a propósito, faz oito anos desde que participei de uma dança.

— Por que isso, senhor? — perguntou Kristin. — É porque você é casado? — Mas então ocorreu a ela que, se ele fosse um homem casado, não teria sido decente ele marcar esse encontro com ela. Então, ela se corrigiu e disse: — Talvez tenha perdido sua noiva ou sua esposa?

Erlend virou-se abruptamente e lhe deu um olhar peculiar.

— Eu? Fru Aashild não... — Depois de um momento, ele perguntou:

— Por que você corou quando soube quem eu era naquela noite?

Kristin corou novamente, mas não respondeu.

Então Erlend continuou.

— Gostaria de saber o que minha tia te contou sobre mim.

— Nada mais do que elogiou — disse Kristin apressadamente. — Ela disse que você era bonito e tão nobre que... ela disse que em comparação com uma linhagem como a sua e a dela, éramos de pouca importância, meus ancestrais e eu.

— Ela ainda fala sobre tais coisas, onde ela reside agora? — disse

Erlend com uma risada amarga. — Bem, bem, se isso a conforta... E ela não disse mais nada sobre mim?

— O que mais ela diria? — perguntou Kristin. Ela não sabia por que se sentia tão estranha e ansiosa.

— Oh, ela poderia ter dito... — respondeu Erlend em voz baixa, com a cabeça baixa —, ela poderia ter dito que fui excomungado e tive que pagar caro pela paz e reconciliação.

Kristin nada disse por muito tempo. Então ela disse suavemente:

— Ouvi dizer que há muitos homens que não são senhores de suas fortunas. Vi tão pouco do mundo. Mas eu nunca acreditaria de você, Erlend, que fosse por qualquer... assunto ignóbil.

— Deus te abençoe por essas palavras, Kristin — disse Erlend. Ele inclinou a cabeça e beijou seu pulso tão fervorosamente que o cavalo deu um salto sob eles. Quando o animal voltou a andar calmamente, ele disse com grande ardor: — Você não dançaria comigo esta noite, Kristin? Mais tarde eu te contarei tudo sobre minha situação, mas esta noite vamos ser felizes juntos.

Kristin concordou, e eles cavalgaram em silêncio por um tempo.

Mas pouco depois Erlend começou a perguntar sobre Fru Aashild, e

Kristin contou-lhe tudo o que sabia; ela a elogiou muito.

— Então todas as portas não estão fechadas para Bjørn e Aashild? — perguntou Erlend.

Kristin respondeu que eles eram bem vistos e que seu pai e muitos outros pensavam que a maioria do que havia sido dito sobre o casal era falso.

— O que você achou do meu parente, Munan Baardsøn? — perguntou Erlend com uma risada.

— Não dei muita atenção a ele — disse Kristin —, e não me pareceu que ele valesse muito a pena ser olhado de qualquer maneira.

— Você não sabia que ele é filho dela? — perguntou Erlend.

— Filho de Fru Aashild? — disse Kristin, surpresa.

— Sim, as crianças não herdaram a beleza da mãe, já que herdaram tudo o mais — disse Erlend.

— Eu nem sabia o nome de seu primeiro marido — disse Kristin.

— Eram dois irmãos que se casaram com duas irmãs — explicou Erlend. — Baard e Nikulaus Munansøn. Meu pai era o mais velho; minha mãe era sua segunda esposa, mas ele não teve filhos com a primeira esposa. Baard, que se casou com Aashild, também não era um homem jovem, e aparentemente eles nunca se deram bem. Eu era criança quando tudo aconteceu, e eles me mantiveram afastado o quanto puderam. Mas ela deixou o país com Herr Bjørn e se casou com ele sem o conselho de seus parentes... depois que Baard morreu. Então as pessoas quiseram anular o casamento deles. Alegavam que Bjørn tinha dormido com ela enquanto seu primeiro marido ainda estava vivo e que conspiraram juntos para se livrar do irmão de meu pai. Mas não conseguiram encontrar nenhuma prova disso, e tiveram que deixar o casamento de pé. Mas tiveram que abrir mão de todas as suas posses. Bjørn também havia matado o sobrinho deles... o sobrinho de minha mãe e de Aashild, quero dizer.

O coração de Kristin batia forte. Em casa, seus pais haviam tomado precauções rigorosas para que as crianças não ouvissem conversas impuras. Mas também haviam ocorrido coisas em sua vila que Kristin soubera — um homem que vivia em concubinato com uma mulher casada. Isso era adultério, um dos piores pecados. Eles também eram culpados pela morte violenta do marido, e então era um caso de excomunhão e banimento. Lavrans havia dito que nenhuma mulher precisava ficar com seu marido se ele tivesse estado com a esposa de outro homem. E o destino dos filhos do adultério nunca poderia ser melhorado, mesmo que os pais fossem posteriormente livres para se casar. Um homem poderia passar sua herança e nome para seu filho com uma prostituta ou uma mulher mendiga errante, mas não para seu filho do adultério — nem mesmo se a mãe fosse a esposa de um cavaleiro.

Kristin pensou na aversão que sempre sentira por Herr Bjørn, com seu rosto pálido e seu corpo flácido e corpulento. Ela não conseguia entender como Fru Aashild podia ser sempre tão gentil e complacente com o homem que a havia levado a tamanha vergonha; pensar que uma mulher tão graciosa poderia ter se deixado enganar por ele. Ele nem sequer era bom para ela; deixava-a trabalhar em todas as tarefas da fazenda. Bjørn não fazia nada além de beber *ale*. E ainda assim Aashild sempre era tão gentil e carinhosa quando falava com o marido. Kristin se perguntou se seu pai sabia disso, já que havia convidado Herr Bjørn para entrar em sua casa. Agora que pensava nisso, parecia estranho para ela que Erlend falasse dessa maneira de seus parentes próximos. Mas provavelmente ele pensava que ela já sabia disso.

— Isso me agradaria — disse Erlend depois de um momento —, visitar minha tia Aashild, alguma vez... quando eu viajar para o norte. Mas ele ainda é um homem bonito, meu parente Bjørn?

— Não — disse Kristin. — Ele parece um monte de feno que ficou deitado no chão durante todo o inverno.

— Ah, sim, deve desgastar um homem — disse Erlend com o mesmo sorriso amargo. — Nunca vi um homem mais bonito... isso foi há vinte anos, e eu era apenas um garoto pequeno naquela época... mas nunca vi seu igual.

Pouco depois, eles chegaram ao hospício. Era uma propriedade enorme e grandiosa, com muitos edifícios de pedra e madeira: um hospital, um asilo, uma pousada para viajantes, a capela e o refeitório. Havia uma grande agitação no pátio, pois a comida estava sendo preparada para o banquete na cozinha do hospício, e os membros pobres e doentes da guilda também receberiam o melhor naquele dia. A sala da guilda ficava além dos jardins do hospício, e as pessoas estavam indo naquela direção pelo jardim de ervas, pois era bastante famoso. Fru Groa havia trazido plantas que ninguém na Noruega jamais ouvira falar antes, e, além disso, todas as plantas que geralmente cresciam em tais jardins pareciam prosperar melhor nos dela — flores e ervas culinárias e medicinais. Ela era a mulher mais habilidosa em todos esses assuntos, e até mesmo havia traduzido herbalistas de Salerno para o idioma norueguês. Fru Groa havia sido particularmente amigável com Kristin desde que percebeu que a donzela sabia algo sobre a arte das ervas e queria aprender mais sobre isso.

Então Kristin apontou para Erlend as plantas que estavam crescendo nos canteiros de ambos os lados da alameda verde enquanto caminhavam. Sob o sol do meio-dia, havia uma fragrância quente e picante de endro e aipo, cebolas e rosas, sândalo e cravos. Além do jardim de ervas, assolado pelo sol e sem sombra, as fileiras de árvores

frutíferas pareciam atraentemente frescas; cerejas vermelhas cintilavam no escuro das folhagens, e macieiras curvavam seus galhos, carregados de frutas verdes.

Ao redor do jardim havia uma cerca de rosa-mosqueta. Ainda havia algumas rosas — não pareciam diferentes de outras rosas de cerca, mas as pétalas cheiravam a vinho e maçãs sob o calor do sol. As pessoas quebravam galhos e os prendiam em suas roupas enquanto passavam. Kristin também colheu várias rosas, enfiando-as na tiara-grinalda em suas têmporas. Ela segurou uma na mão, e depois de um momento Erlend a tirou dela, sem dizer uma palavra. Ele a carregou por um tempo e depois a enfiou no broche de filigrana em seu peito. Ele parecia constrangido e envergonhado, e o fez tão desajeitadamente que arranhou os dedos e fez o sangue escorrer.

No sótão do banquete, várias mesas largas foram montadas: uma para os homens e outra para as mulheres ao longo das paredes. No meio do chão, havia duas mesas onde as crianças e os jovens se sentavam juntos.

Na mesa das mulheres, Fru Groa ocupava o assento principal; as freiras e a maioria das esposas de alta posição sentavam-se ao longo da parede, e as mulheres solteiras ficavam no banco oposto, com as donzelas de Nonneseter mais próximas da cabeça da mesa. Kristin sabia que Erlend a estava observando, mas ela não ousava virar a cabeça nem uma vez, seja quando estavam de pé ou depois de se sentarem. Somente quando se levantaram e o padre começou a ler os nomes dos irmãos e irmãs da guilda falecidos, ela lançou um olhar apressado para a mesa dos homens. Ela o viu quando ele estava perto da parede, atrás da vela acesa na mesa. Ele a estava olhando.

A refeição durou muito tempo, com todos os brindes em homenagem a Deus, à Virgem Maria e a Santa Margareta, Santo Olavo e São Halvard, intercalados com orações e hinos.

Kristin podia ver pela porta aberta que o sol havia se posto; o som de violinos e canções vinha de fora, e os jovens já haviam deixado as mesas quando Fru Groa disse às jovens que agora podiam sair para brincar por um tempo, se assim desejassem.

Três fogueiras vermelhas ardiam no gramado; ao redor delas moviam-se as correntes de dançarinos, ora iluminados, ora em silhueta. Os violinistas estavam sentados em pilhas de baús, tocando as cordas de seus instrumentos; tocavam e cantavam uma melodia diferente em cada círculo. Havia gente demais para formar apenas uma dança. Já estava quase escuro; para o norte, o topo das colinas arborizadas

destacava-se negro de carvão contra o céu verde-amarelado.

As pessoas estavam sentadas sob a galeria do sótão, bebendo. Vários homens pularam assim que as seis donzelas de Nonneseter desceram as escadas. Munan Baardsøn correu até Ingebjørg e a tirou para dançar, e Kristin foi agarrada pelo pulso — era Erlend; ela já conhecia o toque dele. Ele segurou a mão dela tão firmemente que seus anéis arranharam um ao outro e morderam a carne.

Ele a puxou em direção à fogueira mais distante, onde muitas crianças estavam dançando. Kristin pegou a mão de um menino de doze anos, e Erlend tinha uma pequena donzela ao seu lado.

Ninguém estava cantando em seu círculo naquele momento — eles caminhavam e balançavam de um lado para o outro, no ritmo do som do violino. Então alguém gritou que Sivord, o dinamarquês, deveria cantar uma nova balada para eles. Um homem alto e loiro com punhos enormes se colocou à frente da corrente de dançarinos e executou sua canção:

*Dançam agora em Munkholm,
sobre a branca areia a girar.*

*Ivar, Senhor Jonsøn, com todo encanto, à rainha sua mão a entregar.
Você conhece Ivar, o nobre, o galante?*

Os violinistas não conheciam a melodia; eles dedilharam um pouco nas cordas, e o dinamarquês cantou sozinho. Ele tinha uma voz bonita e forte.

*Lembra, Rainha da Dinamarca, do verão tão límpido, a brilhar, quando de
Suécia partiste
e à Dinamarca vieste a caminhar.*

*Quando de Suécia partiste, e à Dinamarca aqui chegaste, com coroa
dourada tão rubra, na face uma lágrima a rolar.*

*Com coroa dourada tão rubra, e na face uma lágrima a rolar.
Lembras, Rainha dinamarquesa, do primeiro amor que deixou marcar?*

Os violinistas tocaram novamente, e os dançarinos cantarolaram a melodia recém-aprendida e se juntaram ao refrão.

*E se você, Ivar Herr Jonsøn, é meu homem verdadeiro, então amanhã, da
força você certamente enforcará! E era Ivar Herr Jonsøn
mas ele não se intimidou,
ele pulou no barco dourado, vestido com uma cota de malha.*

*Que lhe seja concedido, rainha dinamarquesa, tantas boas noites
quanto enchem o céu
todas as estrelas tão brilhantes.*

*Que lhe seja concedido, rei dinamarquês, uma vida tão cheia de cuidados
quanto a árvore de tília tem folhas e o cervo tem pelos.
Você conhece Ivar Herr Jonsøn?*

Já era tarde da noite, e as fogueiras eram apenas montes de brasas incandescentes que ficavam cada vez mais fracas. Kristin e Erlend ficaram de mãos dadas sob as árvores perto da cerca do jardim. Atrás deles, o barulho dos festeiros tinha cessado; alguns meninos estavam cantarolando e pulando ao redor dos montes de brasas, mas os violinistas tinham ido para a cama e a maioria das pessoas tinha ido embora. Aqui e ali, uma mulher caminhava procurando pelo marido, derrubado por *ale* em algum lugar ao ar livre.

— Eu me pergunto onde deixei minha capa — sussurrou Kristin. Erlend colocou o braço ao redor de sua cintura e envolveu sua capa ao redor de ambos. Caminhando bem juntos, eles entraram no jardim de ervas.

Um vestígio do aroma picante e quente do dia chegou até eles, abafado e úmido com o frescor do orvalho. A noite estava bastante escura, o céu cinza e nebuloso com nuvens acima das copas das árvores. Mas eles sentiram que outros estavam no jardim.

Erlend pressionou a donzela contra ele uma vez e perguntou em um sussurro:

— Você não está com medo, está, Kristin?

De repente, ela vagamente se lembrou do mundo fora desta noite — era loucura. Mas ela estava tão maravilhosamente privada de todo o poder. Ela se inclinou mais para o homem e sussurrou fracamente; ela não sabia o que estava dizendo.

Eles chegaram ao final do caminho; havia uma cerca de pedra ao longo da borda da floresta. Erlend a ajudou a subir. Quando ela estava prestes a pular para o outro lado, ele a pegou e a segurou em seus braços por um momento antes de colocá-la na grama.

Ela ficou lá com o rosto levantado e recebeu seu beijo. Ele colocou as mãos em suas têmporas. Ela achou tão maravilhoso sentir os dedos dele afundando em seu cabelo, e então ela levantou as mãos para o rosto dele e tentou beijá-lo da mesma maneira que ele a havia beijado. Quando ele colocou as mãos em seu corpete e acariciou seus seios, ela sentiu como se ele tivesse deixado seu coração nu e depois o agarrado; suavemente ele separou as dobras de sua camisola de seda e beijou o

lugar entre — o calor correu para as raízes de seu coração.
— Você eu nunca poderia machucar... sussurrou Erlend. — Nunca derrame uma única lágrima por minha causa. Nunca pensei que uma donzela pudesse ser tão boa quanto você, minha Kristin...
Ele a puxou para baixo na grama sob os arbustos; eles se sentaram com as costas apoiadas na cerca de pedra. Kristin não disse uma palavra, mas quando ele parou de acariciá-la, ela levantou a mão e tocou seu rosto.

Depois de um momento, Erlend perguntou:

— Você está cansada, querida Kristin? — E quando ela se apoiou em seu peito, ele envolveu os braços ao redor dela e sussurrou: — Durma, Kristin, durma aqui comigo.

Ela afundou mais e mais na escuridão, no calor e na alegria em seu peito.

Quando ela acordou, estava deitada esticada na grama com a bochecha contra a seda marrom de seu colo. Erlend ainda estava sentado com as costas apoiadas na cerca de pedra; seu rosto estava cinza na luz cinzenta, mas seus olhos bem abertos eram estranhamente brilhantes e bonitos. Ela viu que ele tinha enrolado sua capa ao redor dela; seus pés estavam maravilhosamente aquecidos dentro do forro de pele.

— Agora você dormiu em meu colo — ele disse, sorrindo levemente.

— Que Deus a recompense, Kristin. Você dormiu tão profundamente quanto uma criança nos braços de sua mãe.

— Você não dormiu, Herr Erlend? — perguntou

Kristin, e ele sorriu para seus olhos recém-acordados. — Talvez um dia a noite venha em que você e eu

ousemos dormir juntos... não sei o que você pensará depois de considerar isso. Eu vigiei aqui na noite. Ainda há tanto entre nós, mais do que se uma espada nua tivesse se deitado entre você e eu. Diga-me, você terá afeição por mim depois que esta noite terminar? — Terei afeição por você, Herr Erlend — disse

Kristin. — Terei afeição por você enquanto você desejar... e depois disso não amarei mais ninguém. — Então que Deus me abandone — disse Erlend

lentamente —, se alguma vez uma mulher ou donzela vier para os meus braços antes que eu ouse possuí-la com honra e de acordo com a lei. Repita o que eu disse — implorou ele.

Kristin disse:

— Que Deus me abandone se eu alguma vez levar qualquer outro homem para os meus braços, enquanto eu viver nesta terra.

— Devemos ir agora — disse Erlend depois de um momento. — Antes que todos acordem.

Eles caminharam ao longo da parte externa da cerca de pedra, pelo mato.

— Você pensou no que deve acontecer a seguir?

— perguntou Erlend.

— Você deve decidir isso, Erlend — respondeu Kristin.

— Seu pai — ele disse depois de uma pausa. —

Lá em Gerdarud dizem que ele é um homem gentil e justo. Você acha que ele se oporia fortemente a quebrar o acordo que fez com Andres Darre?

— Meu pai disse tantas vezes que nunca forçaria qualquer uma de suas filhas — disse Kristin. — A principal preocupação é que nossas terras se encaixariam tão bem juntas. Mas tenho certeza de que o pai não gostaria que eu perdesse toda a alegria no mundo por esse motivo. — Ela teve uma intuição repentina de que talvez não fosse tão simples assim, mas a afastou. — Então talvez isso seja mais fácil do que eu pensava na noite passada — disse Erlend. — Deus me ajude, Kristin... não suportarei perdê-la. Agora nunca serei feliz se não puder tê-la.

Eles se separaram entre as árvores, e na luz fraca da alvorada, Kristin encontrou o caminho até a casa de hóspedes onde todos de Nonneseter estavam dormindo. Todas as camas estavam ocupadas, mas ela jogou seu manto sobre um monte de palha no chão e deitou-se com suas roupas.

Quando acordou, já estava bastante tarde. Ingebjørg Filippusdatter estava sentada em um banco próximo, remendando uma borda de pele que tinha se soltado de seu manto. Ela estava cheia de conversa, como sempre.

— Você ficou a noite toda com Erlend Nikulaussøn? — ela perguntou.

— Você deveria ter um pouco mais de cuidado com esse jovem, Kristin. Você acha que Simon Andressøn gostaria se você se aproximasse dele?

Kristin encontrou uma bacia e começou a se lavar.

— E quanto ao seu noivo? Você acha que ele gostaria que você

dançasse com Munan, o Coxo, na noite passada? Mas temos que dançar com qualquer um que nos convide em uma noite assim; e Fru Groa nos deu permissão, afinal.

Ingebjørg exclamou:

— Einar Einarsson e Sir Munan são amigos, e além disso, ele é casado e velho. E ele é feio também, mas amável e cortês. Veja o que ele me deu como lembrança da noite. — E ela mostrou uma fivela de ouro que Kristin tinha visto no chapéu de Sir Munan no dia anterior. — Mas aquele Erlend... bem, a proibição foi retirada dele na última Páscoa, mas dizem que Eline Ormsdatter tem estado em sua mansão em Husaby desde então. Sir Munan diz que ele fugiu para Sira Jon em Gerdarud porque tem medo de cair de novo no pecado se a vir de novo.

Kristin, com o rosto pálido, foi até a garota.

— Você não sabia disso? — perguntou Ingebjørg. — Que ele seduziu uma mulher casada em algum lugar ao norte em Haalogaland? E que a manteve em sua propriedade apesar do aviso do rei e da proibição do arcebispo? Eles têm dois filhos juntos também. Ele teve que fugir para a Suécia, e teve que pagar tantas multas que Sir Munan diz que ele acabará um mendigo se não endireitar seu caminho em breve.

— Oh sim, pode ter certeza de que eu sabia de tudo isso — disse Kristin, com o rosto rígido. — Mas isso acabou agora.

— Sim, é isso que Sir Munan disse, que acabou tantas vezes antes — respondeu Ingebjørg pensativamente. — Não vai te afetar... afinal, você vai se casar com Simon Darre. Mas aquele Erlend Nikulaussøn é realmente um homem bonito.

A companhia de Nonneseter estava indo embora no mesmo dia, após as orações da tarde. Kristin tinha prometido a Erlend encontrá-lo na cerca de pedra onde eles tinham ficado durante a noite, se encontrasse uma maneira de ir.

Ele estava deitado de bruços na grama, com a cabeça nos braços. Assim que a viu, ele se levantou e ofereceu as duas mãos quando ela estava prestes a pular.

Ela as pegou, e ficaram por um momento, de mãos dadas.

Então Kristin disse:

— Por que você me contou aquela história sobre Herr Bjørn e Fru Aashild ontem?

— Vejo que você sabe — respondeu Erlend, soltando bruscamente as mãos dela. — O que você acha de mim agora, Kristin?

— Eu tinha dezoito anos naquela época — continuou ele veementemente. — Faz dez anos que o rei, meu parente, me enviou numa jornada para Vargøy House, e então passamos o inverno em Steigen. Ela era casada com o juiz Sigurd Saksulvsøn. Eu sentia pena dela porque ele era velho e incrivelmente feio. Eu não sei como

aconteceu; sim, eu gostava dela também. Eu disse a Sigurd para exigir o que quisesse em multas; eu queria fazer o certo por ele... ele é um homem decente de muitas maneiras... mas ele queria que as coisas seguissem conforme a lei, e levou o caso ao *ting*. Eu deveria ser marcado por adultério com a mulher na casa da qual eu tinha sido hóspede, entende? Meu pai ficou sabendo disso, e então o Rei Haakon também descobriu. E ele... ele me baniu de sua corte. E se você precisar saber toda a história: não resta mais nada entre Eline e eu, exceto as crianças, e ela se importa muito pouco com elas. Elas estão em Østerdal, numa fazenda que eu possuo lá. Eu dei a fazenda para Orm, o menino. Mas ela não quer ficar com eles. Suponho que ela espera que Sigurd não possa viver para sempre, mas eu não sei o que ela quer.

E continuou:

— Sigurd a aceitou de volta, mas ela diz que foi tratada como um cachorro e uma escrava em sua fazenda. Então ela me pediu para encontrá-la em Nidaros. Eu também não estava me saindo muito melhor em Husaby com meu pai. Vendi tudo o que pude colocar as mãos e fugi com ela para Halland; o Conde Jacob foi um amigo gentil para mim. O que mais eu poderia fazer? Ela estava carregando meu filho. Eu sabia que muitos homens tinham conseguido escapar ilesos de tal relacionamento com a esposa de outro homem... se fossem ricos, é claro. Mas o Rei Haakon é o tipo de homem que trata os seus mais severamente. Ficamos separados por um ano, mas então meu pai morreu, então ela voltou. E então outras coisas aconteceram. Meus inquilinos se recusaram a pagar o aluguel da terra ou a falar com meus enviados porque eu tinha sido excomungado. Eu retaliava severamente, e então um caso foi aberto contra mim por roubo, mas eu não tinha dinheiro para pagar meus criados. Você pode ver que eu era muito jovem para lidar sensatamente com essas dificuldades, e meus parentes se recusaram a me ajudar... exceto Munan, que fez o máximo que ousava sem irritar sua esposa.

— Então agora você sabe, Kristin, que eu comprometi muito, tanto minha terra quanto minha honra. Você certamente seria muito melhor servida se ficasse com Simon Andressøn.

Kristin colocou os braços ao redor de seu pescoço.

— Vamos manter o que juramos um ao outro ontem à noite, Erlend, se você se sentir como eu.

Erlend a puxou para perto, a beijou e depois disse:

— Você também deve ter fé de que minhas circunstâncias estão destinadas a mudar. Agora ninguém no mundo tem poder sobre mim, exceto você. Ah, eu pensei em tantas coisas na noite passada enquanto você dormia em meu colo, minha bela. O Diabo não pode ter tanto poder sobre um homem a ponto de eu causar a você tristeza ou dano,

você que é a coisa mais preciosa em minha vida.

CAPÍTULO 4

DURANTE O TEMPO em que viveu em Skog, Lavrans Bjørgulfsøn doara propriedades à Igreja de Gerdarud para a realização de missas pelas almas de seus pais nos aniversários de suas mortes. A data de falecimento de seu pai, Bjørgulf Ketilsøn, era treze de agosto, e este ano Lavrans havia feito os arranjos para que seu irmão levasse Kristin até sua propriedade para que ela pudesse participar da missa.

Ela temia que algo pudesse acontecer para impedir seu tio de cumprir a promessa. Achava que havia percebido que Aasmund não era particularmente simpático a ela. Mas no dia anterior à realização da missa, Aasmund Bjørgulfsøn chegou ao convento para buscar sua sobrinha. Kristin foi instruída a se vestir de forma secular, mas escura e simples em aparência. As pessoas haviam começado a observar que as irmãs de Nonneseter passavam muito tempo fora do convento, e o bispo havia decretado que as jovens que não se tornariam freiras não deveriam usar nada semelhante ao traje do convento quando fossem visitar seus parentes — assim, o público não as confundiria com noviças ou freiras da ordem.

Kristin estava de bom humor enquanto cavalgava pela estrada com seu tio, e Aasmund ficou mais alegre e amigável em relação a ela quando percebeu que a jovem era uma companheira afável. Por outro lado, Aasmund estava bastante abatido; ele disse que parecia provável que uma campanha militar seria lançada no outono²⁰e que o rei navegaria com seu exército para a Suécia para vingar o ato vil perpetrado contra seu cunhado e o marido de sua sobrinha. Kristin ouvira falar sobre o assassinato dos duques suecos e achou um ato da pior covardia, embora todos esses assuntos do reino lhe parecessem tão distantes. Ninguém falava muito sobre essas coisas lá em casa, no vale. Mas ela também se lembrava de que seu pai havia participado da campanha contra o Duque Eirik em Ragnhildarholm e Konungahella. Aasmund explicou tudo o que havia acontecido entre o rei e os duques. Kristin não entendia muito do que ele dizia, mas prestava muita atenção ao que seu tio lhe contava sobre os compromissos que haviam sido acordados e depois quebrados pelas filhas do rei. Foi reconfortante ouvir que não era igual em todos os lugares como era em casa nas aldeias, onde um compromisso arranjado era considerado quase tão vinculativo quanto um casamento. Portanto, ela reuniu coragem, contou ao seu tio sobre suas aventuras na noite anterior à Véspera de São Halvard, e perguntou se ele conhecia Erlend de Husaby. Aasmund deu um bom relato sobre Erlend, dizendo que ele

agira imprudentemente, mas que seu pai e o rei eram os mais culpados. Disse que haviam se comportado como se o rapaz fosse o próprio chifre do Diabo porque ele havia caído em tal situação. O rei era excessivamente piedoso, e o Sir Nikulaus estava irritado porque Erlend havia desperdiçado muita propriedade valiosa, então ambos haviam trovejado sobre adultério e as chamas do inferno.

20 O apoio às campanhas de guerra iniciadas pelo rei baseava-se em um sistema de defesa que dividia primeiro a Noruega em condados e depois em paróquias. Cada condado era obrigado a fornecer e equipar um navio de guerra, e cada paróquia tinha que fornecer um membro da tripulação do navio. Além disso, impostos eram cobrados para financiar as campanhas. Proprietários de terras abastados, que possuíam tanto cavalos quanto armas necessárias para a guerra, eram obrigados a prestar serviço militar e, portanto, estavam isentos desses impostos. (N.T.)

— Qualquer jovem saudável precisa ter uma certa quantidade de desafio nele — disse Aasmund Bjørgulfsøn. — E a mulher era extremamente bonita. Mas você não tem motivo para se envolver com Erlend, então não preste atenção nos assuntos dele.

Erlend não compareceu à missa como havia prometido a Kristin, e ela pensou mais nisso do que na palavra de Deus. No entanto, não sentiu remorso. Apenas teve a estranha sensação de ser uma estranha a tudo ao qual antes se sentia vinculada.

Ela tentou se consolar; Erlend provavelmente achava melhor que ninguém com autoridade sobre ela descobrisse sobre a amizade deles. Ela mesma conseguia entender isso. Mas ela ansiava vê-lo com todo o seu coração, e chorou quando foi para a cama naquela noite no sótão onde dormia com as filhas pequenas de Aasmund.

No dia seguinte, ela seguiu em direção à floresta com a mais nova das crianças de seu tio, uma pequena donzela de seis anos. Quando tinham percorrido uma certa distância, Erlend veio correndo atrás delas. Kristin sabia quem era antes mesmo de vê-lo.

— Fiquei sentado aqui no alto olhando para baixo no quintal o dia todo — ele disse. — Eu tinha certeza de que você encontraria alguma chance de escapar.

— Você acha que vim aqui para te encontrar? — disse Kristin rindo.
— E você não tem medo de estar vagando pela floresta do meu tio com seus cachorros e arco?

— Seu tio me deu permissão para caçar aqui por um curto período — disse Erlend. — E os cachorros pertencem a Aasmund... eles me encontraram aqui de manhã. — Ele acariciou os cachorros e pegou a

menininha. — Você se lembra de mim, não é, Ragndid? Mas você não deve dizer que conversou comigo, e então vou te dar isso. — Ele tirou um pequeno pacote de uvas-passas e entregou à criança. — Eu tinha a intenção de dar isso a você — ele disse a Kristin. — Você acha que essa criança consegue ficar quieta?

Ambos falavam rápido e riam. Erlend estava usando uma túnica curta e justa marrom, e ele tinha um pequeno gorro de seda vermelha pressionado sobre seu cabelo preto; ele parecia tão jovem. Ele ria e brincava com a criança, mas de vez em quando pegava a mão de Kristin, apertando com tanta força que doía.

Ele falou sobre os rumores da campanha com alegria.

— Então será mais fácil para mim reconquistar a amizade do rei. Tudo será mais fácil então — disse ele fervorosamente.

Finalmente, eles se sentaram em um campo a certa distância na floresta. Erlend tinha a criança no colo. Kristin sentou ao seu lado. Ele brincava com os dedos dela na grama. Ele colocou em sua mão três anéis de ouro amarrados com um cordão.

— Mais tarde — sussurrou para ela —, você terá tantos quantos puder caber em seus dedos.

— Eu vou esperar por você aqui neste campo todos os dias neste horário, enquanto você estiver em Skog — ele disse quando se despediram. — Venha quando puder.

No dia seguinte, Aasmund Bjørgulfsøn, juntamente com sua esposa e filhos, partiram para a propriedade ancestral de Gyrid em Hadeland. Eles ficaram alarmados com os rumores da campanha. As pessoas ao redor de Oslo ainda estavam cheias de terror desde a devastadora incursão do Duque Eirik²¹ na região alguns anos antes. A mãe idosa de Aasmund estava tão assustada que decidiu buscar refúgio em Nonneseter; ela estava muito frágil para viajar com os outros. Assim, Kristin ficaria em Skog com a velha, a quem ela chamava de Avó, até Aasmund retornar de Hadeland.

Ao meio-dia, quando os serviçais da fazenda estavam descansando, Kristin subiu para o sótão onde dormia. Ela havia trazido algumas roupas em uma bolsa de couro e cantarolava enquanto trocava de roupa.

Seu pai havia lhe dado um vestido feito de espesso algodão do Oriente; era azul-celeste com um intrincado padrão de flores vermelhas. Foi isso que ela vestiu. Ela escovou e penteou os cabelos, amarrando-os para trás do rosto com fitas de seda vermelha. Ela envolveu uma faixa de seda vermelha firmemente em volta da cintura

e deslizou os anéis de Erlend em seus dedos, ao mesmo tempo se perguntando se ele a acharia bonita.

Ela deixou os dois cachorros que estiveram na floresta com Erlend dormirem com ela no sótão à noite. Agora, ela os incentivou a acompanhá-la. Ela se moveu furtivamente ao redor dos edifícios e pegou o mesmo caminho pelos campos periféricos que usara no dia anterior.

21 O Duque Eirik Magnussón da Suécia tentou ampliar seu poder atacando Oslo em 1308 e novamente em 1310. Ambas as incursões foram repelidas, mas após a segunda, o rei norueguês lançou uma campanha retaliatória, que representou um grande desgaste nos recursos do país. (N.T.)

A clareira na floresta estava vazia e silenciosa sob o brilho do sol do meio-dia. Havia uma fragrância quente vindo das árvores de abeto que a cercavam por todos os lados. O sol escaldante e o céu azul pareciam estranhamente próximos e ásperos contra o topo das árvores.

Kristin sentou-se na sombra à beira da clareira. Ela não ficou desapontada com a ausência de Erlend. Ela estava certa de que ele viria, e sentia uma alegria peculiar por poder sentar ali sozinha, a primeira a chegar.

Ela ouvia o zumbido suave dos insetos sobre a grama amarela e queimada pelo sol. Arrancou várias flores secas com aroma de especiarias que conseguia alcançar sem se mover mais do que a mão. Ela as girava entre os dedos e as cheirava; com os olhos bem abertos, ela afundou em uma espécie de transe.

Ela não se mexeu quando ouviu um cavalo se aproximando da floresta. Os cachorros rosnaram e eriçaram os pelos; então correram pelo prado, latindo e abanando o rabo. Erlend saltou do cavalo à beira da floresta e o soltou com um tapa nas ancas. Então ele correu em direção a Kristin com os cachorros pulando ao redor dele. Ele pegou os focinhos deles com as mãos e caminhou em direção a ela entre os dois animais, que eram acinzentados como alces e semelhantes a lobos. Kristin sorriu e estendeu a mão sem se levantar.

Uma vez, enquanto olhava para a cabeça morena dele deitada em seu colo entre as mãos, uma memória surgiu abruptamente diante dela. Ela estava lá, clara e distante, como uma casa distante no declive de uma colina que pode surgir repentinamente das nuvens escuras quando é atingida por um raio de sol em um dia turbulento. E o coração dela pareceu de repente cheio de toda a ternura que Arne Gyrdson uma vez quis, quando mal entendia suas palavras.

Ansiosamente, ela atraiu o homem para si, pressionando o rosto dele contra seu peito, beijando-o como se tivesse medo que ele pudesse ser tirado dela. E quando olhou para a cabeça dele deitada em seu abraço, pensou que era como ter uma criança em seus braços. Ela escondeu os olhos dele com a mão e espalhou pequenos beijos por sua boca e bochecha.

O sol tinha desaparecido da clareira. A cor intensa acima das copas das árvores aprofundara-se em um azul escuro, espalhando-se por todo o céu. Havia pequenas listras avermelhadas nas nuvens, como fumaça de um incêndio. Bajard veio em direção a eles, deu um relincho alto e depois ficou imóvel, olhando. Um momento depois, o primeiro relâmpago surgiu, seguido imediatamente pelo trovão, não muito longe.

Erlend levantou-se e pegou as rédeas do cavalo. Havia um celeiro antigo no final da clareira, e foi para lá que eles se dirigiram. Ele amarrou Bajard a algumas tábuas logo dentro da porta. No fundo do celeiro havia um monte de feno, e ali Erlend espalhou sua capa. Eles se sentaram com os cachorros aos pés.

Logo a chuva formou uma cortina na frente da entrada. O vento soprou pela floresta e a chuva chicoteou contra o lado da colina. Um momento depois, tiveram que se afastar mais para dentro por causa de um vazamento no telhado.

Toda vez que havia relâmpagos e trovões, Erlend sussurrava:

— Você não tem medo, Kristin?

— Um pouco — ela sussurrava de volta e então se aproximava mais dele.

Eles não tinham ideia de quanto tempo ficaram ali. A tempestade passou rapidamente, e ainda podiam ouvir o trovão ao longe, mas o sol brilhava do lado de fora da porta na grama molhada, e cada vez menos gotas cintilantes caíam do telhado. O doce cheiro de feno se intensificava no celeiro.

— Eu tenho que ir agora — disse Kristin. E Erlend respondeu:

— Suponho que sim. — Ele colocou a mão no pé

dela. — Você vai se molhar. Você precisa cavalgar, e eu vou a pé. Para fora da floresta... — Ele lhe deu um olhar tão estranho.

Kristin estava tremendo — pensou que era porque seu coração batia tão forte — e suas mãos estavam úmidas e frias. Quando ele beijou a pele nua acima do joelho, ela tentou impotentemente afastá-lo. Erlend

ergueu o rosto por um momento, e ela foi subitamente lembrada de um homem que uma vez recebeu comida no convento — ele beijou o pão que lhe entregaram. Ela afundou de volta no feno de braços abertos e deixou Erlend fazer o que quisesse.

Ela estava sentada ereta quando Erlend levantou a cabeça dos braços. De repente, ele se apoiou no cotovelo.

— Não fique assim, Kristin!

Sua voz gravou uma dor nova e selvagem na alma de Kristin. Ele não estava feliz — ele também estava angustiado.

— Kristin, Kristin...

E, momentos depois, ele perguntou:

— Você acha que te trouxe para a floresta porque

queria isso de você, para te levar à força?

Ela acariciou seus cabelos, mas não o olhou. — Não chamaria isso de força. Sem dúvida, você

teria me deixado ir como eu vim se eu tivesse pedido — ela disse suavemente.

— Não tenho certeza disso — ele respondeu, escondendo o rosto em seu colo.

— Você acha que vou te abandonar? — ele perguntou fervorosamente.

— Kristin... eu juro pela minha fé cristã... que Deus me abandone em minha última hora se eu deixar de ser fiel a você até morrer.

Ela não conseguia dizer uma palavra; apenas acariciava seus cabelos, repetidamente.

— Agora, certamente, deve ser hora de eu ir para casa — ela disse finalmente, e sentiu como se estivesse esperando com apreensão a resposta dele.

— Eu suponho que sim — ele disse sombriamente. Ele se levantou rapidamente, foi até o cavalo e começou a desamarrar as rédeas. Então, Kristin também se levantou — lentamente, se sentindo fraca e despedaçada. Ela não sabia o que esperava que ele fizesse — talvez a ajudasse a subir no cavalo e a levasse consigo para que ela pudesse evitar voltar para os outros. Todo o seu corpo parecia doer de espanto — que isso era a iniquidade sobre a qual todas as canções falavam. E porque Erlend havia feito isso com ela, ela sentiu como se tivesse se tornado sua posse, e não conseguia imaginar como poderia viver fora de seu alcance. Agora ela ia ter que deixá-lo, mas não conseguia conceber fazê-lo.

Descendo pela floresta, ele caminhava, levando o cavalo e segurando a mão de Kristin na sua, mas não conseguiam pensar em nada para dizer um ao outro.

Quando chegaram a ponto de ver os prédios de Skog, ele se despediu. — Kristin, não fique triste. Antes que você perceba, chegará o dia em que você será minha esposa.

Mas o coração dela afundou enquanto falava.

— Então você tem que me deixar? — ela perguntou temerosa.

— Assim que você sair de Skog — ele disse, e sua voz soou mais vibrante de repente. — Se não houver campanha, então falarei com Munan. Ele tem me pressionado há muito tempo para me casar; tenho certeza de que ele me acompanhará e falará com seu pai em meu nome.

Kristin baixou a cabeça. Para cada palavra que ele falava, o tempo que estava diante dela parecia mais longo e mais impossível de imaginar — o convento, Jørundgaard — era como se estivesse flutuando em um rio que a levava para longe de tudo.

— Você dorme sozinha no sótão, agora que seus parentes foram embora? — perguntou Erlend. — Se sim, virei conversar com você esta noite. Você me deixará entrar?

— Sim — murmurou Kristin. E então eles se separaram.

O resto do dia, Kristin ficou com sua avó, e após a refeição da noite, ajudou a velha senhora a se deitar. Então, ela subiu para o sótão onde dormia. Havia uma pequena janela no quarto, e Kristin sentou-se no baú que ficava embaixo dela; ela não tinha vontade de ir para a cama.

Ela teve que esperar por muito tempo. Estava completamente escuro lá fora quando ouviu os passos silenciosos na galeria. Ele bateu na porta com sua capa enrolada nos nós dos dedos, e Kristin ficou de pé, puxou a tranca para trás e deixou Erlend entrar.

Ela percebeu que ele estava satisfeito quando ela jogou os braços ao redor do pescoço dele e se pressionou contra ele.

— Eu estava com medo de que você ficasse brava comigo — ele disse. Algum tempo depois, ele disse:

— Você não deve se entristecer por esse pecado. Não é um grande pecado. A lei de Deus não é a mesma que a lei do país nesse assunto. Gunnulv, meu irmão, me explicou tudo. Se duas pessoas concordam em se apoiar por toda a eternidade e então se deitam juntas, estão casadas perante Deus e não podem quebrar seus votos sem cometer um grande pecado. Eu diria a você a palavra em latim se conseguisse me lembrar... eu sabia uma vez.

Kristin se perguntou qual poderia ter sido a razão para o irmão de

Erlend falar sobre isso, mas ela afastou o medo insistente de que pudesse ter sido sobre Erlend e outra pessoa. E ela buscou consolo em suas palavras.

Sentaram-se um ao lado do outro no baú. Erlend colocou o braço ao redor de Kristin, e agora ela se sentia aquecida e segura — ao lado dele era o único lugar onde ela se sentiria segura e protegida novamente.

De tempos em tempos, Erlend falava muito, falando efusivamente. Então ele ficava em silêncio por longos períodos, simplesmente acariciando-a. Sem perceber, Kristin estava reunindo de tudo o que ele dizia, cada pequena coisa que pudesse torná-lo mais atraente e querido para ela, e que diminuiria sua culpa em tudo o que ela sabia sobre ele que não era bom.

O pai de Erlend, Sir Nikulaus, era tão velho quando seus filhos nasceram que não tinha nem paciência, nem habilidade para criá-los. Ambos os filhos cresceram na casa de Sir Baard Petersøn de Hestnæs. Erlend não tinha irmãos além de seu irmão Gunnulv, que era um ano mais jovem e um sacerdote na Igreja de Cristo. "Eu o amo mais do que qualquer um, exceto você."

Kristin perguntou a Erlend se Gunnulv se parecia com ele, mas ele riu e disse que eram bastante diferentes tanto em temperamento quanto em aparência. Gunnulv estava no exterior, estudando. Este era o terceiro ano que ele estava fora, mas enviou cartas para casa duas vezes; a última chegou no ano anterior, quando ele estava prestes a deixar Sancta Genoveva em Paris e ir para Roma.

— Gunnulv ficará feliz quando voltar para casa e me encontrar casado — disse Erlend.

Então ele falou sobre a vasta herança que havia adquirido de seus pais. Kristin percebeu que ele mal sabia como estavam agora seus negócios. Ela conhecia bem os negócios de terras de seu pai, mas os negócios de Erlend eram do tipo oposto. Ele havia vendido e dispersado, hipotecado e desperdiçado sua propriedade, especialmente nos últimos anos, enquanto tentava se separar de sua amante, pensando que com o tempo sua vida selvagem seria esquecida e seus parentes o aceitariam de volta. Ele acreditava que, no final, seria nomeado xerife de metade do condado de Orkdøla, assim como seu pai havia sido.

— Mas agora eu não faço ideia de como as coisas vão terminar — ele disse. — Talvez eu acabe em uma fazenda em algum morro desgrenhado como Bjørn Gunnarsøn, e eu terei que levar o estrume nas costas como os escravos costumavam fazer no passado porque não tenho cavalos.

— Deus te ajude — disse Kristin, rindo. — Então, é melhor eu ir com você. Acho que sei mais sobre os modos dos camponeses do que você.

— Mas eu não imagino que você já tenha carregado uma cesta de estrume — ele disse, rindo também.

— Não, mas eu vi como eles espalham o estrume, e eu semeei grãos quase todos os anos de volta para casa. Meu pai ara geralmente os campos mais próximos, e então ele me deixa semear a primeira seção porque trarei sorte para ele... — A memória perfurou dolorosamente seu coração, e ela disse apressadamente: — E você precisará de uma mulher para assar e fazer a *ale* fraca e lavar a sua única camisa e fazer a ordenha. Você terá que alugar uma ou duas vacas do fazendeiro rico mais próximo.

— Oh, graças a Deus, posso ouvir você rir um pouquinho novamente

— disse Erlend, a pegando no colo para que ela ficasse em seus braços como uma criança.

Durante as seis noites antes do retorno de Aasmund Bjørgulfsøn para casa, Erlend subiu para o sótão para ficar com Kristin todas as noites.

Na última noite, ele parecia tão infeliz quanto ela; ele repetiu muitas vezes que não seriam separados por mais tempo do que o necessário.

Finalmente, ele disse em voz baixa:

— Se as coisas correrem tão mal a ponto de eu não poder voltar aqui para Oslo antes do inverno... e você precisar da ajuda de um amigo... então pode confiar com segurança em Sira Jon aqui em Gerdarud; somos amigos desde a infância. E Munan Baardsøn também pode confiar.

Kristin só conseguiu acenar. Ela percebeu que ele estava falando sobre a mesma coisa que a preocupava todos os dias, mas Erlend não mencionou isso novamente. Então ela também ficou em silêncio, sem querer mostrar a ele o quão doente estava de coração.

Nas outras vezes, ele a deixara quando a hora ficava tarde, mas nesta última noite, ele suplicou sinceramente para ser permitido deitar-se e dormir com ela por um tempo.

Kristin estava com medo, mas Erlend disse desafiadoramente:

— Você deveria perceber que se eu for descoberto aqui em seu quarto, sei como me defender.

Ela queria tanto mantê-lo com ela um pouco mais, e era incapaz de recusar-lhe qualquer coisa.

Mas ela estava preocupada de que pudessem dormir por muito tempo.

Então, durante a maior parte da noite, ela ficou sentada, apoiada na cabeceira, cochilando um pouco de vez em quando, nem sempre consciente de quando ele realmente a acariciava e quando ela simplesmente sonhara com isso. Ela manteve uma mão em seu peito, onde podia sentir a batida de seu coração, e virou o rosto em direção à janela para poder observar o amanhecer lá fora.

Finalmente, ela teve que acordá-lo. Ela vestiu algumas roupas e saiu para a galeria com ele. Ele pulou sobre a grade no lado da casa voltado para outro prédio. Então ele desapareceu ao redor do canto. Kristin voltou para dentro e se enfiou na cama novamente; então ela se permitiu desabar e chorou pela primeira vez desde que se tornara posse de Erlend.

CAPÍTULO 5

EM NONNESETER, os dias transcorriam como antes. Kristin ocupava seu tempo no dormitório, na igreja, na sala de tecelagem, na biblioteca e no refeitório. As freiras e as servas do convento colhiam as safras do jardim de ervas e do pomar. O Dia de Exaltação da Santa Cruz²² chegava no outono com sua procissão, seguido pelo período de jejum antes do Michaelmas. Kristin estava surpresa por ninguém parecer notar algo diferente nela. Mas sempre fora quieta na companhia de estranhos, e Ingebjørg Filippusdatter, sua companheira dia e noite, conseguia falar o suficiente por ambas.

Assim, ninguém percebia que seus pensamentos estavam longe de tudo ao seu redor. A amante de Erlend. Ela se dizia isso: agora era a amante de Erlend. Era como se tivesse sonhado tudo — a noite do Dia de Santa Margareta, o tempo no celeiro, as noites em seu quarto em Skog. Ou ela sonhava agora. Mas um dia teria que acordar; um dia tudo viria à tona. Por um momento, ela não duvidava de que carregava o filho de Erlend.

Mas ela não conseguia imaginar o que aconteceria quando isso fosse descoberto — se seria jogada numa cela escura ou enviada para casa. Ao longe, vislumbrava as imagens tênues de seu pai e mãe. Então, fechava os olhos, tonta e enjoada, submersa pela tempestade imaginada, tentando se preparar para suportar a desgraça, que ela pensava que inevitavelmente terminaria com ela sendo arrastada para os braços de Erlend pela eternidade — o único lugar onde agora sentia que tinha um lar.

²² Esta festa de Exaltação da Santa Cruz nasceu em Jerusalém, em 13 de setembro de 335, no aniversário da dedicação das duas igrejas construídas por Constantino, uma sobre o Gólgota (ad Martyrium) e a outra perto do Santo Sepulcro (Ressurreição), após a descoberta das relíquias da cruz por Helena, a mãe do imperador. (N.T.)

Então, nesse sentimento de tensão, havia tanta expectativa quanto terror; havia doçura também, assim como angústia. Ela estava infeliz, mas sentia que seu amor por Erlend era como uma planta que fora semeada dentro dela, e a cada dia que passava, brotava uma nova e

ainda mais exuberante abundância de flores, apesar de sua miséria. Ela experimentara a última noite que ele havia dormido com ela como uma doçura delicada e fugaz, e uma paixão e alegria a aguardavam em seus braços que ela nunca conhecera antes. Agora tremia com a lembrança; parecia-lhe como a rajada quente e picante dos jardins aquecidos pelo sol. Filho de estrada — eram as palavras que Inga havia atirado nela. Ela se agarrou às palavras com firmeza. Filho de estrada — uma criança concebida em segredo nos bosques ou campos. Ela lembrava do sol e do cheiro das árvores de abeto na clareira. Cada nova sensação que escorria, cada pulso acelerado em seu corpo, ela interpretava como o filho não nascido, lembrando-a de que agora tinha se aventurado por novos caminhos; e, não importava quão difíceis fossem de seguir, ela tinha certeza de que no final a levariam a Erlend.

Ela se sentou entre Ingebjørg e Irmã Astrid, bordando na grande tapeçaria com cavaleiros e pássaros sob as folhas entrelaçadas. O tempo todo pensava que fugiria assim que sua condição não pudesse mais ser escondida. Caminharia pela estrada, vestida como uma mulher pobre, com todo o ouro e prata que possuía amarrado em um pano na mão. Pagaria por um teto sobre a cabeça em alguma fazenda isolada. Tornar-se-ia uma mulher de serviço, carregando baldes de água em uma canga sobre os ombros. Cuidaria dos estábulos, faria o pão e a limpeza, e sofreria maldições porque se recusaria a revelar o pai de seu filho. Então, Erlend viria e a encontraria.

Às vezes, imaginava que ele viria tarde demais. Branca como a neve e bonita, estaria deitada na cama do pobre camponês. Erlend baixaria a cabeça ao entrar pela porta. Ele usaria a capa longa e preta que usava quando vinha a ela nessas noites em Skog. A mulher da fazenda o teria conduzido ao quarto onde ela estava. Ele se ajoelharia e pegaria suas mãos frias, os olhos desesperados de tristeza. "É aqui que você está, minha única alegria?" Então, curvado de pesar, ele partiria, com seu filho recém-nascido pressionado contra seu peito dentro das dobras de sua capa.

Não, não era assim que ela queria que as coisas terminassem. Ela não queria morrer, e Erlend não deveria sofrer tal tristeza. Mas ela estava tão desanimada, e pensar nessas coisas a ajudava.

Então, de repente, ficou gelatinosamente claro para ela — a criança não era algo que ela tivesse apenas imaginado, era algo inevitável. Um dia teria que responder pelo que havia feito, e ela sentiu como se seu coração tivesse parado de terror.

Mas depois de algum tempo, ela percebeu que não era tão certo quanto pensara que estava grávida. Ela não entendia por que isso não a fazia feliz. Era como se estivesse deitada sob um cobertor quente, chorando; agora ela tinha que se levantar e se colocar no frio. Passou mais um mês, depois outro. Finalmente, ela estava convencida — ela tinha escapado daquele infortúnio. Congelada e vazia, agora se sentia mais infeliz do que nunca, e em seu coração uma pequena amargura em relação a Erlend estava se formando. O Advento se aproximava e ela não ouvira uma palavra, nem sobre ele, nem dele; ela não tinha ideia de onde ele estava.

E agora ela sentia que não podia mais suportar a angústia e a incerteza; era como se um vínculo entre eles tivesse sido quebrado. Agora ela estava verdadeiramente assustada. Algo poderia acontecer e ela nunca mais o veria. Ela estava separada de tudo a que fora ligada no passado, e o vínculo entre eles era tão frágil. Ela não achava que ele a abandonaria, mas tantas coisas poderiam acontecer. Ela não conseguia imaginar como seria capaz de suportar a incerteza e a agonia cotidiana desse tempo de espera por mais tempo.

Às vezes, ela pensava em seus pais e irmãs. Ansiava por eles, mas com a sensação de que os perdera para sempre.

E ocasionalmente na igreja, e em outros momentos também, ela sentia um desejo fervoroso de fazer parte de tudo isso, dessa comunhão com Deus. Isso sempre fizera parte de sua vida, e agora ela estava do lado de fora com seu pecado não confessado.

Ela dizia a si mesma que essa separação de sua casa, família e cristianismo era apenas temporária. Mas Erlend teria que levá-la de volta pela mão. Quando Lavrans consentisse no amor entre ela e Erlend, então ela poderia ir a seu pai como antes; e depois que ela e Erlend se casassem, fariam a confissão e se redimiriam de sua ofensa.

Ela começou a procurar evidências de que outras pessoas, como ela, não estavam sem pecado. Prestava mais atenção às fofocas e observava todas as pequenas coisas ao seu redor que indicavam que nem mesmo as irmãs no convento eram completamente santas e desligadas do mundo. Eram apenas coisas pequenas — sob a orientação de Fru Groa, Nonneseter era, aos olhos do mundo exterior, exatamente como uma ordem sagrada de freiras deveria ser. As freiras eram zelosas em seu serviço a Deus, diligentes e atentas aos pobres e doentes. O confinamento ao claustro não era tão rigorosamente aplicado a ponto de as irmãs não poderem receber visitas de amigos e parentes no parlatório; nem eram impedidas de retribuir essas visitas

na cidade, se a ocasião assim o exigisse. Mas nenhuma freira havia envergonhado a ordem por suas ações em todos os anos que Fru Groa estivera no comando.

Kristin agora desenvolvera um ouvido atento para todas as pequenas perturbações dentro das paredes do convento: pequenas queixas, ciúmes e vaidades. Além do cuidado com os doentes, nenhuma freira ajudaria nas tarefas domésticas árduas; todas queriam ser mulheres instruídas e habilidosas. Cada uma tentava superar a outra, e aquelas irmãs que não tinham talento para tais ocupações refinadas desistiam e passavam pelas horas como se estivessem em transe.

Fru Groa mesma era culta e sábia. Ela mantinha um olhar atento sobre a conduta e a dedicação de suas filhas espirituais, mas dava pouca atenção ao bem-estar de suas almas. Ela sempre fora amigável e gentil com Kristin e parecia favorecê-la acima das outras jovens, mas isso era porque Kristin era bem treinada em aprendizado de livros e trabalhos de agulha, era diligente e quieta. Fru Groa nunca esperava respostas das irmãs. Por outro lado, ela gostava de conversar com homens. Eles vinham e iam em seu parlatório: proprietários de terras e enviados associados ao convento, irmãos pregadores do bispo e representantes do convento em Hovedø, com o qual ela estava envolvida em um assunto legal. Ela tinha as mãos cheias cuidando das grandes propriedades do convento, das contas, enviando vestes clericais e recebendo e enviando livros para serem copiados. Nem mesmo a pessoa mais mal-humorada poderia encontrar algo impróprio no comportamento de Fru Groa. Ela simplesmente gostava de falar sobre aquelas coisas das quais as mulheres raramente sabiam algo.

O prior²³, que morava em um prédio separado ao norte da igreja, parecia não ter mais vontade do que a caneta de pena ou a vareta da abadessa. Irmã Potentia, em grande parte, governava a casa. Ela estava principalmente empenhada em manter os costumes que observara nos conventos alemães distinguidos onde vivera durante seu noviciado. Seu nome anterior era Sigrid Ragnvaldsdatter, mas ela mudara de nome quando assumiu o hábito da ordem, como era costume em outros países. Ela também era quem decidira que as pupilas que estavam apenas em Nonneseter por um curto período também deveriam usar o traje de jovens noviças.

A irmã Cecilia Baardsdatter não era como as outras freiras. Ela andava em silêncio, os olhos baixos.

²³ "Prior" é um termo utilizado para designar uma posição de liderança em determinadas comunidades monásticas. Geralmente associado a ordens religiosas cristãs, como os monges beneditinos, franciscanos ou agostinianos, o prior é o superior ou líder de um mosteiro ou

Sempre respondia de maneira humilde e mansa, agia como a criada de todos, preferia assumir as tarefas mais árduas e jejuava mais frequentemente do que era prescrito — tanto quanto Fru Groa permitiria. E na igreja, ela ficava de joelhos por horas após o hino da noite ou ia lá muito antes das matinas.

Mas numa noite, após passar o dia inteiro no riacho lavando roupas com duas irmãs leigas, ela de repente começou a soluçar alto à mesa do jantar. Ela se jogou no chão de pedra, rastejou de joelhos entre as irmãs e bateu no peito. Com bochechas ardentes e lágrimas jorrando, ela implorou que a perdoassem. Ela era a pior pecadora de todas — ela fora dura como pedra com arrogância todos os dias. Era a arrogância e não a humildade ou gratidão pela morte de Cristo Salvador que a sustentara quando fora tentada no mundo; ela fugira para o convento não porque amava a alma de um homem, mas porque amara seu próprio orgulho. Ela servira suas irmãs com arrogância, bebera vaidade de seu copo d'água e espalhara seu pão nu com presunção enquanto as irmãs bebiam cerveja e comiam pão com manteiga.

Com tudo isso, Kristin entendeu que nem mesmo Cecilia Baardsdatter era completamente pura de coração. Uma vela de sebo não acesa que ficou pendurada no teto e ficou suja de fuligem e teias de aranha — era assim que ela comparava sua castidade sem amor.

Fru Groa mesma foi até lá e levantou a jovem soluçante. Severamente, ela disse que, como punição por seu desabafo, Cecilia se mudaria do dormitório das irmãs para a própria cama da abadessa e ficaria lá até se recuperar dessa febre.

— E então, Irmã Cecilia, você se sentará em minha cadeira por oito dias. Pediremos seu conselho em assuntos espirituais e a trataremos com tanto respeito por seu comportamento piedoso que você ficará saciada com o tributo de pessoas pecadoras. Então você deve julgar se isso vale tanto esforço, e decidir se viverá pelas regras como o restante de nós ou continuará os testes que ninguém exige de você. Então você pode contemplar se todas as coisas que você diz que faz agora para que olhemos para você, doravante fará por amor a Deus e para que Ele olhe para você com misericórdia.

E assim foi. Irmã Cecilia ficou na sala da abadessa por duas semanas; ela teve uma febre alta, e Fru Groa cuidou pessoalmente da freira. Quando se recuperou, por oito dias ela teve que sentar ao lado da

abadessa no lugar de honra tanto na igreja quanto em casa, e todos a serviam. Ela chorou o tempo todo, como se estivesse sendo espancada. Depois ela ficou muito mais gentil e feliz. Ela continuou a viver quase da mesma maneira como antes, mas corava como uma noiva se alguém a olhasse, quer estivesse varrendo o chão ou caminhando sozinha para a igreja.

Esse episódio com Irmã Cecilia despertou em Kristin uma forte vontade de paz e reconciliação com tudo do qual ela se sentia cortada. Ela pensava em Irmão Edvin, e um dia reuniu coragem e pediu permissão a Fru Groa para visitar os frades descalços para ver um amigo seu lá.

Ela pôde perceber que Fru Groa não ficou satisfeita; havia pouca amizade entre os Franciscanos e os outros conventos da diocese. E a abadessa não ficou mais favoravelmente disposta quando soube quem era o amigo de Kristin. Ela disse que este Irmão Edvin era um homem de Deus não confiável, sempre vagando pelo país em busca de esmolas em outras dioceses. Em muitos lugares, a população o considerava um homem santo, mas ele parecia não perceber que o primeiro dever de um monge franciscano era a obediência aos seus superiores. Ele ouvira as confissões de foras da lei e excomungados; batizara seus filhos e os cantara em seus túmulos sem pedir permissão. E ainda assim seu pecado se devia tanto à falta de compreensão quanto à desobediência, e ele suportara pacientemente as reprimendas que lhe foram impostas por causa desses assuntos. A Igreja o tratara com tolerância porque ele era hábil em seu ofício; mas mesmo na execução de sua arte, ele entrara em conflito com outros. Os mestres pintores do bispo em Bergen se recusaram a permitir que ele trabalhasse em sua diocese.

Kristin foi corajosa o suficiente para perguntar de onde esse monge com o nome não norueguês havia vindo. Fru Groa estava disposta a conversar. Ela disse que ele nasceu em Oslo, mas seu pai era um inglês, Rikard, o Armeiro Mestre, que se casara com a filha de um fazendeiro do distrito de Skog, e haviam se estabelecido em Oslo. Dois irmãos de Edvin eram respeitados armeiros na cidade. Mas Edvin, o mais velho dos filhos do mestre armeiro, fora uma alma inquieta todos os seus dias. Sem dúvida, ele sentira atração pela vida monástica desde a infância; ele se juntara aos monges cinzentos em Hovedø assim que atingiu a idade apropriada. Eles o enviaram para um mosteiro na França para ser educado; ele tinha habilidades excelentes. De lá, ele conseguiu permissão para sair da ordem Cisterciense e ingressar na ordem dos Franciscanos. E quando os irmãos decidiram arbitrariamente construir sua igreja nos campos a leste, contra as ordens do bispo²⁴, Irmão Edvin fora um dos piores e mais obstinados

entre eles — ele até usara um martelo para atingir um dos homens enviados pelo bispo para interromper o trabalho e quase o matara.

24 Contra as ordens do bispo: O Duque Haakon Magnussøn providenciou terras para a construção de um mosteiro franciscano em Oslo, mas uma forte oposição do bispo resultou em uma proibição do projeto de construção. No entanto, os monges, não estando sujeitos à autoridade do bispo, seguiram adiante com seus planos. O bispo então lhes recusou permissão para pregar em suas dioceses, o que irritou os franciscanos, mas não os impediu. Furiosos, os funcionários eclesiásticos locais finalmente ordenaram que homens armados atacassem e destruíssem o local de construção. Os frades reclamaram ao Papa, que interveio em seu favor em 1291, e o mosteiro em Oslo foi finalmente construído. (N.T.)

Fazia muito tempo desde que alguém conversara tanto com Kristin. Quando Fru Groa a dispensou, a jovem se curvou e beijou a mão da abadessa, respeitosa e fervorosamente, e lágrimas brotaram imediatamente em seus olhos. Mas Fru Groa, que viu que Kristin estava chorando, pensou que era de tristeza — então ela disse que talvez um dia seria permitido que ela fosse visitar Irmão Edvin afinal.

E vários dias depois, disseram a Kristin que alguns dos serviços do convento teriam que ir até o castelo do rei, então, ao mesmo tempo, poderiam acompanhá-la até os irmãos nos campos.

Irmão Edvin estava em casa. Kristin não imaginara que ficaria tão feliz em ver alguém além de Erlend. O velho sentou-se e acariciou sua mão enquanto conversavam, agradecendo por ela ter vindo. Não, ele não estivera na parte dela do país desde aquela noite em que ficara em Jørundgaard, mas ouvira dizer que ela ia se casar, e ele ofereceu seus parabéns. Então Kristin pediu a ele que fosse até a igreja com ela.

Eles tiveram que sair do claustro e contornar a entrada principal; Irmão Edvin não ousava conduzi-la pelo pátio. Ele parecia, em geral, bastante tímido e com medo de fazer qualquer coisa que pudesse ofender. Ele envelhecera terrivelmente, pensou Kristin.

E quando ela colocou sua oferta no altar para o padre da igreja e depois pediu a Edvin que ouvisse sua confissão, ele ficou bastante assustado. Ele não ousava; fora estritamente proibido de ouvir confissões.

— Talvez você tenha ouvido falar — ele disse. — Eu não pensei que poderia negar a essas almas pobres os dons que Deus me concedeu tão livremente. Mas eu deveria exortá-los a buscar reconciliação no lugar apropriado... Bem então. Mas você, Kristin, terá que confessar ao prior no convento.

— Há algo que eu não posso confessar ao prior — disse Kristin.

— Você acha que se beneficiaria confessando a mim algo que deseja

esconder do seu confessor apropriado? — disse o monge mais severamente.

— Se você não pode ouvir minha confissão — disse Kristin —, então você pode me deixar falar com você e pedir conselhos sobre o que está em minha mente.

O monge olhou ao redor. A igreja estava vazia no momento. Ele sentou-se em um baú que estava no canto.

— Você deve lembrar que eu não posso absolvê-la, mas a aconselharei e ficarei em silêncio como se você tivesse falado em confissão.

Kristin ficou diante dele e disse:

— Veja, eu não posso me tornar esposa de Simon Darre.

— Quanto a este assunto, você sabe que eu não posso aconselhá-la de outra forma do que o prior faria — disse Irmão Edvin. — Filhos desobedientes não trazem alegria a Deus, e seu pai fez o melhor por você... você deve perceber isso.

— Não sei qual será seu conselho quando ouvir o resto — disse Kristin. — A situação é tal que Simon é bom demais para roer o galho nu de onde outro homem quebrou a flor.

Ela olhou diretamente para o monge. Mas quando encontrou o olhar dele e percebeu como o rosto velho, enrugado e seco mudou repentinamente e ficou cheio de tristeza e horror, algo pareceu se quebrar dentro dela; as lágrimas jorraram, e ela tentou se ajoelhar. Mas Edvin a puxou violentamente de volta.

— Não, não, sente-se aqui no baú comigo. Eu não posso ouvir sua confissão. — Ele se afastou para dar espaço para ela.

Kristin continuou chorando.

Ele acariciou sua mão e disse suavemente:

— Você se lembra daquela manhã, Kristin, quando eu a vi pela primeira vez nas escadas da Catedral de Hamar? Uma vez ouvi uma lenda, quando estava no exterior, sobre um monge que não conseguia acreditar que Deus amasse todas nós almas miseráveis e pecadoras. Um anjo veio e tocou sua visão para que ele visse uma pedra no fundo do mar, e sob a pedra vivia uma criatura cega, branca e nua. E o monge olhou para a criatura até começar a amá-la porque era tão pequena e piedosa. Quando eu a vi sentada ali, tão pequena e piedosa dentro daquele enorme edifício de pedra, então achei razoável que Deus devesse amar alguém como você. Você era adorável e pura, e ainda precisava de proteção e ajuda. Eu pensei que via toda a igreja, com você dentro dela, na mão de Deus.

Kristin disse suavemente:

— Nós nos comprometemos um ao outro com os juramentos mais solenes... e ouvi dizer que tal acordo nos consagra perante Deus tanto quanto se nossos pais nos tivessem dado um ao outro.

Mas o monge respondeu com desespero:

— Entendo, Kristin, que alguém tem te falado sobre a lei canônica sem entender completamente. Você não poderia se prometer a este homem sem pecar contra seus pais; Deus os colocou acima de você antes mesmo de conhecê-lo. E também não será uma tristeza e uma vergonha para os parentes deste homem se descobrirem que ele seduziu a filha de um homem que carregou seu escudo com honra todos esses anos? E você também estava prometida. Vejo que você não acha que pecou tanto assim... e ainda assim não ousa confessar isso ao seu pároco. E se você pensa que está tão bem casada com este homem, por que não usa o véu de linho em vez de andar descoberta entre as jovens donzelas, com quem você agora tem tão pouco em comum? Pois agora seus pensamentos devem estar em outras coisas que não as delas.

— Não sei no que estou pensando — disse Kristin cansada. — É verdade que todos os meus pensamentos estão com esse homem, a quem anseio. Se não fosse por Pai e Mãe, então eu prenderia a minha cabeça hoje mesmo... eu não me importaria se me chamassem de amante, contanto que eu pudesse ser chamada de dele.

— Você sabe se as intenções deste homem são tais que você possa ser dele com honra algum dia? — perguntou irmão Edvin.

Então Kristin contou a ele tudo o que havia acontecido entre Erlend Nikulaussøn e ela mesma. E enquanto falava, ela parecia ter esquecido que já duvidara do resultado de toda a situação.

— Não percebe, irmão Edvin — ela continuou —, não conseguíamos nos controlar. Deus me ajude, se eu o encontrar aqui fora da igreja, depois de sair daqui, iria com ele se ele me pedisse. E você deve saber que agora eu vi que outras pessoas pecaram como nós. Quando eu estava em casa, não conseguia entender como algo poderia ter tanto poder sobre as almas das pessoas a ponto de esquecerem todo o medo do pecado, mas agora vi tanto que se não se pode retificar os pecados que cometeu por desejo ou raiva, então o céu deve ser um lugar desolado. Dizem que você também uma vez bateu em um homem com raiva.

— Isso é verdade — disse o monge —, e é apenas pela misericórdia de Deus que não sou chamado de assassino. Isso foi há muitos anos. Eu era jovem naquela época, e não achava que poderia tolerar a injustiça que o bispo desejava exercer contra nós, pobres irmãos. O rei Haakon... ele era o duque na época... nos deu a terra para nossa construção, mas éramos tão pobres que tínhamos que fazer o trabalho em nossa igreja nós mesmos, com a ajuda de alguns trabalhadores que nos ajudavam mais pela recompensa no céu do que pelo que éramos capazes de pagar a eles. Talvez tenha sido arrogância por parte dos monges mendicantes querer construir nossa igreja com tanto esplendor; mas éramos tão felizes como crianças nos campos,

cantando hinos enquanto cinzelávamos e construíamos paredes e trabalhávamos. Que Deus abençoe o Irmão Ranulv. Ele era um mestre construtor, um hábil pedreiro; eu acho que Deus mesmo concedeu a este homem todo o seu conhecimento e habilidades. Eu estava esculpindo altares de pedra naquela época. Eu tinha terminado um de Santa Clara, com os anjos a conduzindo para a igreja de São Francisco na manhã de Natal. Tinha ficado lindo, e todos nós nos alegamos com isso. Então aqueles diabos covardes derrubaram as paredes, e as pedras tombaram e esmagaram meus altares. Avancei contra um homem com um martelo; eu não podia me controlar... Sim, vejo que você está sorrindo, Kristin. Mas você não percebe como as coisas estão ruins para você agora? Pois você prefere ouvir sobre as fraquezas dos outros do que sobre as ações das pessoas decentes, que poderiam servir como exemplo para você."

Enquanto Kristin estava prestes a sair, Irmão Edvin disse:

— Não é fácil aconselhá-la. Se você fizer o que é certo, trará tristeza aos seus pais e vergonha a toda a sua linhagem. Mas você deve tentar obter liberação de sua promessa para Simon Andressøn. Depois, deve aguardar pacientemente pela alegria que Deus lhe enviará. Faça penitência em seu coração da melhor maneira que puder... e não deixe que esse Erlend a tente a pecar mais vezes, mas peça a ele amorosamente que busque reconciliação com seus parentes e com Deus.

— Eu não posso absolvê-la de seu pecado — disse irmão Edvin quando se despediram. — Mas orarei por você com todo o meu coração.

Então ele colocou suas mãos velhas e finas na cabeça de Kristin e disse uma oração de bênção e paz para ela em despedida.

CAPÍTULO 6

MAIS TARDE Kristin não conseguiu lembrar de tudo o que o Irmão Edvin havia dito a ela. Mas ela saiu de sua presença com uma estranha sensação de clareza e paz serena em sua alma.

Antes, ela havia lutado com um medo profundo e secreto, tentando desafiá-lo: seu pecado não tinha sido tão grande. Agora, ela sentia que Edvin havia mostrado claramente e lucidamente que ela realmente tinha pecado, que tais e tais eram seus pecados, e que ela teria que assumi-los e tentar suportá-los com paciência e dignidade. Ela se esforçava para pensar em Erlend sem impaciência, apesar do fato de que ele não havia enviado nenhuma palavra e ela sentia falta de seus carinhos. Ela simplesmente tinha que ser fiel e cheia de bondade para com ele. Ela pensava em seus pais e prometia a si mesma que retribuiria todo o amor deles depois que eles se recuperassem da

tristeza que ela estava prestes a causar ao romper com os Dyfrin. E ela pensava mais no conselho do Irmão Edvin de que não deveria buscar consolo olhando as falhas dos outros; ela se sentia crescendo humilde e gentil, e logo percebia como era fácil para ela conquistar a amizade dos outros. Imediatamente ela se sentiu consolada por não ser tão difícil, afinal, se dar bem com as pessoas — e então pensou que não deveria ser tão difícil para ela e Erlend também.

Até o dia em que deu a Erlend sua promessa, ela sempre havia tentado diligentemente fazer tudo o que era certo e bom, mas havia feito tudo sob as ordens de outras pessoas. Agora, ela sentia que havia crescido de donzela para mulher. Isso não era apenas por causa dos carinhos apaixonados e secretos que havia recebido e dado. Ela não apenas havia deixado a tutela de seu pai e se submetido à vontade de Erlend. O Irmão Edvin havia enfatizado a responsabilidade dela por sua própria vida e pela de Erlend também, e ela estava disposta a carregar esse fardo com graça e dignidade. Assim, ela viveu entre as freiras durante a temporada de Natal; durante os belos serviços e no meio da alegria e paz, ela, sem dúvida, se sentia indigna, mas se consolava com a crença de que logo seria capaz de se redimir novamente.

Mas no dia seguinte ao Ano Novo, Sir Andres Darre chegou inesperadamente ao convento junto com sua esposa e todos os cinco filhos. Eles iriam passar a última parte das férias de Natal com amigos e parentes na cidade, e vieram pedir a Kristin que se juntasse a eles no local onde estavam hospedados por vários dias.

— Pensei, minha filha — disse Fru Angerd —, que você provavelmente não se importaria de ver alguns rostos novos agora.

Os Dyfrin estavam hospedados em uma bela casa que fazia parte de uma propriedade próxima à cidadela do bispo. O sobrinho de Sir Andres era o proprietário. Havia um grande quarto onde os servos dormiam e um magnífico sótão com uma lareira de tijolos e três boas camas. Sir Andres e Fru Angerd dormiam em uma das camas, juntamente com o filho mais novo, Gudmund, que ainda era uma criança. Kristin e suas duas filhas, Astrid e Sigrid, dormiam na segunda cama. E na terceira, dormiam Simon e seu irmão mais velho, Gyrd Andressøn.

Todos os filhos de Sir Andres eram bonitos, sendo Simon o menos, mesmo assim considerado atraente. Kristin notou mais do que quando estivera na propriedade dos Dyfrin no ano anterior, que tanto seus pais quanto seus quatro irmãos ouviam atentamente a Simon e faziam tudo o que ele desejava. Todos os parentes se amavam calorosamente,

concordando sem rancor em colocar Simon em primeiro lugar.

Essas pessoas levavam uma vida alegre e feliz, indo a uma das igrejas todos os dias para fazer suas oferendas, encontrando-se para beber entre amigos todas as noites e permitindo que os jovens brincassem e dançassem. Todos mostravam a maior gentileza a Kristin, e ninguém parecia perceber o quão pouco ela sentia de alegria.

À noite, quando as velas se apagavam no sótão e todos iam para a cama, Simon se levantava e ia até onde as donzelas deitavam. Ele sentava por um tempo na beira da cama, falando principalmente com suas irmãs, mas no escuro ele deslizava sua mão até o peito de Kristin e a deixava lá. Ela ficava deitada, suando de indignação.

Agora que sua percepção para tais assuntos era muito mais aguçada, ela percebia muitas coisas das quais Simon era muito orgulhoso e tímido demais para dizer a ela, uma vez que percebia que ela não queria entrar em tais tópicos. E ela sentia uma estranha e amarga raiva dele porque parecia que ele estava tentando se fazer parecer um homem melhor do que aquele que a tinha levado, mesmo que ele não tivesse ideia da existência do outro homem.

Mas numa noite em que tinham estado dançando em outra propriedade, Astrid e Sigrid ficaram para trás e iriam dormir com uma irmã adotiva. Tarde da noite, quando os Dyfrin já tinham ido para a cama no sótão, Simon foi até a cama de Kristin e se deitou; ele deitou em cima das peles.

Kristin puxou os cobertores até o queixo e cruzou os braços firmemente sobre o peito. Depois de um momento, Simon estendeu a mão para tocar seus seios. Ela sentiu a seda bordada em seus pulsos, então percebeu que ele não havia se desvestido.

— Você é tão tímida no escuro quanto à luz do dia, Kristin — disse Simon com um riso. — Certamente você me deixará segurar sua mão, não é mesmo? — ele perguntou, e Kristin lhe deu as pontas dos dedos. — Você não acha que poderíamos ter algumas coisas para conversar, agora que temos a chance de ficar sozinhos por um tempo? — ele disse.

E Kristin pensou que agora seria capaz de falar. Então ela concordou. Mas então ela não conseguiu pronunciar uma palavra.

— Posso entrar debaixo das peles? — ele perguntou novamente. — Está frio no quarto.

E ele se enfiou entre as peles e o cobertor de lã que ela tinha sobre si.

Ele dobrou um braço atrás de sua cabeça, mas de tal maneira que não a tocava. E eles ficaram assim por um tempo.

— Você também não é uma pessoa fácil de cortejar — disse Simon depois de uma pausa, e depois riu resignado. — Prometo que não vou nem mesmo beijá-la, se você não quiser. Mas certamente você pode conversar comigo, não pode?

Kristin umedeceu os lábios com a ponta da língua, mas ainda permaneceu em silêncio.

— Parece-me que você está deitada aqui estremeando — continuou Simon. — É porque você tem algo contra mim, Kristin?

Ela não achava que poderia mentir para Simon, então disse: "Não", mas nada mais.

Simon ficou ali por mais um tempo, tentando começar uma conversa. Mas, finalmente, ele riu novamente e disse:

— Vejo que você acha que devo ficar satisfeito com isso... que você não tem nada contra mim... pelo menos por esta noite, e que eu deveria até ficar feliz. É estranho como você também é orgulhosa. Mas você precisa me dar um beijo, mesmo assim; então eu vou embora e não vou mais te importunar.

Ele tomou o beijo, sentou-se e pôs os pés no chão. Kristin pensou que agora conseguiria contar a ele o que precisava ser dito — mas ele já tinha saído da cama dela, e ela podia ouvi-lo se despir.

No dia seguinte, Fru Angerd não estava tão amistosa com Kristin como costumava ser. A jovem percebeu que ela deve ter ouvido algo e sentiu que a garota prometida não havia recebido seu filho da maneira que sua mãe achava que deveria.

Mais tarde, ao entardecer, Simon mencionou que estava pensando em negociar um cavalo que pertencia a um de seus amigos. Ele perguntou a Kristin se ela gostaria de ir junto e assistir. Ela disse que sim, e foram juntos para a cidade.

O tempo estava claro e bonito. Tinha nevado um pouco durante a noite, mas agora o sol estava brilhando, e ainda estava tão frio que a neve fazia barulho sob seus pés. Kristin gostava de sair no frio e caminhar, então quando Simon encontrou o cavalo em que estava pensando, ela falou com ele da maneira mais animada; ela tinha algum conhecimento de cavalos, já que sempre passava muito tempo com seu pai. E este era um belo animal: um garanhão cinza-rato com listras pretas estreitas ao longo das costas e uma crina curta e aparada. Ele era bem constituído e espirituoso, mas bastante pequeno e leve.

— Ele não vai durar muito sob um homem lotado de armaduras — disse Kristin.

— Não, mas isso também não era o que eu tinha em mente — disse Simon.

Ele levou o cavalo para a área aberta atrás da fazenda, deixou-o correr e andar, montou o animal ele mesmo e depois fez Kristin montá-lo também. Eles ficaram ao ar livre no pasto branco por um longo tempo. Finalmente, enquanto Kristin estava alimentando o cavalo com pão, da sua própria mão, Simon se apoiou contra o animal com o braço sobre as costas e disse de repente:

— Me parece, Kristin, que você e minha mãe têm sido um tanto ríspidas uma com a outra.

— Eu não quis ser ríspida com sua mãe — ela disse —, mas não consigo encontrar muita coisa para dizer a Fru Angerd.

— Parece que você não encontra muita coisa para dizer a mim também — disse Simon. — Não vou me forçar sobre você, Kristin, antes que chegue a hora. Mas as coisas não podem continuar assim; nunca tenho a chance de conversar com você.

— Eu nunca fui muito falante — disse Kristin. — Eu sei disso, e não espero que você ache uma grande perda se as coisas não derem certo entre nós.

— Você sabe o que penso sobre esse assunto — respondeu Simon, olhando para ela.

Kristin corou como sangue. E ela se surpreendeu ao perceber que não estava avessa à corte de Simon Darre.

Após um momento, ele disse:

— É Arne Gyrdsøn, Kristin, que você acha que não pode esquecer? Kristin o encarou. Simon continuou, e sua voz era gentil e compreensiva:

— Não vou culpá-la por isso. Vocês cresceram como irmãos, e mal passou um ano. Mas você pode apreender isso: eu só quero o que há de melhor para você.

O rosto de Kristin ficou bastante pálido. Nenhum deles falou enquanto caminhavam pela cidade no crepúsculo. No final da rua, no céu azul esverdeado, a lua crescente pendurava-se com uma estrela brilhante em seu abraço.

Um ano, pensou Kristin, e mal conseguia se lembrar quando pensara em Arne pela última vez. Isso a assustou — talvez ela fosse uma mulher leviana, vil. Um ano desde que ela o viu deitado no esquife na câmara da morte, quando pensou que nunca mais seria feliz. Ela gemeu silenciosamente com medo da inconstância de seu próprio coração e da natureza passageira de todas as coisas. Erlend, Erlend... ele se esqueceria dela? Mas pior ainda era que ela pudesse esquecê-lo.

Sir Andres e seus filhos foram à grande celebração de Natal no castelo do rei. Kristin viu toda a pompa e esplendor, e também foram

convidados para a sala onde o Rei Haakon estava com Fru Isabel Bruce, a viúva do Rei Eirik. Sir Andres foi à frente cumprimentar o rei, enquanto seus filhos e Kristin ficaram para trás. Ela pensou em tudo o que Fru Aashild havia contado a ela, e lembrou-se de que o rei era parente próximo de Erlend — as mães deles eram irmãs. E ela era a esposa de Erlend por sedução; ela não tinha o direito de estar ali, especialmente entre essas boas e finas pessoas, os filhos de Sir Andres.

De repente, ela viu Erlend Nikulaussøn. Ele havia avançado na frente da Rainha Isabel e estava lá com a cabeça baixa e a mão no peito enquanto ela dizia algumas palavras a ele. Ele vestia a sobrepeliz de seda marrom que havia usado no banquete onde se encontraram. Kristin ficou atrás das filhas de Sir Andres.

Mais tarde, quando Fru Angerd escoltou as três donzelas até a rainha, Kristin não conseguia ver Erlend em lugar algum, mas não ousava erguer os olhos do chão. Ela se perguntava se ele estava em algum lugar na sala; pensava poder sentir os olhos dele sobre ela. Mas também pensava que todos estavam a encarando, como se pudessem perceber que ela estava ali como uma mentirosa, com a coroa de ouro sobre os cabelos que caíam soltos sobre os ombros.

Ele não estava na sala onde os jovens eram servidos com jantar e onde dançavam depois que as mesas foram retiradas. Kristin teve que dançar com Simon naquela noite.

Ao longo de uma parede havia uma mesa embutida, e foi lá que os criados do rei colocaram *ale*, hidromel e vinho durante toda a noite. Certa vez, quando Simon levou Kristin até lá e brindou a ela, ela viu que Erlend estava bem perto dela, atrás de Simon. Ele a olhava, e a mão de Kristin tremia quando Simon lhe entregou a taça e ela a levantou até os lábios. Erlend sussurrou ferozmente para o homem que estava com ele — um homem alto, corpulento, mas bonito, que balançou a cabeça com um gesto irritado. No momento seguinte, Simon conduziu Kristin de volta para a dança.

Ela não tinha ideia de quanto tempo aquela dança durou; a balada parecia interminável e cada momento era tedioso e doloroso de desejo e inquietude. Finalmente, acabou, e Simon a conduziu até a mesa para beber novamente.

Um de seus amigos se aproximou e falou com ele, levando-o alguns passos para longe, em direção a um grupo de jovens. Então Erlend ficou diante dela.

— Eu tenho tanto para te dizer — sussurrou ele. — Não sei por onde começar. Em nome de Cristo, Kristin, como estão as coisas com você? — ele perguntou apressadamente, pois notou que o rosto dela tinha ficado branco como giz.

Ela não conseguia vê-lo claramente; era como se houvesse água corrente entre seus rostos. Ele pegou uma taça da mesa, bebeu dela e entregou-a a Kristin. Ela achou que estava muito pesada, ou que seu braço tinha sido puxado para fora do lugar; ela não conseguiu levantá-la até os lábios.

— É assim que as coisas estão... que você beberá com seu noivo, mas não comigo? — perguntou Erlend suavemente. Mas Kristin deixou cair a taça e desmaiou para a frente em seus braços.

Quando acordou, estava deitada em um banco com a cabeça no colo de uma donzela que ela não conhecia. Tinham soltado o cinto dela e o broche em seu peito. Alguém estava batendo em suas mãos, e seu rosto estava molhado.

Ela se sentou. Em algum lugar no círculo de pessoas ao seu redor, ela viu o rosto de Erlend, pálido e doente. Ela própria se sentia fraca, como se todos os seus ossos tivessem derretido, e sua cabeça parecia enorme e oca. Mas em algum lugar em sua mente um único pensamento, claro e desesperado, brilhava — ela precisava falar com Erlend.

Então ela disse a Simon Darre, que estava perto: — Deve ter sido muito quente para mim. Há tantas velas queimando aqui, e eu não estou acostumada a beber tanto vinho.

— Você está bem agora? — perguntou Simon. — Você assustou todo mundo. Talvez você queira que eu a leve para casa?

— Acho que devemos esperar até seus pais irem embora — disse Kristin calmamente. — Mas sente-se aqui. Eu não quero mais dançar. — Ela bateu no assento ao seu lado. Em seguida, estendeu a outra mão para Erlend. — Sente-se aqui, Erlend Nikulaussøn. Eu não tive a chance de lhe dar uma saudação adequada. Ingebjørg estava dizendo recentemente que achava que você tinha se esquecido dela.

Ela viu que ele estava tendo muito mais dificuldade para se recompor do que ela. Custou-lhe grande esforço conter o pequeno sorriso terno que ameaçava aparecer em seus lábios.

— Você deve agradecer à donzela por ainda se lembrar de mim — disse ele, gaguejando. — E eu estava com tanto medo de que ela tivesse *me* esquecido.

Kristin hesitou por um momento. Ela não sabia que mensagem poderia

trazer da volúvel Ingebjørg que seria interpretada corretamente por Erlend. Então a amargura subiu dentro dela por todos aqueles meses de impotência, e ela disse:

— Querido Erlend, você achou que nós donzelas esqueceríamos o homem que defendeu tão magnificamente a nossa honra?

Ela viu que ele parecia ter sido atingido por ela. E ela se arrependeu imediatamente quando Simon perguntou o que ela queria dizer.

Kristin contou a ele sobre sua aventura com Ingebjørg nas florestas de Eikaberg. Ela notou que Simon não ficou satisfeito. Então ela pediu a ele para procurar Fru Angerd, para ver se eles partiriam em breve. Ela estava cansada afinal. Quando ele foi embora, ela se virou para olhar Erlend.

— É estranho — ele disse em voz baixa —, quão engenhosa você é... eu não teria pensado isso de você.”

— Eu tive que aprender a esconder coisas, como você pode muito bem imaginar — ela disse sombriamente.

Erlend respirava pesadamente. Ele ainda estava bastante pálido.

— É isso? — ele sussurrou. — Mas você prometeu ir aos meus amigos se isso acontecesse. Deus sabe, eu pensei em você todos os dias, se o pior tivesse acontecido.

— Eu sei o que você quer dizer com o pior — respondeu Kristin concisamente. — Você não precisa se preocupar com isso. Parece pior para mim que você não me mandaria uma palavra de saudação. Você não entende que estou vivendo lá com as freiras como algum pássaro estranho? — Ela parou porque sentiu as lágrimas subindo.

— É por isso que você está com o povo Dyfrin agora? — ele perguntou. Então ela ficou tão cheia de desespero que não conseguiu responder.

Ela viu Fru Angerd e Simon aparecerem na porta. A mão de Erlend estava em seu joelho, perto da dela, mas ela não podia tocá-la.

— Preciso falar com você — ele disse ferozmente. — Não dissemos uma palavra um ao outro do que deveríamos ter falado.

— Venha para a missa na Igreja de Maria após o último dia da temporada de Natal — Kristin disse apressadamente, enquanto se levantava e avançava para encontrar os outros.

Fru Angerd foi bastante carinhosa e gentil com Kristin no caminho de volta para casa, e ela a ajudou a se deitar. Kristin não teve a chance de falar com Simon até o dia seguinte.

Então ele disse:

— Como você concordaria em transmitir mensagens entre esse Erlend e Ingebjørg Filippusdatter? Você não deveria se envolver nesse assunto, se eles têm algum negócio secreto entre eles.

— Não acho que tenha algo por trás disso — disse Kristin. — Ela é apenas uma tagarela.

— Eu pensei que você seria mais sensata — disse Simon —, do que se aventurar na floresta e nas estradas sozinha com essa gralha. — Mas Kristin o lembrou com fervor que não foi culpa deles terem se perdido. Simon não disse mais uma palavra.

No dia seguinte, os Dyfrin a acompanharam de volta ao convento antes de partirem para casa.

Erlend veio às manhãs na igreja do convento todos os dias por uma semana, mas Kristin não teve a chance de trocar uma única palavra com ele. Ela sentia como se fosse um falcão acorrentado a um poleiro com uma capa sobre os olhos. Ela também estava infeliz por cada palavra que haviam dito um ao outro em seu último encontro; não era assim que deveria ter sido. Não ajudou ela dizer a si mesma que aconteceu tão repentinamente para ambos que eles mal sabiam o que estavam dizendo.

Mas uma tarde, ao crepúsculo, uma bela mulher que parecia a esposa de um morador da cidade apareceu no parlatório. Ela perguntou por Kristin Lavransdatter e disse que era esposa de um comerciante de roupas. Seu marido acabara de chegar da Dinamarca com alguns belos mantos, e Aasmund Bjørgulfson desejava dar um deles à sua sobrinha, então a donzela deveria ir com ela para escolher pessoalmente.

Kristin foi autorizada a acompanhar a mulher. Ela achou estranho seu tio querer dar-lhe um presente caro, e achou peculiar que ele enviaria uma estranha para buscá-la.

A princípio, a mulher disse pouco, respondendo apenas brevemente às perguntas de Kristin, mas quando chegaram ao centro da cidade, ela disse de repente:

— Não quero te enganar, adorável criança que você é. Vou te contar como as coisas realmente estão para que você possa decidir por si mesma. Não foi seu tio quem me enviou, mas um homem... talvez você consiga adivinhar o nome dele, e se não conseguir, então não deve vir comigo. Eu não tenho marido, e preciso ganhar a vida para mim e para os meus mantendo uma estalagem e servindo cerveja. Então, não posso ter muito medo de pecado ou serviçais... mas não deixarei que minha casa seja usada para enganar você dentro de minhas paredes.

Kristin parou, com o rosto corado. Ela se sentiu estranhamente magoada e envergonhada pelo bem de Erlend.

A mulher disse:

— Eu vou te acompanhar de volta ao convento, Kristin, mas você deve me dar algo por meu trabalho. O cavaleiro me prometeu uma grande recompensa, mas eu também fui bonita uma vez, e eu também fui enganada. E então você pode se lembrar de mim em suas orações esta noite. Me chamam de Brynhild Fluga.

Kristin tirou um anel do dedo e deu para a mulher.

— Isso foi gentil da sua parte, Brynhild, mas se o homem for meu parente Erlend Nikulaussøn, então eu não tenho nada a temer. Ele quer que eu o reconcilie com meu tio. Você não será culpada... mas obrigada por me avisar.

Brynhild Fluga virou-se para esconder seu sorriso.

Ela conduziu Kristin pelos becos atrás da Igreja de Clemente e em sentido norte, em direção ao rio. Algumas pequenas fazendas isoladas estavam situadas na margem. Elas caminharam entre várias cercas, e lá veio Erlend ao encontro delas. Ele olhou ao redor e então tirou sua capa e a enrolou em Kristin, puxando o capuz para frente sobre seu rosto.

— O que você acha dessa artimanha? — ele perguntou rapidamente, em voz baixa. — Acha que fiz errado? Mas eu tinha que falar com você.

— Não adiantará muito pensarmos no que é certo e o que é errado — disse Kristin.

— Não fale assim — implorou Erlend. — Eu assumo a culpa. Kristin, anseio por você todos os dias e todas as noites — sussurrou perto de seu ouvido.

Um calafrio percorreu seu corpo quando ela encontrou brevemente o olhar dele. Ela se sentiu culpada porque estava pensando em algo além de seu amor por ele quando ele a olhou daquela maneira.

Brynhild Fluga tinha ido adiante. Quando chegaram à estalagem, Erlend perguntou a Kristin:

— Você quer ir para a sala principal ou devemos conversar lá em cima no sótão?

— Como preferir — respondeu Kristin.

— Lá em cima está frio — disse Erlend suavemente. — Vamos ter que ir para a cama.

Kristin apenas assentiu.

No instante em que fechou a porta atrás deles, ela estava em seus braços. Ele a curvou para cá e para lá como uma varinha, cegando-a e sufocando-a com beijos, enquanto impacientemente arrancava ambos os mantos dela e os jogava no chão. Em seguida, ele levantou a moça vestida com o pálido traje do convento em seus braços, pressionando-a contra seu ombro, e a carregou até a cama. Assustada com a rudeza dele e com seu próprio desejo súbito por esse homem, ela colocou os braços ao redor dele e enterrou o rosto em seu pescoço.

Estava tão frio no sótão que podiam ver a própria respiração como uma nuvem de fumaça na frente da pequena vela sobre a mesa. Mas havia muitos cobertores e peles na cama, cobertos por uma grande pele de urso, que puxaram até cobrir totalmente seus rostos. Kristin não sabia quanto tempo tinha ficado assim em seus braços quando Erlend disse:

— Agora precisamos falar sobre as coisas que precisam ser discutidas, minha Kristin. Não ousarei mantê-la aqui por muito tempo.

— Ficarei aqui a noite toda se você quiser — sussurrou Kristin.

Erlend pressionou sua bochecha contra a dela.

— Então eu não seria muito amigo de você. As coisas já estão ruins o suficiente, mas não quero que falem de você por minha causa.

Kristin não respondeu, mas sentiu uma pontada de dor. Não entendia como ele podia dizer uma coisa dessas, já que ele era quem a tinha trazido para a casa de Brynhild Fluga. Ela não sabia como sabia, mas percebia que aquele não era um bom lugar. E ele esperava que tudo acontecesse como aconteceu, pois tinha uma taça de hidromel dentro das cortinas da cama.

— Tenho pensado — continuou Erlend —, que se não houver outra alternativa, terei que levar você à força, para a Suécia. A duquesa Ingebjørg me recebeu gentilmente neste outono e falou da parentela entre nós. Mas agora estou pagando pelos meus pecados, já fugi do país antes, sabe, e não quero que você seja mencionada como igual àquela outra.

— Me leve para casa em Husaby com você — disse Kristin calmamente. — Não suporto ficar longe de você e viver com as moças no convento. Certamente tanto seus parentes quanto os meus serão razoáveis o suficiente para nos permitir ficar juntos e se reconciliarem conosco.

Erlend a abraçou forte e gemeu:

— Não posso levá-la para Husaby, Kristin.

— Por que não? — ela perguntou em um sussurro.

— Eline voltou neste outono — ele disse depois de um momento. — Não consigo fazê-la sair da fazenda — continuou irritado —, a menos que a leve à força para o trenó e a expulse pessoalmente. E não acho que conseguiria fazer isso... ela trouxe ambos os nossos filhos para casa com ela.

Kristin sentiu como se estivesse afundando cada vez mais. Em uma voz quebradiça de medo, ela disse:

— Pensei que você tivesse se separado dela.

— Eu também pensei — respondeu Erlend bruscamente. — Mas aparentemente ela ouviu em Østerdal, onde estava morando, que eu estava pensando em me casar. Você viu o homem com quem eu estava no banquete de Natal... esse era meu pai adotivo, Baard Petersøn de

Hestnæs. Fui até ele quando retornei da Suécia; visitei também meu parente, Heming Alvsøn, em Saltvik. Eu disse a eles que queria me casar agora e pedi que me ajudassem. Deve ser isso que Eline ouviu. Eu disse a ela para exigir o que quisesse para ela e as crianças. Mas eles não esperam que Sigurd, o marido dela, sobreviva ao inverno, e então ninguém poderá nos impedir de viver juntos. Eu dormi nos estábulos com Haftor e Ulv, e Eline dormiu na casa na minha cama. Acho que meus homens deram boas risadas pelas minhas costas. Kristin não conseguia dizer uma palavra.

Depois de um momento, Erlend continuou:

— Sabe, no dia em que nosso noivado for formalmente celebrado, ela terá que perceber que não adiantará nada para ela... que não tem mais poder sobre mim. Mas será ruim para as crianças. Eu não as via há um ano... são crianças bonitas... e há pouco que posso fazer para garantir a situação delas. Não teria ajudado muito, mesmo que eu conseguisse me casar com a mãe delas.

Lágrimas começaram a escorregar pelas bochechas de Kristin.

Então Erlend disse:

— Ouviu o que eu disse? Que falei com meus parentes? Eles ficaram felizes que eu queira me casar. Depois, disse a eles que é você que eu quero e ninguém mais.

— E eles não ficaram felizes com isso? — perguntou Kristin, finalmente, timidamente.

— Você não percebe — disse Erlend sombriamente —, que só havia uma coisa que eles poderiam dizer? Eles não podem e não vão me acompanhar para falar com seu pai até que esse acordo entre você e Simon Andressøn seja dissolvido. Não tornou as coisas mais fáceis para nós, Kristin, o fato de você ter celebrado o Natal com os Dyfrin. Kristin desabou completamente e começou a soluçar baixinho. Sem dúvida, ela sentira que havia algo imprudente e ignóbil em seu amor, e agora percebia que a culpa era dela.

Ela tremeu de frio quando saiu da cama pouco tempo depois, e Erlend enrolou ambos os mantos ao redor dela. Já estava completamente escuro lá fora, e Erlend a acompanhou até o cemitério da igreja de Clemente; então Brynhild a acompanhou o resto do caminho até Nonneseter.

CAPÍTULO 7

NA SEMANA SEGUINTE, Brynhild Fluga veio com a notícia de que a capa estava pronta, e Kristin foi com ela e ficou com Erlend no quarto do sótão como antes.

Quando se despediram, ele deu a ela uma capa, "para que você tenha

algo para mostrar no convento", ele disse. Era feita de veludo azul entrelaçado com seda vermelha, e Erlend perguntou se ela notava que eram as mesmas cores do vestido que ela havia usado naquele dia na floresta. Kristin ficou surpresa por poder ficar tão feliz com o que ele disse; ela sentia como se ele nunca lhe tivesse dado uma alegria maior do que com aquelas palavras.

Mas agora eles não podiam mais usar essa desculpa para se encontrar, e não era fácil pensar em algo mais. Erlend ia pelas manhãs à igreja do convento, e várias vezes depois do serviço, Kristin ia até as fazendas dos corrodianos; eles trocavam algumas palavras um com o outro ao longo das cercas na escuridão da noite de inverno.

Então, Kristin pensou em pedir permissão à Irmã Potentia para visitar várias mulheres idosas paralisadas, casos de caridade do convento, que moravam em uma casa em um campo distante. Atrás da casa, havia um galpão onde as mulheres mantinham uma vaca. Kristin se ofereceu para cuidar do animal quando ela visitasse, e então ela deixaria Erlend entrar enquanto ela trabalhava.

Ela percebeu com alguma surpresa que, apesar da alegria de Erlend em estar com ela, um pequeno amargor se instalou em sua mente por ela ter sido capaz de inventar essa desculpa.

— Não foi para a sua melhor virtude que você se familiarizou comigo — ele disse uma noite. — Agora você aprendeu a usar esses tipos de artimanhas secretas.

— *Você* não deveria estar me culpando por isso — respondeu Kristin desanimada.

— Não é a você que culpo — disse Erlend imediatamente, constrangido.

— Eu nunca pensei — ela continuou —, que seria tão fácil para mim mentir. Mas o que precisa ser feito pode ser feito.

— Isso nem sempre é verdade — disse Erlend com a mesma voz de antes. — Você se lembra deste último inverno, quando não podia dizer ao seu noivo que não o teria?

Kristin não respondeu, apenas acariciou o rosto dele.

Nunca ela sentiu tão forte quanto amava Erlend como quando ele dizia coisas que a faziam se sentir desanimada ou surpresa. E ela ficava feliz por poder assumir a culpa por tudo o que era desonroso ou ignóbil sobre o amor deles. Se ela tivesse tido coragem de falar com Simon como deveria, então poderiam ter progredido muito na resolução desses assuntos. Erlend tinha feito tudo o que podia quando falou de casamento com seus parentes. Isso é o que ela se dizia sempre

que os dias no convento ficavam longos e tediosos. Erlend queria fazer tudo certo e apropriado. Com pequenos sorrisos ternos, ela pensava nele em como ele parecia quando descrevia o casamento deles. Ela cavalgaria até a igreja vestida de seda e veludo, e seria conduzida para a cama nupcial com a alta coroa dourada em seu cabelo, que seria espalhado sobre seus ombros — o cabelo dela, lindo e bonito, ele dizia, correndo os dedos por suas tranças.

— Mas para você não será como se nunca me tivesse possuído — Kristin disse pensativamente quando ele tinha falado dessas coisas. Então, ele a puxou ardorosamente para ele.

— Você não acha que posso lembrar da primeira vez que celebrei o Natal, ou da primeira vez que vi as encostas das montanhas ficarem verdes em casa depois do inverno? Ah, claro que vou lembrar da primeira vez que a tive, e de todas as vezes depois disso. Mas possuir você, isso é como celebrar o Natal perpetuamente ou caçar pássaros nas encostas verdes.

Alegremente, ela se aproximou mais nos braços dele.

Não que, por um momento sequer, ela acreditasse que as coisas aconteceriam como Erlend esperava com tanta confiança. Kristin pensava que um dia do juízo certamente se abateria sobre eles em breve. Era impossível que as coisas continuassem indo tão bem. Mas ela não estava particularmente com medo. Ela tinha muito mais medo de que Erlend tivesse que viajar para o norte antes que a questão pudesse ser resolvida, e ela teria que ficar para trás, separada dele. Ele estava na fortaleza em Akersnes agora; Munan Baardsøn estava lá enquanto o Tesoureiro Real estava em Tunsberg, onde o rei estava gravemente doente. Mas um dia Erlend, sem dúvida, teria que voltar para casa para cuidar de sua propriedade. Ela se recusava a admitir que isso a assustava porque ele estaria voltando para Husaby, onde sua amante o esperava. Mas ela tinha menos medo de ser pega em pecado com Erlend do que de se levantar sozinha e contar a Simon, e também a seu pai, o que estava em seu coração.

E assim, ela quase desejava que algum castigo caísse sobre ela, e logo. Por enquanto, ela não tinha pensamentos para nada além de Erlend. Ela o desejava durante o dia e sonhava com ele à noite. Ela não sentia nenhum arrependimento, mas se consolava com o pensamento de que o dia chegaria em que teria que pagar caro por tudo o que haviam tomado em segredo. E durante aquelas breves horas da noite em que podia estar junto com Erlend no galpão das pobres mulheres, ela se lançaria aos braços dele tão ardentemente, como se tivesse pago com sua alma para ser dele.

Mas o tempo passou, e parecia que Erlend teria a boa sorte que ele contava. Kristin percebia que ninguém no convento jamais a suspeitava, embora Ingebjørg tivesse descoberto que ela se encontrava

com Erlend. Mas Kristin podia ver que a outra garota nunca pensava que era algo mais do que uma pequena diversão que ela estava permitindo a si mesma. Que uma donzela prometida de boa família ousasse quebrar o acordo feito por seus parentes era algo que nunca ocorreria a Ingebjørg. E por um momento, o medo percorreu Kristin mais uma vez; talvez isso fosse algo completamente inédito, essa situação em que ela havia se metido. E então ela desejou novamente que fosse descoberta, para que isso pudesse ser encerrado.

A Páscoa chegou. Kristin não conseguia entender o que havia acontecido com o inverno; cada dia que ela não via Erlend era tão longo quanto um ano sombrio, e os longos dias sombrios haviam se tornado intermináveis semanas. Mas agora era primavera e Páscoa, e parecia para ela como se tivessem acabado de celebrar o Natal. Ela pediu a Erlend que não a procurasse durante as festas; e parecia para Kristin que ele aceitava todos os seus desejos. Era tanto culpa dela quanto dele que haviam pecado contra as restrições da Quaresma. Mas ela queria que observassem o feriado de Páscoa, mesmo que doesse não vê-lo. Ele poderia ter que partir em breve; ele não havia dito nada sobre isso, mas ela sabia que o rei estava agora morrendo, e ela achava que isso poderia causar alguma mudança na posição de Erlend.

Assim estavam as coisas para Kristin quando, alguns dias após a Páscoa, ela foi convocada para descer à sala de visitas para falar com seu noivo.

Assim que Simon se aproximou dela e estendeu a mão, ela percebeu que algo estava errado. Seu rosto não era o mesmo de sempre; seus pequenos olhos cinza não estavam rindo, e estavam intocados por seu sorriso. Kristin não pôde deixar de notar que ele ficava bem sendo um pouco menos jovial. E ele parecia bastante elegante nas roupas de viagem que usava: um longo manto azul justo chamado *cote-hardie*²⁵, e uma capa marrom com capuz, que ele jogou para trás. Seu cabelo castanho claro estava bem cacheado devido ao ar úmido e frio.

Eles sentaram e conversaram por um tempo. Simon havia estado em Formo durante a Quaresma, e estava em Jørundgaard quase diariamente. Todos estavam bem lá. Ulvhild estava tão saudável quanto se poderia esperar. Ramborg estava em casa agora; ela estava encantadora e animada.

²⁵ Essa peça de roupa era uma túnica justa e ajustada ao corpo, frequentemente com um corte em V na frente e uma saia longa. A roupa podia ser feita de uma variedade de tecidos, desde linho e algodão para as classes mais baixas até seda e veludo para a nobreza. (N.T.)

— O tempo está quase acabando, o ano que você deveria passar aqui em Nonneseter — disse Simon. — Provavelmente estão preparando

tudo para a festa do nosso noivado na sua casa.

Kristin não respondeu enquanto Simon continuava.

— Eu disse a Lavrans que eu cavalgaria até Oslo para falar com você sobre isso.

Kristin olhou para baixo e disse suavemente:

— As coisas são tais, Simon, que eu preferiria falar com você em particular sobre este assunto."

— Também senti que isso seria necessário — respondeu Simon Andressøn. — Eu ia pedir para você obter a permissão da Fru Groa para caminharmos no jardim juntos.

Kristin levantou-se abruptamente e saiu silenciosamente da sala.

Pouco tempo depois, ela retornou, acompanhada por uma das freiras com uma chave.

Uma porta da sala de visitas se abria para o jardim, que ficava além dos prédios no lado oeste do convento. A freira destrancou a porta, e eles saíram em meio a uma névoa tão densa que só conseguiam ver alguns passos à frente entre as árvores. Os troncos mais próximos eram negros como carvão; gotas de umidade se agarravam a cada galho e ramo. Pequenos pedaços de neve nova derretiam no solo úmido, mas sob as moitas, pequenos lírios brancos e amarelos já haviam brotado, e sentia-se a fragrância de frescor e refrescância da grama-violeta.

Simon a levou até o banco mais próximo. Ele sentou, inclinando-se ligeiramente com os cotovelos apoiados nos joelhos. Então, ele a olhou com um sorriso estranho.

— Eu acho que sei o que você quer me dizer — ele disse. — Há outro homem que você gosta mais do que eu?

— Isso é verdade — respondeu Kristin suavemente.

— Acho que sei o nome dele também — disse Simon, com a voz mais áspera. — É Erlend Nikulaussøn de Husaby?

Depois de um momento, Kristin disse em voz baixa:

— Então isso chamou sua atenção?"

Simon hesitou antes de responder.

— Certamente você não pode pensar que sou tão estúpido a ponto de não perceber nada quando estávamos juntos no Natal? Eu não podia dizer nada naquela época, porque meu pai e minha mãe estavam presentes. Mas esta é a razão pela qual eu queria vir aqui sozinho desta vez. Não sei se é sábio da minha parte falar sobre esse assunto, mas pensei que deveríamos conversar sobre essas coisas antes de nos unirmos em casamento. Mas acontece que, quando cheguei aqui ontem, encontrei meu parente, Mestre Øistein. E ele falou de você. Ele disse que a viu atravessando o cemitério de Clement uma noite, e que você estava com uma mulher chamada Brynhild Fluga. Jurei um

juramento sagrado de que ele devia estar enganado. E se você me disser que é mentira, vou acreditar em você.

— O padre não mentiu — respondeu Kristin teimosamente. — Você se perjurou, Simon.

Ele ficou em silêncio por um momento antes de falar novamente.

— Você sabe quem é essa Brynhild Fluga, Kristin? — Quando ela balançou a cabeça, ele disse: — Munan Baardsøn a instalou em uma casa aqui na cidade depois que ele se casou... ela vende vinho ilegalmente e outras coisas assim.

— Você a conhece? — perguntou Kristin com desdém.

— Nunca tive inclinação para me tornar um monge ou padre — disse Simon, ficando vermelho. — Mas sei que nunca agi injustamente com uma donzela ou a esposa de outro homem. Você não percebe que não é conduta de um homem honrado permitir que você saia à noite em sua companhia?

— Erlend não me seduziu — disse Kristin, corando e indignada. — E ele não me prometeu nada. Eu coloquei meu coração nele, embora ele não tenha feito nada para me tentar. Eu o amei acima de todos os homens desde o primeiro momento em que o vi.

Simon ficou lá, brincando com sua adaga, jogando-a de uma mão para a outra.

— São palavras estranhas para se ouvir de sua prometida — ele disse.

— Isso não augura bem para nós agora, Kristin.

Kristin respirou fundo.

— Você seria mal servido se me tomasse como sua esposa, Simon.

— O Deus Todo-Poderoso sabe que isso parece ser verdade — disse Simon Andressøn.

— Então confio que você me apoiará — disse Kristin, mansa e tímida

—, para que Sir Andres e meu pai revoguem este acordo entre nós?

— Oh, é isso que você pensa? — disse Simon. Ele ficou em silêncio por um momento. — Só Deus sabe se você realmente entende o que está dizendo.

— Eu entendo — disse Kristin a ele. — Eu sei que a lei é tal que ninguém pode forçar uma donzela a se casar contra sua vontade; então ela pode levar o caso ao *ting*.”

— Eu acho que é diante do bispo — disse Simon, sorrindo severamente. — Mas nunca tive motivo para examinar o que a lei diz sobre tais assuntos. E não pense que você terá necessidade de fazê-lo também. Você sabe que eu não exigirei que você mantenha sua promessa se você for tão veementemente contra. Mas você não percebe... já se passaram dois anos desde que nosso noivado foi acordado, e você nunca disse uma palavra contra ele até agora, quando tudo está sendo preparado para o banquete de noivado e o casamento. Você pensou no que significará se você se apresentar e

pedir que o vínculo seja quebrado, Kristin?

— De qualquer forma, você não me querará agora — disse Kristin.

— Sim, quero — respondeu Simon bruscamente. — Se você pensa o contrário, é melhor pensar novamente.

— Erlend Nikulaussøn e eu nos prometemos pela nossa fé cristã — disse ela, tremendo —, que se não pudermos nos casar, nenhum de nós jamais terá um marido ou esposa.

Simon ficou em silêncio por muito tempo. Então ele disse cansado:

— Então eu não entendo o que você quis dizer, Kristin, quando disse que ele não a seduziu nem prometeu nada. Ele a atraiu para longe do conselho de todos os seus parentes. Você pensou no tipo de marido que terá se casar com um homem que teve a esposa de outro como sua amante? E agora ele quer tomar como esposa a prometida de outro homem.

Kristin engoliu as lágrimas, sussurrando com a voz embargada:

— Você está dizendo isso para me machucar.

— Você acha que eu quero te machucar? — perguntou Simon suavemente.

— Isso não seria assim se você... — disse Kristin hesitante. — Você também nunca foi perguntado, Simon. Foi seu pai e o meu que decidiram esse casamento. Seria diferente se você me escolhesse por conta própria.

Simon cravou sua adaga no banco, deixando-a em pé. Após um momento, ele a retirou e tentou guardá-la em sua bainha. No entanto, ela se recusou a entrar porque a ponta estava dobrada. Então ele voltou a brincar com ela, jogando-a de uma mão para a outra.

— Você sabe muito bem... — disse ele, com a voz baixa e trêmula. — Você sabe que estaria mentindo se tentasse fingir que eu não... Você sabe muito bem sobre o que eu queria falar com você, muitas vezes, mas você me recebeu de tal maneira que eu não seria um homem se mencionasse isso depois, mesmo se tentassem arrancar isso de mim com tenazes ardentes.

— Primeiro, pensei que fosse pelo menino morto. Pensei que deveria te dar um tempo... você não me conhecia. Pensei que seria prejudicial a você, tão pouco tempo depois. Agora vejo que você não precisava de muito tempo para esquecer... e agora... agora... agora...

— Não — disse Kristin suavemente. — Eu entendo, Simon. Não posso esperar que você seja meu amigo daqui para frente.

— Amigo! — Simon deu uma risada estranha. — Você precisa da minha amizade agora?

Kristin corou.

— Você é um homem agora — ela disse suavemente. — E já está velho o suficiente. Você pode decidir sobre seu próprio casamento. Simon a olhou intensamente. Então riu como antes.

— Entendi. Você quer que eu diga que sou o culpado por esta quebra de promessa? Se é verdade que você está decidida em sua escolha... se você ousar e estiver determinada a levar adiante seu caso... então eu farei isso — ele disse suavemente. — Falarei com a minha família em casa, e diante de todos os seus parentes... exceto um. Você terá que contar a verdade para seu pai, tal como ela seja. Se quiser, levarei sua mensagem a ele e tornarei as coisas mais fáceis possível para você. Mas Lavrans Bjørgulfsøn deve saber que eu nunca iria contra uma promessa que fiz a ele.

Kristin segurou a borda do banco com ambas as mãos; isso a afetou mais fortemente do que tudo o mais que Simon Darre tinha dito.

Pálida e assustada, ela olhou para cima, para ele.

Simon se levantou.

— Agora precisamos entrar — disse ele. — Acho que ambos estamos congelando, e a irmã está nos esperando com a chave. Eu lhe dou uma semana para pensar sobre as coisas. Tenho alguns assuntos para resolver aqui na cidade. Voltarei para falar com você antes de partir, mas duvido que queira me ver antes disso.

CAPÍTULO 8

ENTÃO ISSO FOI FINALMENTE RESOLVIDO, pensou Kristin consigo mesma. Mas ela se sentia exausta, drenada e doente de saudade dos braços de Erlend.

Ela passou a maior parte da noite acordada e decidiu fazer o que nunca antes havia ousado: enviar uma mensagem para Erlend. Não era fácil encontrar alguém que pudesse realizar essa tarefa para ela. As irmãs leigas nunca saíam sozinhas, e ela não conseguia pensar em ninguém que ela conhecesse que pudesse fazer isso. Os homens que cuidavam das terras eram mais velhos e raramente se aproximavam da residência das freiras, exceto para falar com a abadessa. Assim, Olav era o único. Ele era um rapazinho que trabalhava nos jardins. Ele fora filho adotivo de Fru Groa desde que foi encontrado uma manhã como um recém-nascido nos degraus da igreja. Diziam que sua mãe era uma das irmãs leigas. Ela deveria se tornar uma freira, mas depois de ter ficado na cela escura por seis meses — por desobediência grave, diziam — e isso foi depois que a criança foi encontrada —, ela recebeu as roupas de irmã leiga e, desde então, trabalhava no quintal. Durante os últimos meses, Kristin pensara frequentemente no destino de Irmã Ingrid, mas nunca tivera a chance de falar com ela. Era arriscado depender de Olav; ele era apenas uma criança, e Fru Groa e todas as freiras falavam com ele e o provocavam sempre que o viam. Mas Kristin achava que tinha muito pouco a perder. E alguns dias depois,

quando Olav estava prestes a ir à cidade numa manhã, Kristin pediu a ele que levasse sua mensagem até Akersnes, dizendo a Erlend para encontrar alguma desculpa para que pudessem se encontrar sozinhos.

Naquela mesma tarde, Ulv, o próprio servo de Erlend, apareceu no portão de fala. Ele disse que era o homem de Aasmund Bjørgulfsøn e fora enviado por seu mestre para perguntar se a sobrinha de Aasmund poderia vir à cidade por um tempo, porque ele não tinha tempo para subir até Nonneseter pessoalmente. Kristin achou que isso nunca funcionaria, mas quando Irmã Potentia perguntou se ela conhecia o mensageiro, ela disse que sim. Então ela foi com Ulv até a casa de Brynhild Fluga.

Erlend estava esperando por ela no sótão. Ele estava nervoso e tenso, e Kristin percebeu imediatamente que ele estava novamente com medo daquilo que parecia temer mais.

Ela sempre sentia um aperto no coração por ele estar tão aterrorizado com a possibilidade de ela estar grávida, quando eles não conseguiam ficar longe um do outro. Sentindo-se tão ansiosa naquela noite, ela disse isso a ele, bastante irritada. O rosto de Erlend ficou vermelho escuro; ele apoiou a cabeça em seu ombro.

— Você está certa — ele disse. — Eu deveria tentar deixar você em paz, Kristin, e não ficar testando sua sorte dessa maneira. Se você quiser que eu...

Ela jogou os braços ao redor dele e riu, mas ele a abraçou firmemente pela cintura e a pressionou para baixo em um banco; então ele se sentou do outro lado da mesa. Quando ela estendeu a mão para ele, ele a beijou impetuosamente na palma.

— Tenho tentado mais do que você — ele disse ferozmente. — Se você soubesse o quão importante eu acho que é para ambos que nos casemos com total honra.

— Então você não deveria ter me tomada — disse Kristin. Erlend escondeu o rosto nas mãos.

— Não, eu gostaria que Deus não tivesse feito essa injustiça a você — ele disse.

— Nenhum de nós deseja isso — disse Kristin com uma risada tonta.

— E enquanto eu puder ser reconciliada e fazer as pazes, finalmente, com minha família e com Deus, então não vou me entristecer se tiver que me casar usando o véu de uma mulher casada. Contanto que eu possa estar com você, muitas vezes penso que até poderia abrir mão

da paz.

— Você vai trazer honra de volta à minha propriedade — disse Erlend. — Eu não vou te arrastar para minha desgraça.

Kristin balançou a cabeça. Então ela disse:

— Você ficará feliz em saber que falei com Simon Andressøn, e ele não vai me prender aos acordos que foram feitos para nós antes de eu te conhecer.

Erlend ficou jubilante, e Kristin teve que contar tudo, embora mantivesse para si as palavras depreciativas que Simon havia dito sobre Erlend. Mas ela mencionou que ele se recusou a deixar que Lavrans pensasse que era o culpado.

— Isso é razoável — disse Erlend bruscamente. — Eles se gostam, seu pai e Simon, não é? Lavrans vai gostar menos de mim.

Kristin interpretou essas palavras como se Erlend entendesse que ela ainda teria um caminho difícil a percorrer antes de resolverem tudo, e ela ficou grata por isso. Mas ele não voltou a esse tópico. Ele estava radiante e disse que tinha receio de que ela não tivesse coragem de falar com Simon.

— Vejo que você gosta dele de alguma forma — ele disse.

— Isso importa para você — perguntou Kristin —, depois de tudo o que passamos, que eu perceba que Simon é um homem justo e capaz?

— Se você nunca tivesse me conhecido — disse Erlend —, você poderia ter desfrutado de bons dias com ele, Kristin. Por que você ri?

— Oh, estou pensando em algo que Fru Aashild disse uma vez — respondeu Kristin. — Eu era apenas uma criança naquela época. Mas era algo sobre dias bons sendo concedidos às pessoas sensatas, mas os dias mais grandiosos são aproveitados por aqueles que ousam agir sem sabedoria.

— Deus abençoe a tia Aashild por te ensinar isso — disse Erlend, a colocando em seu colo. — É estranho, Kristin, mas eu não notei que você já teve medo.

— Você nunca percebeu? — ela perguntou, se pressionando contra ele.

Ele a colocou na beirada da cama e tirou seus sapatos, mas então a puxou de volta para a mesa.

— Oh não, Kristin... agora as coisas parecem estar brilhando nós dois. Eu não teria agido assim com você agiu — ele disse, acariciando seus cabelos repetidamente —, se não fosse pelo fato de que toda vez que te via, achava tão improvável que eles me dessem uma esposa tão boa e bonita. Sente-se aqui e beba comigo.

Nesse momento, houve uma batida forte na porta, como se alguém estivesse batendo com a empunhadura de uma espada.

— Abra a porta, Erlend Nikulaussøn, se estiver aí dentro!

— É Simon Darre — disse Kristin suavemente.

— Abra, homem, em nome do Diabo... se você é um homem! — gritou Simon, batendo na porta novamente.

Erlend foi até a cama e tirou sua espada da estaca. Olhou ao redor, confuso.

— Não há lugar aqui para você se esconder... exceto na cama...

— Não resolveria as coisas se eu fizesse isso — disse Kristin.

Ela tinha se levantado e falava calmamente, mas Erlend viu que ela tremia.

— Você terá que abrir a porta — disse ela na mesma voz. Simon estava martelando a porta novamente.

Erlend foi até lá e retirou o ferrolho. Simon entrou, segurando uma espada desembainhada na mão, mas a enfiou de volta na bainha imediatamente.

Por um momento, os três ficaram ali sem dizer uma palavra. Kristin tremia, mas, nesses primeiros momentos, sentiu uma excitação estranhamente doce... lá no fundo, algo se elevava, pressentindo essa luta entre dois homens... e ela exalou lentamente: aqui estava o clímax para aqueles intermináveis meses de espera silenciosa, anseio e medo. Olhou de um homem para o outro, seus rostos pálidos, os olhos brilhando; então sua excitação desabou em um desespero insondável e congelante. Havia mais desprezo frio do que indignação ou ciúmes nos olhos de Simon Darre, e ela viu que, por trás de sua expressão obstinada, Erlend estava queimando de vergonha. Ela percebeu como outros homens o julgariam — ele, que a havia deixado vir até ele em um lugar assim — e percebeu que era como se ele tivesse sido esbofeteado no rosto; ela sabia que ele estava ardendo para sacar sua espada e cair sobre Simon.

— Por que você veio aqui, Simon? — ela gritou alto, parecendo assustada.

Os dois homens se viraram para ela.

— Para levá-la para casa — disse Simon. — Você não deveria estar aqui.

— Você não tem mais o direito de comandar Kristin Lavransdatter — disse Erlend furiosamente. — Ela é minha agora.

— Sem dúvida ela é — disse Simon grosseiramente. — E que casa nupcial adorável você preparou para ela. — Ele ficou ali por um momento, respirando fundo. Então recuperou o controle sobre sua voz e continuou calmamente: — Mas do jeito que as coisas estão agora, ainda sou o prometido dela... até que o pai dela possa vir buscá-la. E até então, pretendo defender com a ponta e a lâmina da minha espada o máximo da honra dela que pode ser protegida... no julgamento das outras pessoas.

— Você não precisa fazer isso; eu posso fazer isso sozinho. — Erlend

ficou vermelho como sangue sob o olhar de Simon. — Você acha que eu permitiria ser ameaçado por um cão como você? — ele rugiu, colocando a mão na empunhadura de sua espada.

Simon colocou as mãos atrás das costas.

— Não sou tão covarde a ponto de ter medo de você — disse na mesma tonalidade de antes. — Vou lutar contra você, Erlend Nikulaussøn, pode apostar com o Diabo, se você não pedir a mão de Kristin ao pai dela dentro de um tempo razoável.

— Não farei isso a seu comando, Simon Andressøn — disse Erlend com raiva; o vermelho lavou seu rosto novamente.

— Não, faça isso para corrigir o erro que você fez com uma esposa tão jovem — respondeu Simon, imperturbável. — Isso será melhor para Kristin.

— Você não precisa fazer isso — gritou Kristin, atormentada pela dor de Erlend. Ela bateu no chão.

— Vá agora, Simon, vá! Que direito você tem de se intrometer em nossos assuntos?

— Eu já disse — respondeu Simon. — Você terá que me suportar até que seu pai nos liberte um do outro. Kristin desmoronou completamente.

— Vá, vá, eu vou logo. Jesus, por que você está me atormentando assim, Simon? Você não pode pensar que vale a pena para você se preocupar com meus assuntos.

— Não é por sua causa que estou fazendo isso — respondeu Simon. — Erlend, você não vai dizer a ela que ela tem que ir comigo?

O rosto de Erlend tremeu. Ele tocou o ombro dela.

— Você tem que ir agora, Kristin. Simon Darre e eu falaremos sobre isso em outro momento.

Kristin se levantou obedientemente. Prendeu sua capa ao redor dela. Seus sapatos estavam ao lado da cama; ela se lembrou deles, mas não teve coragem de calçá-los com Simon observando.

Do lado de fora, a neblina desceu novamente. Kristin corria com a cabeça baixa e as mãos agarradas ao manto. Sua garganta estava prestes a explodir com soluços contidos; loucamente, ela desejava que houvesse algum lugar para onde pudesse ir para ficar sozinha, para chorar sem parar. O pior, o pior de tudo ainda estava à sua frente. Ela havia experimentado algo novo naquela noite, e agora estava contorcendo-se com isso — como era ver o homem a quem se entregara humilhado.

Simon estava ao seu lado enquanto ela corria pelas vielas estreitas e atravessava as ruas e as praças abertas onde os prédios haviam desaparecido; não podiam ver nada além da neblina. Num momento, quando ela tropeçou em algo, ele segurou seu braço e a impediu de

cair.

— Não corra tão rápido — ele disse. — As pessoas estão nos olhando. Como você está tremendo — disse ele com um tom mais suave.

Kristin ficou em silêncio e continuou caminhando.

Ela escorregou na lama da estrada, estava encharcada e seus pés estavam gelados. As meias que ela usava eram de couro, mas bastante finas; ela podia sentir que estavam começando a se abrir, e a lama se infiltrava nos seus pés descalços.

Chegaram à ponte sobre o riacho do convento e subiram mais lentamente pela encosta do outro lado.

— Kristin — disse Simon de repente —, seu pai nunca deve ouvir falar disso.

— Como você soube que eu estava... lá? — perguntou Kristin.

— Eu vim falar com você — respondeu Simon bruscamente. — Então ouvi falar do servo enviado por seu tio. Eu sabia que Aasmund estava em Hadeland. Vocês dois não são muito bons em inventar estratégias. Ouviu o que acabei de dizer?

— Sim — respondeu Kristin. — Fui eu quem mandou uma mensagem para Erlend, que deveríamos nos encontrar na casa Fluga. Eu conhecia a mulher.

— Então, vergonha para você! Mas você não poderia saber que tipo de mulher ela é... e ele... Agora escute — disse Simon severamente. — Se *for* possível esconder isso, você deveria esconder de Lavrans o que você jogou fora. E se não puder, então deve tentar poupar a ele o pior da vergonha.

— Você claramente demonstra grande preocupação pelo meu pai — disse Kristin, tremendo. Ela tentou falar desafiadoramente, mas sua voz estava prestes a quebrar em lágrimas.

Simon andou por mais um curto trecho. Então parou... ela viu seu rosto enquanto ficavam ali sozinhos na neblina. Ela nunca o tinha visto com esse olhar antes.

— Eu tenho notado, todas as vezes que estive visitando sua casa — ele disse. — Vocês, suas mulheres, têm tão pouco entendimento do tipo de homem que Lavrans é. Trond Gjesling diz que ele não mantém todas vocês sob controle. Mas por que Lavrans deveria se preocupar com essas coisas quando nasceu para governar *homens*? Ele tinha o potencial de ser um *chefe*, alguém que os homens seguiriam com prazer; mas estes não são os tempos para tais homens. Meu pai o conheceu em Baagahus. E assim ele acabou vivendo lá no vale, quase como um camponês. Ele foi casado muito jovem; e sua mãe, com esse temperamento dela, não foi a pessoa certa para facilitar a vida dele. É

verdade que ele tem muitos amigos, mas você acha que algum deles pode se igualar a ele? Seus filhos ele não foi autorizado a manter; eram vocês, filhas, que deveriam dar continuidade à linhagem depois dele. Agora ele terá que suportar o dia em que verá que uma está sem saúde e outra está sem honra?

Kristin segurou as mãos no coração. Sentia que precisava segurá-lo para se tornar tão dura quanto precisava ser.

— Por que você está me dizendo isso? — sussurrou ela depois de um momento. — Você não quer mais me possuir nem se casar comigo.

— Isso... eu não quero — disse Simon incerto. — Deus me ajude, Kristin. Lembro-me de você naquela noite no sótão em Finsbrekken.

Mas que o Diabo me leve vivo se eu confiar novamente em uma donzela pelos olhos dela! Prometa-me que não verá Erlend até que seu pai chegue — ele disse quando chegaram ao portão.

— Não vou prometer isso — disse Kristin.

— Então, *ele* me fará esta promessa — disse Simon.

— Eu não o encontrarei — respondeu Kristin rapidamente.

— Aquele pobre cãozinho que dei para você uma vez — disse Simon antes de se separarem. — Você deve deixar suas irmãs ficarem com ele... elas gostam tanto dele... se você não se importar em vê-lo dentro de casa, é claro. Estou indo para o norte amanhã de manhã — ele disse, segurando a mão dela em despedida enquanto a irmã que guardava o portão observava.

Simon Darre desceu em direção à cidade. Ele golpeava o ar com o punho cerrado enquanto caminhava, murmurando baixinho e praguejando contra a névoa. Jurou para si mesmo que não estava arrependido sobre *ela*. Kristin era como algo que ele acreditava ser ouro puro, mas quando o via de perto, era apenas latão e estanho. Branca como um floco de neve, ela havia se ajoelhado e colocado a mão na chama; isso foi há um ano. Neste ano, ela estava bebendo vinho com um malandro excomungado no sótão de Fluga. Que o Diabo a leve, não! Foi por causa de Lavrans Bjørgulfsøn, que estava sentado lá em Jørundgaard e acreditava... Nunca teria ocorrido a Lavrans que eles poderiam traí-lo dessa maneira. Agora ele teria que levar a mensagem pessoalmente para Lavrans e ser cúmplice de mentir para esse homem. Foi por isso que seu coração estava queimando de tristeza e raiva.

Kristin não tinha a intenção de cumprir sua promessa a Simon Darre, mas ela conseguiu trocar apenas algumas palavras com Erlend, numa noite na estrada.

Ela ficou lá segurando a mão dele, estranhamente submissa, enquanto ele falava sobre o que tinha acontecido no sótão de Brynhild da última

vez que se encontraram. Ele falaria com Simon Andressøn em outro momento.

— Se tivéssemos brigado lá em cima, a notícia teria se espalhado por toda a cidade — disse Erlend com raiva. — Ele sabia disso muito bem, esse Simon.

Kristin podia ver como o incidente o fez sofrer. Ela também tinha pensado nisso constantemente desde então. Não havia como escapar do fato de que, nessa situação, Erlend ficou com ainda menos honra do que ela. E ela sentiu que agora eram verdadeiramente uma só carne; ela teria que responder por tudo o que ele fazia, mesmo quando não gostasse de sua conduta, e sentiria na própria mão quando Erlend se coçasse sequer arranhando a pele.

Três semanas depois, Lavrans Bjørgulfsøn veio a Oslo para buscar sua filha.

Kristin estava tanto com medo quanto desanimada quando foi ao parlatório encontrar-se com o pai. A primeira coisa que a impressionou ao vê-lo conversando com Irmã Potentia foi que ele não parecia o mesmo que ela lembrava. Talvez ele não tivesse realmente mudado desde que se separaram um ano atrás, mas ao longo dos anos ela sempre o vira como o homem jovem, vigoroso e bonito do qual ela se orgulhava quando era pequena. Cada inverno e cada verão que passara em casa sem dúvida o marcara e o envelhecera, assim como eles a viram se tornar uma jovem adulta... mas ela não havia percebido. Ela não percebera que seus cabelos desbotaram em alguns lugares e adquiriram um tom avermelhado enferrujado nas têmporas, da mesma forma que o cabelo loiro fica grisalho. Suas bochechas estavam secas e finas, de modo que os músculos do rosto se estendiam como cordas até a boca; sua pele branca e rosada de juventude tornara-se uniformemente castigada pelo clima. Sua coluna não estava curvada, e ainda assim suas omoplatas se curvavam de maneira diferente sob a capa. Seu passo era leve e constante quando ele se aproximava com a mão estendida, mas não eram os mesmos movimentos ágeis e vigorosos do passado. Todas essas coisas provavelmente estavam presentes no ano anterior, mas Kristin simplesmente não havia notado. Talvez houvesse um toque leve de algo mais, um toque de abatimento, que a fazia ver essas coisas agora. Ela começou a chorar.

Lavrans colocou o braço em torno de seus ombros e acariciou sua bochecha.

— Agora, agora, tente se acalmar, criança — disse gentilmente.

— Você está zangado comigo, pai? — ela perguntou suavemente.

— Certamente você deve perceber que estou — ele respondeu, mas

continuou acariciando sua bochecha. — Mas você também sabe muito bem que não precisa ter medo de mim — disse tristemente. — Não, você deve se acalmar agora, Kristin; você não sente vergonha de agir assim? — Ela estava chorando tanto que teve que se sentar em um banco. — Não vamos falar desses assuntos aqui onde as pessoas vão e vêm — ele disse, sentando-se ao lado dela e segurando sua mão. — Você não vai me perguntar sobre sua mãe? E suas irmãs?

— O que a mãe diz sobre tudo isso? — perguntou sua filha.

— Oh, você pode imaginar o que ela pensa... mas não vamos falar sobre isso aqui — ele disse novamente. — De resto, ela está bem. — E então ele começou a contar tudo sobre todos de volta para casa, até que Kristin gradualmente se acalmou.

Mas ela sentiu que a tensão só piorava à medida que seu pai se recusava a dizer qualquer coisa sobre sua quebra de promessa. Ele deu dinheiro a ela, para distribuir entre os pobres do convento, e presentes para as irmãs leigas; ele mesmo doou generosamente ao convento e às irmãs, e ninguém em Nonneseter tinha outro pensamento senão que Kristin agora ia para casa para celebrar seu noivado e seu casamento. Ambos comeram a última refeição na mesa de Fru Groa na sala da abadessa, e a abadessa deu a Kristin a melhor avaliação.

Mas tudo isso finalmente se encerrou. Ela deu suas últimas despedidas às irmãs e aos seus amigos no portão do convento. Lavrans a escoltou até seu cavalo e a levantou na sela. Era tão estranho andar com seu pai e os homens de Jørundgaard até a ponte, ao longo da estrada por onde ela tinha se arrastado na escuridão; era estranho andar tão nobre e livremente pelas ruas de Oslo. Ela pensou na magnífica procissão de casamento que Erlend havia mencionado tantas vezes. Seu coração ficou pesado; teria sido mais fácil se ele a tivesse levado consigo.

Ainda havia muito tempo para ela ser uma pessoa em segredo e outra em público com outras pessoas. Mas então seu olhar caiu sobre o rosto envelhecido e sombrio de seu pai, e ela tentou se convencer de que Erlend estava certo afinal.

Havia outros viajantes na estalagem. À noite, todos jantavam juntos em uma pequena sala com uma lareira onde havia apenas duas camas. Lavrans e Kristin dormiriam lá, pois eram os principais hóspedes na estalagem. Os outros partiram quando ficou tarde, desejando boa noite amigavelmente e depois dispersando para encontrar um lugar para dormir. Kristin pensou que era ela quem havia se esgueirado até o sótão de Brynhild Flugá e permitido que Erlend a tomasse em seus braços. Doente de tristeza e medo de que nunca pudesse ser dele, sentia que já não pertencia ali, entre aquelas pessoas.

Seu pai estava sentado no banco, olhando para ela.

— Não vamos para Skog desta vez? — Kristin perguntou, quebrando o

silêncio.

— Não — respondeu Lavrans. — Já tive o suficiente de ouvir seu tio por um tempo... sobre por que não uso a força contra você — explicou quando ela o olhou. — Sim, eu te forçaria a cumprir sua palavra — ele disse depois de um momento —, se apenas Simon não tivesse dito que não queria uma esposa relutante.

— *Eu* nunca dei minha palavra a Simon — disse Kristin apressadamente. — Você sempre disse antes que nunca me forçaria a um casamento.

— Não seria força se eu exigisse que você cumprisse um acordo que é conhecido por todos há tanto tempo — respondeu Lavrans. — Por dois invernos as pessoas a chamam de prometida, e você nunca disse uma palavra de protesto ou mostrou qualquer relutância até que o dia do casamento fosse marcado. Se você quer se esconder atrás do fato de que o assunto foi adiado no ano passado, para que você nunca tenha dado a Simon sua promessa, eu não chamaria isso de conduta honrosa. Kristin ficou ali, olhando para o fogo.

— Não sei o que é pior — continuou seu pai. — Que as pessoas vão dizer que você rejeitou Simon ou que foi abandonada. Sir Andres me enviou uma mensagem... — Lavrans ficou vermelho ao dizer isso. — Ele estava zangado com o rapaz e me pediu para exigir quaisquer penalidades que eu considerasse razoáveis. Eu tive que contar a ele a verdade... eu não sei se a alternativa teria sido melhor... que se houvesse penalidades a serem pagas, nós éramos os responsáveis. Ambos compartilhamos a vergonha.

— Não vejo que a vergonha seja tão grande — murmurou Kristin. — Já que Simon e eu concordamos.

— Concordam! — Lavrans pegou a palavra. — Ele não escondeu o fato de que estava infeliz com isso, mas disse que depois que vocês dois conversaram, ele não achou que nada além de miséria resultaria se ele exigisse que você cumprisse o acordo. Mas agora você deve me dizer por que tomou essa decisão.

— Simon não disse nada sobre isso? — perguntou Kristin.

— Parecia que ele achava — disse seu pai —, que você havia dado suas afeições a outro homem. Agora você deve me contar como as coisas estão, Kristin.

Kristin hesitou por um momento.

— Deus sabe — ela disse calmamente —, eu percebo que Simon seria bom o suficiente para mim... mais do que isso. Mas é verdade que eu conheci outro homem, e então percebi que nunca teria outro momento alegre em minha vida se tivesse que viver com Simon... mesmo que ele possuísse todo o ouro da Inglaterra. Eu preferiria ter o outro homem mesmo que ele não possuísse mais do que uma única vaca.

— Você não pode esperar que eu te dê a um servo — disse seu pai.

— Ele é meu igual e mais — respondeu Kristin. — Ele tem o suficiente de posses e terra, mas eu simplesmente quis dizer que eu preferiria dormir com ele na palha nua do que com qualquer outro homem em uma cama de seda.

Seu pai ficou em silêncio por um momento.

— É uma coisa, Kristin, que eu não a forçaria a aceitar um homem que você não quer... embora apenas Deus e Santo Olavo saibam o que você pode ter contra o homem a quem eu a havia prometido. Mas é outra questão se o homem pelo qual você agora se apaixonou é do tipo que eu permitiria que você se casasse. Você é jovem e tem pouca experiência... e mirar em uma donzela prometida não é algo que um homem decente faria normalmente.

— Isso não é algo que uma pessoa possa evitar — disse Kristin veementemente.

— Oh sim, pode. Mas isso você deve perceber... que eu não ofenderei o povo Dyfrin prometendo você novamente assim que virar as costas para Simon... e muito menos a um homem que possa parecer mais distinto ou mais rico. Você deve me dizer quem é esse homem — ele disse depois de um momento.

Kristin apertou as mãos com força, respirando pesadamente. Então ela disse hesitante:

— Eu não posso fazer isso, pai. As coisas estão de tal forma que se eu não puder ter esse homem, então você pode me levar de volta ao convento e me deixar lá para sempre... eu não acho que posso viver mais. Mas não seria certo eu lhe dizer seu nome antes de saber se ele tem boas intenções para comigo como eu tenho para com ele. Você... você não deve me forçar a lhe dizer quem ele é até... até ficar claro se ele pretende pedir minha mão a você passando também pelos parentes dele.

Lavrans ficou em silêncio por muito tempo. Ele não poderia ficar descontente com a maneira como sua filha agia. Finalmente, ele disse:

— Então seja assim. É razoável que você prefira não dar o nome dele, já que não conhece suas intenções.

Depois de um momento, ele disse:

— Você deve ir para a cama agora, Kristin. — Ele se aproximou dela e a beijou. — Você causou muita tristeza e raiva com essa ideia, minha filha, mas você sabe que seu bem-estar é o que mais me preocupa. Deus me ajude, eu sentiria o mesmo, não importa o que você fizesse. Ele e Sua doce Mãe nos ajudarão a transformar isso para o melhor. Vá agora e durma bem.

Depois de ir para a cama, Lavrans pensou ter ouvido o som fraco de soluços da outra cama onde sua filha estava, mas fingiu estar dormindo. Ele não teve coragem de contar a ela que agora temia que os antigos boatos sobre ela, Arne e Bentein fossem ressuscitados. Mas

pesava muito em sua mente que havia pouco que ele poderia fazer para evitar que a boa reputação da criança fosse manchada às suas costas. E o pior era que ele achava que ela mesma poderia ter provocado isso sobre si mesma por sua própria imprudência.

PARTE 3: LAVRANS BJØRGULFSØN

CAPÍTULO 1

KRISTIN CHEGOU EM CASA durante a época mais encantadora da primavera. O Rio Laag corria em torrentes ao redor da fazenda e dos campos; através das folhas jovens dos arbustos de amieiros, o riacho brilhava e cintilava branco com *flashes* de prata. Os reflexos de luz pareciam ter vozes, cantando com o rugido da corrente; quando o crepúsculo caía, a água parecia fluir com um rugido mais abafado. O barulho alto do rio enchia o ar sobre Jørundgaard dia e noite, de modo que Kristin sentia que podia sentir as vigas das paredes vibrando com o som, como a caixa de ressonância de uma cítara.

Finas volutas de água brilhavam nas encostas das montanhas, envoltas em uma névoa azul dia após dia. O calor vaporizava e vibrava sobre a terra; as espigas de grãos escondiam quase completamente o solo nos campos, e a grama nos prados crescia profunda e brilhava como seda quando o vento soprava. Havia um doce aroma sobre os bosques e colinas, e assim que o sol se punha, um forte e fresco cheiro de seiva e plantas jovens se espalhava; a terra parecia dar um grande suspiro, langoroso e revigorado. Tremendo, Kristin lembrava-se de como Erlend a libertara de seu abraço. Todas as noites ela se deitava, doente de saudades, e a cada manhã ela acordava, suando e exausta de seus próprios sonhos.

Parecia incompreensível para ela que todos em casa pudessem evitar dizer uma palavra sobre a única coisa que estava em seus pensamentos. Mas semana após semana passava, e eles se calavam sobre sua quebra de promessa com Simon e não questionavam o que estava em sua mente. Seu pai passava muito tempo na floresta agora que o arado da primavera estava feito. Ele visitava seus fabricantes de alcatrão, e levava seu falcão e cães e ficava fora por dias. Quando voltava para casa, falava com sua filha da mesma maneira amigável como sempre fazia; mas parecia ter tão pouco a dizer a ela, e nunca a convidava para acompanhá-lo quando saía para cavalgar.

Kristin havia temido voltar para casa para as repreensões de sua mãe, mas Ragnfrid não disse uma palavra, e para Kristin isso parecia ainda pior. Para sua festa de *ale* no Dia de São João, a cada ano, Lavrans Bjørgulfsøn distribuía aos pobres da vila toda a carne e comida que era guardada na casa durante a última semana de jejum. Aqueles que moravam mais perto de Jørundgaard geralmente vinham pessoalmente receber as esmolas. Grande hospitalidade era mostrada, e Lavrans e seus convidados e toda a casa se reuniam ao redor dessas pessoas pobres, pois alguns deles eram velhos que conheciam muitas sagas e baladas. Então eles se sentariam na sala da lareira e passariam o tempo bebendo cerveja e conversando amigavelmente, e à noite dançariam no pátio.

Este ano o Dia de São João estava frio e nublado, mas ninguém reclamou disso porque os fazendeiros do vale começaram a temer uma seca. Nenhuma chuva havia caído desde a Vigília de São Halvard, e havia tão pouca neve nas montanhas que nos últimos treze anos as pessoas não podiam lembrar de ter visto o rio tão baixo no meio do verão.

Lavrans e seus convidados estavam de bom humor quando desceram para cumprimentar os pobres na sala da lareira. As pessoas estavam sentadas ao redor da mesa comendo mingau de leite e bebendo *stout*²⁶. Kristin ia de um lado para o outro na mesa, servindo os velhos e os doentes.

Lavrans cumprimentou seus convidados e perguntou se estavam satisfeitos com a comida. Então ele foi cumprimentar um pobre velho camponês que havia sido levado para Jørundgaard naquele mesmo dia. O nome dele era Haakon, e ele tinha sido soldado sob o velho Rei Haakon e havia participado da última expedição do rei à Escócia. Agora ele estava empobrecido e quase cego. As pessoas se ofereceram para construir uma cabana para ele, mas ele preferia ser levado de fazenda em fazenda, pois era recebido em todos os lugares como um hóspede honrado. Ele era excepcionalmente experiente e tinha visto muito do mundo.

²⁶ Muitas vezes, o termo "stout" é usado para se referir a uma ampla variedade de cervejas escuras, mas em geral, uma stout é uma cerveja que é mais escura e mais encorpada do que uma cerveja comum, como uma lager ou uma ale. (N.T.)

Lavrans ficou com a mão no ombro de seu irmão; Aasmund Bjørgulfsøn tinha vindo a Jørundgaard como convidado. Ele também perguntou a Haakon se estava satisfeito com a comida.

— A *ale* é boa, Lavrans Bjørgulfsøn — disse Haakon. — Mas uma

vagabunda deve ter feito o mingau para nós hoje. Cozinheiras muito “usadas” fazem mingau muito cozido, como diz o ditado, e este mingau está queimado.

— É uma vergonha para mim lhe dar mingau queimado — disse Lavrans. — Mas espero que o velho ditado nem sempre seja verdadeiro, porque foi minha própria filha quem fez o mingau — Ele riu e pediu a Kristin e Tordis para se apressarem e trazerem os pratos de carne.

Kristin correu para fora e até a cozinha. Seu coração batia forte — ela havia captado um vislumbre do rosto de seu tio quando Haakon estava falando sobre a cozinheira e o mingau.

Tarde da noite, ela viu seu pai e tio conversando por muito tempo enquanto andavam de um lado para o outro no pátio. Ela estava tonta de medo, e não melhorou no dia seguinte quando percebeu que seu pai estava taciturno e mal-humorado. Mas ele não disse uma palavra a ela.

Ele não disse nada depois que seu irmão partiu também. Mas Kristin percebeu que ele não estava conversando com Haakon tanto quanto o habitual, e quando o tempo de eles abrigarem o velho homem acabou, Lavrans não ofereceu mantê-lo por mais tempo, mas o deixou seguir para a próxima fazenda.

Havia muitas razões para Lavrans Bjørgulfsøn estar infeliz e sombrio naquele verão, pois havia sinais de que a colheita na vila seria ruim. Os proprietários de terras convocaram um *ting* para discutir como enfrentariam o próximo inverno. No final do verão, já estava claro para a maioria das pessoas que teriam que abater seu gado ou levar uma grande parte do gado para o mercado no sul para comprar grãos para as pessoas comerem no inverno. O ano anterior não tinha sido bom para os grãos, então os estoques de grãos antigos eram menores do que o normal.

Numa manhã no início do outono, Ragnfrid saiu com suas três filhas para cuidar de alguns linhos que ela havia estendido para branquear. Kristin elogiou a habilidade de tecelagem de sua mãe. Então, Ragnfrid começou a acariciar o cabelo de Ramborg.

— Isto é para o seu baú de casamento, pequena. — Mãe — disse Ulvhild —, eu também terei um baú, se eu for para um convento?

— Você sabe que você não terá um dote menor do que suas irmãs — disse Ragnfrid. — Mas você não precisará das mesmas coisas. E você

sabe que pode ficar com seu pai e comigo pelo tempo que vivermos... se for isso que você quer.

— E quando você for para o convento — disse Kristin, com a voz tremendo —, é possível, Ulvhild, que eu já tenha sido freira há muitos anos.

Ela olhou para sua mãe, mas Ragnfrid ficou em silêncio.

— Se eu pudesse ter me casado — disse Ulvhild —, nunca teria virado as costas para Simon. Ele era gentil, e ele estava tão triste quando se despediu de todos nós.

— Você sabe que seu pai disse que não deveríamos falar sobre isso — disse Ragnfrid.

Mas Kristin disse teimosamente:

— Sim, eu sei que ele estava mais triste em se despedir de todos vocês do que de mim.

Sua mãe disse com raiva:

— Ele não teria tido muito orgulho se tivesse mostrado a você sua tristeza. Você não foi justa com Simon Andressøn, minha filha. E mesmo assim ele nos pediu para não ameaçar você ou amaldiçoar você.

— Não, provavelmente ele achou que já tinha me amaldiçoado o suficiente para que mais ninguém precisasse me dizer como eu era miserável — disse Kristin da mesma maneira que antes. — Mas eu nunca percebi que Simon era especialmente afeiçoado a mim até ele perceber que eu tinha outro homem mais querido do que ele.

— Vá para casa — disse Ragnfrid para as duas mais novas. Ela se sentou em um tronco no chão e puxou Kristin para baixo ao seu lado.

— Você sabe muito bem — ela começou —, que sempre foi considerado mais apropriado e honroso para um homem não falar muito de amor com sua prometida... ou ficar sozinho com ela, ou mostrar muita emoção.

— Eu ficaria surpresa — disse Kristin —, se os jovens apaixonados não se esquecessem de vez em quando, em vez de sempre terem em mente o que os mais velhos consideram apropriado.

— Cuide-se, Kristin — disse sua mãe —, para manter isso em mente.

— Ela ficou em silêncio por um momento. — Acho que é provavelmente verdade que seu pai está com medo de que você tenha jogado seu amor fora por um homem a quem ele não está disposto a dar você.

— O que meu tio disse? — perguntou Kristin depois de um momento.

— Nada, exceto que Erlend de Husaby tem uma linhagem melhor do que reputação — disse sua mãe. — Sim, ele pediu a Aasmund para falar bem dele com Lavrans. Seu pai não ficou satisfeito quando soube disso.

Mas Kristin sentou ali radiante. Erlend tinha falado com seu tio. E aqui ela estava tão miserável porque ele não havia enviado nenhuma palavra.

Então sua mãe falou novamente.

— Agora, Aasmund mencionou algo sobre um boato circulando em Oslo de que este Erlend andava pelas ruas perto do convento e que você tinha saído e conversado com ele perto da cerca.

— É mesmo? — disse Kristin.

— Aasmund nos aconselhou a aceitar esta oferta, veja bem — disse Ragnfrid. — Mas aí Lavrans ficou mais irritado do que eu já o vi antes. Ele disse que um pretendente que tomasse tal caminho para com sua filha o encontraria com a espada na mão. A maneira como lidamos com o povo Dyfrin já era desonrosa o suficiente, mas se Erlend a tivesse atraído para as estradas com ele na escuridão... e enquanto você estava vivendo em um convento, além disso... então Lavrans levaria isso como um sinal seguro de que você seria melhor servida ao perder tal marido.

Kristin cerrou os punhos no colo. A cor vinha e ia em seu rosto. Sua mãe colocou o braço em volta de sua cintura, mas Kristin se soltou e gritou, fora de si de indignação:

— Me deixe, mãe! Ou talvez você queira sentir se eu engordei no abdome.

No momento seguinte, ela estava de pé, segurando a mão na bochecha. Confusa, ela encarava o rosto furioso de sua mãe. Ninguém a tinha batido desde que ela era criança.

— Sente-se — disse Ragnfrid. — Sente-se — ela repetiu para que sua filha obedecesse. A mãe ficou em silêncio por um momento. Quando falou, sua voz estava instável.

— Eu sempre soube, Kristin, que você nunca foi muito afeiçoada a mim. Eu pensei que talvez fosse porque você não achava que eu a amava o suficiente... não da maneira como seu pai a ama. Eu deixei passar. Eu pensava que quando chegasse a hora de você ter filhos, então você perceberia... Quando eu estava te amamentando, sempre que Lavrans se aproximava, você sempre soltava meu seio, estendia a mão para ele e ria tanto que o leite escorria pela sua boca. Lavrans achava engraçado, e Deus sabe que eu não o invejava por isso. Eu também não o invejava por você, pequenina, porque eu não conseguia parar de chorar o tempo todo. Eu me preocupava mais em te perder do que me alegrava em te ter. Mas Deus e a Virgem Maria sabem que eu te amei não menos que Lavrans.

Lágrimas escorriam pelo rosto de Ragnfrid, mas seu rosto estava bastante calmo e sua voz também.

— Deus sabe que nunca resenti ele ou você por causa do afeto que vocês compartilhavam. Eu pensava que não tinha dado muita

felicidade a ele durante os anos que tínhamos vivido juntos, e eu ficava feliz que ele tinha você. E eu também pensava que se meu pai, Ivar, tivesse me tratado dessa maneira... Há muitas coisas, Kristin, que uma mãe deveria ensinar à sua filha para ela ficar atenta. Eu não achei que fosse necessário com você, já que você tem sido companheira de seu pai todos esses anos; você deve saber o que é correto e certo. O que você acabou de mencionar... você acha que eu acreditaria que você causaria tanta tristeza a Lavrans? Só quero dizer que desejo que você encontre um marido que você possa amar. Mas então você deve se comportar de maneira sensata. Não deixe Lavrans ficar com a ideia de que você escolheu um encenqueiro ou alguém que não respeita a paz e a honra das mulheres. Pois ele nunca a daria a um homem assim... nem mesmo se fosse uma questão de protegê-la da vergonha pública. Lavrans preferiria deixar o aço ser o juiz entre ele e o homem que arruinou sua vida. E com isso, sua mãe se levantou e a deixou.

CAPÍTULO 2

NO DIA DE SÃO BARTOLOMEU, vinte e quatro de agosto, o neto do abençoado Rei Haakon foi aclamado no *ting* de Hauga. Entre os homens enviados do norte de Gudbrandsdal estava Lavrans Bjørgulfsøn. Ele havia sido um dos homens do rei desde a juventude, mas em todos esses anos ele raramente passou algum tempo com os vassalos do rei, e nunca tentou usar em seu próprio benefício o bom nome que havia conquistado na campanha contra o Duque Eirik. Ele não estava muito entusiasmado em ir ao *ting* de aclamação, mas não podia evitá-lo. Os funcionários do tribunal de Norddal também receberam a tarefa de tentar comprar grãos no sul e enviá-los por navio para Raumsdal.

As pessoas nas aldeias estavam desanimadas e preocupadas com a chegada do inverno. Os camponeses também achavam um mau sinal que mais uma criança fosse ser rei da Noruega. Os mais velhos lembravam do tempo em que o Rei Magnus morreu e seus filhos eram crianças.

O Sira Eirik disse:

— *Vae terrae, ubi puer rex est.* Em norueguês claro, significa: não há paz à noite para os ratos na fazenda quando o gato é jovem²⁷.

²⁷ Aqui Sira Eirik traduz livremente a expressão em latim para um ditado popular em norueguês. A tradução literal do latim seria “ai da terra onde a criança é rei”. (N.T.)

Ragnfrid Ivarsdatter administrava a fazenda enquanto o marido estava

ausente, e tanto ela quanto Kristin ficavam felizes em ter mentes e mãos ocupadas com cuidados e trabalho. Todos na aldeia estavam se esforçando para reunir musgo nas montanhas e cortar cascas de madeira, porque havia tão pouco feno e quase nenhuma palha, e até as folhas coletadas depois do solstício de verão estavam amarelas e murchas. No Dia da Exaltação da Santa Cruz, quando Sira Eirik carregava o crucifixo pelos campos, havia muitos na procissão que choravam e clamavam a Deus em alta voz para ter misericórdia dos homens e animais.

Uma semana após o Dia da Exaltação da Santa Cruz, Lavrans Bjørgulfsøn voltou do *ting*.

Já era muito tarde, mas Ragnfrid ainda estava na sua sala de tecelagem. Ela tinha tanto trabalho ultimamente que muitas vezes trabalhava até tarde da noite tecendo e costurando. E Ragnfrid sempre se sentia tão feliz naquele prédio. Acreditava-se que era o mais antigo da fazenda; chamavam-no de casa das mulheres, e diziam que estava lá desde os tempos pagãos. Kristin e a criada chamada Astrid estavam com Ragnfrid, fiando lã ao lado da lareira acesa.

Elas estavam lá, sonolentas e em silêncio, por um tempo quando ouviram os cascos de um cavalo; um homem veio galopando rapidamente para o pátio molhado. Astrid foi até a entrada para olhar do lado de fora. Ela voltou imediatamente, seguida por Lavrans Bjørgulfsøn.

Sua esposa e filha viram imediatamente que ele estava bastante bêbado. Ele cambaleou e segurou o poste de saída de fumaça enquanto Ragnfrid tirava sua capa e chapéu encharcados e desprendia seu cinto de espada.

— O que você fez com Halvdan e Kolbein? — perguntou ela apreensiva. — Você os deixou para trás pelo caminho?

— Não, os deixei em Loptsgaard — ele disse, rindo um pouco. — Eu tive um desejo tão forte de vir para casa. Eu não podia descansar antes de fazer isso. Eles foram para a cama lá embaixo, mas eu peguei Guldsvain e corri para casa.

— Vá me arranjar alguma comida, Astrid — ele disse à criada. — Traga aqui para você não ter que andar tanto na chuva. Mas seja rápida; eu não como desde cedo esta manhã.

— Você não comeu nada em Loptsgaard? — perguntou sua esposa surpresa.

Lavrans sentou-se em um banco e balançou para frente e para trás, rindo.

— Havia comida suficiente, mas eu não estava com vontade de comer enquanto estava lá. Bebi com Sigurd por um tempo, mas depois pensei que poderia muito bem voltar para casa imediatamente em vez de

esperar até de manhã.

Astrid trouxe *ale* e comida; ela também trouxe sapatos secos para seu mestre.

Lavrans se atrapalhou enquanto tentava desafivelar suas esporas, mas ele continuava cambaleando para a frente.

— Venha aqui, Kristin — ele disse —, e ajude seu pai. Eu sei que você fará isso com um coração amoroso, sim, um coração amoroso, pelo menos hoje.

Kristin obedeceu e se ajoelhou. Então ele colocou as mãos de cada lado da cabeça dela e inclinou seu rosto para cima.

— Você sabe muito bem, minha filha, que eu quero apenas o que é melhor para você. Eu não causaria tristeza a você a menos que visse que estava poupando você de muitas tristezas mais tarde. Você ainda é tão jovem, Kristin. Você completou dezessete anos este ano, três dias após o Dia de São Halvard. Você tem dezessete anos...

Kristin havia terminado sua tarefa. Um pouco pálida, ela se levantou e se sentou em seu banquinho perto da lareira novamente.

A embriaguez parecia diminuir um pouco enquanto Lavrans comia. Ele respondeu às perguntas de sua esposa e da criada sobre o *ting*. Sim, tinha sido magnífico. Eles compraram grãos, farinha e malte, parte em Oslo e parte em Tunsberg. Eram produtos importados, poderiam ser melhores, mas poderiam ser piores também. Sim, ele tinha encontrado muitos parentes e conhecidos e trouxe saudações de todos. Ele simplesmente sentou lá, as respostas escorrendo dele.

— Conversei com Sir Andres Gudmundsøn — ele disse quando Astrid saiu. — Simon celebrou seu noivado com a jovem viúva em Manvik. O casamento será em Dyfrin no Dia de Santo André. O garoto tomou a decisão sozinho desta vez. Eu tentei evitar Sir Andres em Tunsberg, mas ele me procurou. Ele queria me dizer que estava absolutamente certo de que Simon viu Fru Halfrid pela primeira vez por volta do solstício de verão deste ano. Ele tinha medo que eu pensasse que Simon estava planejando este casamento rico quando ele rompeu conosco. — Lavrans sentou-se por um momento, rindo sem alegria. — Você vê, este homem honrado estava terrivelmente com medo de que pensássemos algo assim do filho dele.

Kristin suspirou aliviada. Ela achou que isso era o que estava deixando seu pai tão chateado. Talvez ele estivesse esperando o tempo todo que ainda acontecesse — o casamento entre Simon Andressøn e ela mesma. No início, ela tinha receio de que ele tivesse perguntado sobre seu comportamento lá em Oslo.

Ela se levantou e disse "boa noite". Então seu pai disse para ela ficar um pouco mais.

— Eu tenho mais algumas notícias — disse Lavrans. — Eu poderia ter escondido de você, Kristin, mas é melhor que você ouça. Aqui está:

aquele homem por quem você está apaixonada, você deve tentar esquecer.

Kristin estava em pé com os braços ao lado do corpo e a cabeça baixa. Agora ela ergueu a cabeça e olhou nos olhos de seu pai. Seus lábios se moveram, mas ela não conseguiu pronunciar uma única palavra audível.

Lavrans virou o rosto do olhar de sua filha; ele estendeu a mão.

— Você sabe que eu não seria contra isso se acreditasse sinceramente que seria para o seu bem — disse ele.

— Que notícias você ouviu nesta viagem, pai? — perguntou Kristin, com a voz firme.

— Erlend Nikulaussøn e seu parente Sir Munan Baardsøn vieram falar comigo em Tunsberg — respondeu Lavrans. — Sir Munan me pediu sua mão em nome de Erlend, e eu disse não.

Kristin ficou em silêncio por um momento, respirando pesadamente.

— Por que você não me dará a Erlend Nikulaussøn? — ela perguntou.

— Eu não sei o quanto você sabe sobre esse homem que você quer para seu marido — disse Lavrans. — Se você não souber a razão você mesma, não será agradável ouvir isso de minha boca.

— É porque ele foi excomungado e banido? — perguntou Kristin no mesmo tom de antes.

— Você sabe o que fez o Rei Haakon expulsar seu parente próximo de sua corte? E você sabe que ele foi banido pela Igreja no final porque desafiou o decreto do arcebispo? E que ele não deixou o país sozinho?

— Sim — disse Kristin. Sua voz ficou incerta. — Eu sei também que ele tinha dezoito anos quando a conheceu... sua amante.

— Assim que eu era quando me casei — disse Lavrans. — Quando eu era jovem, calculávamos que, a partir do décimo oitavo aniversário de um homem, ele poderia responder por si mesmo e ser responsável pelo próprio bem-estar e o de outros.

Kristin ficou em silêncio.

— Você a chamou de amante, essa mulher com quem ele viveu por dez anos e que lhe deu filhos — disse Lavrans depois de um momento.

— Eu lamentaria o dia em que enviasse minha filha com um marido que viveu abertamente com uma amante por anos a fio antes de se casar. Mas você sabe que foi mais do que simplesmente viver em pecado.

— Você não foi tão severo ao julgar Fru Aashild e Herr Bjørn — disse Kristin calmamente.

— Mesmo assim, eu não posso dizer que me juntaria voluntariamente às famílias deles — respondeu Lavrans.

— Pai — disse Kristin —, você e a mãe levaram uma vida tão sem pecado em toda ela para que se atrevam a julgar Erlend tão severamente?

— Deus sabe — respondeu Lavrans, severamente —, que não julgo nenhum homem ser um maior pecador do que eu mesmo. Mas não se pode esperar que eu dê a minha filha a qualquer homem que deseje pedi-la, apenas porque todos nós precisamos da misericórdia de Deus. — Você sabe que não é isso que quis dizer — disse Kristin com raiva. — Pai, Mãe, vocês foram jovens uma vez. Não se lembram de que não é fácil se proteger do pecado que o amor provoca?

Lavrans ficou vermelho.

— Não — ele disse bruscamente.

— Então você não sabe o que está fazendo — gritou Kristin em desespero —, se separar Erlend Nikulaussøn e eu!

Lavrans sentou-se no banco novamente.

— Você tem apenas dezessete anos, Kristin — continuou ele. — Pode ser que os dois se gostem mais do que eu pensava. Mas ele não é tão jovem a ponto de não ter percebido... Se ele fosse um homem bom, então não teria se aproximado de uma criança tão jovem e imatura como você com palavras de amor. Parece que ele considerou trivial que você estivesse prometida a outra pessoa... Mas eu não prometerei minha filha a um homem que tem dois filhos com a verdadeira esposa de outro homem. Você não percebe que ele tem filhos? Você é muito jovem para entender que tal injustiça gera intermináveis brigas e discórdias entre parentes. O homem não pode abandonar sua própria prole; nem pode reivindicá-los. Será difícil para ele encontrar uma maneira de apresentar seu filho à sociedade, ou casar sua filha com qualquer outra pessoa que não seja um servo ou um pequeno proprietário. E seus filhos não seriam de carne e osso se não o desprezassem a você e a seus filhos... Você não vê, Kristin? Pecados como este... Deus pode perdoar mais prontamente do que muitos outros, mas danificam uma linhagem de tal forma que nunca pode ser redimida. Eu estava pensando em Bjørn e Aashild. Lá estava aquele Munan, seu filho. Ele estava “pintado” de ouro e está no conselho do Rei. Ele e seus irmãos controlam a herança de sua mãe, e ainda assim ele não visitou Aashild em sua pobreza todos esses anos. Sim, este foi o homem que seu amigo escolheu como porta-voz... Não, eu digo, não! Você nunca fará parte dessa família enquanto eu estiver vivo. Kristin cobriu o rosto com as mãos e desatou a chorar.

— Então eu vou rezar a Deus noite e dia, noite e dia, para me levar daqui se você não mudar de ideia!

— É inútil discutir isso mais esta noite — disse seu pai, magoado. — Você pode não acreditar, mas devo cuidar de você de tal maneira que possa responder pelas consequências. Vá dormir agora, criança. Ele estendeu a mão para ela, mas ela se recusou a reconhecê-lo e saiu soluçando do quarto.

Os pais ficaram por um momento em silêncio. Então Lavrans disse à

sua esposa:

— Você se importaria de trazer um pouco de *ale* para cá? Não, traga um pouco de vinho. Estou cansado.

Ragnfrid fez como ele pediu. Quando ela retornou com o cálice alto, seu marido estava sentado com o rosto nas mãos. Ele olhou para cima e depois acariciou as mãos sobre o véu que cobria a cabeça dela e ao longo de seus braços.

— Coitadinha, agora você se molhou. Faça um brinde por mim, Ragnfrid.

Ela levou o cálice aos lábios.

— Não, beba *comigo* — disse Lavrans veementemente, puxando sua esposa para o colo dele. Relutantemente, ela cedeu a ele.

Lavrans disse:

— Você vai ficar do meu lado nesse assunto, não vai, minha esposa? Será melhor para Kristin se ela perceber desde o início que deve tirar esse homem de sua mente.

— Será difícil para a criança — disse Ragnfrid.

— Sim, eu sei disso — respondeu Lavrans.

Eles ficaram em silêncio por um tempo, e então Ragnfrid perguntou:

— Como ele é, esse Erlend de Husaby?

— Oh — disse Lavrans, hesitando —, ele é um sujeito bonito... de certa forma. Mas não parece ser bom para nada além de seduzir mulheres.

Ficaram em silêncio novamente por um tempo, e então Lavrans continuou:

— Ele lidou com a grande herança que recebeu de Sir Nikulaus de tal forma que está muito reduzida. Eu não lutei e me esforcei para proteger meus filhos para ter um genro assim.

Ragnfrid percorreu o chão nervosamente.

Lavrans continuou:

— Eu fiquei muito descontente pelo fato de ele ter tentado subornar Kolbein com prata... ele deveria levar uma carta secreta de Erlend para Kristin.

— Você olhou a carta? — perguntou Ragnfrid.

— Não, eu não quis — disse Lavrans irritado. — Devolvi-a a Sir Munan e disse o que pensava desse comportamento. Ele também havia colocado seu selo nela; não sei o que fazer com tais brincadeiras infantis. Sir Munan me mostrou o selo... disse que era o selo privado do Rei Skule que Erlend herdara de seu pai. Ele achava que eu deveria perceber que era uma grande honra que eles pedissem por minha filha. Mas eu não acho que Sir Munan teria apresentado este assunto em nome de Erlend com tanto calor se não tivesse percebido que, com este homem, o poder e a honra da linhagem de Husaby... conquistados nos dias de Sir Nikulaus e Sir Baard... agora estão em

declínio. Erlend não pode mais esperar fazer o tipo de casamento que era seu direito de nascimento.

Ragnfrid parou na frente de seu marido.

— Eu não sei se você está certo sobre este assunto ou não, meu marido. Primeiro, devo mencionar que, nestes tempos, muitos homens nas grandes propriedades tiveram que se contentar com menos poder e honra do que seus pais antes deles. Você sabe muito bem que não é tão fácil para um homem obter riqueza, seja da terra ou por meio do comércio, como era antes.

— Eu sei, eu sei — interrompeu seu marido impaciente. — Mais uma razão para lidar com cautela com o que *foi* herdado.

Mas sua esposa continuou.

— Há também isso: Não me parece que Kristin seria uma pretendente desigual para Erlend. Na Suécia, sua linhagem está entre as melhores; seu avô e seu pai tinham o título de cavaleiro neste país. Meus ancestrais distantes eram barões, filho após pai por muitas centenas de anos até Ivar, o Velho; meu pai e meu avô foram xerifes do condado. É verdade que nem você, nem Trond adquiriram título ou terra da Coroa. Mas acho que poderia ser dito que as coisas não são diferentes para Erlend Nikulaussøn do que para vocês dois.

— Não é a mesma coisa — disse Lavrans veementemente. — Poder e título de cavaleiro estavam ao alcance de Erlend, e ele os abandonou por causa de suas devassidões. Mas vejo agora que você está contra mim também. Talvez você pense, como Aasmund e Trond, que é uma honra para mim que esses nobres queiram minha filha como uma parenta deles.

— Eu disse — disse Ragnfrid um tanto acalorada —, que não acho que você precisa ficar tão ofendido e com medo de que os parentes de Erlend pensem que estão se rebaixando neste assunto. Mas você não percebe uma coisa acima de tudo? Essa criança gentil e obediente teve a coragem de enfrentar-nos e rejeitar Simon Darre. Você não percebeu que Kristin não tem sido ela mesma desde que voltou de Oslo? Você não vê que ela está andando como se tivesse acabado de sair do feitiço da montanha? Você não percebe que ela ama tanto esse homem que, se você não ceder, uma grande desgraça pode nos acontecer?

— O que você quer dizer com isso? — perguntou Lavrans, olhando para cima rapidamente.

— Muitos homens cumprimentam seus genros e não sabem disso — disse Ragnfrid.

Seu marido parecia endurecer; ele ficou lentamente branco no rosto.

— E você é a mãe dela! — ele disse roucamente. — Você... você viu... sinais tão certos... que ousa acusar sua própria filha disso?

— Não, não — disse Ragnfrid rapidamente. — Eu não quis dizer o que você pensa. Mas ninguém pode saber o que pode ter acontecido ou

está prestes a acontecer. O único pensamento dela é que ela ama esse homem. Isso eu vi. Ela pode nos mostrar um dia que o ama mais do que a própria honra dela... ou a própria vida!

Lavrans pulou.

— Você perdeu o juízo? Como pode pensar essas coisas da nossa boa e bela filha? Não deve ter acontecido nada demais com ela lá, com as freiras. Eu sei que ela não é uma camponesa que entrega sua virtude atrás de uma cerca. Você deve perceber que ela não pode ter visto esse homem ou falado com ele mais do que algumas vezes. Ela vai superar isso. Provavelmente é apenas o capricho de uma jovem donzela. Deus sabe que isso me dói profundamente ver ela sofrendo assim, mas você sabe que isso *precisa* passar com o tempo! “Vida”, você diz, e “honra”. Aqui em casa, na minha própria fazenda, eu certamente posso proteger minha própria filha. E eu não acredito que uma donzela de boa família, com uma criação honrosa e cristã, se desfaça tão facilmente de sua honra, ou de sua vida. Não, isso é o tipo de coisa sobre a qual as pessoas escrevem cantigas. Acho que quando um homem ou uma donzela é tentado a fazer algo assim, eles compõem uma cantiga sobre isso, o que os ajuda, mas eles se absterem de realmente fazê-lo... Até você — ele disse, parando diante de sua esposa. — Houve outro homem que você teria preferido, na época em que nos casamos. Em que situação você acha que teria ficado se seu pai tivesse permitido que você decidisse por si mesma?

Agora era a vez de Ragnfrid empalidecer como a morte.

— Jesus e Maria! Quem lhe disse...

— Sigurd de Loptsgaard disse algo sobre isso, logo depois que nos mudamos para o vale — disse Lavrans. — Mas me responda à minha pergunta. Você acha que teria sido mais feliz se Ivar tivesse lhe dado para aquele homem?

Sua esposa ficou com a cabeça baixa.

— Aquele homem — ela disse quase inaudível —, não *me* quis. — Um tremor parecia percorrer seu corpo; ela golpeou o ar com um punho cerrado.

Então seu marido colocou gentilmente as mãos em seus ombros.

— É *isso*? — ele disse, surpreso, e uma profunda e triste perplexidade encheu sua voz. — É *isso*? Por todos esses anos... você tem guardado tristeza por *ele*, Ragnfrid?

Ela estava tremendo, mas não respondeu.

— Ragnfrid? — ele disse no mesmo tom de voz. — Mas depois que Bjørgulf morreu... e quando você... quando você queria que eu fosse para você... de uma maneira que eu não podia... Você estava pensando no outro homem então? — ele sussurrou, assustado, confuso e atormentado.

— Como você pode pensar em coisas assim? — ela sussurrou, à beira

das lágrimas.

Lavrans inclinou a testa contra a de sua esposa e virou a cabeça suavemente de um lado para o outro.

— Eu não sei. Você está tão estranha, tudo o que você disse esta noite... Eu estava com medo, Ragnfrid. Eu não entendo muito bem as mulheres.

Ragnfrid sorriu fracamente e colocou os braços ao redor do pescoço dele.

— Deus sabe, Lavrans... Eu implorei a você porque eu o amava mais do que é bom para uma alma humana. E eu odiei tanto o outro homem que eu sabia que isso fazia o Diabo feliz.

— Eu te amei, querida esposa, com todo o meu coração — disse Lavrans ternamente, beijando-a. — Você sabe disso? Eu pensei que éramos tão felizes juntos... não éramos, Ragnfrid?

— Você é o melhor marido — ela disse com um pequeno soluço, pressionando-se contra ele.

Ardentemente ele a abraçou.

— Esta noite eu quero dormir com você, Ragnfrid. E se você fosse comigo como era nos velhos tempos, eu não seria... tão tolo.

Sua esposa endureceu nos braços dele e se afastou um pouco.

— É tempo de jejum — ela disse em voz baixa, sua voz estranhamente dura.

— Então é. — Seu marido riu. — Você e eu, Ragnfrid, observamos todos os dias de jejum e tentamos viver de acordo com os mandamentos de Deus em todas as coisas. E agora parece para mim... que poderíamos ter sido mais felizes se tivéssemos mais arrependimentos.

— Não fale assim — implorou sua esposa desesperada, segurando suas têmporas em suas mãos magras. — Você sabe que eu não quero que você faça nada, exceto o que você acha certo.

Ele a puxou para si mais uma vez. Ele suspirou alto ao dizer:

— Deus a ajude. Deus nos ajude a todos, minha Ragnfrid. Estou cansado — disse ele, soltando-a. — Você também deveria ir para a cama agora, não deveria?

Ele ficou parado na porta, esperando enquanto ela apagava o fogo na lareira, apagava a pequena lâmpada de ferro junto ao tear e apertava o pavio. Juntos, caminharam pela chuva até a casa principal.

Lavrans já tinha o pé na escada do sótão quando se virou para trás para sua esposa, que ainda estava parada na porta da entrada. Ele a puxou fervorosamente para ele mais uma vez e a beijou na escuridão. Então ele fez o sinal da cruz sobre o rosto de sua esposa e subiu as escadas.

Ragnfrid jogou suas roupas para longe e se enroscou na cama. Ela permaneceu quieta por um tempo, ouvindo os passos de seu marido lá

em cima no sótão; então a cama rangeu lá em cima e o silêncio caiu. Ragnfrid cruzou os braços finos sobre os seios murchos. Sim, Deus a ajude. Que tipo de mulher ela era? Que tipo de mãe era ela? Logo ela estaria velha. E ainda assim ela era a mesma. Ela não implorava mais da maneira como fazia quando eram jovens, quando ameaçava e se enfurecia contra esse homem que se fechava, tímido e modesto, quando ela se tornava ardente... que ficava frio quando ela queria dar a ele mais do que o direito de marido. Era assim que as coisas eram, e assim ela tinha ficado grávida, vez após vez... humilhada, furiosa de vergonha porque não podia se contentar com o amor morno de homem casado dele. Então, quando ela estava grávida e precisava de bondade e ternura, ele tinha tanto para dar. Sempre que ela estava doente ou atormentada, a incansável e gentil preocupação de seu marido por ela caía como orvalho em sua alma ardente. Ele assumia de bom grado todas as suas dificuldades e as suportava, mas havia algo próprio que ele se recusava a compartilhar. Ela tinha amado tanto seus filhos que parecia que seu coração era arrancado dela cada vez que perdia um deles. Deus, Deus, que tipo de mulher ela era, que no meio de seu sofrimento era capaz de saborear aquela gota de doçura quando ele assumia sua tristeza e a colocava perto da dele? Kristin. Ela teria caminhado através do fogo por sua filha; eles não acreditariam, nem Lavrans, nem a criança, mas era verdade. E ainda assim ela sentia uma raiva em relação a ela que beirava o ódio agora. Era para esquecer a própria tristeza dele pela tristeza da criança que Lavrans tinha desejado esta noite que pudesse ter cedido à sua esposa. Ragnfrid não ousava se levantar, pois não sabia se Kristin poderia estar acordada na outra cama. Mas ela se ajoelhou silenciosamente, e com a testa apoiada no pé da cama, tentou orar — por sua filha, por seu marido e por si mesma. À medida que seu corpo gradualmente ficava rígido com o frio, ela iniciou mais uma vez uma de suas conhecidas jornadas noturnas, tentando abrir caminho para um lar tranquilo para seu coração.

CAPÍTULO 3

HAUGEN SE ENCONTRAVA NO ALTO da encosta no lado oeste do vale. Nesta noite iluminada pela lua, o mundo inteiro estava branco. Ondas e mais ondas de montanhas brancas se arqueavam sob o céu azulado, quase sem estrelas. Até mesmo as sombras projetadas sobre as superfícies nevadas pelas cristas e cumes arredondados pareciam estranhamente leves e etéreas, pois a lua estava muito alta.

Descendo em direção ao vale, a floresta, carregada de neve e geada, cercava as encostas brancas ao redor das fazendas com padrões

intricados de cercas e edifícios. Mas no fundo do vale, as sombras se espessavam na escuridão.

Fru Aashild saiu do estábulo, fechou a porta atrás dela e pausou por um momento na neve. O mundo inteiro estava branco, e ainda faltavam mais de três semanas para o início do Advento. O frio do Dia de São Clemente anunciaria a verdadeira chegada do inverno. Bem, tudo fazia parte de um ano de colheita ruim.

A velha suspirou pesadamente, permanecendo ao ar livre na desolação. Inverno novamente, frio e solidão. Em seguida, ela pegou o balde de leite e a lanterna e caminhou em direção à casa, olhando ao redor mais uma vez.

Quatro pontos negros surgiram da floresta a meio caminho da encosta. Quatro homens a cavalo. Houve o brilho de uma ponta de lança à luz da lua. Eles estavam se movendo com dificuldade. Ninguém tinha vindo aqui desde a nevasca. Estavam se dirigindo para cá?

Quatro homens armados. Era improvável que alguém com uma razão legítima para visitá-la viajasse com tal companhia. Ela pensou no baú contendo os objetos de valor de Bjørn e dela. Deveria se esconder no anexo?

Ela olhou pela paisagem invernal e a natureza selvagem ao seu redor. Então ela entrou na casa. Os dois cachorros velhos que estavam deitados em frente à lareira bateram os rabos no assoalho. Bjørn tinha levado os cachorros mais jovens com ele para as montanhas.

Ela soprou as brasas na lareira e colocou mais lenha. Encheu a panela de ferro com neve e pendurou-a sobre o fogo. Coou um pouco de leite para um barril de madeira e o levou até a despensa perto da entrada.

Aashild tirou seu vestido sujo e não tingido que cheirava a suor e ao estábulo, e colocou um azul escuro. Trocou o lenço de musselina áspera por um véu de linho branco que ela enrolou em torno da cabeça e garganta. Tirou as botas de couro felpudo e calçou sapatos com fivelas de prata.

Então ela começou a arrumar o quarto. Alisou os travesseiros e peles na cama onde Bjørn tinha estado dormindo durante o dia, limpou a mesa comprida e arrumou as almofadas nos bancos.

Fru Aashild estava de pé na frente da lareira, mexendo a sopa da noite, quando os cachorros deram o aviso. Ela ouviu os cavalos no pátio, os homens entrando na varanda e uma lança batendo na porta.

Aashild levantou a panela do fogo, ajeitou seu vestido e, com os cachorros ao seu lado, avançou e abriu a porta.

No pátio iluminado pela lua, três jovens seguravam quatro cavalos cobertos de geadas. O homem parado na varanda gritou alegremente:

— Tia Aashild, é você mesma abrindo a porta?

Então devo dizer “ *Ben trouvé!*²⁸”.

— Sobrinho, é você? Então devo dizer o mesmo!

Entre enquanto eu mostro a seus homens o estábulo. — Você está sozinha na fazenda? — perguntou

Erlend. Ele seguiu enquanto ela mostrava o caminho para os homens.

— Sim, Herr Bjørn e seu homem saíram com o trenó. Eles foram ver sobre trazer alguns mantimentos que temos armazenados na montanha — disse Fru Aashild. — E eu não tenho uma criada — acrescentou, rindo.

Pouco depois, os quatro jovens estavam sentados no banco externo com as costas apoiadas na mesa, observando a velha mulher ocupada silenciosamente e preparando comida para eles. Ela estendeu um pano na mesa e colocou uma única vela acesa; trouxe manteiga, queijo, uma coxa de urso e uma pilha alta de finas e delicadas fatias de pão. Trouxe *ale* e hidromel da adega sob o quarto e, em seguida, serviu a sopa em um belo

prato de madeira e os convidou a sentar e começar. — Não é muito para vocês, jovens — disse ela

com uma risada. — Vou ter que cozinhar outra panela de mingau. Amanhã vocês terão uma comida melhor, mas

eu fecho a cozinha no inverno, exceto quando estou assando ou preparando cerveja. Somos poucos aqui na fazenda, e estou começando a ficar velha, meu parente. Erlend riu e balançou a cabeça. Ele notou que

seus homens mostravam mais cortesia e respeito à velha mulher do que ele já os tinha visto mostrar antes. — Você é uma mulher estranha, tia. Mamãe tinha

dez anos a menos que você, mas da última vez que visitamos, ela parecia mais velha do que você está hoje. — Sim, a juventude fugiu rapidamente de

Magnhild — disse Fru Aashild suavemente. — De onde você está vindo agora? — ela perguntou depois de um tempo.

— Eu tenho passado um tempo em uma fazenda

ao norte em Lesja — disse Erlend. — Eu aluguei um quarto lá. Não sei se você consegue adivinhar por que eu vim para essas bandas.

— Você quer dizer se eu sei que você pediu a mão da filha de Lavrans Bjørgulfsøn aqui no sul, em Jørundgaard? — perguntou Fru Aashild.

— Sim — disse Erlend. — Eu pedi por ela de maneira apropriada e honrada, e Lavrans Bjørgulfsøn teimosamente disse não. Como Kristin e eu nos recusamos a deixar algo nos separar, não vejo outro caminho senão levá-la à força. Eu tenho... eu tive um batedor aqui na vila, e sei que a mãe dela deve estar em Sundbu até algum tempo após o Dia de São Clemente, e que Lavrans está no promontório com os outros homens para trazer os mantimentos de inverno para Sil. Fru Aashild ficou em silêncio por um momento. — É melhor você desistir dessa ideia, Erlend —

ela disse. — Não acho que a donzela o seguiria voluntariamente, e você não usaria a força, usaria? — Oh, sim, ela vai. Falamos sobre isso muitas vezes. Ela me pediu muitas vezes para levá-la embora. — Kristin...! — disse Fru Aashild. Então ela riu.

— Isso não é motivo para você contar com a donzela indo com você quando você aparecer para levá-la à palavra dela.

— Oh, sim, é — disse Erlend. — E agora eu estava pensando, tia, que você deveria enviar um convite para Jørundgaard para Kristin vir visitá-la, por uma semana ou algo assim, enquanto seus pais estão fora. Então poderíamos chegar a Hamar antes que alguém perceba que ela se foi — explicou ele.

Fru Aashild respondeu, ainda rindo um pouco: — Você também pensou sobre o que deveríamos dizer... Herr Bjørn e eu... quando Lavrans vier nos chamar para prestar contas por sua filha?

— Sim — disse Erlend. — Éramos quatro homens armados, e a donzela estava disposta.

— Eu não vou te ajudar com isso — disse sua tia severamente. — Lavrans tem sido um amigo fiel para nós por muitos anos. Ele e sua esposa são pessoas honradas, e não participarei em traí-los ou envergonhá-la. Deixe a donzela em paz, Erlend. Já passou da hora de seus parentes ouvirem outras proezas suas que não fosse você entrando e saindo do país com

mulheres roubadas.

— Precisamos conversar sozinhos, tia — disse Erlend abruptamente.

Fru Aashild pegou uma vela, foi para a despensa e fechou a porta atrás deles. Sentou-se em um barril de farinha; Erlend ficou com as mãos enfiadas no cinto olhando para baixo para ela.

— Também pode dizer a Lavrans Bjørgulfson que Sira Jon em Gerdarud nos casou antes de continuarmos a ficar com a Duquesa Ingebørg Haakonsdatter na Suécia.

— Entendi — disse Fru Aashild. — Você sabe se a duquesa vai recebê-lo quando você chegar lá? — Falei com ela em Tunsberg — disse Erlend.

— Ela me saudou como seu querido parente e agradeceu por oferecer meus serviços a ela, seja aqui ou na Suécia.

E Munan prometeu me dar cartas para ela.

— Então você sabe — disse Fru Aashild —, que mesmo que você consiga encontrar um padre para casá-los, Kristin renunciará a todos os direitos sobre propriedade e herança de seu pai. E seus filhos não serão herdeiros legítimos. É incerto se ela será considerada sua esposa.

— Talvez não aqui neste país. É por isso também que quero ir para a Suécia. Seu antepassado, Laurentius Lagmand, nunca foi casado com a donzela Bengta de outra forma; nunca receberam a bênção de seu irmão. E ainda assim ela era considerada sua esposa.

— Não houve filhos — disse Fru Aashild. —

Você acha que meus filhos ficariam de mãos limpas em relação à herança de vocês se Kristin ficasse viúva com filhos e houvesse qualquer dúvida de que nasceram legítimos?

— Você faz uma injustiça a Munan — respondeu Erlend. — Sei pouco sobre seus outros filhos. Sei que você não tem motivo para ser gentil com eles. Mas Munan sempre foi meu leal parente. Ele gostaria de me ver casado; ele falou com Lavrans em meu nome. Caso contrário, pela lei, posso pleitear a herança e o bom nome de quaisquer filhos que possamos ter.

— Com isso, você marcará a mãe deles como sua amante — disse Fru Aashild. — Mas não acho que o submisso padre, Jon Helgesøn, ousaria arriscar problemas com seu bispo para casar vocês contra a lei. — Confessei a

ele neste verão — disse Erlend, com a voz abafada. — Ele prometeu então nos casar se todos os outros meios estivessem esgotados.

— Entendi — respondeu Fru Aashild. — Então você assumiu um grave pecado, Erlend. Kristin estava feliz em casa com seu pai e mãe. Um bom casamento com um homem bonito e honrado de boa família foi arranjado para ela.

— Kristin me disse pessoalmente — disse Erlend —, que você disse que ela e eu poderíamos nos dar bem. E que Simon Andressøn não era um marido adequado para ela.

— Ah, não ligue para o que eu disse ou não disse — disse sua tia. — Eu disse tantas coisas em minha vida. Não acho que você poderia ter tido seu caminho com Kristin tão facilmente. Vocês não devem ter se encontrado muito. E eu não pensaria que ela fosse fácil de conquistar, aquela donzela.

— Nos encontramos em Oslo — disse Erlend. — Depois, ela estava hospedada com o tio em Gerdarud. Ela veio para a floresta me encontrar. — Ele olhou para baixo e disse bem baixinho: — Eu a tive sozinha para mim lá fora.

Fru Aashild pulou. Erlend abaixou ainda mais a cabeça.

— E depois disso... ela ficou amigada a você? — perguntou sua tia, incrédula.

— Sim. — O sorriso de Erlend era pálido e trêmulo. — Ficamos amigos depois disso. E ela não resistiu muito fortemente; mas ela está sem culpa. Foi quando ela quis que eu a levasse embora; ela não queria voltar para seus parentes.

— Mas você recusou?

— Sim, eu quis tentar conquistá-la como minha esposa com o consentimento de seu pai.

— Isso foi há muito tempo? — perguntou Fru Aashild.

— Foi há um ano, no Dia de São Lavrans — respondeu Erlend.

— Você não teve muita pressa em pedir a mão dela — disse sua tia.

— Ela não estava livre de seu compromisso anterior — disse Erlend.

— E desde então você não chegou muito perto

dela? — perguntou Aashild.

— Fizemos acordos para que pudéssemos nos encontrar várias vezes. — Mais uma vez, aquele sorriso trêmulo passou por seu rosto. — Em um lugar na cidade. — Pelo amor de Deus — disse Fru Aashild. —

Vou ajudar vocês dois o máximo que puder. Vejo que será muito doloroso para Kristin ficar aqui com seus pais com algo assim na consciência dela. Não há mais nada, não é? — ela perguntou.

— Não que eu saiba — respondeu Erlend secamente.

Depois de uma pausa, Fru Aashild perguntou: — Você já pensou que Kristin tem amigos e parentes por todo este vale?

— Devemos viajar em segredo da melhor maneira possível — disse Erlend. — É por isso que é importante, para nós, sair rapidamente, para que possamos colocar alguma distância para trás antes que seu pai volte para casa. Você tem que nos emprestar seu trenó, tia.

Aashild deu de ombros.

— Então há o tio dela em Skog. E se ele ouvir que você está celebrando um casamento com a filha de seu irmão em Gerdarud?

— Aasmund falou com Lavrans em meu nome

— disse Erlend. — Ele não pode ser cúmplice, é verdade, mas provavelmente vai fazer vista grossa.

Iremos ao padre à noite e continuaremos a viajar à noite.

Imagino que Aasmund provavelmente dirá a Lavrans depois que é impróprio para um homem temente a Deus nos separar depois de sermos casados por um padre. Pelo contrário, ele deveria nos abençoar para que sejamos legalmente casados. Você deve dizer a Lavrans a mesma coisa. Ele pode estabelecer suas próprias condições para uma reconciliação conosco e exigir as penalidades que considerar razoáveis.

— Não acho que Lavrans Bjørgulfsøn será fácil de aconselhar nesse assunto — disse Fru Aashild. —

Deus e Santo Olavo sabem que eu não gosto desse negócio, sobrinho. Mas percebo que esta é sua última alternativa se você quiser reparar o mal que fez a Kristin. Amanhã eu irei até Jørundgaard pessoalmente, se você me emprestar um de seus homens, e posso levar Ingrid para o norte para cuidar do meu gado.

28A expressão “Ben trouvé” é uma expressão francesa que se traduz literalmente como “bem encontrado”. (N.T.)

Fru Aashild chegou a Jørundgaard na noite seguinte, assim que a luz da lua se desprendia do último brilho do dia. Ela viu como Kristin tinha se tornado pálida e com bochechas ocas quando a garota saiu para o pátio para receber sua visita.

Fru Aashild sentou-se ao lado da lareira e brincou com as duas irmãs mais novas. Secretamente, observou Kristin com olhos perscrutadores enquanto a moça preparava a mesa. Ela estava magra e silenciosa. Sempre fora quieta, mas agora era um tipo diferente de silêncio que a envolvia. Fru Aashild podia imaginar toda a tensão e obstinação que estavam por trás disso.

— Você provavelmente ouviu — disse Kristin, aproximando-se dela —, sobre o que aconteceu aqui neste outono?

— Sim, que o filho de minha irmã pediu sua mão?

— Você se lembra — disse Kristin —, que você uma vez disse que ele e eu poderíamos combinar bem? Exceto que ele era muito rico e de uma família boa demais para mim?

— Ouço dizer que Lavrans mudou de opinião — disse Aashild secamente.

Havia um brilho nos olhos de Kristin, e ela sorriu um pouco. “Ela vai, definitivamente”, pensou Fru Aashild. Por mais que não gostasse, ela ajudaria Erlend e daria a ele a ajuda que ele havia pedido.

Kristin fez a cama dos pais para a hóspede, e Fru Aashild pediu à jovem que dormisse com ela. Depois que se deitaram e o quarto principal ficou silencioso, Fru Aashild explicou sua missão.

Seu coração ficou estranhamente pesado quando viu que essa criança parecia não dar um pensamento para a tristeza que causaria aos pais. “No entanto, vivi em tristeza e tormento com Baard por mais de vinte anos”, pensou Aashild. “Mas provavelmente é assim para todos nós”. Kristin nem parecia ter notado como a saúde de Ulvhild havia declinado naquele outono. Aashild achava improvável que Kristin visse sua irmãzinha viva novamente. Mas ela não disse nada disso. Quanto mais tempo Kristin pudesse se agarrar a essa alegria selvagem e manter sua coragem, melhor seria para ela.

Kristin levantou-se e, na escuridão, recolheu suas joias em uma pequena caixa, que trouxe até a cama.

Então Fru Aashild disse a ela:

— Ainda me parece, Kristin, uma ideia melhor para Erlend vir até aqui quando seu pai voltar, admitir abertamente que ele fez a você um grande mal e colocar o caso nas mãos de Lavrans.

— Então eu acho que o Pai mataria Erlend — disse Kristin.

— Lavrans não faria isso se Erlend se recusasse a sacar a espada contra seu sogro — respondeu Aashild.

— Eu não quero que Erlend seja humilhado assim — disse Kristin. — E eu não quero que o Pai saiba que Erlend me tocou antes de pedir minha mão com honra e respeito.

— Você acha que Lavrans ficará menos furioso quando souber que você fugiu da fazenda com ele? — perguntou Aashild. — E você acha que será mais fácil para ele suportar? De acordo com a lei, você será nada mais que a amante de Erlend enquanto viver com ele sem o consentimento de seu pai.

— Isto é diferente — disse Kristin —, já que ele tentou me conquistar como sua esposa, mas não conseguiu. Não serei considerada sua amante.

Fru Aashild ficou em silêncio. Ela pensou em ter que encontrar Lavrans Bjørgulfsøn quando ele voltasse para casa e descobrisse que sua filha havia fugido.

Então Kristin disse:

— Vejo que você me considera uma má filha, Fru Aashild. Mas desde que o Pai voltou do *ting*, todos os dias aqui em casa têm sido tortura tanto para ele quanto para mim. É melhor para todos se este assunto for finalmente resolvido.

Partiram de Jørundgaard cedo no dia seguinte e chegaram a Haugen um pouco depois da hora das orações do meio-dia. Erlend os encontrou no pátio, e Kristin se lançou em seus braços sem se importar com o criado de Erlend, que acompanhava Fru Aashild e ela. Dentro da casa, ela cumprimentou Bjørn Gunnarsøn e depois os outros dois homens de Erlend como se os conhecesse bem. Fru Aashild não viu nenhum sinal de timidez ou medo. E mais tarde, quando estavam sentados à mesa e Erlend apresentou seu plano, Kristin se juntou a eles e sugeriu qual estrada deveriam seguir. Ela disse que deveriam partir de Haugen na noite seguinte, tão tarde que chegariam ao desfiladeiro quando a lua se pusesse, depois viajariam na escuridão por Sil até passarem por Loptsgaard. De lá, deveriam seguir ao longo do rio Otta até a ponte e, em seguida, pelo lado oeste do Otta e Laag por estradas secundárias até onde os cavalos conseguissem levá-los. Eles descansariam durante o dia em uma das cabanas de primavera nas encostas, disse ela, “porque até onde chega a lei do *ting* de Holledis, podemos encontrar pessoas que me conhecem”.

— Você pensou na comida para os cavalos? — perguntou Fru Aashild.
— Você não pode pegar comida nas cabanas de primavera das pessoas em um ano como este... se houver alguma... e você sabe que ninguém tem para vender aqui no vale este ano.

— Pensei nisso — disse Kristin. — Você deve nos emprestar comida e provisões para três dias. Essa é também a razão pela qual não devemos viajar em um grupo grande. Erlend terá que enviar Jon de volta a Husaby. Em Trøndelag, foi um ano melhor e deveria ser possível obter alguns suprimentos sobre a montanha antes do Natal. Há algumas pessoas pobres ao sul da vila a quem eu gostaria que você desse esmolas, de Erlend e de mim, Fru Aashild.

Bjørn soltou uma risada estranhamente sem graça. Fru Aashild balançou a cabeça.

Mas o criado Ulv levantou o rosto afiado e moreno e olhou para Kristin com um sorriso especialmente astuto.

— Nunca sobra nada em Husaby, Kristin Lavransdatter, nem em um ano bom, nem em um ano ruim. Mas talvez as coisas sejam diferentes quando você administrar a casa. Pelo seu discurso, parece que você é a esposa que Erlend precisa.

Kristin acenou calmamente para o homem e continuou rapidamente. Eles teriam que se manter afastados da estrada principal o máximo possível. E não parecia aconselhável que viajassem por Hamar. Erlend objetou que era lá que Munan estava esperando — havia a questão da carta para a duquesa.

— Ulv terá que nos deixar em Fagaberg e ir para o Sir Munan enquanto seguimos para o oeste em direção ao Lago Mjøsa e atravessamos o país e estradas secundárias via Hadeland até Hakedal. De lá, uma estrada desolada segue para o sul até Margretadal; eu ouvi meu tio falar sobre isso. Não é aconselhável passarmos por Raumarike enquanto o grande casamento estiver acontecendo em Dyfrin — ela disse rindo.

Erlend se aproximou e passou o braço pelos ombros dela, e ela se inclinou contra ele, sem se importar com todas as pessoas que estavam ali assistindo.

Fru Aashild disse acidamente:

— Qualquer um pensaria que vocês já tinham fugido antes.

E Herr Bjørn riu novamente.

Um pouco depois, Fru Aashild levantou-se para ir para a cozinha e preparar alguma comida. Ela tinha acendido o fogo lá fora porque os homens de Erlend dormiriam na cozinha naquela noite. Ela pediu a Kristin que a acompanhasse, “porque quero poder jurar a Lavrans Bjørgulfson que vocês dois nunca ficaram sozinhos por um minuto sequer em minha casa”, disse ela zangada.

Kristin riu e saiu com Aashild. Erlend imediatamente veio caminhando atrás delas, puxou um banco de três pernas para perto da lareira e sentou-se. Ele continuou atrapalhando as mulheres. Ele agarrou Kristin toda vez que ela se aproximava enquanto ela se ocupava voando ao redor. Finalmente, ele a puxou para o colo.

— Provavelmente é verdade o que Ulv disse, que você é a esposa que eu preciso.

— Oh, sim — disse Aashild, rindo e irritada —, ela certamente o servirá bem. Ela é quem está arriscando tudo nessa empreitada; você não está arriscando muito.

— Isso é verdade — disse Erlend —, mas eu mostrei minha disposição de ir até ela pelos caminhos adequados. Não fique tão zangada, tia Aashild.

— Tenho todo o direito de ficar zangada — ela disse. — Mal você acerta suas coisas e se coloca em uma posição em que precisa fugir de tudo com uma mulher.

— Você deve lembrar, tia — disse Erlend —, que sempre foi verdade que não são os piores homens que se metem em encrenca por causa de uma mulher. Isso é o que todas as sagas dizem.

— Ah, Deus nos ajude — disse Aashild. Seu rosto ficou suave e jovem.

— Já ouvi esse discurso antes, Erlend. — Ela pegou a cabeça dele nas mãos e bagunçou seu cabelo.

Nesse momento, Ulv Haldorsøn rasgou a porta aberta e a fechou imediatamente atrás dele.

— Um convidado chegou à fazenda, Erlend... a única pessoa que você menos gostaria de ver, eu acho.

— É Lavrans Bjørgulfsøn? — perguntou Erlend, pulando.

— Infelizmente não — disse o homem. — É Eline Ormsdatter.

A porta foi aberta do lado de fora; a mulher que entrou empurrou Ulv para o lado e entrou na luz. Kristin olhou para Erlend. No início, ele parecia murchar e se encolher; depois ele se endireitou, o rosto vermelho escuro.

— De onde diabos você veio? O que você quer aqui?

Fru Aashild deu um passo à frente e disse:

— Venha conosco até a casa, Eline Ormsdatter. Temos cortesia suficiente nesta fazenda para não receber nossos convidados na cozinha.

— Não espero que os parentes de Erlend me cumprimentem como uma convidada, Fru Aashild — disse a mulher. — Você perguntou de onde eu vim? Eu venho de Husaby, como você bem sabe. Trago saudações de Orm e Margret; eles estão bem.

Erlend não respondeu.

— Quando ouvi dizer que você tinha pedido a Gissur Arnfinsøn para

levantar dinheiro para você, e que estava indo para o sul novamente — continuou ela —, pensei que você provavelmente visitaria seus parentes em Gudbrandsdal desta vez. Eu soube que você havia feito perguntas sobre a filha do vizinho deles.

Ela olhou para Kristin pela primeira vez e encontrou os olhos da moça. Kristin estava muito pálida, mas olhava para a outra mulher com uma expressão calma e inquisitiva.

Kristin estava calma como uma rocha. Desde o momento em que soube quem tinha chegado, percebeu que era o pensamento em Eline Ormsdatter que ela vinha constantemente fugindo, que tinha tentado afogar com desafio, inquietação e impaciência. O tempo todo ela tinha se esforçado para não pensar se Erlend se libertara completamente de sua ex-amante. Agora, ela fora alcançada, e era inútil lutar contra isso. Mas ela não tentou evitar.

Ela viu que Eline Ormsdatter era bonita. Ela não era mais jovem, mas era adorável, e em algum momento deve ter sido radiante de beleza. Ela deixara o capuz cair; sua testa era redonda e lisa, as maçãs do rosto se projetavam ligeiramente — mas ainda era fácil ver que ela fora bastante impressionante. Seu véu cobria apenas a parte de trás da cabeça; enquanto falava, Eline enfiava os cabelos dourados e ondulados na frente debaixo do pano. Kristin nunca tinha visto uma mulher com olhos tão grandes; eles eram castanhos escuros, redondos e intensos, mas sob as sobrancelhas estreitas e os cílios longos, seus olhos eram estranhamente belos ao lado do cabelo dourado. Sua pele e lábios estavam rachados pelo frio da viagem, mas isso não diminuía sua aparência; ela era muito bonita para isso. As roupas de viagem pesadas envolviam sua figura, mas ela as usava e se portava como apenas uma mulher pode se portar, que carrega o orgulho mais confiante no esplendor de seu próprio corpo. Ela não era tão alta quanto Kristin, mas tinha uma postura que a fazia parecer mais alta que a garota magra e de ossos pequenos.

— Ela esteve com você em Husaby o tempo todo? — Kristin perguntou quietamente.

— Eu não estive em Husaby — disse Erlend bruscamente, seu rosto corando novamente. — Eu estive em Hestnæs durante a maior parte do verão.

— Aqui está a notícia que eu queria trazer para você, Erlend — disse Eline. — Você não precisa mais procurar alojamento com seus parentes e testar sua hospitalidade enquanto eu cuido da casa para você. Neste outono, eu me tornei uma viúva.

Erlend ficou imóvel.

— Não fui eu quem pedi para você vir para Husaby para cuidar da casa no ano passado — disse ele com dificuldade.

— Ouvi dizer que tudo estava indo mal lá — disse Eline. — Eu ainda

tinha sentimentos bons o suficiente por você dos velhos tempos, Erlend, que pensei que deveria zelar pelo seu bem-estar... embora Deus saiba que você não tratou a mim ou aos nossos filhos muito gentilmente.

— Eu fiz o que pude pelas crianças — disse Erlend —, e você sabe muito bem que foi por causa delas que eu permiti que você ficasse em Husaby. Você não pode dizer que fez bem a elas ou a mim — acrescentou, sorrindo com malícia. — Gissur poderia se virar muito bem sem a sua ajuda.

— Sim, você sempre confiou em Gissur — disse Eline, rindo suavemente. — Mas o fato é, Erlend, agora eu sou livre. Se você quiser, pode cumprir a promessa que me fez um dia. Erlend ficou em silêncio.

— Você se lembra — disse Eline —, da noite em que dei à luz seu filho? Você prometeu naquela época que se casaria comigo quando Sigurd morresse.

Erlend afastou o cabelo molhado de suor.

— Sim, eu me lembro — ele disse.

— Você cumprirá sua palavra agora? — perguntou Eline.

— Não — disse Erlend.

Eline Ormsdatter olhou para Kristin, sorriu ligeiramente e acenou com a cabeça. Então ela se virou de volta para Erlend.

— Isso foi há dez anos, Eline — ele disse. — Desde aquele dia, vivemos juntos ano após ano como duas pessoas condenadas ao inferno.

— Isso não é totalmente verdade — ela disse com o mesmo sorriso.

— Há anos que não há mais nada — disse Erlend, exausto. — Não ajudaria as crianças. E você sabe... você sabe que mal consigo ficar na mesma sala que você agora — ele quase gritou.

— Eu não percebi isso quando você estava em casa neste verão — disse Eline com um sorriso sugestivo. — Não éramos inimigos então. Não o tempo todo.

— Se você acha que isso significava que éramos amigos, vá em frente e pense assim — disse Erlend cansado.

— Vocês vão ficar só olhando aqui? — disse Fru Aashild. Ela serviu um pouco de mingau em dois grandes pratos de madeira e entregou um deles a Kristin. A garota pegou. — Leve para a casa. Aqui, Ulv, leve o outro. Coloque-os na mesa; precisamos jantar, não importa como as coisas estejam.

Kristin e o servo saíram com os pratos de comida. Fru Aashild disse aos outros:

— Vamos, vocês dois; não adianta ficar aqui latindo um com o outro.

— É melhor para Eline e eu resolvermos isso agora — disse Erlend.

Fru Aashild não disse mais nada e saiu.

No interior da casa, Kristin colocou a comida na mesa e trouxe cerveja da adega. Ela se sentou no banco externo, ereta como um castiçal, com o rosto calmo, mas não comeu. Bjørn e os homens de Erlend não tinham muito apetite também. Apenas o homem de Bjørn e o criado que veio com Eline comeram alguma coisa. Fru Aashild se sentou e comeu um pouco de mingau. Ninguém disse uma palavra.

Finalmente, Eline Ormsdatter entrou sozinha. Fru Aashild ofereceu-lhe um lugar entre Kristin e ela; Eline se sentou e comeu algo. De vez em quando, o traço de um sorriso secreto passava por seu rosto, e ela lançava olhares para Kristin.

Após um tempo, Fru Aashild saiu para a cozinha. O fogo quase se apagara. Erlend estava sentado no banquinho de três pernas perto da lareira, encolhido com a cabeça apoiada nos braços. Fru Aashild foi até ele e pôs a mão em seu ombro.

— Que Deus o perdoe, Erlend, pela maneira como você conduziu as coisas.

Erlend olhou para cima. Seu rosto estava encharcado de lágrimas de miséria.

— Ela está grávida — ele disse e fechou os olhos.

O rosto de Fru Aashild se inflamou; ela apertou seu ombro com força.

— De quem é? — ela perguntou sem rodeios e com desprezo.

— Bem, não é meu — disse Erlend de forma entorpecida. — Mas provavelmente você não vai acreditar em mim. Ninguém vai... — Ele desabou mais uma vez.

Fru Aashild sentou-se na frente dele na beira da lareira.

— Você precisa se recompor, Erlend. Não é tão fácil acreditar em você nesse assunto. Você jura que não é seu?

Erlend levantou seu rosto abatido.

— Tão verdadeiramente quanto eu preciso da misericórdia de Deus.

Tão verdadeiramente quanto eu espero que... que Deus tenha consolado a Mãe no Céu por tudo o que ela teve que suportar aqui embaixo. Eu *não* toquei em Eline desde a primeira vez que vi Kristin!

— Ele gritou, fazendo com que Fru Aashild o acalmasse.

— Então não vejo que isso seja uma desgraça. Você precisa descobrir quem é o pai e pagar para que ele a case.

— Acho que é Gissur Arnfinnsøn, meu feitor em Husaby — disse Erlend cansadamente. — Conversamos sobre isso no ano passado, e desde então também. A morte de Sigurd era esperada há algum tempo. Gissur estava disposto a se casar com ela quando ficasse viúva se eu desse um dote suficiente.

— Entendi — disse Fru Aashild.

Erlend continuou.

— Ela jura que não o aceitará. Ela vai me apontar como o pai. Se eu jurar que não sou... você acha que alguém acreditará que não estou jurando falsamente?

— Você terá que dissuadi-la — disse Fru Aashild. — Não há outra saída. Você deve voltar para casa com ela amanhã para Husaby. E então você deve se manter firme e arranjar esse casamento entre seu feitor e Eline.

— Você está certa — disse Erlend. Então ele se inclinou para a frente e soluçou alto.

— Você não vê, tia... Em que você acha que Kristin vai acreditar?

Naquela noite, Erlend dormiu na cozinha com os servos. Na casa, Kristin dormiu com Fru Aashild em sua cama, e Eline Ormsdatter dormiu na outra. Bjørn foi dormir no estábulo.

Na manhã seguinte, Kristin seguiu Fru Aashild até o estábulo. Enquanto Fru Aashild ia para a cozinha preparar o café da manhã, Kristin levou o leite para a casa.

Uma vela estava queimando na mesa. Eline estava vestida e sentada na beira da cama. Kristin a cumprimentou silenciosamente, pegou uma bacia e coou o leite.

— Você me daria um pouco de leite? — pediu

Eline. Kristin pegou uma concha de madeira e entregou para a mulher. Ela bebeu avidamente e olhou por cima da borda para Kristin.

— Então você é Kristin Lavransdatter, aquela que roubou de mim o afeto de Erlend — disse, entregando a concha de volta.

— Você é quem deveria saber se havia algum afeto para roubar — respondeu a jovem.

Eline mordeu os lábios.

— O que você fará — disse ela —, se Erlend se cansar de você e um dia oferecer casar você com seu servo? Você obedeceria a Erlend também nisso?

Kristin não respondeu.

Então a outra mulher riu e disse:

— Você o obedece em tudo, imagino. O que acha, Kristin... vamos jogar dados pelo nosso homem, nós duas amantes de Erlend Nikulaussøn? — Sem receber resposta, ela riu novamente e disse: — Você é tão simplória que não nega ser uma mulher mantida?

— Para você, eu não sinto vontade de mentir — disse Kristin.

— Isso não te faria muito bem de qualquer maneira — respondeu

Eline no mesmo tom de voz. — Eu sei como é esse rapaz. Posso imaginar que ele provavelmente se atirou em você como um tetraz-preto²⁹ na segunda vez que estiveram juntos. E é uma pena para você, linda criança que é.

As bochechas de Kristin empalideceram. Doente de repulsa, ela disse calmamente:

— Eu não quero conversar com você.

— Você acha que ele vai te tratar melhor do que me tratou? — continuou Eline.

Então Kristin respondeu asperamente:

— Não vou reclamar de Erlend, não importa o que ele faça. Eu fui aquela que tomou o caminho errado, e não vou gemer e sentir pena de mim mesma, mesmo que isso me leve para fora da encosta.

Eline ficou em silêncio por um momento. Então ela disse, corada e incerta:

— Eu também era uma donzela, quando ele me pegou, Kristin... mesmo que eu tenha sido esposa do velho por sete anos. Mas você provavelmente não pode entender o quanto era uma vida miserável. Kristin começou a tremer violentamente. Eline a observou. Então ela pegou um pequeno chifre de sua caixa de viagem que estava ao seu lado no degrau da cama.

Ela quebrou o selo e disse calmamente:

— Você é jovem e eu sou velha, Kristin. Sei que é inútil para mim lutar contra você... agora é a sua vez. Você beberia comigo, Kristin? Kristin não se moveu. Então a outra mulher colocou o chifre nos lábios. Kristin notou que ela não bebia.

Eline disse:

— Você poderia pelo menos me fazer a honra de brindar a mim e prometer que não será uma madrasta severa para meus filhos. Kristin pegou o chifre. Nesse momento, Erlend abriu a porta. Ele ficou lá, olhando de uma mulher para a outra.

— O que é isso? — ele perguntou.

Então Kristin respondeu, e sua voz era aguda e selvagem.

— Estamos brindando uma à outra, suas duas amantes.

Ele agarrou o pulso dela e arrancou o chifre.

— Fique quieta — disse asperamente. — Você não vai beber com ela.

— Por quê? — disse Kristin na mesma voz de antes. — Ela era tão pura quanto eu quando você a seduziu.

— Ela disse isso tantas vezes que ela mesma acredita — respondeu Erlend. — Lembra quando você me fez ir até Sigurd com essa mentira, Eline, e ele apresentou testemunhas de que a havia pego com outro homem?

Pálida de nojo, Kristin virou-se. O rosto de Eline ficou vermelho escuro. Então ela disse com malícia:

— Mesmo assim, essa garota não vai se tornar uma leprosa se beber comigo.

Furioso, Erlend virou-se para Eline — e então seu rosto de repente ficou rígido e o homem deu um suspiro de horror.

— Jesus! — ele disse quase inaudivelmente. Ele agarrou Eline pelo braço. — Então brinde *com ela* — disse ele, a voz áspera e trêmula. — Bebe primeiro, e então ela beberá com você.

Eline se contorceu com um suspiro. Ela fugiu para trás pela sala, o homem atrás dela.

— Beba — ele disse. Ele puxou sua adaga do cinto e a seguiu com ela na mão. — Prove a bebida que você fez para Kristin. — Ele agarrou Eline pelo braço, a arrastou até a mesa e a forçou a se inclinar em direção ao chifre.

Eline gritou uma vez e escondeu o rosto no braço.

Erlend a soltou e ficou lá tremendo.

— Foi um inferno com Sigurd — gritou Eline. — Você... você prometeu... mas você me tratou ainda pior, Erlend!

Então Kristin deu um passo à frente e pegou o chifre.

— Uma de nós deve beber... você não pode manter nós duas.

Erlend pegou o chifre dela e a jogou para o outro lado da sala, fazendo-a cair no chão perto da cama de Fru Aashild. Ele forçou a bebida na boca de Eline Ormsdatter. Ficando com um joelho no banco ao lado dela e a mão em sua cabeça, ele tentou forçá-la a beber.

Ela tateou sob seu braço, pegou a adaga da mesa e golpeou o homem. O golpe não pareceu cortar muito mais que suas roupas. Então ela virou a ponta para si mesma e imediatamente caiu de lado nos braços dele.

Kristin se levantou e se aproximou deles. Erlend estava segurando Eline; sua cabeça pendia para trás sobre o braço dele. O último suspiro dela veio quase imediatamente; ela tinha sangue na garganta e estava escorrendo de sua boca. Ela cuspiu uma grande quantidade e disse:

— Eu pretendia... aquela bebida... para você... por todas as vezes... que você me traiu.

— Vá chamar a tia Aashild — disse Erlend com a voz baixa. Kristin ficou imóvel.

— Ela está morrendo — disse Erlend.

— Então ela se sairá melhor do que nós — respondeu Kristin. Erlend olhou para ela, e o desespero em seus olhos a comoveu. Ela saiu da sala.

— O que é isso? — perguntou Fru Aashild quando Kristin a chamou para fora da cozinha.

— Nós matamos Eline Ormsdatter — disse Kristin. — Ela está morrendo.

Fru Aashild partiu correndo. Mas Eline expirou quando ela entrou pela

porta.

Fru Aashild havia colocado o corpo da mulher morta no banco; ela limpou o sangue do rosto e o cobriu com um lençol de linho. Erlend estava apoiado contra a parede atrás do corpo.

— Você percebe — disse Fru Aashild —, que isso foi a pior coisa que poderia ter acontecido?

Ela havia colocado galhos e gravetos na lareira; agora ela colocou o chifre no meio e assoprou até que ele se acendesse.

— Você confia nos seus homens? — ela perguntou.

— Ulv e Haftor, acho que posso. Não conheço muito bem Jon, ou o homem que veio com Eline.

— Você percebe — disse Fru Aashild —, que se ficarem sabendo que você e Kristin estavam aqui juntos, e que você estava sozinho com Eline quando ela morreu, então seria o mesmo que deixar Kristin beber a poção de Eline. E se houver alguma conversa sobre veneno, as pessoas se lembrarão do que já me acusaram no passado. Ela tinha parentes ou amigos?

— Não — disse Erlend em voz baixa. — Ela não tinha ninguém além de mim.

— Mesmo assim — disse Fru Aashild —, será difícil encobrir isso e remover o corpo sem as maiores suspeitas caírem sobre você.

— Ela deve ser enterrada em solo consagrado — disse Erlend —, mesmo que isso me custe Husaby. O que você diz, Kristin?

Kristin assentiu.

Fru Aashild ficou em silêncio. Quanto mais ela pensava nisso, mais impossível parecia encontrar uma solução. Na cozinha estavam sentados quatro homens; Erlend poderia subornar todos eles para ficarem quietos? Qualquer um deles, ou o homem de Eline, poderia ser pago para deixar o país? Isso sempre seria arriscado. E em Jørundgaard eles sabiam que Kristin tinha estado ali. Se Lavrans descobrisse, ela não conseguia imaginar o que ele poderia fazer. Eles teriam que tirar o corpo dali. A estrada da montanha para o oeste era impensável agora; havia a estrada para Raumsdal ou através da montanha para Nidaros ou para o sul pelo vale. E se a verdade viesse à tona, nunca seria acreditada — mesmo que fosse aceita.

— Eu preciso discutir isso com Bjørn — disse ela, levantando-se e saindo.

Bjørn Gunnarsøn ouviu o relato de sua esposa sem mudar a expressão e sem tirar os olhos de Erlend.

— Bjørn — disse Aashild desesperadamente —, alguém tem que jurar que a viu pôr as mãos em si mesma.

A vida aos poucos se apagou nos olhos de Bjørn; ele olhou para sua esposa, e sua boca se contorceu em um sorriso torto.

— Você quer dizer que alguém deveria ser eu?

Fru Aashild juntou as mãos e as levantou em direção a ele. — Bjørn, você sabe o que isso significa para esses dois...

— E você acha que já era para mim de qualquer maneira? — ele perguntou lentamente. — Ou você acha que ainda há o suficiente do homem que eu era para ousar jurar falsamente para salvar esse rapaz de afundar? Eu, que fui arrastado para baixo também... todos esses anos atrás. Arrastado para baixo, eu digo — ele repetiu.

— Você diz isso porque estou velha agora — sussurrou Aashild. Kristin irrompeu em soluços que cortaram a sala. Rígida e silenciosa, ela estava sentada no canto perto da cama de Aashild. Agora ela começou a chorar em voz alta. Era como se a voz de Fru Aashild tivesse rasgado seu coração. Essa voz, pesada com memórias da doçura do amor, parecia fazer Kristin perceber completamente pela primeira vez o que o amor entre ela e Erlend havia sido. A memória da felicidade ardente e apaixonada lavou tudo, afastou o ódio cruel e desesperado da noite anterior. Ela sentia apenas o seu amor e sua vontade de sobreviver.

Os três olharam para ela. Então Herr Bjørn foi até ela, colocou a mão sob o queixo dela e olhou para baixo.

— Kristin, você diz que ela fez isso sozinha?

— Cada palavra que você ouviu é verdade — disse Kristin firmemente.

— A ameaçamos até que ela fizesse isso.

— Ela havia planejado um destino pior para Kristin — disse Aashild.

Herr Bjørn soltou a garota. Ele foi até o corpo, o levantou para a cama onde Eline havia dormido na noite anterior, e o colocou perto da parede com as cobertas sobre ele.

— Você deve enviar Jon e o homem que você não conhece de volta para Husaby com a mensagem de que Eline a acompanhará para o sul. Faça-os sair por volta do meio-dia. Diga a eles que as mulheres estão dormindo aqui; eles terão que comer na cozinha. Então fale com Ulv e Haftor. Ela ameaçou fazer isso antes? Você pode trazer testemunhas se alguém perguntar sobre isso?

— Todo mundo que esteve em Husaby durante os últimos anos que vivemos juntos — disse Erlend cansado —, pode testemunhar que ela ameaçou tirar a própria vida... e às vezes a minha também... sempre que eu falava em deixá-la.

Bjørn riu amargamente.

— Eu sabia. Esta noite a vestiremos com roupas de viagem e a colocaremos na carroça. Você terá que sentar ao lado dela...

Erlend cambaleou onde estava.

— Eu não consigo fazer isso.

— Só Deus sabe quanto homem restará de você quando você se avaliar daqui a vinte anos — disse Bjørn. — Você acha que conseguirá dirigir a carroça, então? Eu vou sentar ao lado dela. Teremos que viajar à

noite e por estradas secundárias até chegarmos a Fron. Nesse frio, ninguém vai saber quanto tempo ela está morta. Vamos para o albergue dos monges em Roaldstad. Lá você e eu testemunharemos que vocês dois discutiram no fundo da carroça. É bem atestado que você não quis morar com ela desde que a proibição foi levantada e que você pediu a mão de uma donzela que é sua igual. Ulv e Haftor devem manter distância durante toda a jornada para que possam jurar, se necessário, que ela estava viva da última vez que a viram. Você pode conseguir que eles façam isso, não pode? No albergue dos monges, você pode tê-la colocada em um caixão; e então você deve negociar com os padres pela paz no túmulo para ela e pela paz da alma para você... Eu sei que não é agradável, mas você não lidou com as coisas de maneira que pudesse ser agradável. Não fique aí como uma noivinha prestes a desmaiar. Deus o ajude, meu rapaz... eu suponho que você nunca tentou sentir a ponta de uma faca na garganta, não é?

29 Trata-se de uma espécie de galináceo de grandes dimensões, podendo chegar até aos 86 centímetros de comprimento. (N.T.)

Um vento cortante descia da montanha. A neve soprava, fina e prateada, das dunas em direção ao céu azul-lua enquanto os homens se preparavam para partir.

Dois cavalos estavam atrelados, um na frente do outro. Erlend estava sentado na frente da carroça. Kristin foi até ele.

— Desta vez, Erlend, você precisa se dar ao trabalho de me enviar notícias sobre como é a jornada e onde você vai parar.

Ele apertou a mão dela com tanta força que ela pensou que o sangue explodiria das unhas.

— Ainda ousa ficar ao meu lado, Kristin?

— Sim, ainda ousarei — ela disse, e depois de um momento: —

Ambos carregamos a culpa por esse ato. Eu o instiguei porque queria que ela morresse.

Fru Aashild e Kristin ficaram de pé e os observaram partir. A carroça mergulhou e subiu sobre as dunas. Ela desapareceu em um oco, para aparecer mais adiante em um campo branco. Mas então os homens passaram para a sombra de uma encosta e desapareceram de vez.

As duas mulheres estavam sentadas diante da lareira, de costas para a cama vazia; Fru Aashild havia retirado as roupas de cama e a palha. Ambas sabiam que estava lá vazia.

— Quer que a gente durma na cozinha esta noite? — perguntou Fru

Aashild.

— Não faz diferença onde dormimos — disse Kristin.

Fru Aashild saiu para verificar o tempo lá fora.

— Não, não importa se vem uma tempestade ou um degelo; eles não vão longe antes que a verdade venha à tona — disse Kristin.

— Sempre venta aqui em Haugen — respondeu Fru Aashild. — Não há sinal de melhora no tempo.

Então, sentaram-se em silêncio novamente.

— Você não pode esquecer o que ela planejava para vocês dois — disse Fru Aashild.

Kristin disse suavemente:

— Eu continuo pensando que, no lugar dela, talvez quisesse fazer o mesmo.

— Você nunca teria desejado fazer com que outra pessoa se tornasse uma leprosa — disse Fru Aashild firmemente.

— Lembra, tia, você já me disse uma vez que é bom quando você não se atreve a fazer algo se achar que não está certo. Mas não é bom quando você acha que algo não está certo porque não ousa fazê-lo.

— Você não ousou porque era um pecado — disse Fru Aashild.

— Não, eu não acho — disse Kristin. — Eu fiz muitas coisas que achei que nunca ousaria fazer porque eram pecados. Mas eu não percebi naquela época que a consequência do pecado é que você tem que pisar nos outros.

— Erlend queria se redimir muito antes de conhecê-la — respondeu Aashild veementemente. — Já tinha acabado entre os dois.

— Eu sei disso — disse Kristin —, mas ela provavelmente nunca teve motivo para acreditar que os planos de Erlend eram tão firmes que ela não seria capaz de mudá-los.

— Kristin — suplicou Fru Aashild temerosa, — você não vai desistir de Erlend agora, vai? Os dois não podem ser salvos a menos que se salvem mutuamente.

— Isso dificilmente é o que um padre diria — disse Kristin, sorrindo friamente. — Mas eu sei que não vou abrir mão de Erlend, mesmo que tenha que pisotear meu próprio pai.

Fru Aashild levantou-se.

— Podemos muito bem nos ocupar em vez de ficar sentadas aqui assim — disse ela. — Provavelmente seria inútil tentar ir para a cama. Ela trouxe a manteigueira da despensa, carregou algumas bacias de leite e a encheu; depois, assumiu a posição para agitar.

— Deixe-me fazer isso — implorou Kristin. — Eu tenho as costas mais jovens.

Elas trabalharam sem falar. Kristin ficou perto da porta da despensa e agitou, e Aashild cardava lã perto da lareira. Somente quando Kristin já tinha coado a manteiga e estava formando-a, ela disse de repente:

— Tia Aashild, você nunca tem medo do dia em que terá que enfrentar o julgamento de Deus?

Fru Aashild levantou-se e foi ficar na frente de Kristin na luz.

— Talvez eu tenha a coragem de perguntar àquele que me criou, como sou, se Ele terá misericórdia de mim quando chegar a hora. Pois nunca pedi Sua misericórdia quando fui contra Seus mandamentos. E nunca pedi a Deus ou aos homens para devolverem um *penning* das multas que tive que pagar aqui em minha casa terrena.

Um momento depois, ela disse suavemente:

— Munan, meu filho mais velho, tinha vinte anos. Naquela época, ele não era como eu o conheço agora. Eles não eram assim naquela época, estes filhos meus...

Kristin respondeu suavemente:

— E ainda assim você teve Herr Bjørn ao seu lado todos os dias e todas as noites todos esses anos.

— Sim — disse Aashild —, isso eu tive.

Algum tempo depois, Kristin terminou de formar a manteiga. Então, Fru Aashild disse que deveriam tentar deitar por um tempo.

Na cama escura, ela colocou o braço em volta do ombro de Kristin e puxou a cabeça da garota em direção a ela. E não demorou muito para que ela pudesse ouvir pela respiração tranquila e suave que Kristin estava dormindo.

CAPÍTULO 4

O GELO PERSISTIA. Em cada estábulo da aldeia, os animais famintos mugiam e se queixavam, sofrendo com o frio. As pessoas já estavam racionando a forragem da melhor maneira possível.

Naquele Natal, as visitas foram escassas; todos ficavam em casa. O frio aumentou durante o Natal; cada dia parecia mais frio que o anterior. As pessoas mal se lembravam de um inverno tão rigoroso. E embora não caísse mais neve, mesmo nas montanhas, a neve que havia caído no Dia de São Clemente congelou tão forte quanto pedra. O sol brilhava em um céu claro, agora que os dias estavam ficando mais claros. À noite, as luzes do norte tremeluziam e estalavam acima das cristas das montanhas ao norte; elas cintilavam sobre metade do céu, mas não traziam mudanças no clima. De vez em quando, nuvens apareciam, lançando um pouco de neve seca, mas então o céu claro e o frio intenso retornavam. O Laag murmurava e gorgolejava preguiçosamente sob as pontes de gelo.

Cada manhã, Kristin pensava que não poderia aguentar mais; que não conseguiria passar pelo dia, porque cada dia parecia um duelo entre seu pai e ela mesma. E seria certo que eles estivessem tão em desacordo agora, quando cada ser vivo, cada pessoa e animal nos vales, estavam suportando um teste comum? Mas quando a noite chegava, ela conseguia superar tudo.

Não era que seu pai fosse antipático. Eles nunca falavam sobre o que havia entre eles, mas Kristin sentia que, em tudo que ele deixava não dito, estava determinado a manter sua recusa.

E ela ardia de desejo por sua afeição. Sua angústia era ainda maior porque sabia o quanto mais seu pai tinha que suportar; e se as coisas tivessem sido como antes, ele teria conversado com ela sobre suas preocupações. É verdade que em Jørundgaard estavam melhor preparados do que a maioria dos outros lugares, mas mesmo aqui sentiam os efeitos do ano ruim, a cada dia e a cada hora. No inverno, Lavrans costumava passar tempo domando e treinando seus potros, mas este ano, durante o outono, ele os vendeu todos no sul. Sua filha sentia falta de ouvir sua voz no pátio e vê-lo brincar com os cavalos de dois anos de idade, esguios e peludos, no jogo que ele tanto amava. Os celeiros, estábulos e silos da fazenda não haviam sido esvaziados após a colheita do ano anterior, mas muitas pessoas vinham a Jørundgaard pedir ajuda, seja como compra ou presente, e ninguém pedia em vão. Numa noite tardia, um homem muito idoso, vestido de peles, chegou de esquí. Lavrans falou com ele no pátio, e Halvdan levou comida para ele na sala de estar. Ninguém na fazenda que o viu sabia quem

ele era, mas presumiam que ele era uma das pessoas que viviam nas montanhas; talvez Lavrans o tivesse encontrado lá. Mas o pai de Kristin não falou sobre a visita, nem Halvdan.

Então, numa noite, um homem com quem Lavrans Bjørgulfsson tinha uma dívida a ajustar há muitos anos chegou. Lavrans foi até o depósito com ele. Mas quando voltou para casa, disse:

— Todos querem que eu os ajude. E mesmo aqui na minha fazenda, todos estão contra mim. Até você, esposa — disse ele zangado com Ragnfrid.

Então Ragnfrid atacou Kristin.

— Você ouve o que seu pai está dizendo para mim? Eu não estou contra você, Lavrans. Você sabe muito bem, Kristin, o que aconteceu ao sul daqui, em Roaldstad, no final do outono, quando ele viajou pelo vale na companhia daquele outro mulherengo, seu parente de Haugen... ela tirou a própria vida, aquela mulher infeliz que ele havia atraído para longe de todos os parentes dela.

Com o rosto rígido, Kristin respondeu asperamente:

— Vejo que você o culpa tanto pelos anos em que ele estava se esforçando para se livrar do pecado quanto pelos anos em que ele estava vivendo nele.

— Jesus Maria — exclamou Ragnfrid, juntando as mãos. — Veja o que aconteceu com você! Isso não fará você mudar de ideia?

— Não — disse Kristin. — Eu não mudei de ideia.

Então Lavrans olhou para cima do banco onde estava sentado com Ulvhild.

— Nem eu, Kristin — disse ele calmamente.

Kristin sabia em seu coração que, de alguma forma, ela havia mudado — se não sua decisão, então sua perspectiva. Ela recebeu notícias sobre o progresso daquela jornada malfadada. Tudo tinha ido mais fácil do que qualquer um poderia ter esperado. Seja porque o frio se instalara em sua ferida ou por alguma outra razão, a lesão por faca que Erlend recebera no peito ficara infectada. Ele ficou doente no albergue em Roaldstad por muito tempo, e Herr Bjørn cuidou dele durante esses dias. Mas porque Erlend havia sido ferido, foi mais fácil explicar tudo o mais e fazer com que os outros acreditassem neles.

Quando ele pôde continuar, transportou a mulher morta em um caixão até Oslo. Lá, com a intervenção de Sira Jon, encontrou um local de sepultamento para ela no cemitério da Igreja de Nikolaus, que estava em ruínas. Depois, ele se confessou ao próprio Bispo de Oslo,

que o exortou a viajar até o Santuário do Santo Sangue em Schwerin. Então ele deixou o país.

Não havia lugar para onde *ela* pudesse fazer uma peregrinação em busca de redenção. Seu destino era ficar aqui, esperar, se preocupar e tentar suportar sua oposição aos pais. Uma luz estranha e fria de inverno se derramava sobre todas as suas lembranças de seus encontros com Erlend. Ela pensava em seu ardor — no amor e na tristeza — e ocorreu-lhe que se ela pudesse agarrar todas as coisas com igual brusquidão e mergulhar à frente de uma vez, então depois poderiam parecer de menos consequência e mais fáceis de suportar. Às vezes, ela pensava que Erlend poderia desistir dela. Ela sempre tivera um leve medo de que as coisas pudessem se tornar muito difíceis para eles, e ele perderia a coragem. Mas ela não o abandonaria — a menos que ele a libertasse de todas as promessas.

E assim o inverno se arrastava. E Kristin não podia mais se enganar; ela teve que admitir que agora a prova mais difícil os aguardava a todos, pois Ulvhild não tinha muito tempo de vida. E, em meio à sua amarga tristeza por sua irmã, Kristin percebeu com horror que sua própria alma havia sido desviada e estava corrompida pelo pecado. Pois, ao testemunhar a criança moribunda e a inexprimível tristeza de seus pais, ela pensava em apenas uma coisa: se Ulvhild morrer, como conseguirei enfrentar meu pai sem me prostrar diante dele, para confessar tudo e pedir-lhe perdão, e para fazer comigo o que ele quiser.

O jejum da Quaresma estava sobre eles. As pessoas estavam abatendo os pequenos animais que esperavam salvar antes que o gado perecesse por conta própria. E as pessoas estavam adoecendo por viver à base de peixe e porções escassas e miseráveis de grãos. Sira Eirik levantou a proibição de consumir leite para toda a aldeia. Mas ninguém tinha nem uma gota de leite.

Ulvhild estava confinada à cama. Ela dormia sozinha na cama das irmãs, e alguém ficava vigiando-a todas as noites. Às vezes, Kristin e seu pai se revezavam para ficar com ela. Em uma dessas noites, Lavrans disse à filha:

— Você se lembra do que Irmão Edvin disse sobre o destino de Ulvhild? Eu pensei na época que talvez fosse isso o que ele queria dizer. Mas tirei isso da minha cabeça.

Durante essas noites, ele ocasionalmente falava sobre isso ou aquilo da época em que as crianças eram pequenas. Kristin ficava ali, pálida e miserável, entendendo que, por trás de suas palavras, seu pai estava suplicando a ela.

Um dia, Lavrans saiu com Kolbein para procurar a toca de um urso na floresta ao norte da montanha. Eles voltaram para casa com uma ursa num trenó, e Lavrans carregava um filhote de urso, ainda vivo, dentro de sua túnica. Ulvhild sorriu um pouco quando ele mostrou a ela. Mas Ragnfrid disse que este não era o momento de cuidar desse tipo de animal, e o que ele ia fazer com isso agora?

— Vou engordá-lo e depois amarrá-lo no quarto das minhas donzelas
— disse Lavrans, rindo de maneira áspera.

Mas eles não conseguiram encontrar o tipo de leite rico que o filhote de urso precisava, e alguns dias depois Lavrans o matou.

O sol tornou-se tão forte que, ocasionalmente, no meio do dia, as calhas começavam a pingar. Os chapins agarravam-se às paredes de madeira e saltitavam ao redor do lado ensolarado; o bater de seus bicos ecoava enquanto procuravam moscas adormecidas nas lacunas entre a madeira. Pelos campos afora, a neve reluzia, dura e brilhante como prata.

Finalmente, numa noite, nuvens começaram a se reunir diante da lua. Na manhã seguinte, acordaram em Jørundgaard com um redemoinho de neve que bloqueava a visão em todas as direções.

Naquele dia ficou claro que Ulvhild estava prestes a morrer.

Toda a família havia se reunido dentro de casa, e Sira Eirik havia vindo. Muitas velas estavam queimando no quarto. No início da noite, Ulvhild partiu, calma e pacificamente, nos braços de sua mãe.

Ragnfrid suportou melhor do que qualquer um poderia ter esperado. Os pais sentaram juntos, ambos chorando suavemente. Todos na sala estavam chorando. Quando Kristin se aproximou de seu pai, ele colocou o braço ao redor de seus ombros. Ele percebeu como ela tremia e se agitava, e então a puxou para perto. Mas parecia a ela que ele deve ter sentido como se ela tivesse sido afastada mais para longe dele do que sua pequena irmã morta na cama.

Ela não sabia como havia conseguido suportar. Mal se lembrava do motivo pelo qual estava suportando, mas, letárgica e muda de dor, conseguiu ficar de pé e não desmoronar.

Então, algumas tábuas foram retiradas do chão diante do altar de São Tomás, e uma sepultura foi cavada na terra dura como rocha embaixo para Ulvhild Lavransdatter.

Nevou intensamente e silenciosamente por todos aqueles dias em que a criança ficou na padiola de palha; estava nevando quando ela foi colocada na terra; e continuou a nevar, quase sem parar, por um mês inteiro.

Para aqueles que esperavam a redenção da primavera, parecia que ela nunca chegaria. Os dias ficavam longos e luminosos, e o vale ficava em uma névoa de neve derretida enquanto o sol brilhava. Mas o frio ainda estava no ar, e o calor não tinha poder. À noite, congelava forte; grandes sons de rachaduras vinham do gelo, um estrondo ecoava nas montanhas, e os lobos uivavam e as raposas latiam lá embaixo na vila, como se fosse pleno inverno. As pessoas raspavam cascas para o gado, mas estavam perecendo às dezenas em seus estábulos. Ninguém sabia quando isso acabaria.

Kristin saiu em um dia assim, quando a água escorria nas covas da estrada e a neve reluzia como prata pelos campos. De frente para o sol, as dunas de neve tinham se tornado ocas, de modo que a delicada grade de gelo da neve encrostada se quebrava com o suave tilintar de prata quando ela pressionava o pé contra ela. Mas onde quer que houvesse a menor sombra, o ar estava cortante de frio e a neve estava dura.

Ela caminhou em direção à igreja. Ela não sabia por que estava indo lá, mas sentia-se atraída por ela. Seu pai estava lá. Vários fazendeiros — irmãos de guilda — estavam realizando uma reunião na galeria, isso ela sabia.

No topo da colina, encontrou o grupo de fazendeiros enquanto saíam. Sira Eirik estava com eles. Os homens estavam todos a pé, andando em um aglomerado escuro e envolto em peles, acenando e conversando entre si; eles devolveram sua saudação de maneira carrancuda quando ela passou.

Kristin pensou consigo mesma que fazia muito tempo desde que todos na vila eram seus amigos. Todos provavelmente sabiam que ela era uma filha ruim. Talvez eles soubessem ainda mais sobre ela. Agora, provavelmente, todos achavam que deve ter havido alguma verdade nos antigos boatos sobre ela, Arne e Bentein. Talvez ela estivesse em terrível desonra. Ela ergueu o queixo e seguiu em direção à igreja.

A porta estava entreaberta. Estava frio dentro da igreja, e ainda assim um calor certo fluía em sua direção desta sala marrom escura, com as colunas altas se elevando, levando a escuridão em direção às vigas do teto. Não havia velas acesas nos altares, mas um pouco de luz solar entrava pela porta aberta, lançando uma luz fraca nas pinturas e vasos.

Lá em cima, perto do altar de São Tomás, ela viu seu pai de joelhos com a cabeça apoiada nas mãos dobradas, que seguravam seu chapéu contra o peito.

Tímida e desanimada, Kristin saiu em silêncio e ficou na galeria. Emoldurada pelo arco de duas pequenas colunas, às quais se segurava, ela via Jørundgaard abaixo, e além de sua casa, a névoa azul pálida sobre o vale. Ao sol, o rio reluzia branco com água e gelo por toda a vila. Mas a moita de amieiros ao longo de suas margens estava dourada com flores, a floresta de abetos estava verde de primavera até perto da igreja, e pequenos pássaros chilreavam e trinavam no bosque próximo. Ah sim, ela ouvira o canto dos pássaros assim todas as noites depois que o sol se punha.

E agora ela sentiu a saudade que pensava ter sido espremida para fora dela, a saudade em seu corpo e em seu sangue; começou a se mexer agora, fraca e tênue, como se estivesse acordando de uma hibernação de inverno.

Lavrans Bjørgulfsøn saiu e fechou a porta da igreja atrás dele. Ele foi até sua filha e ficou perto dela, olhando para fora do próximo arco. Ela percebeu como o inverno tinha devastado seu pai. Ela não achava que podia trazer isso à tona agora, mas saiu dela mesmo assim.

— É verdade o que a mãe disse outro dia, que você disse a ela... se fosse Arne Gyrdson, então você teria cedido?

— Sim — disse Lavrans sem olhar para ela.

— Você nunca disse isso enquanto Arne estava vivo — respondeu Kristin.

— Isso nunca foi discutido. Eu podia ver que o rapaz gostava de você, mas ele não disse nada... e ele era jovem... e eu nunca percebi que você pensava nele dessa maneira. Você não poderia esperar que eu oferecesse minha filha a um homem que não possuía propriedade. — Ele sorriu fugazmente. — Mas eu gostava do rapaz — disse suavemente. — E se eu tivesse visto que você estava definhando de amor por ele...

Eles continuaram ali, olhando em frente. Kristin sentiu que seu pai a olhava. Ela lutou para manter sua expressão calma, mas podia sentir o quão pálida estava. Então seu pai foi até ela, colocou os dois braços ao redor dela e a abraçou com força. Ele inclinou a cabeça para trás, olhou para o rosto de sua filha e depois o escondeu contra o ombro.

— Jesus Cristo, pequena Kristin, você está tão infeliz?

— Acho que vou morrer por causa disso, pai — disse ela contra o peito dele.

Ela se desfez em lágrimas. Mas ela chorava porque havia sentido em seu carinho e visto em seus olhos que agora ele estava tão desgastado de angústia que não podia mais se apegar à sua oposição. Ela tinha vencido.

No meio da noite, ela acordou quando seu pai tocou seu ombro no escuro.

— Levante-se — ele disse suavemente. — Você ouviu isso?

Então ela ouviu o canto nos cantos da casa... o tom profundo e cheio do vento sul carregado de umidade. A água escorria do telhado, e a chuva sussurrava ao cair na neve macia e derretida.

Kristin vestiu um vestido rapidamente e seguiu seu pai até a porta externa. Juntos, ficaram olhando para a brilhante noite de maio. O vento quente e a chuva se aproximavam. O céu era um amontoado de nuvens de chuva emaranhadas; havia um tumulto vindo da floresta, um assobio entre as construções. E nas montanhas, eles ouviam o ronco oco da neve deslizando.

Kristin segurou a mão de seu pai. Ele a chamou e queria mostrar isso a ela. Era o tipo de coisa que ele teria feito no passado, antes das coisas mudarem entre eles. E agora ele estava fazendo isso novamente.

Quando voltaram para dentro para se deitar, Lavrans disse:

— O estranho que esteve aqui esta semana trouxe uma carta para mim do Sir Munan Baardsøn. Ele pretende vir aqui neste verão para visitar sua mãe e perguntou se poderia me procurar e conversar comigo.

— Como você vai responder a ele, meu pai? — sussurrou ela.

— Não posso te dizer isso agora — respondeu Lavrans. — Mas vou falar com ele, e então devo agir de tal maneira que eu possa responder por mim mesmo perante Deus, minha filha.

Kristin se deitou ao lado de Ramborg, e Lavrans foi até sua esposa adormecida e se deitou ao lado dela. Ele ficou ali, pensando que se as águas da enchente subissem rapidamente e subitamente, então poucas fazendas na vila seriam tão vulneráveis quanto Jørundgaard. Dizia-se que havia uma profecia sobre isso... que um dia o rio levaria a fazenda.

CAPÍTULO 5

A PRIMAVERA CHEGOU DE REPENTE. Vários dias após a quebra da geada, a vila estava marrom e preta sob as torrentes de chuva. A água corria pelas encostas das montanhas, e o rio inchava e se transformava em um lago cinza-chumbo no fundo do vale, com pequenos bosques alagados à beira da água e uma fenda furtiva e borbulhante de corrente. Em Jørundgaard, a água chegava longe nos campos. E no entanto, em toda parte, os danos eram muito menores do que as pessoas temiam.

O trabalho agrícola da primavera estava atrasado naquele ano, e todos semeavam suas escassas sementes com orações a Deus para que Ele pudesse poupá-los da geada noturna até a colheita. E parecia que Ele ouviria suas orações e aliviaria um pouco seus fardos. Junho veio com um clima favorável, o verão foi bom, e todos começaram a esperar que, com o tempo, as marcas do ano ruim fossem apagadas.

A colheita de feno havia terminado quando, numa noite, quatro homens vieram cavalgando em direção a Jørundgaard. Dois cavalheiros e seus dois serviçais: Sir Munan Baardsøn e Sir Baard Petersøn de Hestnes. Ragnfrid e Lavrans ordenaram que a mesa fosse posta no alto do celeiro e camas fossem arrumadas no sótão acima da despensa. Mas Lavrans pediu aos cavalheiros que aguardassem para expor seu propósito até o dia seguinte, depois de descansarem da viagem.

Sir Munan foi quem mais falou durante a refeição, dirigindo grande parte da conversa para Kristin, falando com ela como se fossem bem conhecidos. Ela percebeu que seu pai não estava satisfeito com isso. Sir Munan era robusto, com um rosto corado — um homem feio e tagarela com maneiras um tanto tolas. As pessoas o chamavam de Munan, o Toco, ou Munan, o Bailarino. Mas, apesar da impressão que causava, o filho de Fru Aashild ainda era um homem sensato e capaz, que havia sido enviado da Coroa em vários assuntos e que certamente tinha alguma influência sobre aqueles que aconselhavam o governo do reino. Ele vivia na propriedade ancestral de sua mãe, no distrito de Skogheim. Era bastante rico e tinha feito um casamento vantajoso. Fru Katrin, sua esposa, era peculiarmente feia e raramente abria a boca, mas seu marido sempre falava dela como se fosse a mulher mais sábia. Em tom de brincadeira, as pessoas chamavam Fru Katrin de “a mulher engenhosa com a voz encantadora”. Pareciam se dar bem e tratavam-se com carinho, embora Sir Munan fosse conhecido por seu comportamento irregular, tanto antes quanto depois de seu casamento.

Sir Baard Petersøn era um homem idoso, bonito e imponente, embora

fosse um pouco corpulento e pesado de membros. Seus cabelos e barba estavam um pouco desbotados agora, mas ainda havia tanto dourado quanto branco neles. Desde a morte do Rei Magnus Haakonsøn, ele vivia tranquilamente, gerenciando suas vastas propriedades em Nordmøre. Viúvo após a morte de sua segunda esposa, tinha muitos filhos, todos diziam ser bonitos, bem-educados e prósperos.

No dia seguinte, Lavrans e seus convidados subiram para o celeiro para conversar. Lavrans pediu à sua esposa que se juntasse a eles, mas ela recusou.

— Isso deve ficar inteiramente em suas mãos — disse Ragnfrid. — Você sabe que seria a maior tristeza para nossa filha se este assunto não pudesse ser resolvido, mas vejo que há muito a ser dito contra este casamento.

Sir Munan apresentou uma carta de Erlend Nikulaussøn. Erlend propôs que Lavrans decidisse todas as condições se concordasse com o noivado de sua filha Kristin. Erlend estava disposto a ter suas propriedades avaliadas e sua renda examinada por homens imparciais, e oferecer a Kristin dotes e presentes de casamento para que ela possuísse um terço de seus bens, além do que trouxesse para o casamento, e todas as heranças que adquirisse de seus parentes se ela ficasse viúva sem filhos do pai. Além disso, ele ofereceu permitir que Kristin gerenciasse com plena autoridade sua parte da propriedade, tanto a que trouxesse para o casamento quanto a que lhe fosse dada por ele. Mas se Lavrans preferisse outras condições para a divisão de propriedades, então Erlend estaria disposto a ouvir suas opiniões e agir de acordo. Havia apenas uma condição à qual os parentes de Kristin teriam que se comprometer: se adquirissem a guarda de qualquer filho que ele e ela tivessem, nunca tentariam revogar os presentes que ele havia dado a seus filhos com Eline Ormsdatter. Eles deveriam reconhecer como válida a alegação de que essas propriedades haviam sido separadas de seus bens antes de entrar no casamento com Kristin Lavransdatter. Por fim, Erlend ofereceu realizar o casamento com todo o esplendor adequado em sua propriedade em Husaby.

Então foi a vez de Lavrans falar, e ele disse: — Esta é uma oferta generosa. Vejo que é o desejo fervoroso de seu parente chegar a um acordo comigo. Também percebo que ele o pediu, Sir Munan, pela segunda vez para vir em uma missão como esta para mim, um homem de pouca importância fora desta vila, e um cavalheiro como você, Sir Baard, para se dar ao trabalho de fazer esta jornada em seu nome. Mas

agora devo lhe dizer em relação à oferta de Erlend que minha filha não foi criada para gerenciar propriedades e riquezas por si mesma, e sempre tive a intenção de entregá-la a um homem em cujas mãos eu pudesse confiar com confiança o bem-estar da moça. Não sei se Kristin é capaz de lidar com tal responsabilidade ou não, mas dificilmente acho que ela prosperaria ao fazê-lo. Ela é plácida e obediente em temperamento. Uma das razões que eu tinha em mente quando me oponho ao casamento era esta: que Erlend mostrou certa imprudência em várias áreas. Se ela fosse uma mulher dominadora, audaciosa e teimosa, a situação seria completamente diferente.

Sir Munan explodiu em risadas e disse:

— Meu caro Lavrans, você está reclamando que a moça não é obstinada o suficiente?

E Sir Baard, com um pequeno sorriso, comentou:

— Parece-me que sua filha demonstrou que não lhe falta vontade. Por dois anos, ela permaneceu ao lado de Erlend, apesar de seus desejos.

Lavrans respondeu:

— Eu sei muito bem, mas também sei do que estou falando. Foi difícil para ela durante o tempo em que desafiou minha vontade, e ela não será feliz com um marido por muito tempo, a menos que ele possa dominá-la.

— Que o Diabo me leve — disse Sir Munan. — Então, sua filha deve ser bem diferente de todas as mulheres que conheci, pois nunca encontrei uma única que não preferisse governar tanto a si mesma quanto o marido.

Lavrans deu de ombros e não respondeu.

Então, Baard Petersøn disse:

— Posso imaginar, Lavrans Bjørgulfsøn, que agora você está ainda menos a favor deste casamento entre sua filha e meu filho adotivo, já que a mulher com quem ele estava tenha chegado a tal fim. Mas você deve saber que agora veio à tona que a mulher miserável se deixou seduzir por outro homem, o capataz da fazenda de Erlend em Husaby. Erlend sabia disso quando viajava com ela pelo vale; ele havia oferecido proporcionar-lhe um dote adequado se o homem se casasse com ela.

— Você tem certeza de que isso é verdade? — perguntou Lavrans. — E mesmo assim, não sei se isso melhora a situação. Deve ser amargo para uma mulher de boa família chegar ao lado do proprietário e sair com o capataz.

Munan Baardsøn interveio:

— Vejo, Lavrans Bjørgulfsøn, que sua objeção mais forte ao meu primo é que ele teve esse problema infeliz com a esposa de Sigurd Saksulvsøn. E é verdade que foi mal aconselhado. Mas, pelo amor de Deus, homem, você deve lembrar... lá estava ele, um jovem na mesma

casa com uma esposa jovem e bonita, e ela tinha um marido velho, frio e inútil, e as noites duram metade do ano lá em cima. Não acho que se pudesse esperar muito mais, a menos que Erlend fosse realmente um santo. Não se pode negar que Erlend nunca teve carne de monge nele, mas eu não imagino que sua adorável filha jovem ficaria grata se você a desse a um monge. É verdade que Erlend se conduziu tolamente e até pior mais tarde. Mas esse assunto finalmente deve ser considerado encerrado. Nós, seus parentes, nos esforçamos para ajudar o rapaz a se reerguer. A mulher está morta, e Erlend fez tudo o que estava ao seu alcance pelo corpo e alma dela. O próprio Bispo de Oslo o redimiou de seu pecado, e agora ele voltou para casa, purificado pelo Sangue Sagrado em Schwerin. Você pretende ser mais severo do que o Bispo de Oslo e o arcebispo ou quem quer que seja lá embaixo que preside o sangue precioso?... Meu caro Lavrans, é verdade que uma vida pura é uma coisa admirável, mas dificilmente está ao alcance de um homem crescido, a menos que seja particularmente abençoado por Deus. Pelo Santo Olavo... você deve ter em mente que o santo rei, ele mesmo, não recebeu essa bênção até o fim de sua vida na Terra. Evidentemente, Deus quis que ele primeiro gerasse o hábil rei-menino Magnus, que repeliu a invasão dos pagãos ao norte. O Rei Olavo não teve esse filho com sua rainha, e ainda assim ele está entre os mais altos dos santos no Céu. Sim, eu posso ver que você considera isso uma conversa imprópria...

Sir Baard interrompeu:

— Lavrans Bjørgulfsson, eu não gostei deste assunto tanto quanto você quando Erlend veio a mim e disse que havia colocado seu coração em uma donzela prometida. Mas desde então percebi que há um amor tão forte entre esses dois jovens que seria um grande pecado separar suas afeições. Erlend estava comigo na festa de Natal que o Rei Haakon ofereceu para seus homens. Foi lá que se encontraram, e assim que se viram, sua filha desmaiou e ficou como morta por muito tempo... e pude ver que meu filho adotivo preferiria perder a própria vida do que perdê-la.

Lavrans ficou em silêncio por um momento antes de responder.

— Sim, esse tipo de coisa parece tão bonito quando ouvimos em um conto cortês das terras do sul. Mas não estamos em *Bretland*³⁰, e certamente vocês esperariam mais de um homem que pretendem aceitar como genro do que ele ter feito sua filha desmaiar de amor diante de todos.

Os outros dois não falaram, e então Lavrans continuou:

— Eu acredito, nobres senhores, que se Erlend Nikulaussøn não tivesse diminuído tanto sua propriedade e sua reputação, vocês não estariam aqui, pedindo tão fervorosamente para um homem de minha situação dar minha filha a ele. Mas eu não permitirei que digam sobre Kristin

que ela foi honrada ao vir para Husaby através do casamento com um homem pertencente à melhor linhagem deste país, depois que esse homem se desonrou tão gravemente que não pode esperar por uma combinação melhor nem manter a distinção de sua família. Ele se levantou abruptamente e andou de um lado para o outro pelo chão.

Mas Sir Munan pulou.

³⁰ Antigo nome norueguês para o território de Gales. (N.T.)

— Não, Lavrans, se você vai falar sobre trazer vergonha sobre si mesmo, então, por Deus, você deve saber que está sendo muito orgulhoso.

Sir Baard o interrompeu. Ele foi até Lavrans e disse:

— E orgulhoso você é, Lavrans. Você é como aqueles proprietários do passado que ouvimos falar, que se recusavam a aceitar títulos dos reis porque seu orgulho não suportava ouvir as pessoas dizerem que deviam algo a alguém além de si mesmos. Devo dizer que, se Erlend tivesse toda a honra e riqueza com as quais o rapaz nasceu, eu ainda não consideraria isso desonroso para mim quando pedisse a um homem de boa linhagem e boas circunstâncias para dar sua filha ao meu filho adotivo, se eu visse que isso partiria os corações desses dois jovens, serem mantidos separados. Especialmente — ele disse suavemente, colocando a mão no ombro do outro homem —, se as coisas fossem de tal forma que seria melhor para a saúde de ambas as almas deles se fossem permitidos casar.

Lavrans afastou a mão de Baard. Seu rosto ficou pedregoso e frio.

— Não sei o que você quer dizer, senhor.

Os dois homens se olharam por um momento. Então, Sir Baard disse:

— Quero dizer que Erlend me disse que eles se juraram solenemente um ao outro. Talvez você ache que tem a autoridade para libertar sua filha, já que ela jurou sem seu consentimento. Mas você não pode libertar Erlend. E não vejo que haja algo impedindo, exceto seu orgulho... e seu horror ao pecado. Mas nisso me parece que você quer ser mais severo que Deus próprio, Lavrans Bjørgulfsøn!

Lavrans respondeu um tanto incerto:

— Você pode estar certo no que diz, Sir Baard. Mas eu me oponho principalmente a este casamento porque Erlend me pareceu um homem não confiável a quem eu não gostaria de confiar minha filha.

— Acho que posso dar garantias sobre meu filho adotivo agora — disse Baard em um tom de voz contido. — Ele ama Kristin tanto que, se você a der a ele, estou convencido de que se conduzirá de tal maneira que você não terá motivo para reclamar de seu genro. Lavrans não respondeu imediatamente.

Então, Sir Baard disse suplicante, estendendo a mão:

— Em nome de Deus, Lavrans Bjørgulfsøn, dê seu consentimento!

Lavrans deu a mão a Sir Baard.

— Em nome de Deus.

Ragnfrid e Kristin foram chamadas ao sótão, e Lavrans contou-lhes sua decisão. Sir Baard cumprimentou as duas mulheres com cortesia. Sir Munan apertou a mão de Ragnfrid e falou educadamente com ela, mas cumprimentou Kristin à moda estrangeira com beijos, e ele demorou um pouco. Kristin percebeu que seu pai estava observando-a enquanto fazia isso.

— O que você acha do seu novo parente, Sir Munan? — ele perguntou com sarcasmo quando ficou sozinho com ela por um momento naquela noite.

Kristin deu ao pai um olhar suplicante. Então ele acariciou o rosto dela várias vezes e não disse mais nada.

Quando Sir Baard e Sir Munan foram para a cama, este último disse:

— O que eu não daria para ver a cara desse Lavrans Bjørgulfsøn se ele soubesse a verdade sobre a preciosa filha dele. Aqui você e eu tivemos que implorar de joelhos para Erlend conquistar uma mulher como esposa, uma mulher que ele teve consigo na estalagem de Brynhild tantas vezes.

— Fique quieto sobre isso — respondeu Sir Baard amargamente. — Foi a pior coisa que Erlend poderia ter feito quando atraiu a criança para um lugar desses. E nunca deixe Lavrans saber disso; será melhor para todos se esses dois puderem ser amigos.

Ficou acordado que a celebração do noivado seria realizada ainda no outono. Lavrans disse que não poderia oferecer um grande banquete porque o ano anterior tinha sido tão difícil no vale; mas, por outro lado, ele seria o anfitrião do casamento e o realizaria em Jørundgaard com todo o esplendor apropriado. Ele mencionou novamente o ano difícil como sua razão para exigir que o período de noivado durasse um ano.

CAPÍTULO 6

A CELEBRAÇÃO DO NOIVADO foi adiada por várias razões. Não ocorreu até o Ano Novo, mas Lavrans concordou que o casamento não precisava ser adiado por isso. Seria realizado imediatamente após o *Mikkelsmess*³¹, como originalmente acordado.

Então, Kristin continuou morando em Jørundgaard como a noiva

devidamente reconhecida de Erlend. Junto com sua mãe, ela revisou o dote que havia sido preparado para ela e esforçou-se para adicionar ainda mais às pilhas de lençóis e roupas, pois Lavrans não queria poupar nada agora que havia entregue sua filha ao senhor de Husaby.

Kristin ficou surpresa por não se sentir mais feliz. Mas, apesar de toda a atividade, não havia uma verdadeira alegria em Jørundgaard.

Seus pais sentiam muito a falta de Ulvhild — ela sabia disso. Mas também percebia que essa não era a única razão para o silêncio e a tristeza deles. Eles eram gentis com ela, mas quando falavam de seu noivo, ela podia ver que precisavam se esforçar para fazer isso. E o faziam para agradá-la e serem gentis; não o faziam por desejo próprio de falar de Erlend. Eles não estavam mais

³¹ Nome norueguês dado à festa que celebra a vida e o martírio de São Miguel Arcanjo, um evento que ocorre no dia

29 de setembro. A palavra “Mikkelsmess” é uma combinação do nome “Mikkel” (uma forma norueguesa de “Miguel”) e a palavra “messe”, que significa “missa” em norueguês. (N.T.)

felizes com o marido que ela havia escolhido agora que conheciam o homem. Erlend também estava calado e reservado durante o curto tempo que passou em Jørundgaard para a celebração do noivado — e não poderia ter sido de outra maneira, pensava Kristin. Ele sabia que seu pai havia dado apenas relutantemente seu consentimento.

Mesmo ela e Erlend mal trocaram mais do que algumas palavras sozinhos. E tinha sido desconfortável e estranho para eles sentarem juntos à vista de todos; eles tinham pouco sobre o que falar porque haviam compartilhado tantos segredos. Um leve medo começou a surgir dentro dela — fraco e tênue, mas sempre presente — de que talvez, de alguma forma, pudesse ser difícil para eles quando finalmente se casassem, porque haviam sido muito próximos no início e depois haviam sido separados por tempo demais.

Mas ela tentou afastar esse pensamento. Erlend deveria ficar com eles em Jørundgaard durante o *Pinse*³². Ele havia perguntado a Lavrans e Ragnfrid se teriam objeções se ele viesse visitar, e Lavrans hesitou por um momento, mas depois respondeu que receberia seu genro de braços abertos, Erlend podia ter certeza disso.

³² É uma palavra que deriva do latim “Pentecoste”, que significa “quingentésimo dia” em referência ao Pentecostes, o 50º dia após a Páscoa. Na Noruega, “Pinse” é um feriado religioso e também uma época de celebração e descanso. (N.T.)

Durante o *Pinse*, eles poderiam dar passeios juntos e conversar como nos velhos tempos; então, com certeza, esse sombreamento que havia

surgido entre eles durante a longa separação, quando cada um havia lutado e suportado tudo sozinho, desapareceria.

Na Páscoa, Simon Andressøn e sua esposa estavam em Formo. Kristin os viu na igreja. A esposa de Simon estava parada bem perto dela.

Ela deve ser bem mais velha do que ele, pensou Kristin — quase trinta anos. Fru Halfrid era baixa, delicada e magra, mas tinha um rosto excepcionalmente encantador. Mesmo a cor marrom pálida de seus cabelos, que se espalhava por baixo de seu véu, parecia tão suave, e seus olhos eram cheios de delicadeza também; eram grandes e cinzentos com uma pitada de pequenos brilhos dourados. Cada linha de seu rosto era fina e pura; mas sua tez era de um cinza pálido, e quando ela abria a boca, ficava evidente que ela não tinha dentes bons. Parecia não ser forte, e também diziam que ela era frágil. Kristin ouvira dizer que ela já havia sofrido vários abortos. Ela se perguntava como Simon se sentia em relação a essa esposa.

As pessoas de Jørundgaard e de Formo haviam se cumprimentado várias vezes ao longo do monte da igreja, embora não tivessem falado. Mas no terceiro dia, Simon veio à igreja sem sua esposa. Então, ele foi até Lavrans, e conversaram por um tempo. Kristin os ouviu mencionar Ulvhild. Depois, ele falou com Ragnfrid. Ramborg, que estava com sua mãe, disse em voz alta:

— Eu me lembro de você. Eu sei quem você é. Simon levantou a criança e a girou.

— Foi legal da sua parte não me esquecer,

Ramborg.

Ele cumprimentou Kristin apenas de uma curta distância. E seus pais não mencionaram o encontro novamente.

Mas Kristin pensou muito sobre isso. Tinha sido estranho ver Simon Darre como um homem casado. Tantas coisas do passado ganharam vida novamente: ela se lembrou de seu amor cego e submisso por Erlend naquela época. Agora, era de alguma forma diferente. Ela se perguntava se Simon havia contado à esposa como eles haviam se separado. Mas ela sabia que ele não teria feito isso, “por causa de meu pai”, pensou com desdém. Sentia-se estranhamente desamparada por ainda estar solteira e morando em casa com seus pais. Mas eles estavam noivos; Simon podia ver que haviam imposto a vontade deles. Qualquer outra coisa que Erlend pudesse ter feito, ele permanecera fiel a *ela*, e ela não fora imprudente nem frívola.

Em uma noite de primavera, Ragnfrid quis enviar uma mensagem para o sul para Velha Gunhild, a viúva que costurava peles de animais. A noite estava tão bonita que Kristin perguntou se poderia ir. No final, recebeu permissão porque todos os homens estavam ocupados.

Era depois do pôr do sol, e uma bela névoa branca e gelada se erguia em direção ao céu verde-dourado. A cada batida de casco, Kristin ouvia o som quebradiço do gelo noturno se partindo e se dispersando com um som de chocalho. Mas no crepúsculo, dos arbustos ao longo do caminho, vinha um canto de pássaros jubilante, suave e cheio de primavera.

Kristin cavalgou rapidamente pela estrada sem pensar em muita coisa, apenas sentindo o quão bom era estar do lado de fora sozinha. Ela cavalgou com o olhar fixo na lua nova, que estava prestes a se pôr atrás da serra do outro lado do vale. Quase caiu do cavalo quando o animal abruptamente virou para o lado e depois empinou.

Ela viu um corpo escuro enrolado à beira da estrada. No início, ficou com medo. O medo terrível de encontrar alguém sozinha na estrada nunca a deixava. Mas ela pensou que poderia ser um andarilho que tinha ficado doente, então, quando retomou o controle de seu cavalo, virou-se e voltou enquanto chamava:

— Tem alguém aí?

O embrulho mexeu um pouco, e uma voz disse: — Acho que deve ser você, Kristin

Lavransdatter.

— Irmão Edvin? — ela perguntou suavemente. Quase pensou que era um fantasma ou alguma artimanha que estava tentando enganá-la.

Mas ela se aproximou dele, e era o velho mesmo, mas ele não conseguia se levantar sem ajuda.

— Meu querido Padre, você está aqui vagando nesta época do ano? — ela perguntou, espantada.

— Louvado seja Deus por enviar você nesta direção esta noite — disse o monge. Kristin percebeu que ele estava tremendo por todo o corpo.

— Eu estava a caminho do norte para visitá-la, mas não pude ir mais longe esta noite. Eu quase pensei que fosse vontade de Deus que eu devesse deitar aqui e morrer nas estradas onde andei e dormi toda a minha vida. Mas eu gostaria de ter recebido a absolvição e os últimos ritos. E eu queria vê-la novamente, minha filha.

Kristin ajudou o monge a subir em seu cavalo e depois o conduziu pela brida enquanto o apoiava. Entre seus protestos de que ela estava

molhando os pés na lama congelada, ele gemeu suavemente de dor. Ele contou a ela que estava em Eyabu desde o Natal; alguns fazendeiros ricos da aldeia haviam prometido, durante o ano difícil, fornecer à igreja novos adornos. Mas seu trabalho havia progredido lentamente; ele estava doente durante o inverno. Havia algo errado com seu estômago, que o fazia vomitar sangue, e ele não conseguia tolerar comida. Ele não achava que tinha muito tempo de vida, então estava indo para casa, para seu claustro; ele queria morrer lá, entre seus irmãos. Mas ele tinha decidido vir ao norte pelo vale uma última vez, e assim ele havia acompanhado o monge de Hamar quando ele viajou para o norte para se tornar o novo padre residente no albergue de peregrinos em Roaldstad. De Fron, ele continuou sozinho.

— Ouvi dizer que você está noiva — ele disse —, daquele homem... E então tive um desejo tão grande de vê-la. Senti tanta angústia que nosso encontro na igreja no claustro deveria ser o nosso último. Pesou muito em meu coração, Kristin, que você havia se desviado do caminho da paz.

Kristin beijou a mão do monge e disse:

— Não entendo, Padre, o que fiz para merecer sua disposição em me mostrar tanto amor.

O monge respondeu suavemente:

— Muitas vezes pensei, Kristin, que se tivesse sido possível nos encontrarmos mais vezes, você poderia ter se tornado minha filha espiritual.

— Quer dizer que você teria me guiado para que eu voltasse meu coração para a vida monástica? — perguntou Kristin. Depois de uma pausa, ela continuou. — Sira Eirik me pressionou dizendo que, se eu não conseguisse o consentimento de meu pai para casar com Erlend, então eu teria que entrar em um convento e fazer penitência por meus pecados.

— Tenho orado frequentemente para que você tenha saudades pela vida do convento — disse Irmão Edvin —, mas não desde que você me contou o que você sabe. Eu gostaria que você pudesse ter vindo a Deus com sua coroa, Kristin.

Quando chegaram a Jørundgaard, Irmão Edvin teve que ser carregado para dentro e colocado na cama. Eles o colocaram na antiga casa de inverno, na sala principal, e o deixaram o mais confortável possível. Ele estava muito doente, e Sira Eirik veio e cuidou dele com medicamentos para seu corpo e alma. Mas o padre disse que o velho estava sofrendo de câncer e que não tinha muito tempo de vida. Irmão Edvin pensava que, quando recuperasse um pouco de sua força, voltaria para o sul e tentaria voltar ao seu claustro. Sira Eirik disse aos outros que não achava que isso fosse provável.

Todos em Jørundgaard sentiram que grande paz e alegria haviam chegado até eles com o monge. As pessoas entravam e saíam da sala principal o dia todo, e nunca era difícil encontrar alguém disposto a vigiar o homem doente à noite. Eles se aglomeravam ao seu redor, tantos quantos podiam encontrar tempo para sentar e ouvir quando Sira Eirik chegou e leu para o moribundo os livros sagrados; e conversaram com Irmão Edvin sobre assuntos espirituais. E embora grande parte do que ele dizia fosse vago e obscuro, como era seu modo de falar, as pessoas pareciam tirar força e conforto para suas almas, porque todos podiam ver que Irmão Edvin estava cheio de seu amor por Deus.

Mas o monge também queria ouvir sobre tudo o mais; ele pedia notícias das aldeias e queria que Lavrans lhe contasse sobre o ano ruim. Algumas pessoas haviam adotado conselhos malignos naquele momento de adversidade e haviam procurado a ajuda que os homens cristãos devem evitar. Um pouco para o interior das montanhas a oeste do vale, havia um lugar com grandes pedras brancas que tinham o formato das partes secretas dos seres humanos, e alguns homens haviam se entregado ao sacrifício de javalis e gatos diante desse monstro. Sira Eirik então havia levado vários dos fazendeiros mais piedosos e corajosos até lá numa noite, e eles haviam esmagado as pedras. Lavrans tinha ido junto e podia testemunhar que estavam completamente manchadas de sangue, e havia ossos e coisas do tipo espalhados por toda parte. Lá em Heidal, as pessoas aparentemente fizeram uma velha sentar do lado de fora em uma pedra enterrada e recitar encantamentos antigos em três noites de quinta-feira seguidas.

Numa noite, Kristin estava sentada sozinha com o Irmão Edvin. Por volta da meia-noite, ele acordou e parecia estar sofrendo muita dor. Então, ele pediu a Kristin que lesse para ele o livro sobre os milagres da Virgem Maria, que Sira Eirik tinha emprestado para ele. Kristin não estava acostumada a ler em voz alta, mas ela se sentou no degrau da cama e colocou a vela ao seu lado. Ela colocou o livro em seus joelhos e leu o melhor que pôde. Depois de um tempo, ela percebeu que o homem doente estava deitado na cama com os dentes cerrados e tinha cerrado os punhos emagrecidos devido à dor. — Você está sofrendo muito, querido Padre — disse Kristin com consternação.

— Parece-me assim agora. Mas eu sei que é porque Deus me fez criança novamente e está me lançando para cima e para baixo. Lembro-me de uma época em que eu era pequeno, tinha quatro anos, e fugi de casa em direção à floresta. Me perdi e fiquei lá por muitos dias e noites. Minha mãe estava com as pessoas que me encontraram, e quando ela me levantou em seus braços, lembro-me de que ela me

mordeu na parte de trás do pescoço. Eu pensei que era porque ela estava com raiva de mim, mas mais tarde eu entendi de outra forma... Agora estou ansiando por casa, longe desta floresta. Está escrito: “Abandone todas as coisas e siga-me”. Mas tem havido muita coisa aqui neste mundo que eu não tive coragem de abandonar.

— Você, Padre? — disse Kristin. — Sempre ouvi todos dizerem que você era um modelo de vida pura, pobreza e humildade.

O monge riu.

— Ah, jovem criança, você provavelmente pensa que não há mais nada no mundo que seduza além do prazer sensual, da riqueza e do poder. Devo dizer que essas são coisas pequenas que são encontradas ao lado da estrada... mas eu, eu amei os caminhos em si. Não foram as pequenas coisas do mundo que eu amei, mas o mundo inteiro. Deus, em Sua misericórdia, permitiu-me amar Irmã Pobreza e Irmã Celibato mesmo em minha juventude, e foi por isso que pensei que, com essas irmãs leigas, eu poderia caminhar com segurança. E assim eu vagava e perambulava, desejando poder percorrer todos os caminhos do mundo. E meu coração e meus pensamentos também vaguearam e perambularam... receio que tenha me desviado muitas vezes em meus pensamentos sobre as coisas mais sombrias. Mas agora acabou, pequena Kristin. Agora quero voltar para minha casa, deixar de lado todos os meus próprios pensamentos e ouvir as palavras claras do guardião sobre o que devo acreditar, e pensar nos meus pecados e na misericórdia de Deus.

Um pouco depois, ele adormeceu. Kristin se sentou perto da lareira e cuidou do fogo. Mas, em direção à manhã, quando ela também estava prestes a adormecer, o Irmão Edvin disse subitamente a ela da cama: — Estou feliz, Kristin, que essa questão entre Erlend Nikulaussøn e você tenha chegado a um bom fim. Então Kristin desabou em lágrimas.

— Fizemos muita coisa errada para chegar até aqui. E o pior de tudo é esse roer no meu coração por ter causado uma tristeza tão grande ao meu pai. Ele também não está feliz com isso. E ainda assim ele não sabe... se ele soubesse de tudo, certamente retiraria todo o seu afeto de mim.

— Kristin — disse Irmão Edvin gentilmente —, você não entende, criança, que é por isso que você nunca deve contar a ele e não deve causar mais tristeza a ele? Porque ele nunca exigiria penitência de você. Nada que você faça poderia mudar o coração de seu pai em relação a você.

Alguns dias depois, o Irmão Edvin estava se sentindo muito melhor e queria seguir para o sul. Como ele tinha decidido isso, Lavrans mandou fazer uma espécie de maca que foi pendurada entre dois

cavalos, e dessa maneira ele carregou o homem doente até Lidstad. Lá, o Irmão Edvin recebeu novos cavalos e uma nova escolta, e dessa forma ele foi levado até Hamar. Lá, ele morreu no mosteiro dos irmãos dominicanos e foi enterrado em sua igreja. Mais tarde, os frades descalços exigiram que o corpo lhes fosse entregue, porque muitas pessoas nas aldeias o consideravam um homem santo e o chamavam de São Even. Os fazendeiros nas regiões distantes e nos vales até Nidaros rezavam para ele. E assim houve uma longa disputa entre os dois mosteiros sobre seu corpo.

Kristin só soube disso muito depois. Mas ela lamentou profundamente quando se separou do monge. Parecia-lhe que ele sozinho conhecia toda a sua vida — ele conhecia a criança tola que ela fora sob os cuidados de seu pai, e ele soubera de sua vida secreta com Erlend. Então ele era como um fecho, ela pensou, que unia tudo o que ela havia amado a tudo o que agora enchia seu coração. Ela estava agora completamente separada da pessoa que ela fora — o tempo em que era uma donzela.

CAPÍTULO 7

À MEDIDA QUE ELA TESTAVA a cerveja morna nos barris, Ragnfrid disse:

— Acho que está legal o suficiente para colocarmos o fermento. Kristin estava sentada na porta da cervejaria, fiando, enquanto esperava o líquido esfriar. Ela colocou o fuso no degrau da porta, desembulhou a manta ao redor do balde com o fermento dissolvido e mediu uma porção.

— Feche a porta primeiro — disse sua mãe —, para não haver corrente de ar. Você está agindo como se estivesse dormindo, Kristin — ela acrescentou, irritada.

Kristin despejou lentamente o fermento nos barris de fermentação enquanto Ragnfrid mexia.

Geirhild Drivsdatter invocou o nome de Hatt, mas foi Odin quem veio ajudá-la na fabricação da cerveja; em troca, ele exigiu o que estava entre ela e o barril. Essa era uma saga que Lavrans contara a Kristin quando ela era pequena.

O que estava entre ela e o barril... Kristin se sentiu mal e tonta pelo calor e pelo vapor doce e picante na cervejaria escura e abafada. No pátio, Ramborg dançava em círculo com um grupo de crianças e cantava:

— A águia está sentada no salão mais alto, flexionando sua garra dourada...

Kristin seguiu sua mãe até o pequeno vestíbulo, que estava cheio de

barris de cerveja vazios e todo tipo de utensílios. Dali uma porta levava a uma faixa de terra entre a parede traseira da cervejaria e a cerca que cercava o campo de cevada. Um bando de porcos se empurrava, mordendo e guinchando enquanto brigavam pela cevada morna descartada.

Kristin sombreou os olhos com a mão do sol do meio-dia que brilhava intensamente. Sua mãe olhou para os porcos briguentos e disse:

— Não conseguiremos passar com menos de dezoito renas.

— Você acha que vamos precisar de tantas? — perguntou sua filha, distraída.

— Sim, precisamos servir caça com o porco todos os dias — respondeu sua mãe. — E só teremos o suficiente de aves e lebres para servir aos convidados no sótão. Lembre-se de que perto de duzentas pessoas virão aqui, com seus serviçais e crianças, e os pobres também precisam ser alimentados. E mesmo que você e Erlend partam no quinto dia, alguns dos convidados provavelmente ficarão pelo resto da semana, pelo menos.

— Fique aqui e cuide da cerveja, Kristin — disse Ragnfrid. — Eu tenho que ir cozinhar o jantar para seu pai e os ceifeiros³³.

³³ No original, em norueguês, “høyhøstere”. É uma palavra que se refere a pessoas que cortam e preparam feno, uma atividade comum na agricultura. (N.T.)

Kristin foi buscar seu fuso e depois se sentou na porta dos fundos. Ela enfiou o fuso com a lâ debaixo do braço, mas suas mãos afundaram em seu colo, segurando o fuso.

Além da cerca, as pontas da cevada brilhavam como prata e seda ao sol. Acima do som do rio, ela ouvia de vez em quando o barulho das foices nos prados da ilha; ocasionalmente o ferro batia contra a pedra. Seu pai e os servos estavam se esforçando para deixar para trás a pior época de ceifar. Havia tanto a fazer para o seu casamento.

O cheiro da cevada morna e o bafo forte dos porcos... ela de repente sentiu náuseas novamente. E o calor do meio-dia a deixou tonta e fraca. Com o rosto pálido, a espinha rígida, ela ficou ali esperando a sensação passar; ela não queria vomitar de novo.

Ela nunca se sentira assim antes. Não adiantaria tentar se consolar com o pensamento de que ainda não estava certo — que ela poderia estar enganada. O que estava entre ela e o barril...

Dezoito renas. Perto de duzentos convidados do casamento. As pessoas teriam algo para rir então, quando ouvissem que toda a agitação era por causa de uma mulher grávida que precisava se casar a tempo.

Ah, não! Ela jogou de lado sua fiandeira e se levantou. Com a testa pressionada contra a parede da cervejaria, ela vomitou na moita de urtigas que crescia em abundância ali. Lagartas marrons se agitavam sobre as urtigas; a visão delas a fez sentir ainda mais enjoada.

Kristin esfregou as têmporas, úmidas de suor. Ah não, certamente isso era o bastante.

Eles se casariam no segundo domingo após o *Mikkelsmess*, e então o casamento deles seria celebrado por cinco dias. Isso era mais de dois meses. Até então, sua mãe e as outras mulheres da vila conseguiriam perceber. Elas sempre eram tão sábias em assuntos assim; sempre conseguiam dizer quando uma mulher estava grávida meses antes de Kristin conseguir perceber como elas sabiam. Coitada, ela ficou tão pálida... Impacientemente, Kristin esfregou as mãos nas bochechas, pois podia sentir que estavam pálidas e sem sangue.

No passado, ela tantas vezes pensou que isso inevitavelmente aconteceria um dia. E ela não tinha sido terrivelmente assustada com isso. Mas não teria sido o mesmo naquela época, quando não podiam e não lhes era permitido se casar da maneira apropriada. Isso era considerado... sim, pensava-se que fosse vergonhoso de muitas maneiras, e também um pecado. Mas se fosse uma questão de dois jovens que se *recusavam* a ser afastados um do outro, isso seria algo que todos lembrariam, e falaria dos dois com compaixão. Ela não teria se envergonhado. Mas quando acontecia com os noivos, então todos apenas riam e os provocavam impiedosamente. Ela própria percebia que era ridículo. Ali estavam eles fazendo cerveja e vinho, abatendo e assando e cozinhando para um casamento que seria falado por toda parte — e ela, a noiva, se sentia mal só com o cheiro da comida e se esgueirava atrás dos anexos, suando frio, para vomitar. Erlend. Ela cerrou os dentes de raiva. Ele deveria tê-la poupado disso. Ela não estava disposta. Ele deveria se lembrar de como tinha sido antes, quando tudo era incerto para ela, quando ela não tinha nada além do amor dele para se segurar; então ela sempre, sempre cedia de boa vontade aos desejos dele. Ele deveria tê-la deixado em paz desta vez, quando ela tentou recusar porque achava impróprio que roubassem algo em segredo depois que seu pai colocara suas mãos juntas à vista de todos os parentes. Mas ele a havia tomado, em parte à força, mas com risadas e carícias também, então ela não conseguira mostrar a ele que estava falando sério em sua recusa.

Kristin foi para dentro cuidar da cerveja e depois voltou e ficou apoiada na cerca. O grão se balançava levemente, reluzindo na brisa leve. Ela não conseguia se lembrar de ter visto as colheitas tão densas e exuberantes quanto este ano. Ela avistou o rio ao longe e ouviu a voz de seu pai gritando; ela não conseguia distinguir suas palavras,

mas os trabalhadores na ilhota estavam rindo.

E se ela fosse até o pai e contasse? Seria melhor abrir mão de todo esse problema, casá-la com Erlend silenciosamente, sem um casamento na igreja e grande festa — agora que era uma questão de ela adquirir um nome de esposa antes que ficasse evidente para todos que ela já carregava o filho de Erlend.

Erlend também seria ridicularizado, tanto quanto ela, ou mais. Ele não era mais um jovem, afinal. Mas ele era o que queria esse casamento, ele queria vê-la como uma noiva usando seda e veludo e uma coroa dourada alta; ele queria isso, mas também queria possuí-la durante todas aquelas horas doces e secretas. Ela havia concordado com tudo. Ela continuaria fazendo o que ele queria também nesse assunto. E, no final, sem dúvida, ele perceberia que ninguém poderia ter os dois. Ele que falou da grande festa de Natal que faria em Husaby durante o primeiro ano em que ela seria sua esposa na mansão — então ele mostraria a todos os seus parentes e amigos e as pessoas das aldeias distantes que bela esposa ele tinha conquistado. Kristin sorriu com despeito. Este Natal dificilmente seria uma ocasião adequada para isso.

Aconteceria por volta do Dia de São Gregório. Seus pensamentos pareciam girar em sua cabeça sempre que ela se dizia que, perto do Dia de São Gregório, ela daria à luz a uma criança. Ela estava um pouco assustada também; ela se lembrava dos gritos agudos de sua mãe, que ecoaram pela fazenda por dois dias quando Ulvhild veio ao mundo. Em Ulvsvold, duas jovens morreram, uma após a outra, durante o parto; e as duas primeiras esposas de Sigurd de Loptsgaard também morreram. E sua própria avó, que ela levava o nome. Mas o medo não era o que ela sentia mais. Nestes últimos anos, quando percebeu novamente que ainda não estava grávida, ela pensou que talvez essa fosse a punição deles, dela e de Erlend — que ela continuaria estéril. Eles esperariam e esperariam em vão pelo que temiam antes; eles teriam esperança de maneira tão fútil, assim como temiam tão desnecessariamente. Até que, finalmente, perceberiam que um dia seriam levados para fora da propriedade ancestral dele e desapareceriam. Seu irmão era um padre, afinal, e as crianças que Erlend já tinha nunca poderiam herdar dele. Munan, o Coxo, e seus filhos entrariam em cena e ocupariam o lugar deles, e Erlend seria apagado da linhagem.

Ela pressionou a mão contra o ventre. Estava ali — entre ela e a cerca, entre ela e o barril. Entre ela e o mundo inteiro — o filho legítimo de Erlend. Ela tentou tudo o que ouviu Fru Aashild falar uma vez, com sangue de seu braço direito e esquerdo. Ela estava carregando um filho, seja qual fosse o destino que ele trouxesse para ela. Ela se lembrou de seus irmãos que morreram e dos rostos tristes de seus pais

sempre que os mencionavam; ela se lembrou de todas aquelas vezes em que os viu em desespero por Ulvhild e a noite em que ela morreu. E ela pensou em toda a tristeza que ela mesma causou a eles, e no rosto cansado de seu pai. E ainda assim isso não era o fim da tristeza que ela traria para seu pai e mãe.

Apesar disso, e apesar disso. Kristin apoiou a cabeça em seu braço ao longo da cerca; a outra mão ela manteve pressionada contra o ventre. Mesmo que isso trouxesse novas tristezas, mesmo que isso a fizesse morrer, ela preferiria morrer dando a Erlend um filho do que vê-los morrerem um dia, com os prédios vazios e os grãos de seus campos balançando para estranhos.

Alguém entrou na sala da frente. “A *ale!*” pensou Kristin. “Eu deveria tê-la olhado há muito tempo”. Ela se endireitou — e então Erlend se curvou ao sair da porta e avançou para a luz do sol, irradiando alegria.

— Então é aqui que você está — ele disse. — E você nem dá um passo para me encontrar? — Ele veio e a abraçou.

— Querida, você veio visitar? — ela perguntou, surpresa.

Ele devia ter acabado de desmontar do cavalo; ele ainda tinha sua capa sobre os ombros e sua espada ao lado. Ele estava barbudo, sujo e coberto de poeira. Ele estava usando uma sobrepeliz vermelha, que se arrastava do decote e tinha fendas nas laterais quase até seus braços. Ao atravessarem a cervejaria e o pátio, suas roupas flutuavam ao seu redor de modo que suas coxas eram visíveis até sua cintura. Era estranho; ela nunca havia notado antes que ele andava ligeiramente torto. Antes, ela só tinha visto que ele tinha pernas longas e esbeltas, tornozelos estreitos e pés pequenos e bem formados.

Erlend trouxera um séquito completo consigo: cinco homens e quatro cavalos de reserva. Ele disse a Ragnfrid que tinha vindo buscar os pertences domésticos de Kristin. Não seria reconfortante para ela encontrar suas coisas em Husaby quando chegasse? E como o casamento estava marcado para tão tarde no outono, poderia ser mais difícil transportar tudo naquela época. E não seria mais provável sofrer danos da água do mar no navio? O abade de Nidarholm oferecera-se para enviar tudo agora com o navio do mosteiro de Laurentius; esperava-se que zarpassem de Veøy por volta do Dia da Assunção. Foi por isso que ele veio para levar as coisas dela através de Raumsdal até o promontório.

Ele se sentou na entrada da cozinha e bebeu *ale* enquanto Ragnfrid e Kristin depenavam os patos selvagens que Lavrans trouxera no dia anterior. A mãe e a filha estavam sozinhas em casa; as servas estavam todas nos campos, rastelando. Ele parecia tão feliz; estava tão satisfeito consigo mesmo por vir em uma missão tão sensata. Sua mãe saiu, e Kristin cuidou das aves no espeto. Através da porta

aberta, ela avistou os homens de Erlend deitados na sombra do outro lado do pátio, passando a bacia de cerveja entre eles. Ele estava sentado no degrau, conversando e rindo. O sol brilhava intensamente em seus cabelos negros e sujos de fuligem; ela notou que havia várias mechas grisalhas neles. Bem, ele logo faria trinta e dois anos, afinal, mas agia como um jovem insolente. Ela sabia que não lhe contaria sobre sua aflição; haveria tempo suficiente para isso quando ele percebesse por si mesmo. Uma ternura bem-humorada percorria seu coração, sobre a pequena raiva que estava no fundo, como um rio cintilante sobre pedras.

Ela o amava mais do que tudo; isso enchia seu coração, embora sempre visse e lembrasse de tudo o mais. Como esse cortesão parecia fora de lugar no meio do trabalho agitado da fazenda, usando sua elegante sobrepeliz vermelha, esporas de prata nos pés e um cinto cravejado de ouro. Ela também notou que seu pai não subia até a fazenda, mesmo que sua mãe tivesse enviado Ramborg até o rio com a notícia do hóspede que havia chegado.

Erlend foi até Kristin e colocou as mãos em seus ombros.

— Você acredita nisso? — ele disse, com o rosto radiante. — Não parece estranho para você... todas essas preparações estão sendo feitas para o *nosso* casamento? — Kristin o beijou e o empurrou para o lado. Ela derramou gordura sobre os pássaros e disse a ele para não atrapalhar. Não, ela não contaria a ele.

Lavrans não subiu à fazenda até a hora do jantar, quando os ceifadores chegaram. Ele não estava vestido muito diferente dos trabalhadores, usando uma túnica de linho não tingido até os joelhos e calças até os tornozelos do mesmo tecido. Estava descalço e carregava sua foice sobre o ombro. A única coisa que diferenciava seu traje dos criados era uma coleira de couro no ombro para o falcão que estava empoleirado em seu ombro esquerdo. Ele estava segurando a mão de Ramborg.

Lavrans cumprimentou calorosamente seu genro e pediu desculpas por não ter vindo mais cedo. Eles precisavam trabalhar o mais rápido possível para terminar o trabalho na fazenda porque ele precisava fazer uma viagem à cidade entre a colheita e a época da ceifa. Mas quando Erlend apresentou o motivo de sua visita à mesa do jantar, Lavrans ficou bastante irritado.

Era impossível para ele ficar sem nenhum de seus carroções ou cavalos agora. Erlend respondeu que tinha trazido quatro cavalos extras consigo. Lavrans achava que haveria pelo menos três cargas de carroça. Além disso, a moça teria que manter todas as suas roupas em Jørundgaard. E o lençol que Kristin levaria consigo seria necessário na

fazenda durante o casamento para todos os convidados que teriam que ser acomodados.

— Não se preocupe — disse Erlend.

Certamente encontrariam uma maneira de transportar tudo no outono. Mas ele tinha ficado tão feliz, e achou que parecia tão sensato, quando o abade sugeriu que as coisas de Kristin pudessem viajar com o navio do mosteiro. O abade havia lembrado a ele de sua parentela.

— Isso é algo que todos estão lembrando agora — disse Erlend com um sorriso. A desaprovação de seu sogro não parecia afetá-lo nem um pouco.

E assim foi decidido que Erlend deveria pegar emprestado uma carroça e levar uma carga daquelas coisas que Kristin precisaria mais quando chegasse à sua nova casa.

No dia seguinte, ocuparam-se com o embalamento. Ragnfrid pensou que tanto o tear grande quanto o pequeno poderiam ser enviados agora; ela não teria tempo para tecer mais nada antes do casamento. A mãe e a filha cortaram o tecido que estava no tear. Era um tecido de lã não tingida, mas da melhor e mais macia lã, com tufo de lã preta tecidos para formar um padrão. Kristin e sua mãe enrolaram o pano e o colocaram em uma sacola de couro. Kristin achava que seria bom para roupas de bebê e ficaria bonito com fitas vermelhas ou azuis ao redor.

O baú de costura que Arne havia feito para ela também poderia ir. Kristin tirou da caixa todas as coisas que Erlend lhe dera ao longo do tempo. Ela mostrou para a mãe a capa de veludo azul com o padrão vermelho que ela usaria na procissão nupcial. Sua mãe virou para um lado e para o outro, sentindo o tecido e o forro de pele.

— Esta é uma capa muito cara — disse Ragnfrid. — Quando Erlend te deu isso?

— Ele me deu enquanto eu estava em Nonneseter — disse sua filha. O baú nupcial de Kristin, que sua mãe vinha acrescentando coisas desde que ela era pequena, foi refeito. Era entalhado em painéis, e em cada um havia um cervo saltando ou um pássaro sentado entre as folhas. Ragnfrid colocou o vestido de noiva de Kristin em um dos próprios baús. Não estava totalmente pronto; elas estiveram costurando nele durante todo o inverno. Era feito de seda escarlate e cortado de maneira que se ajustaria bem ao corpo dela. Kristin achava que agora ficaria muito apertado nos seios.

Ao cair da tarde, a carga estava toda empacotada e amarrada sob a cobertura da carroça. Erlend partiria cedo na manhã seguinte.

Ele ficou com Kristin, inclinados sobre o portão da fazenda, olhando para o norte, onde a mancha azul-escura de uma nuvem de tempestade enchia o vale. Trovões rugiam das montanhas, mas para o sul, os prados e o rio se estendiam sob a deslumbrante luz amarela do sol.

— Você se lembra da tempestade naquele dia na floresta perto de Gerdarud? — ele perguntou suavemente, brincando com os dedos dela.

Kristin assentiu e tentou sorrir. O ar estava tão pesado e abafado; sua cabeça latejava e ela suava a cada respiração.

Lavrans se aproximou deles no portão e falou sobre o tempo. Raramente causava danos aqui na aldeia, mas Deus sabia se traria problemas para o gado e os cavalos nas montanhas.

Estava tão escuro como a noite lá em cima, atrás da igreja no morro. Um relâmpago revelou um grupo de cavalos, aglomerados inquietos, no campo fora do portão da igreja. Lavrans não achava que eles pertenciam ao vale; os cavalos eram mais prováveis de Dovre e haviam vagado pelas montanhas abaixo de Jetta. Ele gritou sobre o trovão que estava pensando em subir lá e cuidar deles, para ver se havia algum dos seus entre eles.

Um terrível raio rasgou a escuridão lá em cima. O trovão rugiu tão alto que não podiam ouvir mais nada. Os cavalos correram pela grama sob a crista. Os três se benziam.

Então mais relâmpagos piscaram; o céu parecia prestes a se dividir ao meio, e um tremendo raio branco como a neve se lançou em direção a eles. Os três foram lançados um contra o outro; ficaram lá de olhos fechados, cegos, e sentiram um cheiro de pedra queimada — e então o estrondo do trovão explodiu em seus ouvidos.

— Santo Olavo, nos ajude — murmurou

Lavrans.

— Olhe para o abeto, olhe para o abeto! — gritou Erlend. O enorme abeto no campo parecia oscilar, e então um pesado galho se quebrou e caiu no chão, deixando uma longa fenda no tronco.

— Acho que está pegando fogo. Jesus Cristo! O

telhado da igreja está em chamas! — gritou Lavrans. Ficaram ali parados, observando. Não... sim, estava! Chamas vermelhas tremulavam sob as telhas abaixo da torre do telhado.

Ambos os homens saíram correndo, de volta pelo pátio da fazenda. Lavrans arrombou todas as portas dos prédios, gritando para quem estava dentro. Todos saíram correndo.

— Tragam machados, tragam machados... os machados grandes — ele gritou. — E as picaretas! — Ele correu até os estábulos.

Um momento depois, ele reapareceu, liderando Guldsvain pela crina. Saltou para cima do cavalo sem sela e partiu em direção ao norte. Tinha o grande machado largo na mão. Erlend seguia direto atrás dele, e todos os outros homens seguiram. Alguns estavam a cavalo, mas outros não conseguiam controlar os animais assustados e desistiam, partindo correndo. Atrás deles vinham Ragnfrid e as mulheres da fazenda com bacias e baldes.

Ninguém parecia mais perceber a tempestade. Na luz do relâmpago, viram pessoas saírem correndo dos prédios mais abaixo na aldeia. Sira Eirik já estava correndo morro acima, seguido por seus servos. Cascos de cavalos retumbavam pela ponte abaixo, e vários trabalhadores da fazenda corriam. Todos viraram seus rostos pálidos e aterrorizados em direção à igreja em chamas.

Um vento leve soprava do sudeste. O fogo estava firmemente estabelecido na parede norte; do lado oeste, a entrada já estava bloqueada. Mas ainda não tinha alcançado o lado sul ou a abside.

Kristin e as mulheres de Jørundgaard entraram no cemitério ao sul da igreja, onde o portão tinha desabado. A tremenda labareda vermelha iluminou o bosque ao norte da igreja e a área onde postes haviam sido erguidos para amarrar os cavalos. Ninguém podia se aproximar do local por causa do calor. Apenas a cruz permanecia lá, banhada pelo brilho das chamas. Parecia como se estivesse viva e se movendo.

Através do rugido e fervor do fogo, podiam ouvir o estrondo dos machados contra as tábuas da parede sul. Havia homens na galeria, golpeando e cortando, enquanto outros tentavam derrubar a própria galeria.

Alguém gritou para as mulheres de Jørundgaard que Lavrans e alguns outros homens haviam seguido Sira Eirik para dentro da igreja. Tinham que abrir uma abertura na parede, pequenas chamas dançavam aqui e ali entre as telhas do telhado. Se o vento mudasse ou diminuísse, as chamas envolveriam toda a igreja. Qualquer pensamento de apagar o incêndio era fútil; não havia tempo para formar uma corrente até o rio, mas, por ordem de Ragnfrid, as mulheres se posicionaram e passaram água do riacho que corria ao longo da estrada a oeste; pelo menos havia um pouco de água para jogar na parede sul e nos homens que trabalhavam lá. Muitas das mulheres soluçavam enquanto trabalhavam, com medo e angústia por aqueles que tinham entrado no prédio em chamas e tristeza por sua igreja.

Kristin ficou na frente da linha de mulheres, jogando a água dos baldes. Ela olhava sem fôlego para a igreja, onde ambos tinham entrado, seu pai e Erlend. Os postes da galeria foram derrubados e estavam amontoados em um monte de madeira entre pedaços de telha do telhado da galeria. Os homens estavam cortando a parede com toda a força; todo um grupo levantou uma viga e a usava como um aríete.

Erlend e um de seus homens saíram pela pequena porta sul do coro; eles carregavam entre eles o grande baú da sacristia, o baú em que Eirik costumava se sentar quando ouvia confissões. Erlend e o criado tombaram o baú no cemitério.

Kristin não ouviu o que ele gritou; ele correu de volta, subindo para a galeria novamente. Ele era ágil como um gato enquanto corria. Tinha tirado suas vestes externas e estava vestido apenas com sua camisa, calças e meias.

Os outros pegaram seu grito — a sacristia e o coro estavam queimando. Ninguém podia mais ir da nave até a porta sul; o fogo agora bloqueava ambas as saídas. Algumas tábuas na parede tinham sido espatifadas, e Erlend pegou um machado de incêndio e estava cortando e golpeando os destroços. Tinham aberto um buraco no lado da igreja, enquanto outras pessoas gritavam para que tivessem cuidado — o telhado poderia desabar e enterrar todos eles dentro da igreja. O telhado agora estava queimando vigorosamente deste lado também, e o calor estava se tornando insuportável. Erlend pulou pelo buraco e ajudou a tirar Sira

Eirik. O padre tinha suas vestes cheias de vasos sagrados dos altares.

Um menino jovem o seguiu com a mão sobre o rosto e a alta cruz processional estendida à sua frente.

Lavrans veio em seguida. Ele tinha fechado os olhos contra a fumaça, cambaleando sob o pesado crucifixo que segurava nos braços; era muito mais alto do que ele. As pessoas correram para frente e os ajudaram a descer para o cemitério. Sira Eirik tropeçou, caiu de joelhos e os vasos do altar rolaram pelo declive. A pomba de prata se abriu, e a Hóstia caiu. O padre pegou, limpou e beijou enquanto soluçava alto. Beijou a cabeça dourada que ficava acima do altar com um pedaço de cabelo e unhas de Santo Olavo dentro.

Lavrans Bjørgulfsøn ainda estava lá, segurando o crucifixo. Seu braço estava sobre os braços da cruz, e ele apoiava a cabeça no ombro de Cristo. Parecia que o Salvador inclinava seu rosto belo e triste em direção ao homem para consolá-lo.

O telhado começou a desmoronar aos poucos no lado norte da igreja. Uma viga de telhado em chamas atingiu o grande sino na baixa torre perto do portão do cemitério. O sino tocou com um tom profundo e melancólico, que desapareceu em um longo gemido, afogado pelo rugido do fogo.

Ninguém havia prestado atenção ao tempo durante todo o tumulto. O evento todo não tinha levado muito tempo, mas ninguém estava ciente disso também. Agora o trovão e o relâmpago estavam longe, ao sul do vale. A chuva, que tinha caído por um tempo, agora caía mais forte, e o vento tinha cessado.

Mas de repente foi como se uma vela de chamas tivesse sido içada desde a fundação. Em um instante, e com um grito, o fogo envolveu a igreja de uma ponta à outra.

Todos correram para longe do calor abrasador.

Erlend estava de repente ao lado de Kristin, instigando-a a descer o morro. Seu corpo exalava o fedor do fogo; ela afastou um punhado de cabelo chamuscado quando acariciou sua cabeça e rosto.

Não conseguiam ouvir as vozes uns dos outros acima do rugido das chamas. Mas ela viu que suas sobrancelhas tinham sido queimadas completamente, ele tinha queimaduras no rosto e sua camisa estava

queimada em alguns lugares também. Ele ria enquanto a puxava junto com os outros.

Todos seguiram atrás do velho sacerdote chorando e de Lavrans Bjørgulfsøn, carregando o crucifixo.

Na beira do cemitério, Lavrans apoiou a cruz contra uma árvore e depois afundou nos destroços do portão. Sira Eirik já estava sentado lá; ele estendeu os braços em direção à igreja em chamas.

— Adeus, adeus, igreja de Olav. Deus te abençoe, minha igreja de Olav. Deus te abençoe por cada hora que passei dentro de você, cantando e celebrando a missa. Igreja de Olav, boa noite, boa noite.

Todos da paróquia choravam alto com ele. A chuva estava caindo sobre as pessoas, encolhidas juntas, mas ninguém pensava em sair. Não parecia que a chuva estivesse diminuindo o calor nas vigas carbonizadas; pedaços ardentes de madeira e telhas meio queimadas voavam por toda parte. Um momento depois, a torre do telhado desabou na fogueira com uma chuva de faíscas subindo atrás dela.

Lavrans sentou-se com uma mão cobrindo o rosto; seu outro braço estava estendido sobre o colo, e Kristin viu que sua manga estava ensanguentada do ombro até embaixo. O sangue escorria pelos seus dedos. Ela se aproximou e tocou seu braço.

— Eu não acho que seja grave. Algo caiu no meu ombro — disse, olhando para cima. Ele estava tão pálido que até seus lábios estavam brancos. — Ulvhild — ele sussurrou com angústia ao olhar para o inferno. Sira Eirik ouviu e colocou uma mão em seu ombro.

— Não acordará sua criança, Lavrans. Ela dormirá tão profundamente com o fogo queimando sobre seu lugar de descanso — ele disse. — Ela não perdeu o lar de sua alma, como o resto de nós fizemos esta noite. Kristin escondeu o rosto no peito de Erlend.

Ficou ali, sentindo seus braços ao seu redor. Então ouviu seu pai perguntar por sua esposa.

Alguém disse que, devido ao terror, uma mulher começou a ter dores de parto; a tinham levado para a casa paroquial, e Ragnfrid tinha ido junto.

Kristin foi subitamente lembrada do que havia esquecido completamente desde que perceberam que a

igreja estava pegando fogo: ela não deveria ter olhado para a igreja. Havia um homem ao sul da vila que tinha uma mancha vermelha cobrindo metade do rosto. Diziam que ele nasceu assim porque sua mãe olhou para um fogo enquanto o carregava. Querida Virgem Maria, ela rezou em silêncio, não deixe que meu filho não nascido seja prejudicado por isso.

No dia seguinte, um *ting* da aldeia seria convocado no outeiro da igreja. As pessoas decidiriam como reconstruir a igreja.

Kristin procurou Sira Eirik em Romundgaard antes que ele partisse para o *ting*. Ela perguntou ao sacerdote se ele achava que deveria levar isso como um presságio. Talvez fosse a vontade de Deus que ela dissesse ao pai que era indigna de ficar sob a coroa nupcial e que seria mais apropriado se casar com Erlend Nikulaussøn sem uma festa de casamento.

Mas Sira Eirik ficou furioso, os olhos faiscando de fúria.

— Você acha que Deus se importa tanto com a maneira como vocês, mulheres desavergonhadas, se entregam e se jogam fora a ponto de queimar uma igreja bonita e honrada por sua causa? Livre-se do seu orgulho e não cause tristeza a sua mãe e Lavrans, da qual dificilmente se recuperariam. Se você não usar a coroa com honra no dia do seu casamento, será ruim o suficiente para você; mas você e Erlend têm ainda mais necessidade desse sacramento ao se unirem. Todos têm seus pecados a responder; sem dúvida é por isso que essa desgraça recaiu sobre todos nós. Tente melhorar sua vida e nos ajude a reconstruir esta igreja, tanto você quanto Erlend.

Kristin pensou consigo mesma que ainda não havia contado a ele a última coisa que lhe acontecera — mas decidiu deixar como estava.

Ela foi ao *ting* com os homens. Lavrans compareceu com o braço enfaixado, e Erlend tinha várias queimaduras no rosto. Ele parecia tão pálido, mas apenas ria. Nenhuma das feridas era grave, e ele disse que esperava que elas não o desfigurassem no dia do casamento. Ele se levantou após Lavrans e prometeu dar à igreja quatro marcos de prata e à aldeia, em nome de sua noiva e com o consentimento de Lavrans, uma parte da propriedade de Kristin no valor de um marco em imposto sobre a terra.

Erlend teve que ficar em Jørundgaard por uma semana devido a suas feridas. Kristin percebeu que Lavrans parecia gostar mais de seu genro depois da noite do incêndio; os homens agora pareciam ser bons amigos. Então ela pensou que talvez seu pai ficasse tão satisfeito com

Erlend Nikulaussøn que seria mais tolerante e não levaria tão a sério quanto ela temia quando percebesse um dia que tinham pecado contra ele.

CAPÍTULO 8

AQUELE ANO, foi um ano excepcionalmente bom em todos os vales do norte. O feno estava abundante, e tudo foi colhido com segurança. Todos voltaram para casa dos pastos de montanha com o gado engordado e grandes quantidades de manteiga e queijo — e foram misericordiosamente livres de predadores naquele ano. O trigo estava tão alto que poucas pessoas conseguiam se lembrar de tê-lo visto tão bonito. As colheitas amadureceram bem e foram generosas, e o clima estava no seu melhor. Entre o Dia de São Bartolomeu e a Festa do Nascimento de Maria, durante o período em que as noites geladas eram mais prováveis, choveu um pouco e o tempo estava quente e nublado, mas depois disso o mês da colheita prosseguiu com sol, vento e noites amenas e enevoadas. Até a semana após o Dia de São Miguel, a maioria do grão havia sido colhida em todo o vale.

Em Jørundgaard, estavam trabalhando arduamente e se preparando para o grande casamento. Nos últimos dois meses, Kristin estava tão ocupada, de manhã até à noite, todos os dias, que mal tinha tempo para se preocupar com algo além do seu trabalho. Ela podia ver que seus seios haviam ficado mais pesados, e que seus pequenos mamilos rosados haviam escurecido e estavam tão sensíveis quanto feridas todas as manhãs quando tinha que levantar da cama no frio. Mas a dor passava assim que ela se aquecia com o trabalho, e então ela pensava apenas no que tinha que fazer antes do anoitecer. Às vezes, quando ela se endireitava para esticar as costas e pausava para descansar por um momento, ela percebia que o que carregava no ventre estava ficando pesado. Mas ela ainda estava tão esbelta e elegante. Ela alisava as mãos sobre seus quadris longos e finos. Não, ela não queria se preocupar com isso agora. Às vezes, ela pensava de repente, com uma sensação de saudade, que em um mês ou dois seria capaz de sentir a vida dentro dela. Nessa época, estaria em Husaby. Talvez Erlend ficasse satisfeito. Ela fechou os olhos e mordeu o seu anel de noivado — ela viu o rosto de Erlend, pálido de emoção, quando ele se levantou no alto sôtão e pronunciou os votos de noivado em voz alta e clara:

— Tão certo como Deus é minha testemunha, junto com esses homens que estão diante de mim, eu, Erlend Nikulaussøn, me prometo a Kristin Lavransdatter de acordo com as leis de Deus e dos homens, nas

condições que foram apresentadas a essas testemunhas que estão aqui conosco. Que eu a possuirei como minha esposa, e você me possuirá como seu marido enquanto ambos vivermos, que viveremos juntos em matrimônio com toda a comunhão que as leis de Deus e as leis da terra reconhecem.

Ela estava fazendo recados pelo pátio, indo de prédio em prédio, e parou por um momento. O freixo estava cheio de bagas este ano; seria um inverno nevado. E o sol brilhava sobre os campos pálidos, onde os feixes de grãos estavam empilhados nos postes. Se ao menos esse tempo se mantivesse até o casamento.

Lavrans permaneceu firme em sua intenção de que sua filha se casasse em uma igreja. Portanto, decidiu-se que isso aconteceria na capela em Sundbu. No sábado, a procissão nupcial cavalgaria sobre as montanhas até Vaage. Eles passariam a noite em Sundbu e nas fazendas vizinhas, retornando no domingo após a missa de casamento. Na mesma noite, após as vésperas, quando o sábado terminasse, o casamento seria celebrado e Lavrans daria sua filha a Erlend. E depois da meia-noite, os noivos seriam conduzidos até a cama.³⁴

Na sexta-feira, à tarde, Kristin estava de pé na galeria do salão alto, observando os viajantes que vinham cavalgando do norte, passando pela igreja queimada no morro. Era Erlend com todos os seus padrinhos. Ela se esforçava para distingui-lo dos outros. Eles não podiam se ver; nenhum homem podia vê-la até que ela fosse conduzida pela manhã, usando suas roupas de noiva.

³⁴ Aqui temos um ritual de casamento pré-cristão, ainda comum na Idade Média, que exigia que seis pessoas testemunhassem o casal indo abertamente para a cama; só então o casamento seria considerado legalmente vinculativo.

No local onde a estrada se voltava em direção a Jørundgaard, várias mulheres se afastaram do grupo. Os homens continuaram em direção a Laugarbru, onde passariam a noite.

Kristin desceu para dar as boas-vindas aos convidados. Sentia-se tão cansada depois de seu banho, e seu couro cabeludo doía terrivelmente; sua mãe tinha enxaguado seus cabelos em uma solução forte de lixívia³⁵ para dar-lhes um brilho intenso para o dia seguinte.

Fru Aashild Gautesdatter deslizou de sua sela para os braços de Lavrans. Como ela se mantém ágil e jovem, pensou Kristin. Sua nora Katrin, esposa de Sir Munan, quase parecia mais velha que ela; ela era alta e robusta, seus olhos e pele sem cor. “É estranho,” pensou Kristin, “que ela seja feia e ele infiel, e ainda assim dizem que se dão bem

juntos”. Duas filhas de Sir Baard Petersøn também vieram, uma casada, a outra não. Elas não eram feias nem bonitas; pareciam confiáveis e gentis, mas bastante reservadas com estranhos. Lavrans agradeceu-lhes cortesmente por sua disposição em honrar este casamento e por fazerem a longa viagem tão tarde no outono.

35 Em alguns contextos, a lixívia pode se referir a qualquer produto químico usado para remover manchas, descolorir ou branquear; seria equivalente, atualmente, à água-sanitária.

— Erlend foi criado por nosso pai quando era criança — disse a irmã mais velha, e ela avançou para cumprimentar Kristin.

Então, dois jovens vieram trotando animadamente para o pátio. Eles saltaram de seus cavalos e correram rindo em direção a Kristin, que correu para dentro de casa e se escondeu. Eram os filhos jovens de Trond Gjesling, meninos bonitos e promissores. Eles trouxeram a coroa nupcial de Sundbu em um baú. Trond e sua esposa não viriam para Jørundgaard até domingo depois da missa.

Kristin tinha fugido para a sala de lareira, e Fru Aashild a tinha seguido. Ela colocou as mãos nos ombros de Kristin e puxou seu rosto para baixo para um beijo.

— Estou feliz por ver este dia — disse Fru Aashild.

Ela percebeu ao segurar as mãos de Kristin o quanto elas tinham se tornado magras. Viu que a noiva também tinha emagrecido, mas seu peito estava cheio. Todas as linhas de seu rosto tinham se tornado mais magras e mais delicadas do que antes; na sombra de seus cabelos espessos e úmidos, suas têmporas pareciam ligeiramente ocas. Suas bochechas não eram mais redondas, e sua tez fresca havia desaparecido. Mas os olhos de Kristin tinham se tornado muito maiores e mais escuros.

Fru Aashild a beijou novamente.

— Vejo que você teve muito com o que lutar, Kristin — disse ela. — Vou lhe dar algo para beber esta noite para que você descanse e esteja fresca pela manhã.

Os lábios de Kristin começaram a tremer.

— Silêncio — disse Fru Aashild, dando tapinhas em sua mão. — Estou ansiosa para vesti-la com suas roupas luxuosas... ninguém verá uma noiva mais encantadora do que você será amanhã.

Lavrans foi até Laugarbru para jantar com seus convidados que estavam hospedados lá.

Os homens não pouparam elogios à comida; uma melhor ceia de sexta-feira não poderia ser encontrada nem mesmo nos claustros mais ricos. Havia mingau de farinha de centeio, feijão cozido e pão branco.

E o peixe servido era truta, tanto salgada quanto fresca, e longas tiras de halibute seco.

Gradualmente, à medida que se serviam de *ale*, os homens ficavam cada vez mais barulhentos e suas brincadeiras com o noivo se tornavam cada vez mais vulgares. Todos os padrinhos de Erlend eram muito mais jovens do que ele; seus próprios pares e amigos já haviam se tornado homens casados há muito tempo. Agora, os homens faziam piadas sobre o fato de ele ser tão velho e deitar-se na cama nupcial pela primeira vez. Alguns parentes mais velhos de Erlend, que ainda estavam relativamente sóbrios, temiam que, a cada nova palavra proferida, a conversa pudesse mudar para assuntos que seria melhor deixar intocados. Sir Baard de Hestnæs mantinha um olho em Lavrans. Ele estava bebendo bastante, mas não parecia que a cerveja o estava deixando mais feliz enquanto ele estava sentado ali no lugar mais alto; seu rosto ficava cada vez mais tenso à medida que seu olhar ficava mais imperturbável. Mas Erlend, que estava sentado à direita de seu sogro, desviava a brincadeira alegremente e ria muito; seu rosto estava vermelho e seus olhos brilhavam.

De repente, Lavrans berrou:

— Aquela carroça, genro... enquanto me lembro, o que você fez com a carroça que pegou emprestada de mim no verão passado?

— Carroça? — disse Erlend.

— Você não se lembra que pegou emprestado uma carroça de mim no verão passado? Deus sabe que era um bom carro. Provavelmente nunca verei um melhor, porque eu mesmo estava aqui quando foi construído nesta fazenda. Você prometeu e jurou, como posso testemunhar diante de Deus. E meus servos podem confirmar que você prometeu que o traria de volta para mim, mas você não cumpriu sua palavra.

Alguns dos convidados gritaram que isso não era algo para se falar agora, mas Lavrans bateu na mesa e jurou que descobriria o que Erlend tinha feito com seu carro.

— Oh, provavelmente ainda está na fazenda na ponta do terreno, onde pegamos o barco para Veøy — disse Erlend indiferentemente. — Eu não achei que fosse tão importante. Veja, sogro, foi uma jornada longa e árdua com a carga através dos vales, então, quando chegamos ao fiorde, nenhum dos meus homens estava com vontade de viajar todo o caminho de volta com o carro e depois sobre as montanhas ao norte de Nidaros. Então, pensei que poderia esperar por enquanto...

— Não, que o Diabo me leve aqui mesmo onde estou sentado se já ouvi algo assim — Lavrans o interrompeu. — Que tipo de pessoas você emprega em sua casa? É você ou seus homens que decidem para onde irão ou não?

Erlend encolheu os ombros.

— É verdade que muitas coisas não foram como deveriam ser em minha casa. O carro será enviado de volta ao sul para você quando Kristin e eu viajarmos por aquelas bandas. Meu querido sogro — disse com um sorriso, estendendo a mão —, você deve saber que agora tudo será diferente, e eu também serei, agora que Kristin virá para casa como minha esposa. A questão do carro foi infeliz. Mas eu prometo a você, esta será a última vez que você terá motivo para reclamar de mim.

— Querido Lavrans — disse Baard Petersøn —, reconcilie-se com ele por essa questão insignificante...

— Uma questão insignificante ou uma grande... — começou Lavrans. Mas então ele se deteve e apertou as mãos com Erlend.

Logo depois, ele saiu, e os convidados em Laugarbru foram encontrar suas camas para a noite.

No sábado, antes do meio-dia, as mulheres e donzelas estavam ocupadas no antigo sótão. Algumas estavam arrumando a cama nupcial, enquanto outras ajudavam a noiva a terminar de se vestir.

Ragnfrid escolheu este edifício para a casa nupcial porque era o menor dos sótãos — eles poderiam acomodar muitos mais convidados no novo sótão sobre o depósito — e era o quarto em que haviam morado no verão, quando Kristin era pequena, antes que Lavrans construísse a casa do sótão alto, onde agora viviam tanto no verão quanto no inverno. Mas o antigo depósito era indiscutivelmente também o edifício mais encantador da fazenda, desde que Lavrans o mandou reconstruir; estava em estado de deterioração quando se mudaram para Jørundgaard. Agora estava decorado com as mais belas entalhações tanto por dentro quanto por fora, e o sótão não era grande, então era mais fácil adorná-lo com tapeçarias, tecidos e peles.

A cama nupcial estava pronta com travesseiros cobertos de seda, e lindas mantas haviam sido penduradas ao redor como cortinas; sobre as peles e mantas de lã, foi estendido um cobertor de seda bordado. Ragnfrid e várias mulheres penduravam tapeçarias nas paredes de madeira e colocavam almofadas nos bancos.

Kristin estava sentada em uma poltrona que havia sido levada para o sótão. Ela usava seu vestido de noiva escarlate. Grandes broches o prendiam em seu peito e fechavam a camisa de seda amarela no pescoço; braceletes dourados brilhavam nas mangas de seda amarela. Um cinto de prata dourada foi enrolado três vezes ao redor de sua cintura, e em volta do pescoço e no peito havia colares sobre colares — e no topo de todos eles estava a antiga corrente de ouro de seu pai com o grande crucifixo relicário. Suas mãos, que estavam em seu colo,

estavam pesadas de anéis.

Fru Aashild estava em pé atrás de sua cadeira, escovando o cabelo espesso e castanho-dourado de Kristin.

— Amanhã você o usará solto pela última vez — disse ela com um sorriso, enrolando em torno da cabeça de Kristin as cordas de seda vermelha e verde que sustentariam a coroa. Então as mulheres se reuniram ao redor da noiva.

Ragnfrid e Gyrid de Skog trouxeram da mesa a grande coroa nupcial da família Gjesling. Era completamente dourada; as pontas alternavam entre cruzeiros e folhas de trevo, e a circunferência estava decorada com cristais de rocha.

Elas pressionaram-na sobre a cabeça da noiva. Ragnfrid estava pálida, e suas mãos tremiam enquanto fazia isso.

Kristin se levantou lentamente. Jesus, como era pesado suportar toda aquela prata e ouro. Então, Fru Aashild a pegou pela mão e a levou até uma grande bacia de água, enquanto as damas de honra abriam a porta para deixar entrar o sol e iluminar o sótão.

— Olhe para si mesma agora, Kristin — disse Fru Aashild, e Kristin se inclinou sobre a bacia.

Ela viu seu próprio rosto surgir, branco, da água; ele veio tão perto que ela pôde ver a coroa dourada acima. Tantas sombras claras e escuras brincavam ao redor de seu reflexo — havia algo que ela estava prestes a lembrar — e de repente ela sentiu como se fosse desmaiar.

Ela se agarrou à borda da bacia. Então, Fru Aashild colocou a mão sobre a dela e cavou as unhas tão forte que Kristin voltou a si.

O som dos berrantes veio da ponte. As pessoas gritaram do pátio que agora o noivo havia chegado com sua comitiva. As mulheres levaram Kristin para fora na galeria.

O pátio estava cheio de cavalos, magnificamente arreados, e pessoas vestidas para festa; tudo brilhava e cintilava ao sol. Kristin olhava para além de tudo, em direção ao vale. Sua aldeia estava brilhante e tranquila sob uma fina névoa azul-acinzentada, e fora da névoa se erguiam as montanhas, cinza com cascalho e pretas com florestas, e o sol derramava sua luz no fundo do vale de um céu sem nuvens.

Kristin não havia notado antes, mas todas as folhas haviam caído das árvores, e os bosques brilhavam em um tom prateado-acinzentado e nu. Apenas o bosque de amieiros ao longo do rio ainda tinha um pouco de verde desbotado nas copas das árvores, e algumas bétulas ainda mantinham algumas folhas amarelas pálidas nas pontas de seus

galhos. Mas as árvores estavam quase nuas, exceto o freixo, que ainda brilhava com folhagem marrom-avermelhada cercando as bagas vermelhas como sangue. No dia calmo e quente, o cheiro acre do outono se elevava da manta cinza de folhas caídas espalhadas por toda parte.

Se não fossem as árvores de freixo, poderia ser primavera — exceto pelo silêncio, porque era um silêncio de outono, tão silencioso. Cada vez que os berrantes paravam, não se ouvia nenhum som na aldeia, exceto o tilintar dos sinos nos campos cultivados e colhidos, onde o gado pastava.

O rio estava pequeno e baixo, e fluía tão silenciosamente; não era nada além de pequenas correntes escorrendo entre os bancos de areia e os pesados bancos de pedras brancas desgastadas. Não havia riachos correndo pelas encostas; havia sido um outono tão seco. Havia brilhos de umidade por todo o campo, mas era apenas a umidade que sempre se infiltrava da terra no outono, não importa quão quente o dia ou quão claro o céu.

A multidão de pessoas no pátio se abriu para dar passagem ao cortejo do noivo. Os jovens padrinhos avançaram montados a cavalo. Houve um murmúrio de excitação entre as mulheres na galeria.

Fru Aashild estava ao lado da noiva.

— Seja forte agora, Kristin — disse ela. — Não vai demorar muito até você estar segura sob o véu de uma mulher casada.

Kristin assentiu impotente. Ela podia sentir o quão terrivelmente pálida estava.

— Eu sou uma noiva muito pálida — murmurou ela.

— Você é a noiva mais encantadora — respondeu Aashild. — E lá está Erlend... seria difícil encontrar um par mais bonito do que vocês dois.

Erlend avançou sob a galeria. Ele saltou do cavalo, ágil e sem ser atrapalhado pela pesada vestimenta. Kristin achou-o tão bonito que todo o seu corpo doía.

Ele estava vestido de forma sóbria: uma sobretúnica de seda marrom-pálida entrelaçada com um padrão preto e branco, até o tornozelo e aberta nas laterais. Na cintura, trazia um cinto cravejado de ouro e na lateral esquerda uma espada com detalhes dourados no punho e bainha. Sobre os ombros, pendia uma capa pesada de veludo azul-escuro, e em seus cabelos pretos, usava uma touca de seda francesa preta, franzida como asas nos lados e terminando em duas longas fitas, uma das quais era jogada sobre o peito da esquerda para a direita.

Erlend cumprimentou sua noiva, dirigiu-se ao cavalo dela e ficou ali

com a mão no arção da sela enquanto Lavrans subia os degraus. Kristin se sentiu tão estranha e tonta diante de todo esse esplendor; seu pai parecia um estranho no formal sobretudo de veludo verde que ia até os tornozelos. Mas o rosto de sua mãe estava pálido sob o véu que ela usava com seu vestido de seda vermelha. Ragnfrid se aproximou e colocou o manto em torno de sua filha.

Então Lavrans pegou a mão da noiva e a levou até Erlend, que a ergueu até o cavalo e depois montou no seu próprio. Eles ficaram ali, lado a lado, na frente do salão nupcial, enquanto a procissão começava a passar pelos portões da fazenda: primeiro os sacerdotes, Sira Eirik e Sira Tormod de Ulsvold, e um Irmão da Cruz de Hamar, amigo de Lavrans. Em seguida, vieram os padrinhos e as damas de honra, dois a dois. E então chegou a vez de Erlend e Kristin avançarem. Depois deles, seguiram os pais da noiva, parentes, amigos e convidados em longas filas, percorrendo os caminhos entre as cercas até a estrada da vila. Um trecho da estrada estava coberto com cachos de bagas de sorveira, galhos de abeto e as últimas flores brancas de camomila do outono. As pessoas ficaram ao longo da estrada enquanto a procissão passava, saudando-a com aplausos.

No domingo, logo após o anoitecer, a procissão montada retornou a Jørundgaard. Através das primeiras manchas do crepúsculo, as fogueiras brilhavam vermelhas no pátio da fazenda nupcial. Músicos e violinistas cantavam e tocavam seus tambores e violinos enquanto o grupo se dirigia para o brilho vermelho e quente.

Kristin estava prestes a desmoronar quando Erlend a ergueu do cavalo em frente à galeria do alto salão.

— Estava tão frio atravessando a montanha — ela sussurrou. — Estou tão cansada. — Ela ficou parada por um momento; ao subir a escada para o salão, ela vacilava a cada degrau.

Lá em cima, no alto salão, os convidados congelados logo tiveram o calor restaurado aos corpos. Estava quente com todas as velas acesas no quarto, comida quente foi servida, e vinho, hidromel e *ale* forte foram passados. O burburinho de vozes e os sons das pessoas comendo ecoavam nos ouvidos de Kristin.

Ela estava lá, incapaz de se aquecer. Suas bochechas começaram a queimar depois de um tempo, mas seus pés se recusavam a descongelar, e arrepios de frio percorriam sua espinha. Todo o ouro pesado a obrigava a se inclinar para a frente enquanto estava sentada no alto assento ao lado de Erlend.

Sempre que o noivo brindava a ela, ela tinha que olhar as manchas vermelhas e os pontos que eram tão evidentes em seu rosto agora que ele estava se aquecendo após a cavalgada no ar frio. Eram as marcas das queimaduras daquele verão.

Um medo terrível a assaltara na noite anterior, enquanto estavam jantando em Sundbu, quando sentiu o olhar vago de Bjørn Gunnarsøn sobre ela e Erlend — olhos que não piscavam e não vacilavam. Tinham vestido Herr Bjørn com roupas de cavaleiro; ele parecia um homem morto que fora ressuscitado.

Naquela noite, ela compartilhou a cama com Fru Aashild, que era a parente mais próxima do noivo.

— O que há com você, Kristin? — perguntou Fru Aashild um pouco impacientemente. — Você deve ser forte agora e não tão desanimada.

— Estou pensando em todas as pessoas que machucamos para que pudéssemos viver para ver este dia — disse Kristin, tremendo.

— Não foi fácil para vocês dois — disse Fru Aashild. — Não para Erlend. E imagino que tenha sido ainda mais difícil para você.

— Estou pensando nas crianças indefesas dele — disse a noiva no mesmo tom de antes. — Me pergunto se sabem que o pai deles está celebrando seu casamento hoje...

— Pense no seu próprio filho — disse Fru Aashild. — Alegre-se por estar celebrando seu casamento com aquele que é o pai.

Kristin ficou quieta por um tempo, indefesa e tonta. Era tão agradável ouvir isso mencionado — o que ocupara sua mente todos os dias por três meses ou mais, embora não tivesse podido dizer uma palavra a ninguém sobre isso. Mas isso a ajudou apenas por um momento.

— Estou pensando na mulher que teve que pagar com a vida porque amava Erlend — sussurrou, tremendo.

— Talvez você tenha que pagar com sua própria vida antes de completar meio ano — disse Fru Aashild com aspereza. — Seja feliz enquanto puder.

— O que devo dizer a você, Kristin? — continuou a velha mulher, desesperada. — Você perdeu toda a sua coragem? Logo virá o tempo em que vocês dois terão que pagar por tudo o que tomaram... não tenha medo disso.

Mas Kristin sentiu como se um deslizamento de terra após outro estivesse arrasando sua alma; tudo estava sendo derrubado, aquilo que ela havia construído desde aquele dia aterrorizante em Haugen.

Durante aqueles primeiros dias, ela simplesmente pensava, selvagem e cegamente, que tinha que resistir, tinha que resistir um dia de cada vez. E ela *tinha* resistido até que as coisas se tornaram mais fáceis — bastante fáceis, no final, quando ela abandonara todos os pensamentos, exceto um: que agora o casamento deles aconteceria

finalmente, o casamento com Erlend finalmente.

Ela e Erlend ajoelharam juntos durante a missa de casamento, mas tudo era como uma alucinação: as velas, as pinturas, os vasos brilhantes, os sacerdotes vestidos com albas de linho e casulas longas. Todas aquelas pessoas que a conheciam no passado pareciam imagens de sonho enquanto estavam lá, enchendo a igreja com suas roupas festivas e desconhecidas. Mas Herr Bjørn estava apoiado contra uma coluna, olhando para eles com seus olhos mortos, e ela pensou que o outro morto deve ter voltado com ele, em seus braços.

Ela tentou olhar para cima para a pintura de Santo Olavo — ele estava lá, rosa e branco e bonito, apoiando-se em seu machado, pisoteando sua própria forma humana e pecadora — mas Herr Bjørn atraía seus olhos. E ao lado dele, ela viu o rosto morto de Eline Ormsdatter; ela olhava para eles com indiferença. Eles a tinham pisoteado para chegar aqui, e ela não os invejava por isso.

Ela havia se erguido e lançado todas as pedras que Kristin se esforçara tanto para colocar sobre os mortos. A juventude desperdiçada de Erlend, sua honra e bem-estar, as boas graças de seus amigos, a saúde de sua alma — a mulher morta as sacudiu todas. “Ele me quis e eu o quis, você o quis e ele a quis”, disse Eline. “Eu tive que pagar, e ele deve pagar, e você deve pagar quando chegar a sua vez. Quando o pecado for consumado, ele dará à luz a morte”.

Kristin sentiu que estava ajoelhada com Erlend sobre uma pedra fria. Ele ajoelhava com as manchas vermelhas e queimadas no rosto pálido. Ela ajoelhava sob a pesada coroa nupcial e sentia o peso opressor e esmagador em seu ventre — o fardo do pecado que ela carregava. Ela havia brincado e se divertido com seu pecado, medindo-o como em um jogo de crianças. Santa Virgem — logo seria hora de ele se deitar completamente formado diante dela, olhando-a com olhos vivos, revelando a ela as marcas de seu pecado, a deformidade horrenda do pecado, atingindo odiavelmente com mãos deformadas o seio de sua mãe. Depois que ela tivesse dado à luz seu filho, depois que tivesse visto as marcas do pecado nele e o amado da mesma forma que havia amado seu pecado, então o jogo chegaria ao fim.

Kristin pensou: “E se ela gritasse agora para que sua voz perfurasse a canção e as profundas vozes graves masculinas e ecoasse sobre a multidão? Ela se livraria do rosto de Eline? A vida apareceria nos olhos do homem morto?” Mas ela cerrou os dentes.

“Santo Rei Olav, eu te chamo. Entre todos no Céu, eu te imploro ajuda, pois sei que amavas a justiça de Deus acima de tudo. Imploro que protejas o inocente que está no meu ventre. Desvia a ira de Deus do inocente, desvia-a para mim. Amém, em nome precioso do Senhor”.

“Meus filhos são inocentes”, disse Eline, “ainda assim, não há lugar

para eles em uma terra onde vivem pessoas cristãs. Seu filho foi concebido fora do casamento, assim como os meus foram. Você não pode exigir justiça para seu filho na terra para a qual se desviou, assim como eu não poderia exigir para os meus”.

“Santo Olavo, eu imploro misericórdia mesmo assim, imploro compaixão pelo meu filho. Leve-o sob sua proteção, então eu o levarei à sua igreja descalça. Levarei minha coroa de ouro até você e a colocarei em seu altar, se você me ajudar. Amém”.

Seu rosto estava rígido como pedra, ela estava tentando se manter calma, mas seu corpo tremia e se agitava enquanto ajoelhava ali e se casava com Erlend.

Kristin, entorpecida pela febre, estava sentada ao lado de Erlend no alto assento em casa e percebia tudo ao seu redor como mera ilusão no delírio da febre.

Havia músicos tocando harpas e violinos no alto salão; cantos e música vinham do quarto abaixo e do pátio. Um brilho avermelhado da fogueira do lado de fora era visível sempre que os criados passavam pela porta, carregando coisas de um lado para o outro.

Todos se levantaram ao redor da mesa; ela ficou entre seu pai e Erlend. Seu pai anunciou em voz alta que agora tinha dado sua filha Kristin a Erlend Nikulaussøn como sua esposa. Erlend agradeceu ao sogro e a todas as boas pessoas que se reuniram para honrá-lo e à sua esposa.

Então disseram a Kristin para se sentar, e Erlend colocou seus presentes de casamento em seu colo. Sira Eirik e Sir Munan Baardsøn desenrolaram documentos e leram uma lista de suas propriedades. Os padrinhos ficaram com lanças na mão, batendo as hastes no chão de vez em quando durante a leitura e sempre que presentes ou sacos de dinheiro eram colocados na mesa.

As tábuas e cavaletes foram removidos. Erlend a conduziu para a pista de dança e eles dançaram. Kristin pensou: “Nossas damas de honra e padrinhos são muito jovens para nós. Todos que cresceram conosco se mudaram desta região; como pode ser que tenhamos voltado aqui?”

— Parece tão estranha, Kristin — sussurrou Erlend enquanto dançavam. — Estou com medo por você, Kristin. Você não está feliz?

Eles foram de prédio em prédio cumprimentando seus convidados. Todas as salas estavam cheias de muitas velas, e as pessoas estavam bebendo, cantando e dançando por toda parte. Kristin sentiu como se

tudo estivesse tão desconhecido em casa, e ela havia perdido todo o senso de tempo; as horas e as imagens se entrelaçavam de maneira estranha e desconectada.

A noite de outono estava amena. Havia violinistas no pátio também, e as pessoas dançavam ao redor da fogueira. Gritaram que a noiva e o noivo também deveriam lhes fazer a honra, então Kristin dançou com Erlend no pátio frio e orvalhado. Isso pareceu despertá-la um pouco, e sua cabeça ficou mais clara.

Na escuridão, uma faixa de névoa leve pairava sobre o rio corrente. As montanhas se erguiam completamente negras contra o céu estrelado.

Erlend a levou para longe da dança e a esmagou contra ele na escuridão, sob uma galeria suspensa.

— Eu nem disse a você que você está linda, tão bonita e tão encantadora. Suas bochechas estão vermelhas como chamuscas. — Ele pressionou sua bochecha contra a dela enquanto falava. — Kristin, o que está acontecendo?

— Eu só estou tão cansada, tão cansada — sussurrou ela em resposta.

— Logo entraremos e dormiremos — disse o noivo, olhando para o céu. A Via Láctea havia se movido e se estendia quase de norte a sul.

— Você sabe que nunca passamos uma noite inteira juntos, exceto aquela vez em que dormi com você em seu quarto em Skog?

Algum tempo depois, Sira Eirik gritou através do pátio que agora era segunda-feira, e então as mulheres vieram para levar a noiva para a cama. Kristin estava tão cansada que mal tinha energia para resistir, como deveria fazer em prol da decência. Deixou-se levar para fora do salão por Fru Aashild e Gyrid de Skog. Os padrinhos estavam no pé das escadas com tochas acesas e espadas desembainhadas; formaram um círculo ao redor do grupo de mulheres e escoltaram Kristin pelo pátio, até o antigo salão.

As mulheres retiraram sua vestimenta de casamento, peça por peça, e a colocaram de lado. Kristin notou que aos pés da cama estava pendurado o vestido de veludo azul-violeta que ela usaria no dia seguinte, e sobre ele havia um longo e finamente pregueado pano de linho branco-claro. Este era o véu que as mulheres casadas usavam e que Erlend havia trazido para ela; amanhã ela prenderia o cabelo em um coque e colocaria o pano sobre ele. Parecia tão fresco, refrescante e reconfortante.

Finalmente, ela ficou diante da cama nupcial, descalça, com os braços nus, vestida apenas com a camisola de seda dourada até os tornozelos.

Colocaram a coroa em sua cabeça novamente; o noivo a tiraria quando os dois estivessem sozinhos.

Ragnfrid colocou as mãos nos ombros da filha e beijou sua bochecha; o rosto e as mãos da mãe estavam estranhamente frios, mas ela sentiu soluços explodindo profundamente dentro de seu peito. Então ela jogou para trás as cobertas da cama e convidou a noiva a se sentar. Kristin obedeceu e recostou-se nos travesseiros de seda apoiados na cabeceira; teve que inclinar a cabeça ligeiramente para a frente por causa da coroa. Fru Aashild puxou as cobertas até a cintura de Kristin, colocou as mãos da noiva sobre o cobertor de seda e arrumou seus cabelos brilhantes, espalhando-os sobre o peito e os braços esguios e nus.

Então os homens conduziram o noivo até o salão. Munan Baardsøn tirou o cinto de ouro e a espada de Erlend; quando o pendurou na parede acima da cama, sussurrou algo para a noiva. Kristin não entendeu o que ele disse, mas fez o possível para sorrir.

Os padrinhos desamarraram as roupas de seda de Erlend e levantaram a longa e pesada peça sobre sua cabeça. Ele sentou-se na poltrona de encosto alto, e eles o ajudaram a tirar as esporas e as botas.

A noiva ousou olhar para cima e encontrar seus olhos apenas uma vez. Então todos desejaram boa noite ao casal. Os convidados deixaram o salão. Por último, saiu Lavrans Bjørgulfsøn, que fechou a porta da câmara nupcial.

Erlend levantou-se e arrancou suas roupas íntimas, jogando-as no banco. Ficou diante da cama, pegou a coroa e as fitas de seda dos cabelos de Kristin e as colocou sobre a mesa. Em seguida, voltou e subiu na cama. E ajoelhado ao lado dela na cama, pegou sua cabeça em suas mãos, pressionando-a contra seu peito quente e nu enquanto beijava sua testa ao longo da faixa vermelha que a coroa havia feito. Ela jogou os braços ao redor dele e soluçou alto. Doce e selvagem, ela sentiu que agora tudo seria afastado — o terror, as visões fantasmas — agora, finalmente, eram apenas os dois novamente. Ele levantou o rosto dela por um momento, olhou para ela, e acariciou seu rosto e corpo com a mão, estranhamente rápido e áspero, como se estivesse arrancando uma cobertura.

— Esqueça — ele suplicou em um sussurro ardente —, esqueça de tudo, minha Kristin... tudo, exceto que você é minha esposa, e eu sou seu marido.

Com a mão, ele apagou a última chama e se jogou ao lado dela na escuridão; ele também soluçava.

— Eu nunca acreditei, nunca em todos esses anos, que viveríamos

para ver este dia.

Fora no pátio, o barulho diminuía aos poucos. Cansados da cavalcada mais cedo no dia e embriagados pela bebida, os convidados ficaram vagando por um tempo mais longo por cortesia, mas cada vez mais deles começaram a se afastar para encontrar os lugares onde dormiriam. Ragnfrid acompanhou os convidados mais honrados até suas camas e desejou-lhes boa noite. Seu marido, que deveria estar ajudando-a com isso, não estava em lugar algum.

Pequenos grupos de jovens, principalmente criados, eram os únicos que permaneciam no pátio escuro quando ela finalmente se afastou para encontrar o marido e levá-lo para a cama. Ela havia notado que Lavrans ficara extremamente bêbado à medida que a noite avançava.

Finalmente, ela o encontrou enquanto caminhava sorrateiramente fora do pátio da fazenda, procurando por ele. Ele estava deitado de bruços na grama atrás da casa de banhos. Tocando na escuridão, ela o reconheceu — sim, era ele. Ela pensou que ele estava dormindo e tocou em seu ombro, tentando puxá-lo do chão gelado. Mas ele não estava dormindo — pelo menos não completamente.

— O que você quer? — ele perguntou, com a voz embriagada.

— Você não pode ficar aqui — disse sua esposa. Ela o segurava, pois ele cambaleava enquanto ficava em pé. Com a outra mão, ela afastou suas roupas de veludo. — Já é hora de irmos para a cama também, marido. — Ela colocou a mão sob o braço dele e o conduziu até o homem cambaleante para a fazenda. Eles caminharam ao longo dos edifícios da fazenda.

— Você não olhou para cima, Ragnfrid, quando se sentou na cama nupcial usando a coroa — ele disse com a mesma voz. — Nossa filha foi menos modesta que você; seus olhos não eram tímidos enquanto olhavam para seu noivo.

— Ela esperou por ele por três anos e meio, disse a mãe quietamente.

— Depois disso, acho que ela se atreveria a olhar para cima

— Não, que o Diabo me leve se eles esperaram! — gritou o pai, e sua esposa o acalmou, alarmada.

Estavam parados na estreita passagem entre a parte de trás da latrina e a cerca. Lavrans bateu com o punho contra a madeira da parte de baixo da casa da latrina.

— Coloquei você aqui para sofrer zombarias e vergonha, minha madeira. Coloquei você aqui para que a sujeira a devorasse. Coloquei você aqui como punição porque você derrubou minha linda donzela. Eu deveria tê-la colocado acima da porta do meu salão e honrado e agradecido com entalhes decorativos porque você a salvou da

vergonha e da tristeza... pois você fez com que minha Ulvhild morresse uma criança inocente.

Ele se virou, cambaleou contra a cerca e desabou contra ela com a cabeça apoiada nos braços enquanto soluçava incontrolavelmente, com gemidos profundos e longos entre eles.

Sua esposa colocou os braços ao redor de seus ombros.

— Lavrans, Lavrans. — Mas ela não conseguiu consolá-lo. — Marido.

— Oh, eu nunca, nunca, nunca deveria tê-la dado a esse homem. Deus me ajude... eu sabia o tempo todo... ele esmagou a juventude dela e sua bela honra. Recusei-me a acreditar, não, eu não podia acreditar em uma coisa dessas de Kristin. Mas eu sabia mesmo assim. Mesmo assim, ela é boa demais para aquele rapaz fraco, que envergonhou tanto ela quanto a si mesmo. Eu não deveria tê-la dado a ele, mesmo que ele a tivesse seduzido dez vezes, para que agora ele possa desperdiçar mais da vida e da felicidade dela.

— O que mais havia para fazer? — disse Ragnfrid resignada. — Você mesmo podia ver que ela já era dele.

— Sim, mas eu não precisava fazer tanto alarde para dar a Erlend o que ele já tinha tirado sozinho — disse Lavrans. — É um belo marido que ela conquistou, minha Kristin. — Ele puxou a cerca. Então ele chorou mais um pouco. Ragnfrid achou que ele tinha ficado um pouco mais sóbrio, mas agora a bebida retomava o controle.

Tão bêbado quanto estava e tão dominado pelo desespero, ela não achou que poderia levá-lo até a lareira onde deveriam dormir — estava cheia de convidados. Ela olhou ao redor. Nas proximidades havia um pequeno celeiro onde guardavam o melhor feno para os cavalos durante o trabalho de primavera na fazenda. Ela caminhou até lá e olhou para dentro; não havia ninguém. Então ela levou o marido para dentro e fechou a porta atrás deles.

Ragnfrid amontoou o feno ao redor e depois colocou suas capas sobre os dois. Lavrans continuou chorando por vezes, e ocasionalmente ele dizia algo, mas estava tão confuso que ela não conseguia entender.

Depois de um tempo, ela levantou a cabeça dele para o colo.

— Meu querido marido, como eles se amam tanto, talvez tudo acabe melhor do que esperamos...

Lavrans, que agora parecia mais lúcido, respondeu, ofegante:

— Você não vê? Ele agora tem completo poder sobre ela; esse homem que nunca soube se controlar. Ela terá dificuldade em se opor a qualquer coisa que o marido deseje... e se um dia for forçada a fazer isso, isso a atormentará amargamente, essa criança gentil minha... Já não compreendo por que Deus me deu tantas grandes tristezas. Tenho me esforçado fielmente para fazer Sua vontade. Por que Ele nos tirou os filhos, Ragnfrid, um após o outro? Primeiro os filhos, depois a pequena Ulvhild, e agora entreguei aquela que amo mais

profundamente, sem honra, a um homem imprudente e irresponsável. Agora só nos resta a pequenina. E me parece insensato alegrar-me por Ramborg até ver como as coisas se desenrolarão para ela.

Ragnfrid tremia como uma folha. Então, ela tocou no ombro do marido.

— Deite-se — ela pediu. — Vamos dormir. — E com a cabeça nos braços da esposa, Lavrans ficou em silêncio por um tempo, suspirando de vez em quando, até que finalmente adormeceu.

Ainda estava totalmente escuro no celeiro quando Ragnfrid se mexeu; ela ficou surpresa por ter dormido. Ela estendeu a mão. Lavrans estava sentado com as mãos entrelaçadas ao redor dos joelhos.

— Você já está acordado? — ela perguntou, surpresa. — Está com frio?

— Não — ele respondeu, a voz rouca —, mas não consigo mais dormir.

— Você está pensando na Kristin? — perguntou Ragnfrid. — Pode acabar sendo melhor do que pensamos, Lavrans — ela disse a ele novamente.

— Sim, é nela que estou pensando — disse o marido. — Bem, bem. Donzela ou esposa, pelo menos ela deitou na cama nupcial com aquele a quem deu seu amor. Nem você, nem eu fizemos isso, minha pobre Ragnfrid.

Sua esposa soltou um gemido profundo e oco. Ela se jogou ao lado dele na palha. Lavrans colocou a mão em seu ombro.

— Mas eu não *poderia* — ele disse com fervor e angústia. — Não, eu não poderia... agir com você da maneira que você queria... quando éramos jovens. Eu não sou o tipo de homem...

Após um momento, Ragnfrid murmurou, chorando:

— Nós vivemos bem juntos mesmo assim, Lavrans... todos esses anos.

— Então também acredito — ele respondeu sombriamente.

Seus pensamentos estavam tumultuados e correndo por sua mente.

Aquele olhar nu que o noivo e a noiva trocaram, os dois rostos jovens corando com chamas vermelhas... ele achou tão ousado. Sentiu-se picado por ela ser sua filha. Mas ele continuava vendo aqueles olhos, e lutava louca e cegamente contra arrancar o véu de algo em seu próprio coração que nunca quis admitir — ali ele tinha escondido uma parte de si mesmo de sua própria esposa quando ela o procurava.

Ele não tinha conseguido, ele interrompeu-se asperamente. Em nome do Diabo, tinha sido casado como um jovem; ele mesmo não tinha escolhido ela. Ela era mais velha do que ele. Ele não a desejava. Ele não queria aprender isso dela — como amar. Ele ainda ficava quente de vergonha ao pensar nisso — que ela queria que ele a amasse quando ele não queria esse tipo de amor dela. Que ela tinha oferecido

a ele tudo o que ele nunca tinha pedido.

Ele tinha sido um bom marido para ela; ele acreditava nisso. Ele tinha mostrado todo o respeito que podia, dado a ela plena autoridade, pedido seu conselho sobre tudo, sido fiel a ela; e eles tinham tido seis filhos. Ele simplesmente queria viver com ela sem ela sempre tentar apoderar-se do que estava em seu coração... e o que ele se recusava a revelar.

Ele nunca tinha amado ninguém. E Ingunn, a esposa de Karl em Bru? Lavrans corou na escuridão. Ele sempre os visitava quando viajava pelo vale. Provavelmente ele nunca tinha falado com a mulher sozinho nem *uma* vez. Mas sempre que ele a via — se ele apenas pensava nela — ele sentia algo como aquele primeiro cheiro da terra na primavera, logo depois que a neve se fora. Agora ele percebia: também poderia ter acontecido com ele... ele também poderia ter amado alguém.

Mas ele tinha se casado tão jovem, e ele tinha crescido desconfiado. Então ele descobriu que prosperava melhor na natureza selvagem — nos planaltos montanhosos, onde toda criatura viva exige espaço aberto, com espaço suficiente para fugir. Desconfiados, eles observam cada estranho que tenta se aproximar deles.

Uma vez por ano, os animais da floresta e das montanhas esqueceriam a cautela deles. Então eles atacariam suas fêmeas. Mas ele tinha recebido a dele como um presente. E ela tinha oferecido a ele tudo pelo que ele nunca a tinha cortejado.

Mas os jovens no ninho... eles tinham sido o pequeno ponto quente em sua desolação, o prazer mais profundo e mais doce de sua vida. Aquelas pequenas cabeças loiras de meninas sob sua mão...

Casado — era isso que tinha acontecido com ele, praticamente sem ser consultado. Amigos... ele tinha muitos, e não tinha nenhum. Guerra... tinha sido uma alegria, mas não havia mais guerra; sua armadura estava pendurada no salão, raramente usada. Ele se tornou um fazendeiro. Mas ele tinha tido filhas; tudo o que ele tinha feito em sua vida se tornou caro para ele porque ele tinha feito isso para sustentar aquelas vidas jovens e ternas que ele segurava em suas mãos. Ele lembrava do corpo pequeno de dois anos de Kristin em seu ombro, seus cabelos macios de linho contra sua bochecha. Suas pequenas mãos segurando sua cintura enquanto ela pressionava sua testa dura e redonda contra suas lâminas de ombro quando ele ia cavalgar com ela sentada atrás dele no cavalo.

E agora ela tinha aqueles olhos ardentes, e tinha conquistado o homem que queria. Ela estava sentada lá em cima na luz fraca, apoiada nas almofadas de seda da cama. No brilho da vela, ela era toda dourada — coroa dourada, camisola dourada e cabelos dourados espalhados sobre seus braços nus e dourados. Seus olhos não eram

mais tímidos.

O pai gemeu de vergonha.

E no entanto, parecia que seu coração havia explodido em sangue — por algo que ele nunca tivera. E por sua esposa, aqui ao seu lado, a quem ele não conseguira se entregar.

Doente de compaixão, ele buscou a mão de Ragnfrid na escuridão.

— Sim, eu achava que vivíamos bem juntos — ele disse. — Achava que você estava lamentando por nossos filhos. E achava que você tinha um coração melancólico. Nunca pensei que poderia ser porque eu não era um bom marido para você.

Ragnfrid estava tremendo febrilmente.

— Você sempre foi um bom marido, Lavrans.

— Hm... — Lavrans sentou-se com o queixo apoiado nos joelhos. — E ainda assim, você poderia ter feito melhor se tivesse sido casada como nossa filha foi hoje.

Ragnfrid levantou-se, soltando um grito baixo e penetrante.

— Você sabe! Como descobriu? Há quanto tempo você sabe?

— Não sei do que você está falando — disse Lavrans depois de um momento, sua voz estranhamente desanimada.

— Estou falando do fato de que eu não era uma donzela quando me tornei sua esposa — respondeu Ragnfrid, e sua voz era clara e ressoante de desespero.

Após um momento, Lavrans disse, com a mesma voz de antes:

— Eu nunca soube disso até agora.

Ragnfrid deitou-se na palha, tremendo de soluços. Quando o feitiço passou, ela ergueu a cabeça. Uma luz cinza tênue começava a penetrar pelos buracos na parede. Ela podia ver vagamente o marido sentado ali com as mãos entrelaçadas ao redor dos joelhos, tão imóvel como se fosse feito de pedra.

— Lavrans, fale comigo — ela soluçou.

— O que você quer que eu diga? — ele perguntou, sem se mexer.

— Oh, eu não sei. Você deveria me amaldiçoar... me bater...

— É um pouco tarde para isso agora — respondeu o marido; havia a sombra de um sorriso de desprezo em sua voz.

Ragnfrid chorou novamente.

— Não, eu não achava que estava te enganando, tão enganada e traída que me sentia. Ninguém me consultou. Eles te trouxeram... eu te vi apenas três vezes antes de nos casarmos. Eu achava que você era apenas um garoto, tão rosado e branco... tão jovem e infantil.

— Isso eu era — disse Lavrans, e sua voz parecia adquirir mais ressonância. — E é por isso que eu pensava que você, que era uma mulher, teria mais medo de... de enganar alguém tão jovem que não perceberia...

— Comecei a pensar assim mais tarde — disse Ragnfrid, chorando. —

Depois que eu passei a conhecer você. Logo veio o momento em que eu teria entregado minha alma vinte vezes se pudesse ter ficado sem culpa perante você.

Lavrans ficou silencioso e imóvel.

Então sua esposa continuou:

— Você não vai me perguntar nada?

— De que adiantaria agora? Foi o homem que... nós encontramos seu cortejo fúnebre em Feginsbrekka, quando estávamos levando Ulvhild para Nidaros.

— Sim — disse Ragnfrid. — Tivemos que sair da estrada, para o campo. Eu os observei carregando a padiola dele, com padres, monges e homens armados. Ouvi dizer que ele teve uma boa morte... reconciliado com Deus. Enquanto estávamos ali com a liteira de Ulvhild entre nós, orei para que meu pecado e minha tristeza fossem colocados aos pés dele naquele último dia.

— Sim, sem dúvida você fez isso — disse Lavrans, e havia a mesma sombra de escárnio em sua voz tranquila.

— Você não sabe de tudo — disse Ragnfrid, gelada de desespero. — Lembra quando ele veio nos visitar em Skog naquele primeiro inverno depois que nos casamos?

— Sim — disse seu marido.

— Quando Bjørgulf estava lutando contra a morte... Oh, ninguém me poupou. Ele estava bêbado quando fez isso comigo... mais tarde ele disse que nunca me amou, não me queria, me disse para esquecer. Meu pai não sabia disso; ele não te enganou... nunca pense isso. Mas Trond... meu irmão e eu éramos os melhores amigos na época, e eu me queixei a ele. Ele tentou ameaçar o homem para que se casasse comigo... mas ele era apenas um menino, então perdeu a luta. Mais tarde, aconselhou-me a não falar sobre isso e a me casar com você... Ela ficou em silêncio por um momento.

— Quando ele veio a Skog... um ano havia se passado, e eu não pensava muito nisso mais. Mas ele veio visitar. Disse que lamentava o que tinha feito, que teria me levado naquela época se eu não estivesse casada, que gostava de mim. Foi o que disse. Deus julgará se falou a verdade. Depois que ele partiu... não ousei sair no fiorde; não ousei por causa do pecado, não com a criança. E até então eu tinha... até então eu tinha começado a te amar tanto! — Ela soltou um grito, como se estivesse na mais selvagem agonia.

Seu marido virou a cabeça para ela.

— Quando Bjørgulf nasceu — Ragnfrid continuou —, oh, achei que o amava mais do que minha própria vida. Quando ele estava lá, lutando contra a morte, pensei: Se ele perecer, eu também perecerei. Mas *não* pedi a Deus para poupar a vida do menino.

Lavrans ficou mudo por um longo tempo antes de perguntar, sua voz

pesada e morta:

— Foi porque eu não era o pai dele?

— Eu não sabia se você era ou não — disse Ragnfrid, se endurecendo. Por um longo tempo, ambos ficaram ali, tão imóveis quanto a morte. Então o marido disse fervorosamente:

— Em nome de Jesus, Ragnfrid, por que você está me contando isso... agora?

— Oh, eu não sei. — Ela torcia as mãos com tanta força que os nós dos dedos estalaram. — Para que você possa se vingar de mim. Me expulsar de sua propriedade...

— Você acha que isso me ajudaria? — Sua voz tremia de desprezo. — E nossas filhas? — ele disse baixinho. — Kristin e a pequena?

Ragnfrid não disse nada por um momento.

— Lembro-me de como você julgou Erlend Nikulaussøn — murmurou ela. — Então como você vai me julgar?

Um longo arrepio gélido percorreu o corpo do homem, liberando parte de sua rigidez.

— Agora você tem... vivemos juntos... por quase vinte e sete anos. Não é a mesma coisa que com um homem que é um estranho. Posso ver que você sofreu a maior angústia.

Ragnfrid desabou em soluços com suas palavras. Tentou alcançar a mão dele. Ele não se mexeu, mas permaneceu tão imóvel quanto um homem morto. Então ela chorou cada vez mais alto, mas o marido permaneceu imóvel, olhando para a luz cinza ao redor da porta. Finalmente, ela ficou ali como se todas as suas lágrimas tivessem se esgotado. Então ele deu um afago fugaz em seu braço. E ela começou a chorar novamente.

— Você se lembra — ela disse entre soluços —, daquele homem que nos visitou enquanto estávamos em Skog? Aquele que conhecia as antigas baladas? Lembra da que falava de um homem morto que voltara da terra do tormento e contara ao filho a lenda do que ele tinha visto? Ele disse que um grande clamor era ouvido das profundezas do Inferno, e esposas infiéis trituravam terra para a comida de seus maridos. Pedras ensanguentadas eram as que viravam, corações sangrentos pendiam de seus seios...

Lavrans não disse nada.

— Por todos esses anos pensei nessas palavras — disse Ragnfrid. — Cada dia senti como se meu coração estivesse sangrando, porque senti como se estivesse triturando terra para a sua comida.

Lavrans não sabia por que respondeu da maneira como fez. Seu peito parecia vazio e oco, como o de um homem cujo coração e pulmões foram arrancados pelas costas. Mas ele colocou a mão, pesada e cansada, na cabeça de sua esposa e disse:

— A terra precisa ser triturada, minha Ragnfrid, antes que o alimento

possa crescer.

Quando ela tentou pegar sua mão para beijá-la, ele a puxou abruptamente. Então ele olhou para baixo para a esposa, pegou sua mão, colocou-a no joelho e encostou seu rosto frio e rígido nela. E assim eles ficaram ali juntos, sem se mover e sem dizer mais uma palavra.

LISTA DE PERSONAGENS:

Kristin Lavransdatter, filha de Lavrans e Ragnfrid;

Lavrans Bjørgulfsson (também referido como Lavrans Langmandsson), pai de Kristin;

Ragnfrid Ivarsdatter, mãe de Kristin;

Simon Darre (também chamado Simon Andresson), filho de Sir Andres;

Erlend Nikulausson, filho de Magnhild, sobrinho de Åashild Gautesdatter;

Ulvhild Lavransdatter, irmã mais nova de Kristin;

Ramborg Lavransdatter, irmã mais nova de Kristin;

Åashild Gautesdatter de Dovre, amiga de Kristin, tia de Erlend; esposa de Baard Munanson.

Ingebørg Olavsdotter, noviça em Nonneseter, colega de Kristin;

Arne Gyrdson, amigo de infância e irmão adotivo de Kristin;

Sira Eirik, pároco da infância de Kristin em Jørundgaard;

Irmão Edvin, monge viajante, amigo e mentor espiritual de Kristin;

Bentein Priestson, neto de Sira Eirik;

Gunnulf Nikulausson, irmão de Erlend, um padre;

Eline Ormsdatter, amante de Erlend em sua juventude;

Brynhild Fluga (também chamada Brynhild Jonsdatter), proprietária de um bordel em Oslo e mãe de dois filhos de Munan Baardson;

FIGURAS HISTÓRICAS NO ROMANCE:

Rei Magnus VII (também chamado Magnus Eiriksson), Rei da Noruega e Suécia de 1319 a 1343;

Lady Ingebørg Haakonsdatter, mãe do Rei Magnus;